

## Interpretação De Texto

### Como Interpretar Textos

É muito comum, entre os candidatos a um cargo público a preocupação com a interpretação de textos. Isso acontece porque lhes faltam informações específicas a respeito desta tarefa constante em provas relacionadas a concursos públicos.

Por isso, vão aqui alguns detalhes que poderão ajudar no momento de responder as questões relacionadas a textos.

**TEXTO** – é um conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir **INTERAÇÃO COMUNICATIVA** (capacidade de **CODIFICAR E DECODIFICAR**).

**CONTEXTO** – um texto é constituído por diversas frases. Em cada uma delas, há uma certa informação que a faz ligar-se com a anterior e/ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. A essa interligação dá-se o nome de **CONTEXTO**. Nota-se que o relacionamento entre as frases é tão grande, que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial.

**INTERTEXTO** - comumente, os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. Esse tipo de recurso denomina-se **INTERTEXTO**.

**INTERPRETAÇÃO DE TEXTO** - o primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

### Normalmente, numa prova, o candidato é convidado a:

1. **IDENTIFICAR** – é reconhecer os elementos fundamentais de uma argumentação, de um processo, de uma época (neste caso, procuram-se os verbos e os advérbios, os quais definem o tempo).
2. **COMPARAR** – é descobrir as relações de semelhança ou de diferenças entre as situações do texto.
3. **COMENTAR** - é relacionar o conteúdo apresentado com uma realidade, opinando a respeito.
4. **RESUMIR** – é concentrar as ideias centrais e/ou secundárias em um só parágrafo.
5. **PARAFRASEAR** – é reescrever o texto com outras palavras.

### EXEMPLO

TÍTULO DO TEXTO	PARÁFRASES
"O HOMEM UNIDO "	A INTEGRAÇÃO DO MUNDO A INTEGRAÇÃO DA HUMANIDADE A UNIÃO DO HOMEM HOMEM + HOMEM = MUNDO A MACACADA SE UNIU (SÁTIRA)

### Condições Básicas Para Interpretar

Fazem-se necessários:

- a) Conhecimento Histórico – literário (escolas e gêneros literários, estrutura do texto), leitura e prática;
- b) Conhecimento gramatical, estilístico (qualidades do texto) e semântico;  
**OBSERVAÇÃO** – na semântica (significado das palavras) incluem-se: homônimos e parônimos, denotação e conotação, sinonímia e antonímia, polissemia, figuras de linguagem, entre outros.

- c) Capacidade de observação e de síntese e
- d) Capacidade de raciocínio.

**Interpretar X Compreender**

INTERPRETAR SIGNIFICA	COMPREENDER SIGNIFICA
- EXPLICAR, COMENTAR, JULGAR, TIRAR CONCLUSÕES, DEDUZIR. - TIPOS DE ENUNCIADOS • Através do texto, INFERE-SE que... • É possível DEDUZIR que... • O autor permite CONCLUIR que... • Qual é a INTENÇÃO do autor ao afirmar que...	- INTELECÇÃO, ENTENDIMENTO, ATENÇÃO AO QUE REALMENTE ESTÁ ESCRITO. - TIPOS DE ENUNCIADOS: • O texto DIZ que... • É SUGERIDO pelo autor que... • De acordo com o texto, é CORRETA ou ERRADA a afirmação... • O narrador AFIRMA...

**Erros de Interpretação**

É muito comum, mais do que se imagina, a ocorrência de erros de interpretação. Os mais frequentes são:

- a) Extrapolação (viagem)

Ocorre quando se sai do contexto, acrescentado ideias que não estão no texto, quer por conhecimento prévio do tema quer pela imaginação.

- b) Redução

É o oposto da extrapolação. Dá-se atenção apenas a um aspecto, esquecendo que um texto é um conjunto de ideias, o que pode ser insuficiente para o total do entendimento do tema desenvolvido.

- c) Contradição

Não raro, o texto apresenta ideias contrárias às do candidato, fazendo-o tirar conclusões equivocadas e, conseqüentemente, errando a questão.

**OBSERVAÇÃO** - Muitos pensam que há a ótica do escritor e a ótica do leitor. Pode ser que existam, mas numa prova de concurso qualquer, o que deve ser levado em consideração é o que o AUTOR DIZ e nada mais.

**COESÃO** - é o emprego de mecanismo de sintaxe que relacionam palavras, orações, frases e/ou parágrafos entre si. Em outras palavras, a coesão dá-se quando, através de um pronome relativo, uma conjunção (NEXOS), ou um pronome oblíquo átono, há uma relação correta entre o que se vai dizer e o que já foi dito.

**OBSERVAÇÃO** – São muitos os erros de coesão no dia-a-dia e, entre eles, está o mau uso do pronome relativo e do pronome oblíquo átono. Este depende da regência do verbo; aquele do seu antecedente. Não se pode esquecer também de que os pronomes relativos têm, cada um, valor semântico, por isso a necessidade de adequação ao antecedente.

Os pronomes relativos são muito importantes na interpretação de texto, pois seu uso incorreto traz erros de coesão. Assim sendo, deve-se levar em consideração que existe um pronome relativo adequado a cada circunstância, a saber:

que (neutro) - relaciona-se com qualquer antecedente. Mas depende das condições da frase.

Qual (neutro) idem ao anterior.

Quem (pessoa)

cujo (posse) - antes dele, aparece o possuidor e depois, o objeto possuído.

Como (modo)

onde (lugar)

quando (tempo)

quanto (montante)

exemplo:

Falou tudo QUANTO queria (correto)

Falou tudo QUE queria (errado - antes do QUE, deveria aparecer o demonstrativo O ).

• **VÍCIOS DE LINGUAGEM** – há os vícios de linguagem clássicos (BARBARISMO, SOLECISMO, CACOFONIA...); no dia-a-dia, porém, existem expressões que são mal empregadas, e, por força desse hábito cometem-se erros graves como:

- “ Ele correu risco de vida “, quando a verdade o risco era de morte.

- “ Senhor professor, eu lhe vi ontem “. Neste caso, o pronome correto oblíquo átono correto é O .

- “ No bar: “ME VÊ um café”. Além do erro de posição do pronome, há o mau uso

4 técnicas para virar um especialista em interpretação de texto

Depois de treinar bastante e ler muito, você estará pronto para interpretar os mais diversos tipos de texto

Quantas vezes você já leu um texto e não entendeu nada do que estava escrito ali? Leu, releu e, mesmo assim, ainda ficou com um nó na cabeça? Eu mesma já fiquei assim muitas vezes! Pensando nisso, listamos 4 técnicas para fazer de você um mestre na interpretação! Depois disso, vai ficar fácil entender até os mais complexos manuais de instrução (ok, talvez nem tanto, mas você vai arrebentar no vestibular!).

Sabendo disso, aqui vão 4 dicas para fazer com que você consiga atingir essas três etapas! Confira abaixo:

### **1) Leia com um dicionário por perto**

Não existe mágica para atingir a primeira etapa, a da pré-compreensão. O único jeito é ter um bom nível de leituras.

Além de ler bastante, você pode potencializar essa leitura se estiver com um dicionário por perto. Viu uma palavra esquisita, que você não conhece? Pegue um caderninho (vale a pena separar um só pra isso) e anote-a. Em seguida, vá ao dicionário e marque o significado ao lado da palavra. Com o tempo o seu vocabulário irá crescer e não vai ser mais preciso ficar recorrendo ao dicionário toda hora.

### **2) Faça paráfrases**

Para chegar ao nível da compreensão, é recomendável fazer paráfrases, que é uma explicação ou uma nova apresentação do texto, seguindo as ideias do autor, mas sem copiar fielmente as palavras dele. Existem diversos tipos de paráfrase, só que as mais interessantes para quem está estudando para o vestibular são três: a paráfrase-resumo, a paráfrase-resenha e paráfrase-esquema.

– Paráfrase-resumo: comece sublinhando as ideias principais, selecione as palavras-chave que identificar no texto e parta para o resumo. Atente-se ao fato de que resumir não é copiar partes, mas sim fazer uma indicação, com suas próprias palavras, das ideias básicas do que estava escrito.

– Paráfrase-resenha: esse outro tipo, além dos passos do resumo, também inclui a sua participação com um comentário sobre o texto. Você deve pensar sobre as qualidades e defeitos da produção, justificando o porquê.

– Paráfrase-esquema: depois de encontrar as ideias ou palavras básicas de um texto, esse tipo de paráfrase apresenta o esqueleto do texto em tópicos ou em pequenas frases. Você pode usar setinhas, canetas coloridas para diferenciar as palavras do seu esquema... Vai do seu gosto!

### 3) Leia no Papel

Um estudo feito em 2014 descobriu que leitores de pequenas histórias de mistério em um Kindle, um tipo de leitor digital, foram significativamente piores na hora de elencar a ordem dos eventos do que aqueles que leram a mesma história em papel.

Os pesquisadores justificam que a falta de possibilidade de virar as páginas pra frente e pra trás ou controlar o texto fisicamente (fazendo notas e dobrando as páginas) limita a experiência sensorial e reduz a memória de longo prazo do texto e, portanto, a sua capacidade de interpretar o que aprendemos. Ou seja, sempre que possível, estude por livros de papel ou imprima as explicações (claro, fazendo um uso sábio do papel, sem desperdícios!). Vale fazer notas em cadernos, pois já foi provado também que quem faz anotações à mão consegue lembrar melhor do que estuda.

### 4) Reserve um tempo do seu dia para ler devagar

Uma das maiores dificuldades de quem precisa ler muito é a falta de concentração. Quem tem dificuldades para interpretar textos e fica lendo e relendo sem entender nada pode estar sofrendo de um mal que vem crescendo na população da era digital. Antes da internet, o nosso cérebro lia de forma linear, aproveitando a vantagem de detalhes sensoriais (a própria distribuição do desenho da página) para lembrar de informações chave de um livro.

Conforme nós aumentamos a nossa frequência de leitura em telas, os nossos hábitos de leitura se adaptaram aos textos resumidos e superficiais (afinal, muitas vezes você tem links em que poderá “ler mais” – a internet é isso) e essa leitura rasa fez com que a gente tivesse muito mais dificuldade de entender textos longos.

Os especialistas explicam que essa capacidade de ler longas sentenças (principalmente as sem links e distrações) é uma capacidade que você perde se você não a usar. Os defensores do “slow-reading” (em tradução literal, da leitura lenta) dizem que o recomendável é que você reserve de 30 a 45 minutos do seu dia longe de distrações tecnológicas para ler.

Fazendo isso, o seu cérebro poderá recuperar a capacidade de fazer a leitura linear. Os benefícios da leitura lenta vão bem além. Ajuda a reduzir o estresse e a melhorar a sua concentração!

Antes de tudo, vamos explicar como se dá o processo de interpretação. A Hermenêutica, a área da filosofia que estuda isso, diz que é preciso seguir três etapas para se obter uma leitura ou uma abordagem eficaz de um texto:

a) Pré-compreensão: toda leitura supõe que o leitor entre no texto já com conhecimentos prévios sobre o assunto ou área específica. Isso significa dizer, por exemplo, que se você pegar um texto do 3º ano do curso de Direito estando ainda no 1º ano, vai encontrar dificuldades para entender o assunto, porque você não tem conhecimentos prévios que possam embasar a leitura.

b) Compreensão: já com a pré-compreensão ao entrar no texto, o leitor vai se deparar com informações novas ou reconhecer as que já sabia. Por meio da pré-compreensão o leitor “prende” a informação nova com a dele e “agarra” (compreende) a intencionalidade do texto. É costume dizer: “Eu entendi, mas não compreendi”. Isso significa dizer que quem leu entendeu o significado das palavras, a explicação, mas não as justificativas ou o alcance social do texto.

c) Interpretação: agora sim. A interpretação é a resposta que você dará ao texto, depois de compreendê-lo (sim, é preciso “conversar” com o texto para haver a interpretação de fato). É formada então o que se chama “fusão de horizontes”: o do texto e o do leitor. A interpretação supõe um novo texto. Significa abertura, o crescimento e a ampliação para novos sentidos.

### 5 Dicas Poderosas de Melhorar Suas Chances de Atingir 100% em Interpretação de Texto

Opa, tudo bem? Como vai a vida? Hoje é um dia lindo para aprendermos a estudar interpretação de textos, não acha? :)

Você pensa que domina essa matéria e que está tudo bem se ela for deixada de lado, até que PÁ: tira uma nota RIDÍCULA em português e, justamente, percebe que errou a maioria das questões de interpretação ou de gramática aplicada ao texto. Ou você realmente é muito ruim interpretando as coisas mesmo.

Veja o exemplo de um Esquemeiro que me mandou uma dúvida sobre interpretação:

Tenho um grave problema com português, especialmente interpretação de texto. Meu desempenho nunca é regular, sempre sendo 8 ou 80 ( quando vou bem tenho a sensação que pode ser mais no chute do que racional). Minha bronca é especificamente com o CESPE. Então, você teria alguma dica, material ou técnica de estudo para eu quebrar essa barreira com a Língua Portuguesa?

Agradeço desde já sua atenção, tudo de bom ótima semana.

Alright, then! Tá beleza, então! Vamos aprender interpretação e mandar a banca para o bebeléu.

### **1. Leia mais (eu sei que é clichê, então vou te dar alternativas bacanas)**

Algumas pessoas mais espertas do que eu diziam o seguinte sobre leitura:

Quem não lê mal ouve, mal fala, mal vê. (Monteiro Lobato)

O homem que não lê bons livros não tem nenhuma vantagem sobre o homem que não sabe ler. (Mark Twain)

Ler é beber e comer. O espírito que não lê emagrece como o corpo que não come. (Victor Hugo)

Se você quiser interpretar melhor, você deve ter O QUE INTERPRETAR. Sabe, não adianta ficar querendo tapar o sol com a peneira e pedir para divindades que tudo dê certo. Querer todo mundo quer. Você tem que ter seu algo a mais, aqui. Leia.

“Pô, LER MAIS? Odeio ler!”

Não, você não odeia LER. Você odeia ler, sei lá, os livros que as pessoas em geral leem, ou aqueles livros chatos que os professores da escola indicam/indicavam. Machado de Assis? Blergh! Olavo Bilac? Parnasiano aguado! Manuel Bandeira? No, no, please!

É claro, então, que você odeia ler o que você odeia ler. Para fugir disso e melhorar sua interpretação de textos, leia o que você achar delicioso. Vou te mostrar algumas boas opções para fugir do lugar-comum.

### **Histórias Em Quadrinhos**

Eu aprendi a ler com Turma da Mônica. Consegui interpretar desde cedo que o Cebolinha falava “elado” porque ele era uma criança ainda aprendendo a falar com mais dificuldades do que as outras crianças.

### **Sites de fofocas**

Exemplo: Papel Pop: os sites de fofocas colocam duplo sentido em um milhão de textos, e isso é fantástico para você. Toda vez que você não entender alguma coisa, pergunte-se: o que será que o autor do texto quis dizer com isso? Você começa entendendo frases simples nesse tipo de site e acaba conseguindo interpretar textos em provas de concursos. How great is that? Isso é muito legal, né não? :)

### **Livros infantojuvenis com personagens maaaais ou menos infantis**

Não é por acaso que Stranger Things é uma das séries originais da Netflix mais adoradas da atualidade. Ela tem um ingrediente fascinante para qualquer pessoa de qualquer idade no mundo inteiro: crianças pré-adolescentes ou adolescentes enfrentando coisas mais fortes do que elas. Come on. Fala sério. Esse roteiro não é novo: existe em Harry Potter, Percy Jackson, Jogos Vorazes, E. T., Sexto Sentido, Guerra dos Tronos (sim! Geral se interessou por Guerra dos Tronos por causa do

Jon, da Dany, da Arya, da Sansa, do Jofrey, do Bran...) todo mundo adora uma creepy child (criança esquisita), e os livros relacionados a elas são do tipo que você começa pela manhã e só termina quando chega à última página.

### **Letras de Músicas**

Você está a fim de decorar uma nova música? Pegue a letra dela, não tente decorar somente pela cantoria da pessoa. Além de treinar sua interpretação, você treinará sua memória (é mais fácil decorar uma letra entendendo o sentido dela).

Esse assunto de música nos leva ao próximo tópico.

### **2. Veja Se O Sentido Faz Sentido**

Eu já ouvi um incontável número de pessoas cantando músicas que não condiziam com a letra original, trocando totalmente o sentido da coisa. Isso acontece por dois motivos simples:

1. O som da música não permite que as pessoas entendam direito o que se fala; e
2. Ninguém interpreta o que está cantando.

Quer alguns exemplos?

O texto original fala:

Na madrugada a vitrola rolando um blues Tocando B. B. King sem parar

Não faz sentido, em um contexto comum, rolar um blues na madrugada e trocar de biquíni sem parar ao mesmo tempo!

Outra:

O texto original fala:

Eu perguntava "Do you wanna dance?" (Você quer dançar?)

Faz sentido você estar em uma festinha belezera, conhecer alguém e perguntar as coisas em Holandês? Só na Holanda, né?

Vou mandar mais um exemplo:

Ahahaha! Só na psicanálise para entender essa!

O texto original fala:

Analisando essa cadeia hereditária  
Quero me livrar dessa situação precária

E há vááários outros exemplos! Amar a pé, amar a pé... (amar até, amar até); Ôh Macaco cidadão, macaco da civilização... (Ôh pacato cidadão); Leste, oeste solidão... (S.O.S. solidão); São tantas avenidas... (São tantas já vividas); e assim vai hehehe!

A dica que fica é: o que você interpretou não fez sentido? Então procure ENTENDER o que você ouviu! Fazendo isso, você conseguirá conectar os fatos muito melhor e até memorizar mais rápido.

Em Interpretação, as palavras não são soltas, então não as trate como se estivessem ali sozinhas.

Eu vou repetir.

Em Interpretação, as palavras não são soltas, então não as trate como se estivessem ali sozinhas.

Você ouve "trocando" "de" "biquíni" "sem" "parar". Só que, se você junta tudo isso, o troço não vai

fazer sentido algum! Não trate as palavras como se elas fossem alone in the dark (sozinhas no escuro).

### 3. Pratique Com Frases de Motivação

Frases de motivação são umas lindas. Além de ensinar tudo sobre mindset (mentalidade de aprovados) elas são ótimas professoras de interpretação. Veja os exemplos que eu trouxe (logo abaixo, há os significados das frases, caso você ainda esteja com a interpretação em baixa):

Perfeição é uma palavra capciosa. Ela denota algo positivo, mas leva a resultados negativos.

Na busca pela perfeição ao estudarmos para concursos públicos, acabamos por perder tempo demais com assuntos que não nos levarão a nada (aliás, essa é a minha grande lição no Ritmo de Estudos, o meu curso oficial – eu ensino a excluir conteúdo que não interessa).

Perfeição é uma grande inimiga do resultado. Enquanto a maioria entra em concursos públicos pensando que deve estudar todo o edital de uma mesma maneira, sem colocar os devidos pesos, poucos são os que realmente conseguem grandes notas por terem sido mais espertos.

Não busque a perfeição. Busque os resultados. Seja real.

Essa frase é de George Eliot. O sr. Eliot mal saberia que muitos anos após sua morte, em um país far, far away, grupos de concurseiros fariam coisas como:

“Eu tenho filhos.”

“Eu tenho pais.”

“Sou muito magro.”

“Sou muito gordo.”

“Não gosto de português.”

“Nunca me dei bem em matemática.”

Todos os dias eu recebo mensagens de pessoas que têm algum motivo sem noção para desistir (ou para não entrar em ação). A idade é um dos campeões do desculpismo.

A verdade, entretanto, é só uma: ficar na inércia é que não vai trazer resultados a ninguém.

Colonel Sanders chegou a pensar no suicídio aos 65 anos de idade. Quando começou a escrever sua carta de adeus, decidiu falar tudo o que faria diferente para que sua vida tivesse seguido o rumo que ele sempre quis. Ao invés de se matar, Sanders começou a vender sua própria receita de frango frito de porta em porta. Aos 88 anos, o fundador do Kentucky Fried Chicken (KFC), nos Estados Unidos, tornou-se um bilionário.

Como fangirl da Apple, eu não poderia deixar de citar uma do Steve Jobs.

Nos concursos públicos, chegará um momento em que você achará que já sabe demais. Até você passar, você perceberá, entretanto, que precisa sempre de honestidade para entender que não sabe de tudo, e sempre deve correr atrás de mais e mais conhecimento.

E isso vale para depois que passar, também. Do contrário, você será daquele tipo de concursado aposentado: morre aos 25 e só é enterrado aos 85.

Napoleon Hill estava no ápice da genialidade quando disse isso. Se você consegue ENTENDER alguma coisa, você consegue fazer essa coisa. Se você consegue entender o processo de passar em concursos públicos, você conseguirá passar muito mais rápido.

Por fim, mas não menos importante: você só aprenderá a interpretar se você aplicar todas as dicas que eu dei (e darei) neste artigo. Conhecimento só é válido quando se consegue agir sobre ele.

Basicamente: coloque a mão na massa

Existem milhares de outras frases de motivação por aí. Faça uma por dia. E, claro, interprete cada uma delas.

#### **4. Interprete as Coisas em sua Vida – E Reflita sobre O Que os Outros Falam**

Existe um livro em inglês chamado Happy for No Reason (Feliz sem Ter Motivo), da autora Marci Shimoff. De acordo com Shimoff, existem as pessoas que não são felizes, existem as pessoas que são felizes por algum motivo (geralmente por estarem com outras pessoas) e existem as pessoas que são felizes sem ter motivo.

No primeiro caso, de acordo com a autora, as pessoas estão em um estágio de depressão profunda; no segundo caso, as pessoas estão felizes, mas, como estão felizes por um MOTIVO, esse motivo pode ser retirado delas; e no terceiro caso as pessoas são felizes apenas por ser (entretanto, poucas conseguem chegar lá).

Um dos casos em que as pessoas buscam a felicidade por um motivo (aquela que pode ser tirada delas) é o da má interpretação. A pessoa se martiriza internamente por uma frase que pegou fora de contexto, ou cria algum tipo de raiva por algo que ouviu falar por terceiros, e a infelicidade a encontra.

Por isso, interpretar o que ocorre em sua vida dentro de um contexto lógico também te ajudará em provas de concursos públicos.

Em 90% dos casos, você perceberá que não é pessoal, e isso não será problema seu. Nos outros 10% (se for pessoal), o problema também não é seu.

#### **5. Aprenda Gramática Aplicada ao Texto, e Não Gramática Pura**

Querendo ou não, interpretar textos também significa aprender a Língua Portuguesa. Saber qual é o sujeito, qual é o advérbio, qual é o objeto indireto poderá te salvar de várias situações ruins.

O lance é que a gramática pura (por si só) não te ajudará em basicamente nada se você não conseguir aplicá-la. E aprender gramática consiste no seguinte:

#### **6. Dica Extra: Don't Overthink! Não Pense Demais!**

Um erro comum é pensar demais. Depois de muito treino (com todas as outras dicas), você estará com a preparação em nível avançado na interpretação de textos.

Daí, chega o momento da prova e você começa a querer pensar demais: “e se não for realmente isso? E se for um peguinha? E se? E se?”.

Para evitar que isso aconteça, só existe um remédio: fazer muitas provas de interpretação de textos, e de preferência da banca que fará seu certame. Eu não estou falando de fazer duas, três provas. Eu estou falando de 20, 30 provas, cada uma com 15, 20 questões, cada uma com 3, 4 textos. Lembre-se: permaneça ignorante. Permaneça com fome.

#### **Dicas Para Uma Boa Interpretação de Texto**

Uma boa interpretação de texto é importante para o desenvolvimento pessoal e profissional, por isso elaboramos algumas dicas preciosas para auxiliar você nos seus estudos.

Você tem dificuldades para interpretar um texto? Se a sua resposta for sim, não se desespere, você não é o único a sofrer com esse problema que afeta muitos leitores.

Não saber interpretar corretamente um texto pode gerar inúmeros problemas, afetando não só o desenvolvimento profissional, mas também o desenvolvimento pessoal. O mundo moderno cobra de nós inúmeras competências, uma delas é a proficiência na língua, e isso não se refere apenas a uma boa comunicação verbal, mas também à capacidade de entender aquilo que está sendo lido.

O analfabetismo funcional está relacionado com a dificuldade de decifrar as entrelinhas do código, pois a leitura mecânica é bem diferente da leitura interpretativa, aquela que fazemos ao estabelecer

analogias e criar inferências. Para que você não sofra mais com a análise de textos, elaboramos algumas dicas para você seguir e tirar suas dúvidas.

Uma interpretação de texto competente depende de inúmeros fatores, mas nem por isso deixaremos de contemplar alguns que se fazem essenciais para esse exercício. Muitas vezes, apressados, descuidamo-nos das minúcias presentes em um texto, achamos que apenas uma leitura já se faz suficiente, o que não é verdade. Interpretar demanda paciência e, por isso, sempre releia, pois, uma segunda leitura pode apresentar aspectos surpreendentes que não foram observados anteriormente.

Para auxiliar na busca de sentidos do texto, você pode também retirar dele os tópicos frasais presentes em cada parágrafo, isso certamente auxiliará na apreensão do conteúdo exposto. Lembre-se de que os parágrafos não estão organizados, pelo menos em um bom texto, de maneira aleatória, se estão no lugar que estão, é porque ali se fazem necessários, estabelecendo uma relação hierárquica do pensamento defendido, retomando ideias supracitadas ou apresentando novos conceitos.

Para finalizar, concentre-se nas ideias que de fato foram explicitadas pelo autor: os textos argumentativos não costumam conceder espaço para divagações ou hipóteses, supostamente contidas nas entrelinhas. Devemos nos ater às ideias do autor, isso não quer dizer que você precise ficar preso na superfície do texto, mas é fundamental que não criemos, à revelia do autor, suposições vagas e inespecíficas.

Quem lê com cuidado certamente incorre menos no risco de tornar-se um analfabeto funcional e ler com atenção é um exercício que deve ser praticado à exaustão, assim como uma técnica, que fará de nós leitores proficientes e sagazes. Agora que você já conhece nossas dicas, desejamos a você uma boa leitura e bons estudos!

#### **Interpretação de Texto: veja como fazer.**

É o que mais cai no Enem.

Interpretação de Texto: veja os principais pontos nos quais você deve focar durante a leitura dos textos nas provas do Enem, dos vestibulares e do Encceja. Revise como interpretar um texto, e mande bem nos Exames!

Saber ler e interpretar um texto é o primeiro passo na resolução de qualquer questão do Enem. A compreensão do enunciado é uma chave essencial para iniciar a resolução dos problemas.

Por isso mesmo o tema da Interpretação de Texto é o que mais cai no Enem e nos Vestibulares. Aqui vão algumas dicas que podem facilitar a compreensão e tornar o ato de interpretar um texto mais rápido e eficaz.

A primeira coisa que deve ser feita na Interpretação de texto é decompor o texto em suas “ideias básicas”. Qual é o foco do texto e quais são os principais conceitos definidos pelo autor. Esta operação fará com que o significado do texto “salte aos olhos” do leitor. É assim que se estuda interpretação de texto para o Enem.

Veja neste exemplo:

- “Incalculável é a contribuição do famoso neurologista austríaco no tocante aos estudos sobre a formação da personalidade humana”.
- Sigmund Freud (1859 – 1939) conseguiu acender luzes nas camadas mais profundas da psique humana: o inconsciente e subconsciente. Começou estudando casos clínicos de comportamentos anômalos ou patológicos, com a ajuda da hipnose e em colaboração com os colegas Joseph Breuer e Martin Charcot (Estudos sobre a histeria, 1895).
- Insatisfeito com os resultados obtidos pelo hipnotismo inventou o método que até hoje é usado pela psicanálise: o das ‘livres associações’ de ideias e de sentimentos, estimuladas pelo terapeuta por palavras dirigidas ao paciente com o fim de descobrir a fonte das perturbações mentais.

- Para este caminho de regresso às origens de um trauma, Freud se utilizou especialmente da linguagem onírica dos pacientes, considerando os sonhos como compensação dos desejos insatisfeitos na fase de vigília.
- “Mas a grande novidade de Freud, que escandalizou o mundo cultural da época, foi a apresentação da tese de que toda neurose é de origem sexual.” (Salvatore D’Onofrio). IDEIAS – NÚCLEO. Veja a seguir o Passo inicial da Interpretação de Texto

**O Primeiro Conceito Do Texto:**

- \* “Incalculável é a contribuição do famoso neurologista austríaco no tocante aos estudos sobre a formação da personalidade humana. Sigmund Freud (1859 – 1939) conseguiu acender luzes nas camadas mais profundas da psique humana: o inconsciente e subconsciente”.
- O autor do texto afirma, inicialmente, que Sigmund Freud ajudou a ciência a compreender os níveis mais profundos da personalidade humana, o inconsciente e subconsciente.

**O Segundo Conceito Do Texto:**

\* “Começou estudando casos clínicos de comportamentos anômalos ou patológicos, com a ajuda da hipnose e em colaboração com os colegas Joseph Breuer e Martin Charcot (Estudos sobre a histeria, 1895). Insatisfeito com os resultados obtidos pelo hipnotismo inventou o método que até hoje é usado pela psicanálise: o das ‘livres associações’ de ideias e de sentimentos, estimuladas pelo terapeuta por palavras dirigidas ao paciente com o fim de descobrir a fonte das perturbações mentais”.

A segunda ideia – núcleo mostra que Freud deu início à sua pesquisa estudando os comportamentos humanos anormais ou doentios por meio da hipnose. Insatisfeito com esse método criou o das “livres associações de ideias e de sentimentos”.

**O Terceiro Contexto Do Texto:**

\* “Para este caminho de regresso às origens de um trauma, Freud se utilizou especialmente da língua gemonírica dos pacientes, considerando os sonhos como compensação dos desejos insatisfeitos na fase de vigília”.

Aqui, está explicitado que a descoberta das raízes de um trauma se faz por meio da compreensão dos sonhos, que seriam uma linguagem metafórica dos desejos não realizados ao longo da vida do dia a dia. É assim, passo a passo, que você faz a interpretação de texto.

**Quarto Conceito Do Texto:**

\* “Mas a grande novidade de Freud, que escandalizou o mundo cultural da época, foi à apresentação da tese de que toda neurose é de origem sexual.”.

Conclusão: Por fim, o texto afirma que Freud escandalizou a sociedade de seu tempo, afirmando a novidade de que todo o trauma psicológico é de origem sexual.

A finalidade deste exemplo foi de mostrar como captar o foco central na interpretação do texto e captar a ideia transmitida pelo autor de forma sagaz. O ideal, na hora de interpretar um texto, é fazer uma leitura dinâmica, a fim de captar sua ideia principal, para depois ler novamente para que possa ser feita uma análise mais a fundo do mesmo.

Ler e interpretar um texto parece muito simples, e de fato é. Mas, existem os segredos da Interpretação de Texto nas provas do Enem e similares. Foram estes segredos que você aprendeu nesta aula.

**11 Dicas Para Fazer Interpretação De Texto**

Provavelmente, você já errou algum exercício quando sabia o conteúdo da questão. A decepção quando a gente erra uma questão por besteira é enorme, né?

A interpretação afeta o nosso relacionamento com amigos, familiares, colegas e professores. E também a diversão ao assistir a um filme, ouvir uma música, ver uma série...

As próximas dicas tem a intenção de melhorar a sua capacidade interpretativa para as provas e também para o dia a dia.

**1. Aprenda A Interpretar Gráficos E Tabelas**

Gráficos e tabelas caem com muita frequência no Enem, nos vestibulares e concursos públicos. Além dos processos seletivos, eles também são bastante utilizados por jornais e pelo mercado de trabalho.

Entendê-los pode não ser fácil, mas não desista. Muitas vezes, ao se deparar com esse tipo de dado em um exercício, a gente coloca barreiras como “não sei, sou de Humanas”. Mas não deve ser assim. Quando você aprender como eles funcionam, vai ser cada vez mais fácil fazer a interpretação desse tipo de texto.

Com o passar do tempo (e depois de praticar bastante), é possível que você comece a gostar de criar gráficos e tabelas. Eles são uma maneira prática de resumir um conjunto de informações importantes.

Obs: Você percebeu que recomendei uma aula de Português e outra de Matemática para aprender gráficos? Esse conteúdo é frequente em questões interdisciplinares, incluindo a redação.

**2. Coloque As Orações Na Ordem Direta**

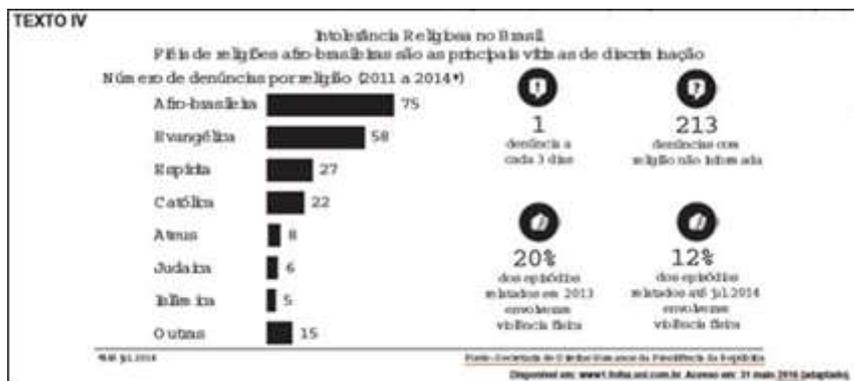
A ordem direta é a que organiza as palavras da seguinte forma: sujeito + predicado + complemento

Esse é o jeito objetivo de entender uma oração. Faça o exercício de reorganizar as orações que estão na ordem indireta, principalmente os enunciados das questões.

**3. Fique Atento A Todos Os Detalhes**

Preste atenção a todos os tipos de texto (como infográficos, gráficos, tabelas, imagens, citações e poemas).

Circule os nomes dos autores, livro e ano de publicação nas referências do texto. Tais detalhes talvez revelem o tema da questão e até mesmo a resposta.



Basta olhar as referências para saber que o texto acima é relacionado aos Direitos Humanos, aproximadamente sobre 2016.

Olhando o título, vejo que ele é sobre intolerância religiosa. Depois de analisar o infográfico e o gráfico, tenho uma ideia das principais religiões discriminadas e da evolução da violência de 2013 a 2014.

Talvez eu não saiba que a liberdade para expressar a religião é um dos Direitos Humanos. Mas a referência me ajuda a saber que existe uma relação entre os direitos humanos e a intolerância religiosa no Brasil (título do texto).

**4. Pratique a Interpretação Com Posts das Redes Sociais**

Provavelmente você já viu memes ou menes nas redes sociais. Para entender o que significam, é preciso interpretar, no mínimo, a relação entre dois elementos, que podem ou não estar na imagem.

No primeiro post, você precisa saber colocação pronominal segundo a norma culta e saber como são entrevistas de emprego para entender a referência. No segundo post, deve conhecer o que é um elétron e a marca Ricardo Eletro.

Para praticar, experimente anotar em um papel o que é engraçado no post e quais são os elementos que causam esse efeito de sentido.

### 5. Leia Textos Longos Impressos (Como As Provas Do Enem)

Depois de um hora fazendo uma leitura densa, ficamos cansados. Precisamos ter resistência para não fazer análises equivocadas dos textos. Uma das formas de desenvolver a resistência é se acostumar a compreender textos longos.

Procure fontes relevantes para os assuntos que você estuda no dia a dia. As provas do Enem, além de serem úteis para praticar e simular a avaliação deste ano, podem ajudar a acostumar com a leitura desse tipo de texto.

Experimente baixá-las e interpretar os dados na coletânea da redação. Analise também os enunciados das questões de diferentes áreas do conhecimento.

Vale lembrar que a maneira que a gente lê um texto impresso e na tela do celular ou computador é diferente. Se você irá fazer provas impressas, prefira ler textos assim.

Dica: lembre de reescrever as orações na ordem direta.

### 6. Compreenda Músicas

As músicas estão presentes no nosso dia a dia e utilizam muitas figuras de linguagem (a gente explica as principais neste outro artigo).

Depois de escutar uma música de que você gosta, reflita sobre a letra. O que o autor quis dizer com ela? Pesquise a letra e tente interpretar o significado de cada estrofe.

### 7. Leia Tirinhas



O Enem costuma avaliar habilidades importantes na vida prática. Tirinhas são facilmente encontradas, são uma leitura leve, divertida e sempre precisam de interpretação.

Muitas vezes elas expõem algum problema social, histórico, ou tem uma crítica implícita.

### 8. Olhe Para Os Períodos, Versos E Parágrafos Em Conjunto

Escolha uma ou duas palavras que resumam o que você leu nos trechos menores, para se lembrar depois.

Em seguida, procure relações entre o que você acabou de ler. Por exemplo: de oposição, causa e consequência, adição.

Fazemos o procedimento acima para classificar orações subordinadas, mas ele também pode ser útil para a interpretação como um todo.

### 9. Use Um Dicionário

Quando estiver lendo em casa, tenha um dicionário por perto e pesquise o que não entender. Só assim vai ser possível interpretar depois.

Para memorizar, anote as palavras que você descobriu o que significam em um caderninho. Elas poderão ser úteis para resolver exercícios e também para a redação.

Algumas obras literárias utilizam palavras antigas e de difícil entendimento. Vale lembrar que existem vestibulares que apresentam pequenos glossários nas questões. Então não dê muita atenção aos termos arcaicos na hora da leitura.

### **10. Peça A Ajuda De Vídeo Aulas E Do Google**

Todos nós já passamos por alguma situação confusa, que não fez muito sentido. Pode ser na hora de resolver uma lista de exercícios ou em uma conversa com seus parentes, por exemplo.

Quando isso acontece, pode ser porque você não conseguiu interpretar corretamente. Então é útil procurar ajuda em um dicionário, videoaula ou no Google.

### **11. Reescreva Ou Explique Para Você Mesmo**

Reescreva o que você acabou de ler de maneira resumida e utilizando sinônimos. Se preferir, escreva em tópicos.

O objetivo desta dica é ter certeza de que você interpretou o texto e também consegue explicar de maneira simples.

### **Interpretação De Textos**

A interpretação de textos é um exercício que requer técnica e dedicação. Existem algumas dicas que ajudam o leitor a aprimorar a compreensão dos mais variados gêneros textuais.

Letrado não é aquele que decodifica uma mensagem: letrado é o indivíduo que lê e compreende o que lê.

No Brasil, infelizmente, grande parcela da população sofre com o analfabetismo funcional, que nada mais é do que a incapacidade que um leitor tem de compreender textos — inclusive os textos mais simples — de gêneros muito acessados no cotidiano.

O analfabeto funcional não transforma em conhecimento aquilo que lê, pois sua capacidade de interpretação textual é reduzida.

Ao contrário do que muitos pensam, o problema atinge pessoas com os mais variados níveis de escolaridade, e não apenas aqueles cuja exposição ao estudo sistematizado foi reduzida.

Para que você possa aprimorar sua capacidade de interpretação, o sítio de Português elaborou algumas dicas que vão te ajudar a alcançar uma leitura proficiente, livre de quaisquer mal-entendidos. Boa leitura e bons estudos!

### **Cinco Dicas de Interpretação de Textos**

#### **Dica 1: Livre-Se Das Interferências Externas**

Sabemos que nem sempre é possível ter a tranquilidade desejada para estudar, ainda mais quando somos obrigados a conciliar várias atribuições em nossa rotina, mas sempre que possível, fique livre de interferências externas e escolha ambientes adequados para a leitura.

Um ambiente adequado é aquele que oferece silêncio e algum conforto, afinal de contas, esses fatores influenciam de maneira positiva os estudos.

Ruídos e interferências durante a leitura reduzem drasticamente nossa capacidade de concentração e, conseqüentemente, de interpretação.

#### **Dica 2: Sempre Recorra A Um Bom Dicionário**

Quem nunca precisou interromper a leitura diante de um vocábulo desconhecido? Essa é uma situação corriqueira, mesmo porque o léxico da língua portuguesa é extenso. É claro que desconhecer o significado de algumas palavras pode atrapalhar a interpretação textual, por isso, o ideal é que você, diante de um entrave linguístico, consulte um bom dicionário.

Na impossibilidade de consultar um dicionário, anote a palavra para uma consulta posterior. É assim que um bom vocabulário é construído, e acredite: ele sempre estará em construção, pois estamos constantemente em aprendizado.

### **Dica 3: Prefira A Leitura No Papel**

Sabemos que a tecnologia nos oferece diversos suportes que facilitam e democratizam a leitura e que os livros digitais são uma realidade. Contudo, sempre que possível, opte por livros ou documentos físicos, isto é, impressos.

O papel oferece a oportunidade de ser rabiscado, nele podemos fazer anotações de maneira rápida e prática, além de ser a melhor opção para quem tem dificuldades de interpretação textual.

### **Dica 4: Faça Paráfrases**

A paráfrase consiste em uma explicação livre e desenvolvida de um fragmento do texto e também dele completo. Ao ler um parágrafo mais complexo, você pode fazer uma pausa para tentar explicá-lo com suas próprias palavras: isso facilitará a compreensão e a assimilação daquilo que está sendo lido.

### **Dica 5: Leia Devagar**

Ler apressadamente é um exercício que dificilmente transformará informação em conhecimento. O cérebro precisa de tempo para processar a leitura, por isso, evite ler em situações adversas. Uma leitura feita com calma permitirá que você retome parágrafos e poucas coisas são mais eficientes para a interpretação textual do que a releitura, consulte o dicionário e faça paráfrases e anotações, ou seja, todas as dicas anteriormente citadas dependem, sobretudo, dessa leitura cuidadosa.

## **Explicações Preliminares**

### **I) Para Interpretar Bem**

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é “ler por ler”, para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas idéias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às idéias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto

mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então - acredite nisso - alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

## II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com frequência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados. Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: Ele era fraco. Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema. Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema. Aquele = Paulo este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: É necessário que todos colaborem. É necessária a colaboração de todos. Quero o respeito do grupo. Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante. Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação. Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido.

7) Mudança de voz verbal

Ex.: A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa) Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: Plantaram uma roseira. (voz ativa) Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)

Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: - Cortarei a grama sozinho. (discurso direto) Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: Castro Alves visitou Paris naquele ano. O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.



## Tipologias e Gêneros Textuais

### Tipologia Textual

#### 1. Narração

Modalidade em que um narrador, participante ou não, conta um fato, real ou fictício, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Refere-se a objetos do mundo real. Há uma relação de anterioridade e posterioridade. O tempo verbal predominante é o passado. Estamos cercados de narrações desde as que nos contam histórias infantis até às piadas do cotidiano. É o tipo predominante nos gêneros: conto, fábula, crônica, romance, novela, depoimento, piada, relato, etc.

#### 2. Descrição

Um texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. A classe de palavras mais utilizada nessa produção é o adjetivo, pela sua função caracterizadora. Num abordagem mais abstrata, pode-se até descrever sensações ou sentimentos. Não há relação de anterioridade e posterioridade. Significa "criar" com palavras a imagem do objeto descrito. É fazer uma descrição minuciosa do objeto ou da personagem a que o texto se Pega. É um tipo textual que se agrega facilmente aos outros tipos em diversos gêneros textuais. Tem predominância em gêneros como: cardápio, folheto turístico, anúncio classificado, etc.

#### 3. Dissertação

Dissertar é o mesmo que desenvolver ou explicar um assunto, discorrer sobre ele. Dependendo do objetivo do autor, pode ter caráter expositivo ou argumentativo.

##### 3.1 Dissertação-Exposição

Apresenta um saber já construído e legitimado, ou um saber teórico. Apresenta informações sobre assuntos, expõe, reflete, explica e avalia ideias de modo objetivo. O texto expositivo apenas expõe ideias sobre um determinado assunto. A intenção é informar, esclarecer. Ex: aula, resumo, textos científicos, enciclopédia, textos expositivos de revistas e jornais, etc.

##### 3.1 Dissertação-Argumentação

Um texto dissertativo-argumentativo faz a defesa de ideias ou um ponto de vista do autor. O texto, além de explicar, também persuade o interlocutor, objetivando convencê-lo de algo. Caracteriza-se pela progressão lógica de ideias. Geralmente utiliza linguagem denotativa. É tipo predominante em: sermão, ensaio, monografia, dissertação, tese, ensaio, manifesto, crítica, editorial de jornais e revistas.

#### 4. Injunção / Instrucional

Indica como realizar uma ação. Utiliza linguagem objetiva e simples. Os verbos são, na sua maioria, empregados no modo imperativo, porém nota-se também o uso do infinitivo e o uso do futuro do presente do modo indicativo. Ex: ordens; pedidos; súplica; desejo; manuais e instruções para montagem ou uso de aparelhos e instrumentos; textos com regras de comportamento; textos de orientação (ex: recomendações de trânsito); receitas, cartões com votos e desejos (de natal, aniversário, etc.).

OBS1: Muitos estudiosos do assunto listam apenas os tipos acima. Alguns outros consideram que existe também o tipo predição.

#### 5. Predição

Caracterizado por predizer algo ou levar o interlocutor a crer em alguma coisa, a qual ainda está por ocorrer. É o tipo predominante nos gêneros: previsões astrológicas, previsões meteorológicas, previsões escatológicas/apocalípticas.

OBS2: Alguns estudiosos listam também o tipo Dialogal, ou Conversacional. Entretanto, esse nada mais é que o tipo narrativo aplicado em certos contextos, pois toda conversação envolve personagens, um momento temporal (não necessariamente explícito), um espaço (real ou virtual), um enredo (assunto da conversa) e um narrador, aquele que relata a conversa.

**Dialogal / Conversacional**

Caracteriza-se pelo diálogo entre os interlocutores. É o tipo predominante nos gêneros: entrevista, conversa telefônica, chat, etc.

**Gêneros textuais**

Os Gêneros textuais são as estruturas com que se compõem os textos, sejam eles orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas. Pode-se dizer que se tratam das variadas formas de linguagem que circulam em nossa sociedade, sejam eles formais ou informais. Cada gênero textual tem seu estilo próprio, podendo então, ser identificado e diferenciado dos demais através de suas características. Exemplos:

**Carta:** quando se trata de "carta aberta" ou "carta ao leitor", tende a ser do tipo dissertativo-argumentativo com uma linguagem formal, em que se escreve à sociedade ou a leitores. Quando se trata de "carta pessoal", a presença de aspectos narrativos ou descritivos e uma linguagem pessoal é mais comum. No caso da "carta denúncia", em que há o relato de um fato que o autor sente necessidade de expor ao seu público, os tipos narrativos e dissertativo-expositivo são mais utilizados.

**Propaganda:** é um gênero textual dissertativo-expositivo onde há a intenção de propagar informações sobre algo, buscando sempre atingir e influenciar o leitor apresentando, na maioria das vezes, mensagens que despertam as emoções e a sensibilidade do mesmo.

**Bula de remédio:** trata-se de um gênero textual descritivo, dissertativo-expositivo injuntivo que tem por obrigação fornecer as informações necessárias para o correto uso do medicamento.

**Receita:** é um gênero textual descritivo e injuntivo que tem por objetivo informar a fórmula para preparar tal comida, descrevendo os ingredientes e o preparo destes, além disso, com verbos no imperativo, dado o sentido de ordem, para que o leitor siga corretamente as instruções.

**Tutorial:** é um gênero injuntivo que consiste num guia que tem por finalidade explicar ao leitor, passo a passo e de maneira simplificada, como fazer algo.

**Editorial:** é um gênero textual dissertativo-argumentativo que expressa o posicionamento da empresa sobre determinado assunto, sem a obrigação da presença da objetividade.

**Notícia:** podemos perfeitamente identificar características narrativas, o fato ocorrido que se deu em um determinado momento e em um determinado lugar, envolvendo determinadas personagens. Características do lugar, bem como dos personagens envolvidos são, muitas vezes, minuciosamente descritos.

**Reportagem:** é um gênero textual jornalístico de caráter dissertativo-expositivo. A reportagem tem, por objetivo, informar e levar os fatos ao leitor de uma maneira clara, com linguagem direta.

**Entrevista:** é um gênero textual fundamentalmente dialogal, representado pela conversação de duas ou mais pessoas, o entrevistador e o(s) entrevistado(s), para obter informações sobre ou do entrevistado, ou de algum outro assunto. Geralmente envolve também aspectos dissertativo-expositivos, especialmente quando se trata de entrevista a imprensa ou entrevista jornalística. Mas pode também envolver aspectos narrativos, como na entrevista de emprego, ou aspectos descritivos, como na entrevista médica.

**História em quadrinhos:** é um gênero narrativo que consiste em enredos contados em pequenos quadros através de diálogos diretos entre seus personagens, gerando uma espécie de conversação.

**Charge:** é um gênero textual narrativo onde se faz uma espécie de ilustração cômica, através de caricaturas, com o objetivo de realizar uma sátira, crítica ou comentário sobre algum acontecimento atual, em sua grande maioria.

**Poema:** trabalho elaborado e estruturado em versos. Além dos versos, pode ser estruturado em estrofes. Rimas e métrica também podem fazer parte de sua composição. Pode ou não ser poético. Dependendo de sua estrutura, pode receber classificações específicas, como haicai, soneto, epopeia,

poema figurado, dramático, etc. Em geral, a presença de aspectos narrativos e descritivos são mais frequentes neste gênero. Importante também é a distinção entre poema e poesia. Poesia é o conteúdo capaz de transmitir emoções por meio de uma linguagem, ou seja, tudo o que toca e comove pode ser considerado como poético. Assim, quando aplica-se a poesia ao gênero <poema>, resulta-se em um poema poético, quando aplicada à prosa, resulta-se na prosa poética (até mesmo uma peça ou um filme podem ser assim considerados).

Canção: possui muitas semelhanças com o gênero poema, como a estruturação em estrofes e as rimas. Ao contrário do poema, costuma apresentar em sua estrutura um refrão, parte da letra que se repete ao longo do texto, e quase sempre tem uma interação direta com os instrumentos musicais. A tipologia narrativa tem prevalência neste caso.

Adivinha: é um gênero cômico, o qual consiste em perguntas cujas respostas exigem algum nível de engenhosidade. Predominantemente dialogal.

Anais: um registro da história resumido, estruturado ano a ano. Atualmente, é utilizado para publicações científicas ou artísticas que ocorram de modo periódico, não necessariamente a cada ano. Possui caráter fundamentalmente dissertativo.

Anúncio publicitário: utiliza linguagem apelativa para persuadir o público a desejar aquilo que é oferecido pelo anúncio. Por meio do uso criativo das imagens e da linguagem, consegue utilizar todas as tipologias textuais com facilidade.

Boletos, faturas, carnês: predomina o tipo descrição nestes casos, relacionados a informações de um indivíduo ou empresa. O tipo injuntivo também se manifesta, através da orientação que cada um traz.

Profecia: em geral, estão em um contexto religioso, e tratam de eventos que podem ocorrer no futuro da época do autor. A predominância é a do tipo preditivo, havendo também características dos tipos narrativo e descritivo.

### **Gêneros literários:**

#### **Gênero Narrativo:**

Na Antiguidade Clássica, os padrões literários reconhecidos eram apenas o épico, o lírico e o dramático. Com o passar dos anos, o gênero épico passou a ser considerado apenas uma variante do gênero literário narrativo, devido ao surgimento de concepções de prosa com características diferentes: o romance, a novela, o conto, a crônica, a fábula. Porém, praticamente todas as obras narrativas possuem elementos estruturais e estilísticos em comum e devem responder a questionamentos, como: quem? o que? quando? onde? por quê? Vejamos a seguir:

Épico (ou Epopéia): os textos épicos são geralmente longos e narram histórias de um povo ou de uma nação, envolvem aventuras, guerras, viagens, gestos heroicos, etc. Normalmente apresentam um tom de exaltação, isto é, de valorização de seus heróis e seus feitos. Dois exemplos são Os Lusíadas, de Luís de Camões, e Odisséia, de Homero.

Romance: é um texto completo, com tempo, espaço e personagens bem definidos e de caráter mais verossímil. Também conta as façanhas de um herói, mas principalmente uma história de amor vivida por ele e uma mulher, muitas vezes, “proibida” para ele. Apesar dos obstáculos que o separam, o casal vive sua paixão proibida, física, adúltera, pecaminosa e, por isso, costuma ser punido no final. É o tipo de narrativa mais comum na Idade Média. Ex: Tristão e Isolda.

Novela: é um texto caracterizado por ser intermediário entre a longevidade do romance e a brevidade do conto. Como exemplos de novelas, podem ser citadas as obras O Alienista, de Machado de Assis, e A Metamorfose, de Kafka.

Conto: é um texto narrativo breve, e de ficção, geralmente em prosa, que conta situações rotineiras, anedotas e até folclores. Inicialmente, fazia parte da literatura oral. Boccaccio foi o primeiro a reproduzi-lo de forma escrita com a publicação de Decamerão. Diversos tipos do gênero textual conto surgiram na tipologia textual narrativa: conto de fadas, que envolve personagens do mundo da fantasia; contos de aventura, que envolvem personagens em um contexto mais próximo da realidade; contos folclóricos (conto popular); contos de terror ou assombração, que se desenrolam em um contexto

sombrio e objetivam causar medo no expectador; contos de mistério, que envolvem o suspense e a solução de um mistério.

**Fábula:** é um texto de caráter fantástico que busca ser inverossímil. As personagens principais são não humanos e a finalidade é transmitir alguma lição de moral.

**Crônica:** é uma narrativa informal, breve, ligada à vida cotidiana, com linguagem coloquial. Pode ter um tom humorístico ou um toque de crítica indireta, especialmente, quando aparece em seção ou artigo de jornal, revistas e programas da TV..

**Crônica narrativo-descritiva:** Apresenta alternância entre os momentos narrativos e manifestos descritivos.

**Ensaio:** é um texto literário breve, situado entre o poético e o didático, expondo ideias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema. É menos formal e mais flexível que o tratado. Consiste também na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, etc.), sem que se pautem em formalidades como documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter científico. Exemplo: Ensaio sobre a tolerância, de John Locke.

**Gênero Dramático:**

Trata-se do texto escrito para ser encenado no teatro. Nesse tipo de texto, não há um narrador contando a história. Ela "acontece" no palco, ou seja, é representada por atores, que assumem os papéis das personagens nas cenas.

**Tragédia:** é a representação de um fato trágico, suscetível de provocar compaixão e terror. Aristóteles afirmava que a tragédia era "uma representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem figurada, com atores agindo, não narrando, inspirando dó e terror". Ex: Romeu e Julieta, de Shakespeare.

**Farsa:** A farsa consiste no exagero do cômico, graças ao emprego de processos como o absurdo, as incongruências, os equívocos, a caricatura, o humor primário, as situações ridículas e, em especial, o engano.

**Comédia:** é a representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil. Sua origem grega está ligada às festas populares.

**Tragicomédia:** modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.

**Poesia de cordel:** texto tipicamente brasileiro em que se retrata, com forte apelo linguístico e cultural nordestinos, fatos diversos da sociedade e da realidade vivida por este povo.

**Gênero Lírico:**

É certo tipo de texto no qual um eu lírico (a voz que fala no poema e que nem sempre corresponde à do autor) exprime suas emoções, ideias e impressões em face do mundo exterior. Normalmente os pronomes e os verbos estão em 1ª pessoa e há o predomínio da função emotiva da linguagem.

**Elegia:** é um texto de exaltação à morte de alguém, sendo que a morte é elevada como o ponto máximo do texto. O emissor expressa tristeza, saudade, ciúme, decepção, desejo de morte. É um poema melancólico. Um bom exemplo é a peça Roan e yufa, de William Shakespeare.

**Epitalâmia:** é um texto relativo às noites nupciais líricas, ou seja, noites românticas com poemas e cantigas. Um bom exemplo de epitalâmia é a peça Romeu e Julieta nas noites nupciais.

**Ode (ou hino):** é o poema lírico em que o emissor faz uma homenagem à pátria (e aos seus símbolos), às divindades, à mulher amada, ou a alguém ou algo importante para ele. O hino é uma ode com acompanhamento musical;

**Idílio (ou écloga):** é o poema lírico em que o emissor expressa uma homenagem à natureza, às belezas e às riquezas que ela dá ao homem. É o poema bucólico, ou seja, que expressa o desejo de desfrutar de tais belezas e riquezas ao lado da amada (pastora), que enriquece ainda mais a paisagem, espaço ideal para a paixão. A écloga é um idílio com diálogos (muito rara);

**Sátira:** é o poema lírico em que o emissor faz uma crítica a alguém ou a algo, em tom sério ou irônico.

**Acalanto:** ou canção de ninar;

**Acróstico:** (akros = extremidade; stikos = linha), composição lírica na qual as letras iniciais de cada verso formam uma palavra ou frase;

**Balada:** uma das mais primitivas manifestações poéticas, são cantigas de amigo (elegias) com ritmo característico e refrão vocal que se destinam à dança;

**Canção (ou Cantiga, Trova):** poema oral com acompanhamento musical;

**Gazal (ou Gazel):** poesia amorosa dos persas e árabes; odes do oriente médio;

**Haicai:** expressão japonesa que significa “versos cômicos” (=sátira). É o poema japonês formado de três versos que somam 17 sílabas assim distribuídas: 1º verso= 5 sílabas; 2º verso = 7 sílabas; 3º verso 5 sílabas;

**Soneto:** é um texto em poesia com 14 versos, dividido em dois quartetos e dois tercetos, com rima geralmente em a-ba-b a-b-b-a c-d-c d-c-d.

**Vilancete:** são as cantigas de autoria dos poetas vilões (cantigas de escárnio e de maldizer); satíricas, portanto.

### Diferenças Entre Gêneros E Tipos Textuais

Gêneros e tipos textuais são dois conceitos distintos, embora ainda seja bastante comum a confusão entre esses elementos.

A compreensão e identificação dos gêneros textuais é um tema recorrente em concursos e vestibulares. Entretanto, existem também os chamados “tipos textuais”, que são comumente confundidos com os gêneros, induzindo inúmeros candidatos ao erro. As diferenças entre gêneros e tipos textuais existem e são bem importantes!

Gêneros e tipos textuais são elementos distintos, observe:

Tipos Textuais	Gêneros textuais
Os tipos textuais são caracterizados por propriedades linguísticas, como vocabulário, relações lógicas, tempos verbais, construções frasais etc.	Possuem função comunicativa e estão inseridos em um contexto cultural.
São eles: narração, argumentação, descrição, injunção (ordem) e exposição (que é o texto informativo).	Possuem um conjunto ilimitado de características, que são determinadas de acordo com o estilo do autor, conteúdo, composição e função.
Geralmente variam entre 5 e 9 tipos.	São infinitos os exemplos de gêneros: receita culinária, blog, e-mail, lista de compras, bula de remédios, telefonema, carta comercial, carta argumentativa etc.

Podemos afirmar que a tipologia textual está relacionada com a forma como um texto apresenta-se e é caracterizada pela presença de certos traços linguísticos predominantes. O gênero textual exerce

funções sociais específicas, que são pressentidas e vivenciadas pelos usuários da língua. Mas você deve estar perguntando-se: “por que é importante saber a diferença entre gêneros e tipos textuais?”.

Saber as diferenças elencadas no quadro acima é fundamental para a correta distinção entre gêneros e tipos textuais, pois quando conhecemos as características de cada um desses elementos, fica muito mais fácil interpretar um texto. A interpretação está relacionada não apenas com a construção de sentidos, mas também com os diversos fatores inerentes à estruturação textual.

Você Sabe O Que São Tipos Textuais?

Podemos chamar de tipos textuais o conjunto de enunciados organizados em uma estrutura bem definida e facilmente identificada por suas características predominantes. O termo tipologia textual (outra nomenclatura possível) designa uma sequência definida pela natureza linguística de sua composição, ou seja, está relacionado com questões estruturais da língua, determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e tempo verbal. Objetivamente, dizemos que o tipo textual é a forma como o texto apresenta-se.

Podem variar entre cinco e nove tipos, contudo, os mais estudados e exigidos nas diferentes provas de vestibular e concursos no Brasil são a narração, a dissertação, a descrição, a injunção e a exposição. Veja as principais características de cada um deles:

► **Narração:** Sua principal característica é contar uma história, real ou não, geralmente situada em um tempo e espaço, com personagens, foco narrativo, clímax, desfecho, entre outros elementos. Os gêneros que se apropriam da estrutura narrativa são: contos, crônicas, fábulas, romance, biografias etc.

► **Dissertação:** Tipo de texto opinativo em que ideias são desenvolvidas por meio de estratégias argumentativas. Sua maior finalidade é conquistar a adesão do leitor aos argumentos apresentados. Os gêneros que se apropriam da estrutura dissertativa são: ensaio, carta argumentativa, dissertação, editorial etc.

► **Descrição:** Têm por objetivo descrever objetiva ou subjetivamente coisas, pessoas ou situações. Os gêneros que se apropriam da estrutura descritiva são: laudo, relatório, ata, guia de viagem etc. Também podem ser encontrados em textos literários por meio da descrição subjetiva.

► **Injunção:** São textos que apresentam a finalidade de instruir e orientar o leitor, utilizando verbos no imperativo, no infinitivo ou presente do indicativo, sempre indeterminando o sujeito. Os gêneros que se apropriam da estrutura injuntiva são: manual de instruções, receitas culinárias, bulas, regulamentos, editais, códigos, leis etc.

► **Exposição:** O texto expositivo tem por finalidade apresentar informações sobre um objeto ou fato específico, enumerando suas características por meio de uma linguagem clara e concisa. Os gêneros que se apropriam da estrutura expositiva são: reportagem, resumo, fichamento, artigo científico, seminário etc.

Para que você conheça com detalhes cada um dos tipos textuais citados, o sítio de Português preparou uma seção sobre tipologia textual. Nela você encontrará vários artigos que têm como objetivo discutir as características que compõem a narração, a dissertação, a descrição, a injunção e a exposição, bem como apresentar as diferenças entre tipos e gêneros textuais. Esperamos que você aproveite o conteúdo disponibilizado e, principalmente, desejamos que todas as informações aqui encontradas possam transformar-se em conhecimento. Boa leitura e bons estudos!

### Gêneros Textuais

Os gêneros textuais são um modo de classificar os textos. Veja a diferença entre gênero textual, literário e tipos de textos

Os textos, sejam eles escritos ou orais, embora sejam diferentes entre si, podem apresentar diversos pontos em comum. Quando eles apresentam um conjunto de características semelhantes, podem ser classificados em determinado gênero textual.

Dessa maneira, os gêneros textuais podem ser compreendidos como as diferentes formas de linguagem empregadas nos textos, configurando-se como manifestações socialmente reconhecidas que procuram alcançar intenções comunicativas semelhantes, exercendo funções sociais específicas.

Cada gênero textual tem o seu próprio estilo e pode ser diferenciado dos demais por meio das suas características. Algumas das características que determinam o gênero textual são o assunto, o papel dos interlocutores e a situação. Graças à sua natureza, torna-se impossível definir a quantidade de gêneros textuais existentes na língua portuguesa.

### **Gênero Textual, Tipo Textual E Gênero Literário**

Antes de vermos mais detalhadamente alguns exemplos de gêneros textuais, é necessário abordar alguns conceitos a fim de evitar possíveis confusões. Vejamos a seguir:

**Gênero literário** – Os gêneros textuais abrangem todos os tipos de texto, ao contrário dos gêneros literários que, como o próprio nome já indica, aborda apenas os literários. O gênero literário é classificado de acordo com a sua forma, podendo ser do gênero dramático, lírico, épico, narrativo etc.

**Tipo textual** – É a forma como um texto se apresenta. Pode ser classificado como narrativo, argumentativo, dissertativo, descritivo, informativo ou injuntivo.

Observe que, enquanto os tipos textuais variam entre 5 e 9 tipos, temos infinitos exemplos de gêneros textuais.

### **Os Gêneros Textuais**

Os gêneros textuais são inúmeros e cada um deles possui o seu próprio estilo de escrita e de estrutura. Confira alguns deles a seguir:

- Conto maravilhoso;
- Conto de fadas;
- Fábula;
- Carta pessoal;
- Lenda;
- Telefonema;
- Poema;
- Narrativa de ficção científica;
- Romance;
- E-mail;
- Manual de instruções;
- Lista de compras;
- Edital;
- Conto;
- Piada;
- Relato;
- Relato de viagem;

- Diário;
- Autobiografia;
- Curriculum vitae;
- Notícia;
- Biografia;
- Relato histórico;
- Texto de opinião;
- Carta de leitor;
- Carta de solicitação;
- Editorial;
- Ensaio;
- Resenhas críticas;
- Seminário;
- Conferência;
- Palestra;
- Texto explicativo;
- Relatório científico;
- Receita culinária;
- Regulamento;

Vejamos alguns exemplos de gêneros textuais mais detalhadamente:

### **Carta**

Na carta pessoal, é comum encontrarmos uma linguagem pessoal e a presença de aspectos narrativos ou descritivos. Já a carta aberta, destinada à sociedade, tende a ser do tipo dissertativo-argumentativo.

### **Diário**

É escrito em linguagem informal, consta a data e geralmente o destinatário é a própria pessoa que está escrevendo.

### **Notícia**

Apresenta linguagem narrativa e descritiva e o objetivo é informar algo que aconteceu.

Como já foi dito, os gêneros textuais são inúmeros e, por isso, seria impossível estudá-los ao mesmo tempo. Para produzir um bom texto em determinado gênero textual, é importante estudar as suas características e ler alguns exemplos.

Os gêneros e os tipos textuais estão intrinsecamente relacionados, o que torna difícil a dissociação entre as duas noções

Você já deve ter ouvido falar sobre gêneros e tipos textuais, certo? Mas será que você sabe como diferenciar essas duas noções?

Diferenciar gêneros e tipologias textuais não é tarefa fácil, contudo é importante que saibamos alguns aspectos que possam defini-los para, dessa forma, facilitar nossos estudos. Vamos então à análise:

### **Gêneros Textuais**

Os gêneros textuais são aqueles que encontramos em nossa vida diária, inclusive em nossos momentos de interação verbal. Quando nos comunicamos verbalmente, fazemos, intuitivamente, uso de algum gênero textual.

Sendo assim, a língua, sob a perspectiva dos gêneros textuais, é compreendida por seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Os gêneros privilegiam a funcionalidade da língua, ou seja, a maneira como os falantes podem dela dispor, e não seus aspectos estruturais. São inúmeros os gêneros textuais utilizados em nossas ações sociocomunicativas:

Telefonema  
Carta comercial  
Carta pessoal  
Poema  
Cardápio de restaurante  
Receita culinária  
Bula de remédio  
Bilhete  
Notícia de jornal  
Romance  
Edital de concurso  
Piada  
Carta eletrônica  
Formulário de inscrição  
Inquérito policial  
História em quadrinhos  
Entrevista  
Biografia  
Monografia  
Aviso  
Conto  
Obra teatral

É importante ressaltar que os gêneros textuais são passíveis de modificação, pois devem atender às situações comunicativas do cotidiano. Podemos destacar também que os gêneros atendem a necessidades específicas, que vão desde a elaboração do cardápio do restaurante à elaboração de um e-mail. Novos gêneros podem surgir (ou desaparecer) de acordo com a demanda linguística dos falantes.

### **Tipos Textuais**

Os tipos textuais diferem dos gêneros textuais por serem limitados, abrangendo categorias conhecidas como:

Narração  
Argumentação  
Exposição  
Descrição  
Injunção (imposição)

O termo Tipologia textual designa uma sequência definida pela natureza linguística de sua composição, ou seja, está relacionado com questões estruturais da língua, determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e tempo verbal.

Apesar dessa tentativa arbitrária de diferenciação entre gêneros e tipos textuais – o tema costuma provocar polêmica até mesmo entre linguistas –, é importante observar que essas duas noções estão intrinsecamente relacionadas. Um texto narrativo (tipo textual) poderá contar com elementos descritivos (gênero textual), e, para classificá-lo, a predominância de um elemento sobre o outro deve ser observada, pois um texto pode ser tipologicamente variado.

Os gêneros textuais são classificados conforme as características comuns que os textos apresentam em relação à linguagem e ao conteúdo.

Existem muitos gêneros textuais, os quais promovem uma interação entre os interlocutores (emissor e receptor) de determinado discurso.

São exemplos resenha crítica jornalística, publicidade, receita de bolo, menu do restaurante, bilhete ou lista de supermercado.

É importante considerar seu contexto, função e finalidade, pois o gênero textual pode conter mais de um tipo textual. Isso, por exemplo, quer dizer que uma receita de bolo apresenta a lista de ingredientes necessários (texto descritivo) e o modo de preparo (texto injuntivo).

### **Tipos De Gêneros Textuais**

Cada texto possui uma linguagem e estrutura. Note que existem inúmeros gêneros textuais dentro das categorias tipológicas de texto. Em outras palavras, gêneros textuais são estruturas textuais peculiares que surgem dos tipos de textos: narrativo, descritivo, dissertativo-argumentativo, expositivo e injuntivo.

#### **Texto Narrativo**

Os textos narrativos apresentam ações de personagens no tempo e no espaço. A estrutura da narração é dividida em: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Alguns exemplos de gêneros textuais narrativos:

- Romance
- Novela
- Crônica
- Contos de Fada
- Fábula
- Lendas

#### **Texto Descritivo**

Os textos descritivos se ocupam de relatar e expor determinada pessoa, objeto, lugar, acontecimento. Dessa forma, são textos repletos de adjetivos, os quais descrevem ou apresentam imagens a partir das percepções sensoriais do locutor (emissor).

São exemplos de gêneros textuais descritivos:

- Diário
- Relatos (viagens, históricos, etc.)
- Biografia e autobiografia

- Notícia
- Currículo
- Lista de compras
- Cardápio
- Anúncios de classificados

### **Texto Dissertativo-Argumentativo**

Os textos dissertativos são aqueles encarregados de expor um tema ou assunto por meio de argumentações. São marcados pela defesa de um ponto de vista, ao mesmo tempo que tentam persuadir o leitor. Sua estrutura textual é dividida em três partes: tese (apresentação), antítese (desenvolvimento), nova tese (conclusão).

Exemplos de gêneros textuais dissertativos:

- Editorial Jornalístico
- Carta de opinião
- Resenha
- Artigo
- Ensaio
- Monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado

### **Texto Expositivo**

Os textos expositivos possuem a função de expor determinada ideia, por meio de recursos como: definição, conceituação, informação, descrição e comparação.

Alguns exemplos de gêneros textuais expositivos:

- Seminários
- Palestras
- Conferências
- Entrevistas
- Trabalhos acadêmicos
- Enciclopédia
- Verbetes de dicionários

### **Texto Injuntivo**

O texto injuntivo, também chamado de texto instrucional, é aquele que indica uma ordem, de modo que o locutor (emissor) objetiva orientar e persuadir o interlocutor (receptor). Por isso, apresentam, na maioria dos casos, verbos no imperativo.

Alguns exemplos de gêneros textuais injuntivos:

- Propaganda
- Receita culinária

- Bula de remédio
- Manual de instruções
- Regulamento
- Textos prescritivos

**Conheça mais gêneros textuais:**

- Anedota
- Blog
- Reportagem
- Charge
- Carta
- E-mail
- Declaração
- Memorando
- Bilhete
- Relatório
- Requerimento
- ATA
- Cartaz
- Cartum
- Procuração
- Atestado
- Circular
- Contrato

**Tipologia Textual**

Quando falamos em tipos de textos, normalmente nos limitamos a tripartição, sob o enfoque tradicional: Descrição, Narração e Dissertação. Vamos um pouco mais além no intuito de conhecer um pouco mais sobre este assunto.

**Texto Descritivo**

A descrição usa um tipo de texto em que se faz um retrato falado de uma pessoa, animal, objeto ou lugar. A classe de palavras mais utilizada nessa produção é o adjetivo, pela sua função caracterizadora, dando ao leitor uma grande riqueza de detalhes.

A descrição, ao contrário da narração, não supõe ação. É uma estrutura pictórica, em que os aspectos sensoriais predominam. Assim como o pintor capta o mundo exterior ou interior em suas telas, o autor de uma descrição focaliza cenas ou imagens, conforme o permita sua sensibilidade.

Quanto à descrição de pessoas, podemos atribuir-lhes características físicas ou psicológicas.

**Texto Narrativo**

Esta é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou real, ocorrido num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Há uma relação de anterioridade e posterioridade. O tempo verbal predominante é o passado.

Em geral, a narrativa se desenvolve na prosa. O narrar surge da busca de transmitir, de comunicar qualquer acontecimento ou situação. A narração em primeira pessoa pressupõe a participação do narrador (narrador personagem) e em terceira pessoa mostra o que ele viu ou ouviu (narrador observador).

Na narração encontramos ainda os personagens (principais ou secundários), o espaço (cenário) e o tempo da narrativa.

**Texto Dissertativo**

Neste tipo de texto há posicionamentos pessoais e exposição de idéias. Tem por base a argumentação, apresentada de forma lógica e coerente a fim de defender um ponto de vista. Assim, a dissertação consiste na ordenação e exposição de um determinado assunto. É a nossa conhecida "redação" de cada dia. É a modalidade mais exigida nos concursos, já que exige dos candidatos um conhecimento de leitura do mundo, como também um bom domínio da norma culta.

Está estruturada basicamente assim:

1. Idéia principal (introdução)
2. Desenvolvimento (argumentos e aspectos que o tema envolve)
3. Conclusão (síntese da posição assumida)

**Texto Expositivo**

Apresenta informações sobre determinados assuntos, expondo idéias, explicando e avaliando. Como o próprio nome indica, ocorre em textos que se limitam a apresentar uma determinada situação. As exposições orais ou escritas entre professores e alunos numa sala de aula, os livros e as fontes de consulta, são exemplos maiores desta modalidade.

**Texto Injuntivo**

Este tipo de texto indica como realizar uma determinada ação. Ele normalmente pede, manda ou aconselha. Utiliza linguagem direta, objetiva e simples. Os verbos são, na sua maioria, empregados no modo imperativo.

Bons exemplos deste tipo de texto são as receitas de culinária, os manuais, receitas médicas, editais, etc.

**Gêneros Textuais**

Muitos confundem os tipos de texto com os gêneros. No primeiro, eles funcionam como modos de organização, sendo limitados. No segundo, são os chamados textos materializados, encontrados em nosso cotidiano. Eles são muitos, apresentando características sócio-comunicativas definidas por seu estilo, função, composição conteúdo e canal.

Assim, quando se escreve um bilhete ou uma carta, quando se envia ou recebe um e-mail ou usamos o Orkut ou MSN, estamos utilizando diversos gêneros textuais.

**Tipos Textuais**

Descrição  
Narração  
Dissertação  
Exposição  
Injunção

**Gêneros Textuais**

Bilhete  
 Carta pessoal, comercial  
 Diário, agenda, anotações  
 Romance  
 Blog, e-mail, Orkut, MSN  
 Aulas  
 Reuniões  
 Entrevistas  
 Piadas  
 Cardápio  
 Horóscopo  
 Telegrama, telefonema  
 Lista de compras, etc.

Tipologia Textual: Conheça Os 5 Tipos Textuais e as Principais Características e Regras Gramaticais de Cada Tipo

Sempre cai nas provas o assunto “Tipologia textual” (Tipos textuais) mas muita gente confunde com “Gêneros Textuais” (gêneros discursivos).

### Querem Dizer A Mesma Coisa?

**Não.**

Estas são duas classificações que recebem os textos que produzimos a longo de nossa vida, seja na forma oral ou escrita.

Sendo que a primeira leva em consideração **estruturas específicas** de cada tipo, ou seja, seguem regras gramaticais, algo mais formal.

Já a segunda preocupa-se não em classificar um texto por regras, mas sim levando em consideração a **finalidade do texto**; o papel dos interlocutores; a situação de comunicação. São inúmeros os gêneros textuais: Piada, conto, romance, texto de opinião, carta do leitor, notícia, biografia, seminário, palestras, etc.

### O Que É Tipologia Textual?

Como dito anteriormente, são as classificações recebidas por um texto de acordo com as regras gramaticais, dependendo de suas características. São as classificações mais clássicas de um texto: A **narração**, a **descrição** e a **dissertação**. Hoje já se admite também a **exposição** e a **injunção**. Ao todo são 5 (cinco) tipos textuais.

#### Narração

Ao longo de nossa vida estamos sempre relatando algo que nos aconteceu ou aconteceu com outros, pois nosso dia-a-dia é feito de acontecimentos que necessitamos contar/relatar. Seja na forma escrita ou na oralidade, esta é a mais antiga das tipologias, vem desde os tempos das cavernas quando o homem registrava seus momentos através dos desenhos nas paredes.

#### Regra Gramatical Para Este Tipo De Texto (Narração):

Narrar é contar uma história que envolve personagens e acontecimentos. São apresentadas ações e personagens: O que aconteceu, com quem, como, onde e quando.

Segue a seguinte estrutura:

NARRAÇÃO/NARRAR (CONTAR)	Personagens (com quem/ quem vive a história – reais ou imaginários) Enredo (o que/ como – fatos reais ou imaginários) Espaço (onde? /quando?)
-----------------------------	---

Exemplo:

#### Minha Vida De Menina

Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste! Vovó chamou-me cedo, ansiosa como está, coitadinha e disse: "Sei que você vai ser sempre feliz, minha filhinha, e que nunca se esquecerá de sua avozinha que lhe quer tanto". As lágrimas lhe correram pelo rosto abaixo e eu larguei dos braços dela e vim desengasgar-me aqui no meu quarto, chorando escondida.

Como eu sofro de ver que mesmo na cama, pensando com está, vovó não se esquece de mim e de meus deveres e que eu não fui o que deveria ter sido para ela! Mas juro por tudo, aqui nesta hora, que eu serei um anjo para ela e me dedicarei a esta avozinha tão boa e que me quer tanto.

Vou agora entrar no quarto para vê-la e já sei o que ela vai dizer: "Já estudou suas lições? Então vá se deitar, mas antes procure alguma coisa para comer. Vá com Deus". Helena Morley

### DESCRIÇÃO

a intenção deste tipo de texto é que o interlocutor possa criar em sua mente uma imagem do que está sendo descrito. Podemos utilizar alguns recursos auxiliares da descrição. São eles:

#### A-) A enumeração:

Pela enumeração podemos fazer um "retrato do que está sendo descrito, pois dá uma ideia de ausência de ações dentro do texto.

#### B-) A comparação:

Quando não conseguimos encontrar palavras que descrevam com exatidão o que percebemos, podemos utilizar a comparação, pois este processo de comparação faz com que o leitor associe a imagem do que estamos descrevendo, já que desperta referências no leitor. Utilizamos comparações do tipo: o objeto tem a cor de ..., sua forma é como ..., tem um gosto que lembra ..., o cheiro parece com ..., etc.

#### C-) Os cinco sentidos:

Percebemos que até mesmo utilizando a comparação para poder descrever, estamos utilizando também os cinco sentidos: Audição, Visão, Olfato, Paladar, Tato como auxílio para criação desta imagem, proporcionando que o interlocutor visualize em sua mente o objeto, o local ou a pessoa descrita.

Por exemplo: Se você fosse descrever um momento de lazer com seus amigos numa praia. O que você perceberia na praia utilizando a sua visão (a cor do mar neste dia, a beleza das pessoas à sua volta, o colorido das roupas dos banhistas) e a sua audição (os sons produzidos pelas pessoas ao redor, por você e pelos seus amigos, pelos ambulantes). Não somente estes dois, você pode utilizar também os outros sentidos para caracterizar o objeto que você quer descrever.

#### Regra Gramatical Para Este Tipo De Texto (Descrição):

Descrever é apresentar as características principais de um objeto, lugar ou alguém.

Pode ser:

**Objetiva:** Predomina a descrição real do objeto, lugar ou pessoa descrita. Neste tipo de descrição não há a interferência da opinião de quem descreve, há a tendência de se privilegiar o que é visto, em detrimento do sujeito que vê.

**Subjetiva:** aparecem, neste tipo de descrição, as opiniões, sensações e sentimentos de quem descreve pressupondo que haja uma relação emocional de quem descreve com o que foi descrito.

#### Características Do Texto Descritivo

- - É um retrato verbal
- - Ausência de ação e relação de anterioridade ou posterioridade entre as frases
- - As classes gramaticais mais utilizadas são: substantivos, adjetivos e locuções adjetivas

- - Como na narração há a utilização da enumeração e comparação
- - Presença de verbos de ligação
- - Os verbos são flexionados no presente ou no pretérito (passado)
- - Emprego de orações coordenadas justapostas

### A Estrutura Do Texto Descritivo

A descrição apresenta três passos básicos:

- 1- Introdução:** apresentação do que se pretende descrever.
- 2- Desenvolvimento:** caracterização subjetiva ou objetiva da descrição.
- 3- Conclusão:** finalização da apresentação e caracterização de algo.

Exemplo:

Alguns dados sobre Rudy Steiner

“Ele era oito meses mais velho do que Liesel e tinha pernas ossudas, dentes afiado, olhos azuis esbugalhados e cabelos cor de limão. Como um dos seis filhos dos Steiner, estava sempre com fome. Na rua Himmel, era considerado meio maluco ...”

### Dissertação

Podemos dizer que dissertar é falar sobre algo, sobre determinado assunto; é expor; é debater. Este tipo de texto apresenta a defesa de uma opinião, de um ponto de vista, predomina a apresentação detalhada de determinados temas e conhecimentos.

Para construção deste tipo de texto há a necessidade de conhecimentos prévios do assunto/tema tratado.

### Regra Gramatical Para Esse Tipo De Texto (Dissertação):

Dissertar é expor os conhecimentos que se tem sobre um assunto ou defender um ponto de vista sobre um tema, por meio de argumentos.

Estrutura da dissertação

	EXPOSITIVA Predomínio da exposição, explicação	ARGUMENTATIVA Predomínio do uso de argumentos, visando o convencimento, à adesão do leitor.
Introdução	Apresentação do assunto sobre o qual se escreve (Apresentação da tese).	Apresentação do assunto sobre o qual se escreve (apresentação da tese) e do ponto de vista assumido em relação a ele.
Desenvolvimento	Exposição das informações e conhecimentos a respeito do assunto (é o momento da discussão da tese)	A fundamentação do ponto de vista e sua defesa com argumentos. (Defende-se a tese proposta)
Conclusão	Finalização do texto, com o encerramento do que foi dito	Retomada do ponto de vista para fechar o texto de modo mais persuasivo

Exemplo:

### Redução Da Maioridade Penal, Grande Falácia

O advogado criminalista Dalio Zippin Filho explica por que é contrário à mudança na maioria penal.

Diuturnamente o Brasil é abalado com a notícia de que um crime bárbaro foi praticado por um adolescente, penalmente irresponsável nos termos do que dispõe os artigos 27 do CP, 104 do ECA e 228 da CF. A sociedade clama por maior segurança. Pede pela redução da maioria penal, mas logo descobrirá que a criminalidade continuará a existir, e haverá mais discussão, para reduzir para 14 ou 12 anos. Analisando a legislação de 57 países, constatou-se que apenas 17% adotam idade menor de 18 anos como definição legal de adulto.

Se aceitarmos punir os adolescentes da mesma forma como fazemos com os adultos, estamos admitindo que eles devem pagar pela ineficácia do Estado, que não cumpriu a lei e não lhes deu a proteção constitucional que é seu direito. A prisão é hipócrita, afirmando que retira o indivíduo infrator da sociedade com a intenção de ressocializá-lo, segregando-o, para depois reintegrá-lo. Com a redução da menoridade penal, o nosso sistema penitenciário entrará em colapso.

Cerca de 85% dos menores em conflito com a lei praticam delitos contra o patrimônio ou por atuarem no tráfico de drogas, e somente 15% estão internados por atentarem contra a vida. Afirmar que os adolescentes não são punidos ou responsabilizados é permitir que a mentira, tantas vezes dita, transforme-se em verdade, pois não é o ECA que provoca a impunidade, mas a falta de ação do Estado. Ao contrário do que muitos pensam, hoje em dia os adolescentes infratores são punidos com muito mais rigor do que os adultos.

Apresentar propostas legislativas visando à redução da menoridade penal com a modificação do disposto no artigo 228 da Constituição Federal constitui uma grande falácia, pois o artigo 60, § 4º, inciso IV de nossa Carta Magna não admite que sejam objeto de deliberação de emenda à Constituição os direitos e garantias individuais, pois se trata de cláusula pétrea.

A prevenção à criminalidade está diretamente associada à existência de políticas sociais básicas e não à repressão, pois não é a severidade da pena que previne a criminalidade, mas sim a certeza de sua aplicação e sua capacidade de inclusão social.

Dalio Zippin Filho é advogado criminalista. 10/06/2013

Texto publicado na edição impressa de 10 de junho de 2013

### **Exposição**

Aqueles textos que nos levam a uma explicação sobre determinado assunto, informa e esclarece sem a emissão de qualquer opinião a respeito, é um texto expositivo.

#### **Regras gramaticais para este tipo textual (Exposição):**

Neste tipo de texto são apresentadas informações sobre assuntos e fatos específicos; expõe ideias; explica; avalia; reflete. Tudo isso sem que haja interferência do autor, sem que haja sua opinião a respeito. Faz uso de linguagem clara, objetiva e impessoal. A maioria dos verbos está no presente do indicativo.

#### **Exemplos: Notícias Jornalísticas**

### **Injunção**

Os textos injuntivos estão presentes em nossa vida nas mais variadas situações, como por exemplo quando adquirimos um aparelho eletrônico e temos que verificar manual de instruções para o funcionamento, ou quando vamos fazer um bolo utilizando uma receita, ou ainda quando lemos a bula de um remédio ou a receita médica que nos foi prescrita. Os textos injuntivos são aqueles textos que nos orientam, nos ditam normas, nos instruem.

#### **Regras Gramaticais Para Este Tipo De Texto (Injunção):**

Como são textos que expressam ordem, normas, instruções tem como característica principal a utilização de verbos no imperativo. Pode ser classificado de duas formas:

**-Instrucional:** O texto apresenta apenas um conselho, uma indicação e não uma ordem.

-Prescrição: O texto apresenta uma ordem, a orientação dada no texto é uma imposição.

### Como organizar sequências didáticas

Um dos grandes desafios dos professores é como fazer um planejamento capaz de levar a turma a um ano de muita aprendizagem. No livro *Ler e Escrever na Escola, o Real, o Possível e o Necessário* (128 págs., Ed. Penso, tel. 0800-703-3444, 46 reais), Delia Lerner diz que "o tempo é um fator de peso na instituição escolar: sempre é escasso em relação à quantidade de conteúdos fixados no programa, nunca é suficiente para comunicar às crianças tudo o que desejaríamos ensinar-lhes em cada ano escolar". E a constatação não poderia ser mais realista.

Escolher quais conteúdos abordar e de que maneira são questões fundamentais para o sucesso do trabalho que será realizado ao longo do ano. A tarefa é complexa, mas há algumas orientações essenciais que ajudam nesse processo. "Um bom planejamento é aquele que dialoga com o projeto político-pedagógico (PPP) da escola e está atrelado a uma proposta curricular em que há desafios, de forma que exista uma progressão dos alunos de um estado de menor para um de maior conhecimento", orienta Beatriz Gouveia, coordenadora de projetos do Instituto Avisa Lá. "Tendo claras as diretrizes anuais, o docente pode desdobrá-las em propostas trimestrais (ou bimestrais) e semanais, organizadas para dar conta do que foi previsto", complementa Ana Lúcia Guedes Pinto, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Faz-se necessário criar situações didáticas variadas, em que seja possível retomar os conteúdos abordados em diversas oportunidades. Isso pressupõe um planejamento que contenha diferentes modalidades organizativas: projetos didáticos, atividades permanentes e sequências didáticas.

Confira, a seguir, as respostas a dez perguntas imprescindíveis para planejar e implementar boas sequências didáticas.

### Como definir o tema da sequência didática?

As sequências sempre são parte de um planejamento didático maior, em que você coloca o que espera dos estudantes ao longo do ano. A escolha dos temas de cada proposta não pode ser aleatória. Se, por exemplo, seu objetivo for desenvolver bons leitores, precisa pensar qual desafio em relação à leitura quer apresentar à classe. Com base nele, procure os melhores gêneros textuais para trabalhar. "É preciso organizar as ações de modo que exista uma continuidade de desafios e uma diversidade de atividades", explica Beatriz. Converse com o coordenador pedagógico e com os outros docentes, apresente suas ideias e ouça o que têm a dizer. Essa troca ajudará a preparar um planejamento eficiente.

### O que levar em conta na sondagem inicial?

A sondagem é fundamental a todo o trabalho por ser o momento em que são levantados os conhecimentos da turma. Muitas vezes, os professores acham que perguntar "o que vocês sabem sobre..." é suficiente para ter respostas, mas não é bem assim. Essa etapa inicial já configura uma situação de aprendizagem e precisa ser bem planejada. Em vez da simples pergunta, o melhor é colocar o aluno em contato com a prática. No caso de uma sequência sobre dinossauros, por exemplo, distribua livros, revistas e imagens sobre o tema aos alunos, proponha uma atividade e passe pelos grupos para observar como se saem. Não se preocupe se precisar de mais de uma aula para realizar a primeira sondagem.

### Como estabelecer conteúdos e objetivos?

Conteúdo é o que você vai ensinar e objetivo o que espera que as crianças aprendam. Se, por exemplo, sua proposta for trabalhar com a leitura de contos de aventura, precisa parar e pensar o que especificamente quer que a turma saiba após terminar a sequência. "Pode ser comportamento leitor do gênero, característica da linguagem", exemplifica Beatriz. De nada adianta definir um conteúdo e enxertar uma série de objetivos desconexos ou criar uma sequência com muitos conteúdos. Como escreve Myriam Nemirovsky no livro *O Ensino da Linguagem Escrita* (159 págs., Ed. Artmed, 0800-703-3444, edição esgotada), "abranger uma ampla escala de conteúdos e crer que cada um deles gera aprendizagem significa partir da suposição de que é possível conseguir aprendizagem realizando atividades breves e esporádicas. Porém, isso está longe de ser assim".

**De que modo atrelar atividades e objetivos?**

Definido o que você vai ensinar e o que quer que a turma aprenda, é hora de pensar nas estratégias que vai usar para chegar aos resultados. Vale detalhar esse "como fazer" nas atividades da sequência, que nada mais são que orientações didáticas. O melhor, nesse momento, é analisar cada um dos conteúdos que se propôs a trabalhar, relembrar seus objetivos e ir desdobrando-os em ações concretas. "Para que a classe conheça as características de determinado gênero, por exemplo, posso pensar em itens como: leituras temáticas, análises de textos de referência, análise de alguns trechos específicos e verificação do que ficou claro para a turma", sugere Beatriz. Cada atividade tem de ser planejada com intencionalidade, tendo os objetivos e conteúdos muito claros e sabendo exatamente aonde quer chegar.

**Que critérios usar para encadear as etapas?**

Quando você pensa nas ações de uma sequência didática, já tem na cabeça uma primeira ideia de ordem lógica para colocá-las. Para que essa organização dê resultado, lembre-se de pensar em quais conhecimentos a classe precisa para passar de uma atividade para a seguinte (considerando sempre que os alunos têm necessidades de aprendizagem diversas). Como escreve Myriam, "a sequência didática será constituída por um amplo conjunto de situações com continuidade e relações recíprocas". Quanto mais você sabe sobre a prática, as condições didáticas necessárias à aprendizagem e como se ensina cada conteúdo, mais fácil é para fazer esse planejamento. Se ainda não tiver muita experiência, não se preocupe. Pode fazer uma primeira proposta e ir vendo quais ações têm de ser antecipadas ou postergadas.

**Como estimar o tempo que dura a sequência?**

A resposta a essa pergunta não está relacionada à quantidade de tarefas que você vai propor, mas à complexidade dos conteúdos e objetivos que tem em mente. Para saber a duração de uma sequência, leve em conta o que determinou que os alunos aprendam e quanto isso vai demorar. Cada ação pode exigir mais ou menos tempo de sala de aula. "Repertoriar uma criança em um gênero, por exemplo, demanda mais horas do que uma sequência de fluência leitora", diz Beatriz. É importante, também, pensar em como essa sequência se encaixa na grade horária da escola e como se relaciona com as demais ações que estão sendo realizadas com as crianças. Se, por exemplo, você tem duas aulas por semana, as propostas vão demorar mais do que se tivesse três. "Organize o tempo de modo que seja factível realizar todas as atividades previstas", orienta Ana Lúcia.

**Qual a melhor forma de organizar a turma?**

"No curso de cada sequência se incluem atividades coletivas, grupais e individuais", escreve Delia. Cada uma funciona melhor para uma intenção específica. "Você propõe uma atividade no coletivo quando quer estabelecer modelos de comportamentos e procedimentos", explica Beatriz. Ao participar de um grupo e trocar com os colegas, a criança tem aprendizados que são úteis quando ela for trabalhar sozinha. Já uma atividade em dupla é interessante quando quiser que o aluno tenha uma interação mais focada, apresentando suas hipóteses e confrontando-as com o outro. As propostas individuais, por sua vez, permitem à criança pôr em xeque os conhecimentos que construiu. Essas organizações são critérios didáticos que precisam ser pensados com base nos objetivos da cada etapa e nas características da classe.

**Como flexibilizar as atividades?**

É bem provável que você tenha, na turma, crianças com necessidades educacionais especiais (NEE). E elas não podem ficar de fora do planejamento. Procure antecipar quais ajustes podem ser necessários para que elas participem das propostas. As adaptações não devem ser vistas como um plano paralelo, em que o aluno é segregado ou excluído. A lógica tem que ser o contrário: diferenciar os meios para igualar os direitos, principalmente o direito à participação e ao convívio. O ideal é que a escola conte com um profissional de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que ajude você nessa tarefa, orientando-o sobre como atuar em classe e complementando a prática na sala de recursos. A inclusão não é obrigação apenas dos professores, mas de toda a escola.

**Como avaliar o que a turma aprendeu?**



## Estrutura Textual

### Coesão

Coesão é o nome que a gramática dá à conexão entre as ideias no texto. O ideal é existir um encadeamento de informações, que o leitor possa seguir como um fluxo, sem pensar demais para estabelecer as relações entre as partes.

Veja um exemplo:

Mariana viajou para o Rio de Janeiro nas férias. Mariana fez novos amigos no Rio de Janeiro.

As frases não têm nenhum erro de estrutura sintática básica, de sujeito, verbo e complemento. O sujeito, Mariana, fez a ação de viajar e o destino foi o Rio de Janeiro. O mesmo sujeito fez novos amigos enquanto esteve por lá.

O erro aqui é a repetição desnecessária, que torna a leitura incômoda. Perceba como é possível tornar esse exemplo mais agradável:

Mariana viajou para o Rio de Janeiro nas férias e fez novos amigos por lá.

Bem melhor, não é? E a única mudança foi dar cadência e ritmo à oração, eliminando a quebra que a repetição causava.

### Outros exemplos de coesão

Há tipos de coesão diferente e dominá-los vai ajudá-lo a desempenhar a sua tarefa como redator freelancer de uma maneira mais eficiente. Por isso, fique atento às definições e exemplos que escolhemos para demonstrar como os tipos de coesão funcionam na prática.

Chamamos de coesão por referência o tipo de estrutura que evita a repetição. Você já viu exemplos dela acima, mas podemos torná-la ainda mais clara colocando-a em outros contextos. A coesão por referência sempre foge da necessidade de reafirmar nosso sujeito, funcionando assim:

A menina gostava muito de brincar com sua bola de vôlei. A menina levou-a para a praia.

A menina gostava muito de brincar com sua bola de vôlei. Ela a levou para a praia.

O garoto nunca foi bom em matemática. O garoto fez a prova quase sem tempo para passar o gabarito.

O garoto nunca foi bom em matemática. Ele fez a prova quase sem tempo para passar o gabarito.

A minha namorada mora muito longe daqui. A minha namorada viajou para me ver.

A minha namorada mora muito longe daqui. Ela viajou para me ver.

O picolé de limão é muito ruim. O picolé de limão deixa um gosto amargo na sua boca.

O picolé de limão é muito ruim. Ele deixa um gosto amargo na sua boca.

Há, porém outros tipos de coesão que podem ser explorados nos seus textos. Como a coesão por substituição, também conhecida como anáfora. Podemos ver a coesão por substituição nas frases a seguir:

Os alunos foram chamados a comparecer na diretoria porque eram peraltas. Caso sejam peraltas novamente, os alunos serão suspensos do colégio.

Os alunos foram chamados a comparecer na diretoria porque eram peraltas. Caso isso aconteça novamente eles serão suspensos do colégio.

Patrícia e Beatriz gostavam de brincar com suas bonecas, mas não podiam brincar com suas bonecas no colégio. Caso brincassem com suas bonecas no colégio, Patrícia e Beatriz teriam problemas.

Patrícia e Beatriz gostavam de brincar com suas bonecas, mas não podiam fazer isso no colégio. Caso fizessem, elas teriam problemas.

Temos também a coesão por elipse, a coesão por conjunção e a coesão lexical. Elas funcionam, respectivamente, omitindo uma ou mais palavras, relacionando termos com o emprego de conjunções e adotando sinônimos, pronomes ou pronomes no lugar da repetição.

### Coerência

A coerência, por sua vez, é o conjunto de mecanismos usados para que o texto faça sentido. Um texto é coerente quando não apenas a sintaxe está impecável, mas a semântica e a lógica também.

Assim como a coesão, a coerência é fundamental para dar encadeamento às ideias inseridas no texto. Veja no exemplo abaixo:

Henrique chegava atrasado para todas as aulas, mas sempre conseguia entrar na escola por estar em cima da hora.

A expressão “estar em cima da hora” quer dizer que algo está bem próximo do horário marcado ou esperado para acontecer, não necessariamente atrasado.

Por isso, no exemplo acima o leitor fica sem saber se Henrique se atrasava frequentemente, ou apenas chegava sem nenhuma antecedência.

Além das orações, não podemos negligenciar a conexão entre os parágrafos e a ligação do título com o conteúdo. Um texto de título “5 dicas para livrar a sua casa dos mosquitos” deve ensinar 5 formas de espantar mosquitos, e não uma receita de bolo de milho, por exemplo.

### Exemplos de coerência

Os princípios que norteiam a coerência textual são:

a não contradição;

a não tautologia; e

a relevância.

Não se contradizer é simples. Basta não construir raciocínios que, necessariamente, dizem o oposto do que acaba de ser dito. Como:

Pedro gostava muito de jabuticaba. Era sua fruta preterida.

Vanessa nunca ouvia funk. Ela ia todos os dias para o colégio escutando Mc Anitta.

Em ambos os casos supracitados a contradição está clara na segunda frase, que diz o exato oposto da primeira. Em textos de humor o efeito da contradição pode ser explorado para provocar o riso. Mas em uma redação formal não há vez para esse tipo de construção.

A não tautologia é um pouco mais complexa. Trata-se de não empregar palavras diferentes para expressar uma ideia idêntica. Dizemos que há tautologia, portanto, nos vícios de linguagem abaixo:

Vamos subir lá pra cima.

Eu saí pra fora de casa.

O princípio da relevância, por outro lado, diz que não é possível construir relacionamentos fragmentados em um texto mantendo sua coerência. Por causa dele não podemos criar parágrafos como:

Eu gostava muito de comprar pêras na feira. Nunca fui de jogar. Meu melhor amigo era um gato chamado Bolinha. As pêras eram deliciosas. Quando meu melhor amigo miava eu sabia que ele queria jogar bola.

O problema aqui é que nenhuma dessas frases adiciona sentido nas outras. Elas são todas construções que, individualmente, estão ok. Mas em um mesmo parágrafo corrompem a coesão textual.

#### Intencionalidade

Todo texto tem uma intenção, um propósito. Convencer, educar, informar, contar uma história, suscitar uma discussão. Chamamos de intencionalidade tudo aquilo que o autor deseja expressar para o leitor por meio do texto.

Para isso, são utilizados os mecanismos de coesão e coerência, para que a comunicação seja bem-sucedida entre as partes envolvidas. Assim, o sentido desejado pode ser construído ao longo do texto.

#### Intencionalidade na linguagem publicitária

É muito fácil encontrar exemplos de intencionalidade na linguagem publicitária. Isso pela sua própria natureza e construção. Publicitários escrevem textos que utilizam recursos estilísticos, nem sempre formalmente corretos, para determinar a intenção de um discurso.

A intencionalidade está presente, por exemplo, em slogans como “Vem pra Caixa você também”. Neste, o mais correto seria utilizar o imperativo, urgindo que o interlocutor se inscreva na Caixa Econômica Federal e torne-se um cliente desse banco. Todavia, para criar harmonia e conseguir construir um discurso que rima (e, portanto, fica preso em nossa mente) essas regras são dribladas intencionalmente.

Músicas e a linguagem literária também exploram erros gramaticais por intencionalidade. Ainda assim, na redação para a web são raros os casos em que a intencionalidade aparecerá reproduzindo esse tipo de técnica. É que embora trate-se de textos com intenções de Marketing, aqueles produzidos para a internet devem sempre respeitar a norma culta.

#### Aceitabilidade

Por outro lado, a aceitabilidade é papel do leitor. Antes de começar a leitura, todo leitor cria uma expectativa sobre o que há no texto. Ou seja, ele busca entender o que está escrito, no mínimo, antes de tirar qualquer lição ou aprendizado do conteúdo.

É comum, por exemplo, que alguns textos sejam interpretados diferentemente do que foi pensado pelo autor. Em grande parte das vezes isso se deve a problemas na estrutura textual, na coesão e na coerência das ideias.

Entender essa relação entre a intenção e a aceitação é muito importante para um produtor de conteúdo web. O pilar central de uma estratégia de marketing de conteúdo é a aceitação da persona, a identificação dela com os textos; se a intenção do texto não atinge o leitor, a própria existência do material se torna inútil.

#### Fatores de aceitabilidade textual

Ainda que a aceitabilidade resida no interlocutor é papel do redator proporcioná-la. Isso é feito utilizando recursos como a informatibilidade. Quando há informações o suficiente no texto e elas suprem a expectativa do leitor, em geral, esse texto tem alta aceitabilidade.

Investir em informatibilidade é particularmente útil na carreira de um redator web. Quanto mais conhecimento ele conseguir transmitir para o seu leitor ao longo de um artigo, maiores são as chances de que a aceitabilidade de um texto seja alta.

#### Situacionalidade

A situacionalidade é o fator que cuida da pertinência do texto. Toda produção textual precisa estar situada em um contexto, em um ambiente, sob pena de prejudicar o entendimento da mensagem.

Você pode situar seu texto de duas formas. A primeira é da situação para o texto, que significa adequar um dado cenário à sua produção, como um contexto histórico ou o exato momento em que o leitor vai interagir com o seu texto.

Veja um exemplo:

“Hoje você é quem manda/ Falou, tá falado/ Não tem discussão”

Para uma pessoa não familiarizada com a censura praticada durante os anos de ditadura no Brasil, os versos da música “Apesar de Você”, de Chico Buarque, podem falar sobre uma desavença qualquer entre duas pessoas, como uma briga de casal.

Entretanto, para quem viveu ou estudou sobre o tema a compreensão é totalmente diferente. Logo, o autor utiliza isso em favor próprio, criando sentidos diferentes para o mesmo verso, de acordo com o público.

A segunda forma de situar um texto é fazendo o contrário, adequando do texto para a situação. Um exemplo é narrar um acontecimento sob o seu ponto de vista. Quem ler o seu relato vai entender que o fato ocorreu daquele jeito, mas se outra pessoa que também presenciou decidisse contar a própria versão, com certeza alguns pontos seriam diferentes.

### Intertextualidade

A intertextualidade é um fator muito rico para se usar em um texto. Ela acontece quando o autor insere expressões, palavras ou personagens de outros textos na sua produção, fazendo ou não referências explícitas.

Ao fazer referências, o autor deixa nas mãos do leitor a interpretação e compreensão daquela parte do texto, dependendo do conhecimento prévio do receptor. A estrutura textual se beneficia muito do uso da intertextualidade, principalmente se as referências usadas são clássicas, que agregam valor e qualidade ao texto.

Os hipertextos são uma forma moderna de intertextualidade, em que indicamos para o leitor outro conteúdo que pode enriquecer a experiência de leitura, tirando como base o interesse em um primeiro texto.

### Outros casos de intertextualidade

Duas formas comuns de se explorar a intertextualidade em uma composição são a paródia e a paráfrase. A paródia porque evoca uma outra obra na mente do leitor, recriando um texto com objetivo crítico. Essa forma de intertextualidade é muito comum na literatura e pode ser encontrada nos exemplos abaixo:

MEUS OITO ANOS

(Casimiro de Abreu)

Oh! que saudades que tenho

Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,

Naquelas tardes fagueiras

À sombra das bananeiras,

Debaixo dos laranjais!

[...]

MEUS OITO ANOS

(Oswald de Andrade)

Oh que saudades que eu tenho

Da aurora de minha vida

Das horas

De minha infância

Que os anos não trazem mais

Naquele quintal de terra!

Da rua de Santo Antônio

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais

[...]

A paráfrase, por sua vez, é recriar um texto tendo outro como suporte. Fazer uma paráfrase significa dar uma nova versão discursiva para um conteúdo, mantendo o seu sentido original intacto.

Informatividade

Leitores apreciam textos pouco previsíveis, que trazem muitas informações, dados, descobertas e aprendizado. Chamamos esse fator de informatividade, e tanto a falta quanto o excesso de informatividade prejudicam a aceitação de um texto.

Se, por um lado, textos pouco ou nada informativos afastam os leitores, por outro uma produção embasada em toneladas de dados pode confundir o leitor e prejudicar a compreensão do texto. O ideal é empregar dados apenas onde são necessários, para justificar opiniões, ilustrar panoramas ou atestar a pertinência de um argumento.

Estrutura textual na redação web

A redação para web leva em consideração todos os fatores que citamos acima. Entretanto, com o surgimento dos blogs e a adaptação para plataformas móveis (smartphones e tablets), algumas práticas se tornaram tão necessárias quanto a coesão e a coerência, para garantir a qualidade dos textos postados.

O conceito da escaneabilidade é relativamente novo, e diz respeito a uma escrita mais consciente de sua estrutura visual, para tornar a leitura mais agradável para o leitor. São medidas de escaneabilidade:

Frases curtas e parágrafos de 3 ou 4 linhas;

Uso de tópicos para realçar informações importantes;

Separação do texto em intertítulos;

Imagens para “quebrar” grandes blocos de texto;

Realce de termos em negrito e itálico e uso de hiperlinks.

Além da escaneabilidade, se aplicam também os conceitos de storytelling e copywriting, que dependem da intenção e do direcionamento de cada conteúdo.

---

---

---

**Pontuação**

Os sinais de pontuação são recursos de linguagem empregados na língua escrita e desempenham a função de demarcadores de unidades e de sinalizadores de limites de estruturas sintáticas nos textos escritos. Assim, os sinais de pontuação cumprem o papel dos recursos prosódicos, utilizados na fala para darmos ritmo, entoação e pausas e indicarmos os limites sintáticos e unidades de sentido.

Como na fala temos o contato direto com nossos interlocutores, contamos também com nossos gestos para tentar deixar claro aquilo que queremos dizer. Na escrita, porém, são os sinais de pontuação que garantem a coesão e a coerência interna dos textos, bem como os efeitos de sentidos dos enunciados.

Vejamos, a seguir, quais são os sinais de pontuação que nos auxiliam nos processos de escrita:

Ponto ( . )

Indicar o final de uma frase declarativa:

Gosto de sorvete de goiaba.

b) Separar períodos:

Fica mais um tempo. Ainda é cedo.

c) Abreviar palavras:

Av. (Avenida)

V. Ex.<sup>a</sup> (Vossa Excelência)

p. (página)

Dr. (doutor)

Dois-pontos ( : )

Iniciar fala de personagens:

O aluno respondeu:

– Parta agora!

b) Antes de apostos ou orações apositivas, enumerações ou sequência de palavras que explicam e/ou resumem ideias anteriores.

Esse é o problema dos caixas eletrônicos: não tem ninguém para auxiliar os mais idosos.

Anote o número do protocolo: 4254654258.

c) Antes de citação direta:

Como já dizia Vinícius de Moraes: “Que o amor não seja eterno posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure.”

Reticências ( ... )

Indicar dúvidas ou hesitação:

Sabe... andei pensando em uma coisa... mas não é nada demais.

b) Interromper uma frase incompleta sintaticamente:

Quem sabe se tentar mais tarde...

c) Concluir uma frase gramaticalmente incompleta com a intenção de estender a reflexão:

“Sua tez, alva e pura como um foco de algodão, tingia-se nas faces duns longes cor-de-rosa...” (Cecília - José de Alencar)

d) Suprimir palavras em uma transcrição:

“Quando penso em você (...) menos a felicidade.” (Canteiros - Raimundo Fagner)

Parênteses ( )

Isolar palavras, frases intercaladas de caráter explicativo, datas e também podem substituir a vírgula ou o travessão:

Manuel Bandeira não pôde comparecer à Semana de Arte Moderna (1922).

"Uma manhã lá no Cajapió (Joca lembrava-se como se fora na véspera), acordara depois duma grande tormenta no fim do verão." (O milagre das chuvas no Nordeste- Graça Aranha)

Ponto de Exclamação ( ! )

Após vocativo

Ana, boa tarde!

b) Final de frases imperativas:

Cale-se!

c) Após interjeição:

Ufa! Que alívio!

d) Após palavras ou frases de caráter emotivo, expressivo:

Que pena!

Ponto de Interrogação ( ? )

Em perguntas diretas:

Quantos anos você tem?

b) Às vezes, aparece com o ponto de exclamação para enfatizar o enunciado:

Não brinca, é sério?!

Vírgula ( , )

De todos os sinais de pontuação, a vírgula é aquele que desempenha o maior número de funções. Ela é utilizada para marcar uma pausa do enunciado e tem a finalidade de nos indicar que os termos por ela separados, apesar de participarem da mesma frase ou oração, não formam uma unidade sintática. Por outro lado, quando há uma relação sintática entre termos da oração, não se pode separá-los por meio de vírgula.

Antes de explicarmos quais são os casos em que devemos utilizar a vírgula, vamos explicar primeiro os casos em que NÃO devemos usar a vírgula para separar os seguintes termos:

Sujeito de Predicado;

Objeto de Verbo;

Adjunto adnominal de nome;

Complemento nominal de nome;

Predicativo do objeto do objeto;

Oração principal da Subordinada substantiva (desde que esta não seja apositiva nem apareça na ordem inversa).

Casos em que devemos utilizar a vírgula:

A vírgula no interior da oração

Utilizada com o objetivo de separar o vocativo:

Ana, traga os relatórios.

O tempo, meus amigos, é o que nos confortará.

b) Utilizada com o objetivo de separar apostos:

Valdirene, minha prima de Natal, ligou para mim ontem.

Caio, o aluno do terceiro ano B, faltou à aula.

c) Utilizada com o objetivo de separar o adjunto adverbial antecipado ou intercalado:

Quando chegar do trabalho, procurarei por você.

Os políticos, muitas vezes, são mentirosos.

d) Utilizada com o objetivo de separar elementos de uma enumeração:

Estamos contratando assistentes, analistas, estagiários.

Traga picolé de uva, groselha, morango, coco.

e) Utilizada com o objetivo de isolar expressões explicativas:

Quero o meu suco com gelo e açúcar, ou melhor, somente gelo.

f) Utilizada com o objetivo de separar conjunções intercaladas:

Não explicaram, porém, o porquê de tantas faltas.

g) Utilizada com o objetivo de separar o complemento pleonástico antecipado:

A ele, nada mais abala.

h) Utilizada com o objetivo de isolar o nome do lugar na indicação de datas:

Goiânia, 01 de novembro de 2016.

Utilizada com o objetivo de separar termos coordenados assindéticos:

É pau, é pedra, é o fim do caminho.

Utilizada com o objetivo de marcar a omissão de um termo:

Ele gosta de fazer academia, e eu, de comer. (omissão do verbo gostar)

Casos em que se usa a vírgula antes da conjunção e:

Utilizamos a vírgula quando as orações coordenadas possuem sujeitos diferentes:

Os banqueiros estão cada vez mais ricos, e o povo, cada vez mais pobre.

2) Utilizamos a vírgula quando a conjunção “e” repete-se com o objetivo de enfatizar alguma ideia (polissíndeto):

E eu canto, e eu danço, e bebo, e me jogo nos blocos de carnaval.

3) Utilizamos a vírgula quando a conjunção “e” assume valores distintos que não retratam sentido de adição (adversidade, consequência, por exemplo):

Chorou muito, e ainda não conseguiu superar a distância.

A vírgula entre orações

A vírgula é utilizada entre orações nas seguintes situações:

Para separar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

Meu filho, de quem só guardo boas lembranças, deixou-nos em fevereiro de 2000.

b) Para separar as orações coordenadas sindéticas e assindéticas, com exceção das orações iniciadas pela conjunção “e”:

Cheguei em casa, tomei um banho, fiz um sanduíche e fui direto ao supermercado.

Estudei muito, mas não consegui ser aprovada.

c) Para separar orações subordinadas adverbiais (desenvolvidas ou reduzidas), principalmente se estiverem antepostas à oração principal:

"No momento em que o tigre se lançava, curvou-se ainda mais; e fugindo com o corpo apresentou o gancho." (O selvagem - José de Alencar)

d) Para separar as orações intercaladas:

"– Senhor, disse o velho, tenho grandes contentamentos em estar plantando-a..."

e) Para separar as orações substantivas antepostas à principal:

Quando sai o resultado, ainda não sei.

Ponto e vírgula ( ; )

Utilizamos ponto e vírgula para separar os itens de uma sequência de outros itens:

Antes de iniciar a escrita de um texto, o autor deve fazer-se as seguintes perguntas:

O que dizer;

A quem dizer;

Como dizer;

Por que dizer;

Quais objetivos pretendo alcançar com este texto?

Utilizamos ponto e vírgula para separar orações coordenadas muito extensas ou orações coordenadas nas quais já se tenha utilizado a vírgula:

"O rosto de tez amarelenta e feições inexpressivas, numa quietude apática, era pronunciadamente vultuoso, o que mais se acentuava no fim da vida, quando a bronquite crônica de que sofria desde moço se foi transformando em opressora asma cardíaca; os lábios grossos, o inferior um tanto tenso." (O Visconde de Inhomirim - Visconde de Taunay)

Travessão ( — )

Utilizamos o travessão para iniciar a fala de um personagem no discurso direto:

A mãe perguntou ao filho:

— Já lavou o rosto e escovou os dentes?

b) Utilizamos o travessão para indicar mudança do interlocutor nos diálogos:

— Filho, você já fez a sua lição de casa?

— Não se preocupe, mãe, já está tudo pronto.

c) Utilizamos o travessão para unir grupos de palavras que indicam itinerários:

Disseram-me que não existe mais asfalto na rodovia Belém—Brasília.

d) Utilizamos o travessão também para substituir a vírgula em expressões ou frases explicativas:

Pelé — o rei do futebol — anunciou sua aposentadoria.

Aspas ( “ ” )

As aspas são utilizadas com as seguintes finalidades:

Isolar palavras ou expressões que fogem à norma culta, como gírias, estrangeirismos, palavrões, neologismos, arcaísmos e expressões populares:

A aula do professor foi “irada”.

Ele me pediu um “feedback” da resposta do cliente.

b) Indicar uma citação direta:

“Ia viajar! Viajei. Trinta e quatro vezes, às pressas, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala”. (O prazer de viajar - Eça de Queirós)

**FIQUE ATENTO!**

Caso haja necessidade de destacar um termo que já está inserido em uma sentença destacada por aspas, esse termo deve ser destacado com marcação simples ('), não dupla (").

Veja agora algumas observações relevantes:

Dispensam o uso da vírgula os termos coordenados ligados pelas conjunções e, ou, nem.

Observe:

Preferiram os sorvetes de creme, uva e morango.

Não gosto nem desgosto.

Não sei se prefiro Minas Gerais ou Goiás.

Caso os termos coordenados ligados pelas conjunções e, ou, nem aparecerem repetidos, com a finalidade de enfatizar a expressão, o uso da vírgula é, nesse caso, obrigatório.

Observe:

Não gosto nem do pai, nem do filho, nem do cachorro, nem do gato dele.

---

---

## Coesão E Coerência

Coerência e coesão são dois mecanismos fundamentais para a produção de texto. A coesão é o mecanismo relacionado com elementos que asseguram a ligação entre palavras e frases, de modo a interligar as diferentes partes de um texto. A coerência, por sua vez, é responsável por estabelecer a ligação lógica entre ideias, para que, juntas, elas garantam que o texto tenha sentido.

Ambos são importantes para garantir que um texto transmita sua respectiva mensagem com clareza, seja harmonioso e faça sentido para o leitor. O significado de coesão está relacionado com mecanismos linguísticos do texto, que são responsáveis por estabelecer uma conexão de ideias.

A coesão cria relações entre as partes do texto de modo a guiar o leitor relativamente a uma sequência de fatos.

Uma mensagem coesa apresenta ligações harmoniosas entre as partes do texto.

Elementos de coesão textual e frases de exemplo

Garantem a coesão lexical. Ocorrem quando um termo é substituído por outro termo ou por uma locução como forma de evitar repetições. Coesão correta: Os legumes são importantes para manter uma alimentação saudável. As frutas também.

Erro de coesão: Os legumes são importantes para manter uma alimentação saudável. As frutas também são importantes para manter uma alimentação saudável. Explicação: "também" substitui "são importantes para manter uma alimentação saudável".

## Conectores

Esses elementos são responsáveis pela coesão interfrásica do texto. Criam relações de dependência entre os termos e geralmente são representados por preposições, conjunções, advérbios, etc.

Coesão correta: Elas gostam de jogar bola e de dançar.

Erro de coesão: Elas gostam de jogar bola. Elas gostam de dançar.

Explicação: sem o conectivo "e", teríamos uma sequência repetitiva.

Referências e reiteraões

Nesse tipo de coesão, um termo é usado para se referir a outro, para reiterar algo dito anteriormente ou quando uma palavra é substituída por outra com ligação de significados.

Coesão correta: Hoje é aniversário da minha vizinha. Ela está fazendo 35 anos.

Erro de coesão: Hoje é aniversário da minha vizinha. Minha vizinha está fazendo 35 anos.

Explicação: observe que o pronome "ela" faz referência à vizinha.

Correlação verbal

É a utilização dos verbos nos tempos verbais corretos. Esse tipo de coesão garante que o texto siga uma sequência lógica de acontecimentos.

Coesão correta: Se eu soubesse eu te avisaria.

Erro de coesão: Se eu soubesse eu te avisarei.

Explicação: note que "soubesse" é uma flexão do verbo "saber" no pretérito imperfeito do subjuntivo e isso indica uma situação condicional que poderia dar origem a uma outra ação. Para a frase fazer sentido, o verbo "avisar" tem de estar conjugado no futuro do pretérito para indicar um fato que poderia ter acontecido se uma ação no passado tivesse se concretizado.

A coerência textual está diretamente relacionada com a significância e com a interpretabilidade de um texto. A mensagem de um texto é coerente quando ela faz sentido e é comunicada de forma harmoniosa, de forma que haja uma relação lógica entre as ideias apresentadas, onde umas complementem as outras.

Para garantir a coerência de um texto, é preciso ter em conta alguns conceitos básicos.

Conceitos da coerência textual e frases de exemplo

Veja abaixo os principais conceitos da coerência textual e como eles são aplicados nas frases.

**Princípio da não contradição**

Não pode haver contradições de ideias entre diferentes partes do texto.

Coerência correta: Ele só compra leite de soja pois é intolerante à lactose.

Erro de coerência: Ele só compra leite de vaca pois é intolerante à lactose.

Explicação: quem é intolerante à lactose não pode consumir leite de vaca. Por esse motivo, o segundo exemplo constitui um erro de coerência; não faz sentido.

**Princípio Da Não Tautologia**

Ainda que sejam expressas através do uso de diferentes palavras, as ideias não devem ser repetidas, pois isso compromete a compreensão da mensagem a ser emitida e muitas vezes a torna redundante.

Coerência correta: Visitei Roma há cinco anos.

Explicação: "há" já indica que a ação ocorreu no passado. O uso da palavra "atrás" também indica que a ação ocorreu no passado, mas não acrescenta nenhum valor e torna a frase redundante.

**Princípio Da Relevância**

As ideias devem estar relacionadas entre si, não devem ser fragmentadas e devem ser necessárias ao sentido da mensagem. O ordenamento das ideias deve ser correto, pois, caso contrário, mesmo que elas apresentem sentido quando analisadas isoladamente, a compreensão do texto como um todo pode ficar comprometida.

Coerência correta: O homem estava com muita fome, mas não tinha dinheiro na carteira e por isso foi ao banco e sacou uma determinada quantia para utilizar. Em seguida, foi a um restaurante e almoçou.  
Erro de coerência: O homem estava com muita fome, mas não tinha dinheiro na carteira. Foi a um restaurante almoçar e em seguida foi ao banco e sacou uma determinada quantia para utilizar.  
Explicação: observe que, embora as frases façam sentido isoladamente, a ordem de apresentação da informação torna a mensagem confusa.

Se o homem não tinha dinheiro, não faz sentido que primeiro ele tenha ido ao restaurante e só depois tenha ido sacar dinheiro.

Esse conceito garante que o texto tenha seguimento dentro de um mesmo assunto. Quando acontece uma falha na continuidade temática, o leitor fica com a sensação de que o assunto foi mudado repentinamente.

Coerência correta: "Tive muita dificuldade até acertar o curso que queria fazer. Primeiro fui fazer um curso de informática... A meio do semestre troquei para um curso de desenho e por fim acabei me matriculando aqui no curso de inglês. Foi confuso assim também para você?"

"Na verdade foi fácil pois eu já tinha decidido há algum tempo que assim que tivesse a oportunidade de pagar um curso, faria um de inglês."

Erro de coerência: "Tive muita dificuldade até acertar o curso que queria fazer. Primeiro fui fazer um curso de informática... A meio do semestre troquei para um curso de desenho e por fim acabei me matriculando aqui no curso de inglês. Foi confuso assim também para você?"

"Quando eu me matriculei aqui no curso, eu procurei me informar sobre a metodologia, o tipo de recursos usados, etc. e acabei decidindo rapidamente por este curso."

Explicação: note que no último exemplo, o segundo interlocutor acaba por não responder exatamente ao que foi perguntado.

O primeiro interlocutor pergunta se ele também teve dificuldades de decidir que tipo de curso fazer e a resposta foi sobre características que ele teve em conta ao optar pelo curso de inglês onde se matriculou.

Apesar de ter falado de um curso, houve uma alteração de assunto.

Progressão semântica

É a garantia da inserção de novas informações no texto, para dar seguimento a um todo. Quando isso não ocorre, o leitor fica com a sensação de que o texto é muito longo e que nunca chega ao objetivo final da mensagem.

Coerência correta: Os meninos caminhavam e quando se depararam com o suspeito apertaram o passo. Ao notarem que estavam sendo perseguidos, começaram a correr.

Erro de coerência: Os meninos caminhavam e quando se depararam com o suspeito continuaram caminhando mais um pouco. Passaram por várias avenidas e ruelas e seguiram sempre em frente. Ao notarem que estavam sendo perseguidos, continuaram caminhando em direção ao seu destino, percorreram um longo caminho...

Explicação: note que a frase onde a coerência está correta apresenta uma sequência de novas informações que direcionam o leitor à conclusão do desfecho da frase. No exemplo seguinte, a frase acaba por se prolongar demais e o receptor da mensagem fica sem saber, afinal, o que os meninos fizeram.

Coesão e coerência são pontos imprescindíveis para garantir a compreensão da textualidade.

A coesão está mais diretamente ligada a elementos que ajudam a estabelecer uma ligação entre palavras e frases que unem as diferentes partes de um texto.

A coerência, por sua vez, estabelece uma ligação lógica entre as ideias, de forma que umas complementem as outras e, juntas, garantam que o texto tenha sentido.

Em outras palavras, a coerência está mais diretamente ligada ao significado da mensagem.

Apesar de os dois conceitos estarem relacionados, eles são independentes, ou seja, um não depende do outro para existir.

É possível, por exemplo, uma mensagem ser coesa e incoerente ou coerente e não apresentar coesão. Veja os casos abaixo:

Exemplo de mensagem coesa e incoerente:

"Aberto todos os dias, exceto sábado."

(A mensagem tem uma ligação harmoniosa entre as frases, porém não faz sentido: se existe uma exceção, então o estabelecimento não está aberto todos os dias.)

Exemplo de mensagem coerente que não apresenta coesão:

"Para de mexer nessa tinta. Vá já para o banheiro! Não toque em nada. Lave bem as mãos. Vá para o seu quarto."

(A mensagem é compreensível, porém não existe uma ligação harmoniosa entre as ideias. Faltam as ligações entre as frases para que a mensagem soe natural.)

A Coesão e a Coerência são mecanismos fundamentais na construção textual.

Para que um texto seja eficaz na transmissão da sua mensagem é essencial que faça sentido para o leitor. Além disso, deve ser harmonioso, de forma a que a mensagem flua de forma segura, natural e agradável aos ouvidos.

### **Coesão Textual**

A coesão é resultado da disposição e da correta utilização das palavras que propiciam a ligação entre frases, períodos e parágrafos de um texto. Ela colabora com sua organização e ocorre por meio de palavras chamadas de conectivos.

#### Mecanismos de Coesão

A coesão pode ser obtida através de alguns mecanismos: anáfora e catáfora.

A anáfora e a catáfora se referem à informação expressa no texto e, por esse motivo, são qualificadas como endofóricas.

Enquanto a anáfora retoma um componente, a catáfora o antecipa, contribuindo com a ligação e a harmonia textual.

#### Algumas Regras

Confira abaixo algumas regras que garantem a coesão textual:

##### Referência

**Pessoal:** utilização de pronomes pessoais e possessivos. Exemplo: João e Maria casaram. Eles são pais de Ana e Beto. (Referência pessoal anafórica)

**Demonstrativa:** utilização de pronomes demonstrativos e advérbios. Exemplo: Fiz todas as tarefas, com exceção desta: arquivar a correspondência. (Referência demonstrativa catafórica)

**Comparativa:** utilização de comparações através de semelhanças. Exemplo: Mais um dia igual aos outros... (Referência comparativa endofórica)

##### Substituição

Substituir um elemento (nominal, verbal, frasal) por outro é uma forma de evitar as repetições.

Exemplo: Vamos à prefeitura amanhã, eles irão na próxima semana.

Observe que a diferença entre a referência e a substituição está expressa especialmente no fato de que a substituição acrescenta uma informação nova ao texto.

No caso de “João e Maria casaram. Eles são pais de Ana e Beto”, o pronome pessoal referencia as pessoas João e Maria, não acrescentando informação adicional ao texto.

##### Elipse

Um componente textual, quer seja um nome, um verbo ou uma frase, pode ser omitido através da elipse.

Exemplo: Temos ingressos a mais para o concerto. Você os quer?

(A segunda oração é perceptível mediante o contexto. Assim, sabemos que o que está sendo oferecido são ingressos para o concerto.)

##### Conjunção

A conjunção liga orações estabelecendo relação entre elas.

Exemplo: Nós não sabemos quem é o culpado, mas ele sabe. (adversativa)

##### Coesão Lexical

A coesão lexical consiste na utilização de palavras que possuem sentido aproximado ou que pertencem a um mesmo campo lexical. São elas: sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, entre outros.

Exemplo: Aquela escola não oferece as condições mínimas de trabalho. A instituição está literalmente caindo aos pedaços.

#### Coerência Textual

A Coerência é a relação lógica das ideias de um texto que decorre da sua argumentação - resultado especialmente dos conhecimentos do transmissor da mensagem.

Um texto contraditório e redundante ou cujas ideias iniciadas não são concluídas, é um texto incoerente. A incoerência compromete a clareza do discurso, a sua fluência e a eficácia da leitura.

Assim a incoerência não é só uma questão de conhecimento, decorre também do uso de tempos verbais e da emissão de ideias contrárias.

Exemplos:

O relatório está pronto, porém o estou finalizando até agora. (processo verbal acabado e inacabado)

Ele é vegetariano e gosta de um bife muito mal passado. (os vegetarianos são assim classificados pelo fato de se alimentar apenas de vegetais)

#### Fatores de Coerência

São inúmeros os fatores que contribuem para a coerência de um texto, tendo em vista a sua abrangência. Vejamos alguns:

##### Conhecimento de Mundo

É o conjunto de conhecimento que adquirimos ao longo da vida e que são arquivados na nossa memória.

São os chamados frames (rótulos), esquemas (planos de funcionamento, como a rotina alimentar: café da manhã, almoço e jantar), planos (planejar algo com um objetivo, tal como jogar um jogo), scripts (roteiros, tal como normas de etiqueta).

Exemplo: Peru, Panetone, frutas e nozes. Tudo a postos para o Carnaval!

Uma questão cultural nos leva a concluir que a oração acima é incoerente. Isso porque "peru, panetone, frutas e nozes" (frames) são elementos que pertencem à celebração do Natal e não à festa de carnaval.

##### Inferências

Através das inferências, as informações podem ser simplificadas se partimos do pressuposto que os interlocutores partilham do mesmo conhecimento.

Exemplo: Quando os chamar para jantar não esqueça que eles são indianos. (ou seja, em princípio, esses convidados não comem carne de vaca)

##### Fatores de contextualização

Há fatores que inserem o interlocutor na mensagem providenciando a sua clareza, como os títulos de uma notícia ou a data de uma mensagem.

Exemplo:

— Está marcado para às 10h.

— O que está marcado para às 10h? Não sei sobre o que está falando.

##### Informatividade



**Variação Linguística**

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação.

É importante observar que toda variação linguística é adequada para atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Assim, quando julgamos errada determinada variedade, estamos emitindo um juízo de valor sobre os seus falantes e, portanto, agindo com preconceito linguístico.

⇒ tipos de variação linguística

→ variedade regional

São aquelas que demonstram a diferença entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do estado de Minas Gerais possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes do Rio de Janeiro.

Observe a abordagem de variação regional em um poema de Oswald de Andrade:

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

Agora, veja um quadro comparativo de algumas variações de expressões utilizadas nas regiões Nordeste, Norte e Sul:

Região Nordeste	Região Sul	Região Norte
<b>Racha</b> – pelada, jogo de futebol	<b>Campo Santo</b> – cemitério	<b>Miudinho</b> – pequeno
<b>Jerimum</b> – abóbora	<b>Alçar a perna</b> – montar a cavalo	<b>Umborimbora?</b> – Vamos embora?
<b>Sustança</b> – energia dos alimentos	<b>Guacho</b> – animal que foi criado sem mãe	<b>Levou o farelo</b> – morreu

→ variedades sociais

São variedades que possuem diferenças em nível fonológico ou morfossintático. Veja:

Fonológicos - “prantar” em vez de “plantar”; “bão” em vez de “bom”; “pobrema” em vez de “problema”; “bicicreta” em vez de “bicicleta”.

morfossintáticos - “dez real” em vez de “dez reais”; “eu vi ela” em vez de “eu a vi”; “eu truci” em vez de “eu trouxe”; “a gente fumo” em vez de “nós fomos”.

→ variedades estilísticas

São as mudanças da língua de acordo com o grau de formalidade, ou seja, a língua pode variar entre uma linguagem formal ou uma linguagem informal.

Linguagem formal: é usada em situações comunicativas formais, como uma palestra, um congresso, uma reunião empresarial, etc.

linguagem informal: é usada em situações comunicativas informais, como reuniões familiares, encontro com amigos, etc. Nesses casos, há o uso da linguagem coloquial.

### **gíria ou jargão**

É um tipo de linguagem utilizada por um determinado grupo social, fazendo com que se diferencie dos demais falantes da língua. A gíria é normalmente relacionada à linguagem de grupos de jovens (skatistas, surfistas, rappers, etc.). O jargão é, em geral, relacionado à linguagem de grupos profissionais (professores, médicos, advogados, etc.)

### **Tipos de variação linguística**

Se observarmos bem as variações linguísticas, poderemos classificá-las de duas maneiras distintas: uma ligada diretamente à norma e outra ligada ao grau de formalismo existente. No primeiro caso, chamamos variação dialetal ou dialeto e no segundo, variação de estilo ou registro.



Na tirinha acima, extraída de um jornal português, percebemos a variação dialetal no tocante ao vocabulário: o último quadrinho usa a expressão “avançado” que, no Brasil, significa “atacante”. São essas variantes, advindas das diferenças de região, idade, sexo ou grupos sociais a que chamamos dialetos.

Já as variantes de registro têm a ver com o formalismo empregado, classificando-se como registros formais ou informais (coloquiais); ou quanto ao modo de expressão, tratando-se de registros orais ou escritos; além de aspectos ligados aos próprios interlocutores como graus de cortesia, domínio de vocabulário específico etc.



Um desses registros coloquiais por excelência são as gírias. Normalmente são criadas por grupos sociais específicos, permitindo o reconhecimento de seus membros ao mesmo tempo em que afastam aqueles “não-iniciados” do grupo. Funkeiros, roqueiros, surfistas, skatistas, grafiteiros, bikers, rappers, clubbers, todos esses utilizam a gíria como forma de expressão própria do grupo.

Via de regra, a gíria é efêmera, isto é, tende a mudar com o tempo e, até mesmo, desaparecer, sendo substituída por outras que representem melhor o grupo em evidência. Quando a gíria é restrita a uma profissão ganha o nome de jargão e passa a apresentar uma “durabilidade” maior, relacionada diretamente ao uso dos termos dentro das atribuições profissionais.

É importante notar que essas variabilidades representam um acerto ou um erro. Assim, não há uma variedade certa ou errada, o que há é uma variedade adequada. Dentre essas variabilidades, existe a que tomamos como norma culta, ou seja, a língua padrão. As outras variabilidades dessa língua padrão são chamadas de norma popular. As gírias, os jargões de grupos ou profissões, os desvios da coloquialidade fazem parte dessa norma popular. Do falante de língua portuguesa espera-se que ele domine não somente a norma culta, mas também as nuances da norma popular para que, dependendo do contexto em que se está inserido, faça-se uso de uma ou outra norma, adequando a variabilidade utilizada ao contexto discursivo.

Em letras de música, é muito comum o eu lírico do texto usar uma linguagem com marcas de um registro popular, seja para adequar seu discurso ao contexto da música, seja para atingir o interlocutor de maneira direta. Veja este trecho da música Berreco, de Claudinho e Buchecha:

Berreco, abre o seu olho para outro não tomar sua sopa. Mantenha sua barba de molho, sua mina anda quase sem roupa. E sai por aí dando bolada, ela só que zoar, ela nem quer saber

A música utiliza uma linguagem adequada ao universo do funk. A “suposta” traição da mulher é descrita como “dar uma bolada”, sinal de que outro está “tomando a sua sopa”. O vocabulário aqui empregado é perfeitamente adequado ao contexto sociolinguístico dos músicos. A norma culta, se empregada nessa música, seria totalmente inadequada.

Repare neste outro trecho, da música As Mariposa, de Adoniran Barbosa:

“as mariposa quando chega o frio fica dando vorta  
em vorta da lâmpada pra si isquentá”

Nessa música, existe uma valorização do espaço rural em relação ao espaço urbano, que pode ser determinante na variabilidade que se emprega. A ausência da concordância, além da grafia próxima à fala, é também uma valorização do discurso oral em relação ao discurso escrito. Não há que se pensar que a escrita tem mais valor que a oralidade. São modalidades distintas, com sintaxes próprias.

A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances. O português que é falado no nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no sul do país. Claro que um idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta.

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas. Os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros. Quando tratamos as variações como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao status. O português falado em algumas cidades do interior do estado de São Paulo, por exemplo, pode ganhar o estigma pejorativo de incorreto ou inculto, mas, na verdade, essas diferenças enriquecem esse patrimônio cultural que é a nossa língua portuguesa. Leia a letra da música “Samba do Arnesto”, de Adoniran Barbosa, e observe como a variação linguística pode ocorrer:

### **samba do arnesto**

O arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no brás  
nós fumos não encontremos ninguém

nós voltermos com uma baita de uma reiva  
da outra vez nós num vai mais  
nós não semos tatu!  
No outro dia encontremo com o arnesto  
que pediu desculpas mais nós não aceitemos  
isso não se faz, arnesto, nós não se importa  
mas você devia ter ponhado um recado na porta  
um recado assim ói: "ói, turma, num deu pra esperá  
aduvido que isso, num faz mar, num tem importância,  
assinado em cruz porque não sei escrever.

### Samba do arnesto, adoniran barbosa

Há, na letra da música, um exemplo interessante sobre a variação linguística. É importante ressaltar que o código escrito, ou seja, a língua sistematizada e convencionalizada na gramática, não deve sofrer grandes alterações, devendo ser preservado. Já imaginou se cada um de nós decidisse escrever como falamos? Um novo idioma seria inventado, aboliríamos a gramática e todo o sistema linguístico determinado pelas regras cairia por terra. Contudo, o que o compositor adoniran barbosa fez pode ser chamado de licença poética, pois ele transportou para a modalidade escrita a variação linguística presente na modalidade oral.

As variações linguísticas acontecem porque vivemos em uma sociedade complexa, na qual estão inseridos diferentes grupos sociais.

Alguns desses grupos tiveram acesso à educação formal, enquanto outros não tiveram muito contato com a norma culta da língua. Podemos observar também que a língua varia de acordo com suas situações de uso, pois um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade de adequação linguística.

Prova disso é que você não vai se comportar em uma entrevista de emprego da mesma maneira com a qual você conversa com seus amigos em uma situação informal, não é mesmo?



A tirinha Calvin e Haroldo, do quadrinista Bill Watterson, mostra-nos um exemplo bem divertido sobre a importância da adequação linguística. Já pensou se precisássemos utilizar uma linguagem tão rebuscada e cheia de arcaísmos nas mais corriqueiras situações de nosso cotidiano? Certamente perderíamos a espontaneidade da fala, sem contar que a dinamicidade da comunicação seria prejudicada.

Podemos elencar também nos tipos de variação linguística os falares específicos para grupos específicos: os médicos apropriam-se de um vocabulário próprio de sua profissão quando estão exercendo o ofício, mas essas marcas podem aparecer em outros tipos de interações verbais. O mesmo acontece com os profissionais de informática, policiais, engenheiros etc.

Portanto, apesar de algumas variações linguísticas não apresentarem o mesmo prestígio social no Brasil, não devemos fazer da língua um mecanismo de segregação cultural, corroborando com a ideia da teoria do preconceito linguístico, ao julgarmos determinada manifestação linguística superior a outra, sobretudo superior às manifestações linguísticas de classes sociais ou regiões menos favorecidas.

**Fatores De Textualidade**

Texto é um conjunto organizado de palavras onde podemos achar uma relação entre suas partes dando um significado a ele. Para que este texto faça sentido temos vários fatores:

**Coerência:**

Coerência é um elemento fundamental de textualidade, responsável pelo sentido do texto, depende não apenas da lógica interna do texto, como também da compatibilidade entre a rede conceitual (mundo textual) e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso;

**Coesão:**

Coesão é a unidade formal do texto, que se dá por mecanismos gramaticais e lexicais. É a ligação harmônica entre duas partes, utilizada na gramática como forma de obter um texto claro e compreensível.

**Intencionalidade:**

Empenho do autor em construir um texto coerente, coeso, e que atinja o objetivo que ele tem em mente. A intencionalidade é a principal ideia a ser passada pelo autor, a principal ideia que o autor quer transmitir, mais para que isso ocorra, ele tem que ter todo o conhecimento específico sobre o assunto a ser tratado.

**Informatividade:**

Todo texto tem um nível de informatividade, mas isso depende de quem lê. Um leitor que conhece o assunto terá um nível baixo de informatividade, mas para aquela pessoa que não tem nenhum conhecimento do assunto terá um nível alto de informatividade. Tanto a falta quanto o excesso de previsibilidade, são prejudiciais à aceitação do texto por parte do leitor. Um bom índice de informatividade atende à suficiência de dados.

**Intertextualidade:**

Intertextualidade refere-se às diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento dos outros textos anteriormente produzidos. Nesse sentido pode-se falar em : alusão, epígrafe, paródia, paráfrase, citação, metalinguagem e polifonia;

**Aceitabilidade:**

Na aceitabilidade, o leitor necessita um conhecimento prévio para avaliar o texto corretamente, dessa forma, ficando ao seu critério aceitar ou não a intenção real do autor. Pois conseqüentemente, é através de sua interpretação e interação que se pode dar o sentido a leitura, reconhecendo o que há de implícito ou explícito que contenham no texto. A aceitabilidade é uma contraparte da intencionalidade, pois ele nos deixa claro que para que se haja a aceitação é necessário que o autor, o texto e o leitor, estejam em constante interação.

**Situacionalidade:**

Diz respeito à pertinência e à relevância do texto no contexto. Reúne fatores que tornam o texto adequado a uma situação atual ou passada.

**A Coerência Textual**

A coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à sua superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores.

Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor. Essa. O texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. O produtor do discurso não ignora essa participação

do interlocutor e conta com ela. É fácil verificar que grande parte dos conhecimentos necessários à compreensão dos textos não vem explícita, mas fica dependente da capacidade de pressuposição e inferência do receptor.

Através dessa visão Ingedore villaça e Luiz Carlos travagua em seu livro “A coerência textual” pretende em sua obra apenas introduzir os leitores ao estudo da coerência textual.

É a coerência que faz com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um texto, porque é a coerência, através de vários fatores, que permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da sequência (morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos, etc), permitindo construí-la e percebê-la, na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. Portanto é a coerência que dá textura e textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade aquilo que converte uma sequência linguística em texto. Assim sendo, podemos dizer que a coerência dá início à textualidade

Mesmo sendo uma obra que aponta vários fatores responsáveis pela coerência textual de um discurso qualquer: a intencionalidade e aceitabilidade, fatores de contextualização, a situacionabilidade, a informatividade e a intertextualidade, a intertextualidade e inferência, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo, acrescentamos com outros fatores relevantes de outros autores com a intenção de ampliar ainda mais nosso estudo sobre coerência textual

### **Travando Conhecimento Com A Coerência**

A idéia de incoerência depende de conhecimentos prévios sobre o mundo e do tipo de mundo em que o texto se insere, bem como do tipo de texto.

Todos recursos estabelecidos pela a linguística chama de coesão textual.

A coesão textual revela a importância do conhecimento linguístico (dos elementos da língua, seus usos) para produção do texto e sua compreensão e, portanto, para o estabelecimento da coerência. O texto só é perfeitamente inteligível se houver conhecimento do uso dos elementos linguísticos eu, em relação com a situação de comunicação.

O conhecimento de mundo é importante, não menos importante é que esse conhecimento seja partilhado pelo produtor e receptor do texto. O produtor e receptor do texto devem ter conhecimento comum.

Finalmente é preciso lembrar que o sentido que damos a um texto pode depender (e com frequência depende) do conhecimento de outros textos, com os quais ele se relaciona.

Neste capítulo você deve ter intuído uma concepção básica do que seja o fenômeno da coerência e do que depende. Busquemos a seguir uma visão mais detalhada e sistemática da coerência textual.

### **Conceito De Coerência**

#### **O que é coerência**

Difícilmente se poderá dizer o que é coerência apenas através de um conceito, por isso vamos defini-la através da apresentação de vários aspectos e/ou traços que, em seu conjunto, permitem perceber o que esse termo significa.

A coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida com um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global. Para haver coerência é preciso que haja possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos.

A relação que tem de ser estabelecida pode ser não só semântica (entre conteúdos), mas também pragmática, entre atos de fala, ou seja, entre as ações que realizamos ao falar (por exemplo: jurar, ordenar, asseverar, ameaçar, prometer, avisar). Este fato é que levou Widdowson (1978) a dizer que

a coerência seria a relação entre os atos de fala que as proposições realizam (uma proposição é definida como representação linguística de um estado de coisas por meio de um ato de referência e um ato de predicação, daí a expressão conteúdo proposicional).

Beaugrande & Dressler (1981) e Marcushi (1983) afirmam que, se há uma unidade de sentido no todo do texto quando este é coerente, então a base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto. Essa continuidade diz respeito ao modo como os componentes do mundo textual, ou seja, o conjunto de conceitos e relações subjacentes à superfície linguística do texto, são mutuamente acessíveis e relevantes. Evidentemente, o relacionamento entre esses elementos não é linear e a coerência aparece, assim, como uma organização reticulada, tentacular e hierarquizada do texto.

A continuidade estabelece uma coesão conceitual cognitiva entre os elementos do texto através de processos cognitiva entre os elementos do texto através de processos cognitivos que operam entre os usuários (produtor e receptor) do texto e são não só de tipo lógico, mas também dependem de fatores socioculturais diversos e de fatores interpessoais, entre os quais podemos citar:

- As intenções comunicativas dos participantes da ocorrência comunicativa de que o texto é o instrumento
- As formas de influencia do falante na situação de fala;
- As regras sócias que regem o relacionamento entre pessoas ocupando determinados “lugares sociais”

O Simples cortejo das idéias, das expressões linguísticas que as ativam e das suas posições no texto deixam evidente o caráter não linear, reticulando, tentacular da coerência.

A coerência se estabelece na interlocução entre os usuários do texto, (seu produtor e receptor). Textos sem que continuidade são considerados como incoerente, embora a continuidade relativa a um dado tópico discursivo seja uma condição para o estabelecimento da coerência, nem sempre a continuidade representará incoerência. Os processos cognitivos operantes entre os usuários do texto caracterizam a coerência na medida em que dão aos usuários a possibilidade de criar um mundo textual que pode ou não concordar com a versão estabelecida do “mundo real”.

A coerência é algo que se estabelece na interlocução, na interação entre dois usuários numa dada situação comunicativa. Carolles (1979) afirmou que a coerência seria a qualidade que têm os textos que permitem aos falantes reconhece-los como bem formados, dentro de um mundo possível (ordinário ou não). A boa formação seria vista em função da possibilidade de os falantes recuperarem o sentido de um texto, calculando sua coerência.

Considera-se , pois , a coerência como princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários de recuperar o sentido do texto pelo qual interagem, capacidade essa que pode ter limites variáveis para o mesmo usuário dependendo da situação e para usuários diversos, dependendo de fatores vários (como grau de conhecimento sobre o assunto, grau de cursos linguísticos utilizados , grau de integração dos usuários).

A coerência tem a ver com a boa formação em termos da interlocução comunicativa, que determina não só a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também, com frequência, qual sentido se estabelece.

Não se deve pensar que a questão de estabelecimento de sentido esteja apenas do lado receptor. A questão é mesmo de interação.

Van Dijk e Kintsch falam de coerência local, referente a parte do texto ou a frases ou a sequência de frase dentro do texto; e em coerência global, que diz respeito ao texto em sua totalidade. Já mostramos que a coerência do texto é global. A coerência local advém do bom uso dos elementos da língua em sequências menores, para expressar sentidos que possibilitem realizar uma intenção comunicativa. Incoerências locais advêm do mau uso desses mesmos elementos linguísticos para o mesmo fim. Ao se construir um texto, é preciso cuidado, pois o acúmulo de incoerências locais pode tornar o todo do texto incoerente.

Van Dijk e Kinstich (1983) mencionam diversos tipos de coerência:

- Coerência semântica, que se refere à relação entre significados dos elementos das frases em sequência em um texto ou entre os elementos do texto como um todo.
- Coerência sintática, que se refere aos meios sintática para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos.

A coerência sintática nada mais é do que um aspecto da coesão que pode auxiliar no estabelecimento da coerência.

- Coerência estilística, pela qual um usuário deveria usar em seu texto elementos linguísticos, (léxico, tipos de estruturas, frases, etc.) pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico.
- Coerência pragmática, que tem a ver com o texto visto como uma sequência de atos de fala. Estes são relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem devem satisfazer as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa. Caso contrário temos incoerência.

A divisão da coerência em tipo tem o mérito de chama a atenção para diferentes aspectos daquilo que chamamos de coerência: o semântico, o pragmático, o estilístico e o sintático.

Mas é preciso ter sempre em mente que a coerência é um fenômeno que resulta da ação conjunta de todos esses níveis e de sua influência no estabelecimento do sentido do texto, uma vez que a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade do texto, caracterizado por tudo do que o processo aí implicado possa depender inclusive a própria produção do texto, na medida em que o produtor do texto quer que seja entendido e o constitui para isso, excetuadas situações muito especiais.

### **Relação Entre Coerência E Coesão**

A coerência é subjacente, tentacular, reticulada, não-linear, mas, como bem observa Charolles, se relaciona com a linearidade do texto. Isto quer dizer que a coerência se relaciona com a linearidade do texto. Isto quer dizer que a coerência se relaciona com a coesão do texto, pois por coesão se entende a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual.

A coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, o que lhe dá um caráter linear, uma vez que se manifesta na organização sequencial do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, mas também semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto, como na chamada coesão referencial.

Há duas grandes modalidades de coesão: a coesão remissiva ou referencial e a coesão sequencial. A coesão referencial é a que se estabelece entre dois ou mais componentes da superfície textual que remetem a (ou permitem recuperar) um mesmo referente (que pode, evidentemente, se acrescido de outros traços que se lhe vão agregando textualmente). Ela é obtida por meio de dois mecanismos básicos.

- Substituição: anáfora, catáfora.
- Reiteração: se faz através de sinônimos, de hiperônimos, de nomes genéricos, de expressões nominais definidas, de repetição do mesmo item lexical, de nominalizações.

A coesão sequencial também se faz através de dois procedimentos: a recorrência e a progressão.

A sequenciação por recorrência (ou parafrástica) é obtida pelos seguintes mecanismos: recorrência de termos, de estruturas (o chamado paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais (ritmos, rima, aliteração, eco, etc), de aspectos e tempos verbais.

A coesão sequencial por progressão (ou frástica) é feita por mecanismos que possibilitam:

- A manutenção temática;
- Os encadeamentos, que podem se dar por justaposição ou conexão.

A relação da coesão com a coerência existe porque a coerência é estabelecida a partir da sequência linguística que constitui o texto, isto é, os elementos da superfície linguística que servem de pistas, de ponto de partida para o estabelecimento da coerência. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na interpretação dos textos, porque surge como uma manifestação superficial da coerência no processo de produção desses mesmos textos.

Embora a coesão auxilie no estabelecimento da coerência, ela não é garantia de se obter um texto coerente. Observa Charolles, os elementos linguísticos da coesão não são nem necessários, nem suficientes para que a coerência seja estabelecida.

Como a coesão não é necessária, há muitas consequências linguísticas com poucos ou nenhum elemento coesivo, mas que constituem um texto porque são coerentes e por isso têm o que se chama de textualidade.

Como a coesão não é suficiente, há sequências linguísticas coesas, para as quais o receptor não pode ou dificilmente consegue estabelecer um sentido global que as faça coerentes.

O mau uso dos elementos linguísticos de coesão pode provocar incoerências locais pela violação de sua especificidade de uso e função. Às vezes também ocorre um tipo de incoerência porque o não uso de elementos necessários calcula-la de forma mais direta causa um estranhamento da sequência pelo receptor. A separação entre coesão e coerência não é tão nítida, a coesão tem relação com a coerência na medida em que é um dos fatores que permite calcula-la e, embora do ponto de vista analítico seja interessante separá-las, distingui-las, cumpre não esquecer que são duas faces do mesmo fenômeno.

## **Coerência, Texto E Linguística Do Texto**

### **Coerência e texto**

É a coerência que faz com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um texto, porque é a coerência, através de vários fatores, que permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da sequência (morfemas, palavras, expressões, frase, parágrafos, capítulos, etc), permitindo construí-la e percebê-la, na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. Portanto, é a coerência que dá textura ou textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade.

A coerência dá origem a textualidade, o que responde a primeira questão. A coesão é apenas um dos fatores de coerência, que contribui para a constituição do texto enquanto tal, representando fatos de face linguística da coerência, mas não sendo nem necessária, nem suficiente para converter uma sequência linguística da coerência, mas não sendo nem necessária, nem suficiente para converter uma sequência linguística em texto. A coesão não dá textualidade é a coerência que faz isso.

Para Beaugrande e Dressler, para quem a coerência é definida em função da continuidade de sentidos há sequências linguísticas incoerentes, que seriam aqueles em que o receptor não consegue descobrir qualquer continuidade de sentido. Marcuschi e mesmo Fávero e Koch falam na existência de textos incoerentes.

Já Charolles afirma que as sequências de frases não são coerentes ou incoerentes em si. Para Charolles não há texto incoerente em si. Charolles admite o tipo de incoerência que já referimos com o nome de incoerência local e que pode resultar do uso inadequado de elementos linguísticos, violando seu valor e função.

Bernárdez, ao falar do processo de criação de um texto coerente, propõe que ele se dá em três fases e que, em cada uma delas, podem ocorrer falhas causadoras de incoerência em determinados casos:

- Na primeira fase, o produtor do texto tem uma intenção comunicativa.

- Na segunda fase, o produtor do texto desenvolve um plano global que lhe possibilite conseguir que seu texto cumpra sua intenção comunicativa, ou seja, tenha êxito face a todos os fatores envolvidos.
- Na terceira fase, o produtor realiza as operações necessárias para expressar verbalmente o plano global, de maneira que, através das estruturas superficiais, o produtor seja capaz de reconstituir ou identificar a intenção comunicativa.

Não existe o texto incoerente em si, mas que o texto pode ser incoerente em/para determinada situação comunicativa. Assim, ao dizer que um texto é incoerente, temos que especificar as condições de incoerência.

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta intenção comunicativa, objetivos, destinatário, regras socioculturais, outros elementos da situação, uso dos recursos linguísticos, etc. Caso contrário, será coerente.

O mau uso de elementos linguísticos e estruturais cria incoerências no nível local. O produtor do texto, em função de sua intenção comunicativa, levando em conta todos os fatores da situação e usando seu conhecimento linguístico, de mundo, etc., constrói o texto, cuja superfície linguística é constituída de pistas que permitem ao receptor calcular o (um) sentido do texto, estabelecendo sua coerência, através da consideração dos mesmos fatores que o produtor e usando os mesmos recursos.

A coerência não é nem característica do texto, nem dos usuários do mesmo, mas está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação comunicativa. Tendo em vista:

- A coesão é uma manifestação da coerência na superfície textual;
- Os elementos linguísticos da superfície do texto funcionam como pistas que o produtor do texto escolheu em função de sua intenção comunicativa e do(s) sentido(s) que desejava que o receptor do texto fosse capaz de recuperar – pode-se esperar que diferentes tipos de textos apresentem diferentes modos, meios e processos de manifestação da coerência na superfície linguística.

Diferentes tipos de textos têm diferentes esquemas estruturais que, na Linguística Textual, recebem o nome de superestruturas. Narrativos, descritivos, dissertativos, líricos, ficção, dramáticos, poéticos e prosas. O conhecimento ou não, a utilização ou não das características de superestrutura de cada tipo pode auxiliar ou dificultar o estabelecimento de coerência.

Os estudos da coerência e coesão nos textos orais, em comparação com os textos escritos, os usuários utilizam recursos diferenciados na superfície linguística, de modo que sua coerência tem de se estabelecer e ser julgada por mecanismos e critérios diversos dos utilizados para o texto escrito, sob pena de incorrerem em falhas de julgamento.

### **Coerência e Linguística Do Texto**

Quando a linguística começou a tomar o texto como unidade de estudo, os estudiosos, acreditando na existência de textos e não-textos, propuseram a formulação de uma gramática do texto. Com a evolução dos estudos que não existe a sequência linguística incoerente em si e, portanto, não existe o não texto.

Passou-se à construção de uma Teoria do texto ou Linguística do Texto, que é dizer a boa ou má formação dos textos, mas permitir representar os processos e mecanismos de tratamentos dos dados textuais que os usuários põem em ação quando buscam interpretar uma sequência linguística, estabelecendo o seu sentido e, portanto, calculando sua coerência.

Tais processos e mecanismos, em sua atuação, sofrem restrições que obedecem a determinações psicológicas e cognitivas, socioculturais, pragmáticas e linguísticas. Por isso, o estudo da produção, compreensão e coerência textuais tornou-se um campo inter e pluridisciplinar. Charolles cabe aos linguistas “delimitar, na constituição e composição textuais, qual é a parte e a natureza das determinações (que referimos no parágrafo anterior) que resultam dos diferentes meios que existem na diferentes línguas, para exprimir a continuidade ou a sequência do discurso”.

O linguista deve, assim, fazer “a análise das marcas de relação entre as unidade de composição textual que a língua usa para resolver, o melhor possível, os problemas de interpretação que seu uso possa gerar. Isto para além da generalidade dos processos psico e sociocognitivos que intervêm na interpretação (da coerência) do discurso”.

### **Fatores De Coerência**

A construção da coerência decorre de uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais .

### **Elementos Linguísticos**

É indiscutível a importância dos elementos linguísticos do texto para o estabelecimento da coerência. Esses elementos servem como pistas para ativação dos conhecimentos armazenados na memória , constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto. Todo o contexto linguístico – ou co-texto – vai contribuir de maneira ativa na construção da coerência.

### **Conhecimento de Mundo**

O nosso conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência.

Armazenando os conhecimentos, modelos cognitivos.

- Os frames armazenados sob um certo “rótulo”.
- Os esquemas em sequência temporal ou causal.
- Os planos como agir para atingir determinado objetivo
- Os scripts modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem;
- As superestruturas ou esquemas textuais – conjunto de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, que vão sendo adquiridos à proporção que temos contanto com esses tipos e fazemos comparações entre eles.

É o nosso conhecimento de mundo que nos faz considerar estranho o texto. É a partir dos conhecimento que temos que vamos construir u modelo do mundo representado em cada texto – é o universo (ou modelo) textual. Para que possamos estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o nosso conhecimento de mundo , pois , caso contrário, não teremos condições de construir o universo textual dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido.

### **Conhecimento Compartilhado**

É preciso que o produtor e receptor de um texto possuam , ao menos uma boa parcela de conhecimentos comuns.

Os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores constituem a informação “velha” ou dada, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação nova trazida pelo texto. Para que um texto seja coerente, é preciso haver um equilíbrio entre informação dada e informação nova.

- Constituem o co-texto;
- Aquele que fazer parte do contexto situacional
- Aqueles que são do conhecimento geral em dada cultura

- As que remetem ao conhecimento comum do produtor e do receptor.

O contexto (linguístico e situacional) permite desfazer a ambiguidade de termos e expressões da língua.

### **Inferências**

Inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar; ou, então, entre segmentos de textos e os conhecimentos necessários para a sua compreensão.

### **Fatores De Contextualização**

Os fatores de contextualização são aqueles que “ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada.

Segundo Marcushi podem ser de dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos e os prospectivos ou prospectivos. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre, etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência.

Sem os elementos contextualizadores, fica difícil decodificar a mensagem. Também em documentos, correspondência oficial e outros textos do gênero, o timbre, o carimbo, a data, a assinatura serão de extrema importância, servindo, inclusive, para fé ao texto.

Entre os fatores gráficos, temos: disposição na página, ilustrações, fotos, localizações no jornal (caderno, página), que contribuem para a interpretação do texto.

Os fatores prospectivos ou prospectivos são aqueles que avançam expectativas sobre o conteúdo – e também a forma – do texto: título, autor, início do texto.

A leitura (compreensão) de um texto é uma atividade de solução de problemas. Ao descobrirmos a solução final, teremos estabelecido a coerência do texto.

### **Situacionalidade**

A Situacionalidade, outro fator responsável pela coerência, pode ser vista atuando em duas direções:

- Da situação para o texto
- Do texto para a situação
- Da situação para o texto – trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção recepção do texto e , portanto no estabelecimento da coerência., o contexto imediato da interação, o contexto sociopolítico-cultural em que a interação está inserida.
- Ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: grau de formalidade, variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, etc.
- O lugar e o momento da comunicação, as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns do outros, os papéis que desempenham, seus pontos de vista , o objetivo da comunicação.
- Do texto para a situação – também o texto tem reflexos importantes sobre a situação comunicativa: o mundo textual não é jamais idêntico ao mundo real. O produtor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças, etc.
- Os referentes textuais não são idênticos ao do mundo real, mas são construídos no interior do texto. O receptor, por sua vez, interpreta o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos, as suas convicções – há sempre uma mediação entre o mundo real e o mundo textual.

Na construção da coerência , a situacionalidade exerce um papel de relevância. Um texto que é coerente em dada situação pode não sê-lo em outra: daí a importância da adequação do texto à situação comunicativa.

### **Informatividade**

Diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Um texto será tanto menos informativo se contiver apenas informação previsível ou redundante, seu grau de informatividade será baixo; se contiver, além da informação de um texto for inesperada ou imprevisível, ele terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

O grau máximo de informatividade é comum na literatura e na linguagem metafórica em geral.

Mas também são frequentes, tanto em texto poéticos como em textos publicitários ou manchetes jornalísticas.

É a informatividade que vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade, dependendo da intenção do produtor de construir um texto mais ou menos hermético, mais ou menos polissêmico, ou que está, evidentemente, na dependência da situação comunicativa e do tipo de texto a ser produzido.

### **Focalização**

A focalização tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento, bem como com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando. Diferenças de focalização podem causar problemas sérios de compreensão, impedindo, por vezes, o estabelecimento da coerência.

A mesma palavra poderá ter sentido diferente, dependendo da focalização. No caso de palavras homônimas, a focalização comum dos interlocutores permitirá apreender o sentido do termo naquela situação específica. A focalização determina também, em dados casos, o uso adequado de certos elementos linguísticos. Um dos mais importantes meios de evidenciar a focalização é o uso do que chamamos de descrições ou expressões definidas, isso é, grupos nominais introduzidos por artigo definido (ou por demonstrativos). Tais expressões selecionam, dentre as propriedades e características do referente, aquelas sobre as quais se deseja chamar a atenção.

O título do texto é, em grande parte dos casos, responsável pela focalização. Como já vimos anteriormente ativa e/ou seleciona conhecimentos de mundo que temos arquivados na memória, avançando expectativas sobre o conteúdo do texto.

### **Intertextualidade**

Outro importante fator de coerência é a intertextualidade, na medida em que, para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. A intertextualidade pode ser de forma ou de conteúdo.

A intertextualidade de forma ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados gêneros de discurso. Um subtipo de intertextualidade formal é a intertextualidade tipológica, que também é importante para o processamento adequando do texto.

Os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob forma de blocos – os modelos cognitivos globais, entre os quais estão as superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura. Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explícita ou implícita.

Intertextualidade implícita não se tem indicação de fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la; do contrário, não será capaz de captar a significação im-

plícita que o produtor pretende passar. Não havendo indicação da fonte do texto original, caberá receptor, através de seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem.

O reconhecimento do texto fonte e dos motivos de sua reapresentação, no caso da intertextualidade implícita, é como se vê, de grande importância para a construção de sentido de um texto.

### **Intencionalidade e Aceitabilidade**

O produtor de um texto tem, necessariamente, determinados objetivos ou propósitos, que vão desde a simples intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até a de leva-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira. A intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados.

A aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade. Já se disse que, segundo o Princípio Cooperativo de Grice, o postulado básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio de linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do(s) interlocutor(s), partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc.

A intencionalidade tem relação estreita com o que se tem chamado de argumentatividade. Se aceitamos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma “cópia” do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem. A argumentatividade manifesta-se nos textos por meio de uma série de marcas ou pistas que vão orientar os seus enunciados no sentido de determinadas conclusões.

Entre estas marcas encontram-se os tempos os tempos verbais, os operadores e conectores argumentativos, os modalizadores, entre outros.

A partir dessas marcas, como também das inferências e dos demais elementos construtores da textualidade, o receptor construirá a sua leitura, entre aquelas que o texto, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado, permite. É por isso que todo texto abre a possibilidade de várias leituras.

### **Consistência E Relevância**

De acordo com Giora, dois requisitos básicos para que um texto possa ser tido como coerente são a consistência e a relevância.

A condição de consistência exige que cada enunciado de um texto seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros dentro de um mesmo mundo ou dentro dos mundos representados no texto.

O requisito da relevância exige que o conjunto de enunciados que compõe o texto seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

A relevância tópica é outro fator importante da coerência. A coerência não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si, mas sim que ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, em decorrência de todos os fatores aqui examinados.

### **Coerência e Ensino**

O objetivo é registrar alguns pontos fundamentais quando se pergunta em que as análises da linguística sobre coerência, coesão e texto podem auxiliar no trabalho do professor no ensino de língua materna. Lembraremos alguns aspectos que podem ser importantes para a adoção de uma postura metodológica pelo professor. Metodologia, uma questão de postura, ideologia, metas, objetivos e fundamentos e não apenas técnicas de ensino.

Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

A coesão é a manifestação linguística da coerência: advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do textual, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais.

Entre os primeiros estão os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, as conjunções, por exemplo.

Todos esses recursos expressam relações não só entre os elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e sequências de frases dentro de um texto.

### **Fatores Importantes Para Obter Coerência Em Um Texto**

- Intencionalidade – ela exige do produtor a construção de um discurso coerente e coeso, capaz de satisfazer os objetivos em uma determinada situação comunicativa (informar, convencer, pedir, etc).
- Aceitabilidade – dá-se quanto à expectativa de que o receptor tenha acesso a um texto coerente e coeso.
- Situacionalidade – refere-se a que diz respeito à adequação do texto à situação sócio-comunicativo, responsável pela pertinência e relevância do texto.
- Intertextualidade – para isso o texto deve interagir com outros textos que funcionam oco seu contexto

### **Os Fatores Pragmáticos Da Textualidade**

Entre os cinco fatores pragmáticos estudados por Beaugrande e Dressler (1983), os dois primeiros se referem aos protagonistas do ato de comunicação: a intencionalidade e a aceitabilidade.

A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc., e é ela que vai orientar a confecção do texto.

Em outras palavras, a intencionalidade diz respeito ao valor ilocutório do discurso, elementos da maior importância no jogo de atuação comunicativa.

O outro lado da moeda é a aceitabilidade, que concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

Grice (1975. 1978) estabelece máximas conversacionais, que seriam estratégias normalmente adotadas pelos produtores para alcançar a aceitabilidade do receptor.

Tais estratégias se referem à necessidade de cooperação (no sentido de o produtor responder aos interesses de seu interlocutor) e à qualidade (autenticidade), quantidade (informatividade), pertinência e relevância das informações, bem como à maneira como essas informações são apresentadas (precisão, clareza, ordenação, concisão, etc).

### **Informatividade**

O texto com bom índice de informatividade tem que apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende.

Não é possível nem desejável que o discurso explicita todas as informações necessárias ao seu processamento, mas é preciso que ele deixe inequívocos todos os dados necessários à sua compreensão aos quais o receptor não conseguirá chegar sozinho.

### Focalização

A focalização que tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual. Seria como uma câmera que acompanhasse tanto o produtor como o receptor no momento em que um texto é processado.

O primeiro fornece ao segundo determinadas pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o segundo terá de recorrer a crenças e conhecimentos compartilhados sobre o que está sendo focalizado, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem), de modo adequado.

### Fatores Da Contextualização

Os fatores de contextualização que “ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada; a situacionalidade, como outro fator responsável pela coerência, e que pode ser vista atuando em duas direções: a) da situação para o texto; b) do texto para a situação; a informatividade que interfere na construção da coerência no que diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto;

### Intencionalidade E Aceitabilidade

A intencionalidade e a aceitabilidade: a primeira refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados; a segunda constitui a contraparte da intencionalidade que, por sua vez, tem relação estreita com o que se tem chamado de argumentatividade.

A obra expõe a constituição dos sentidos nos textos e seus fatores, tais como os elementos linguísticos, o conhecimento do mundo, as inferências e a situação. Um de seus capítulos é dedicado ao registro de como a análise da coerência textual pode auxiliar no trabalho do professor no ensino da língua e em sala de aula.

Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

### Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso realizado entre textos, ou seja, é a influência e relação que um estabelece sobre o outro. Assim, determina o fenômeno relacionado ao processo de produção de textos que faz referência (explícita ou implícita) aos elementos existentes em outro texto, seja a nível de conteúdo, forma ou de ambos: forma e conteúdo.

Grosso modo, a intertextualidade é o diálogo entre textos, de forma que essa relação pode ser estabelecida entre as produções textuais que apresentem diversas linguagens (visual, auditiva, escrita), sendo expressa nas artes (literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema), propagandas publicitárias, programas televisivos, provérbios, charges, dentre outros.

### Tipos De Intertextualidade

Há muitas maneiras de realizar a intertextualidade sendo que os tipos de intertextualidade mais comuns são:

- **Paródia:** perversão do texto anterior que aparece geralmente, em forma de crítica irônica de caráter humorístico. Do grego (parodès) a palavra “paródia” é formada pelos termos “para” (semelhante) e “odes” (canto), ou seja, “um canto (poesia) semelhante à outra”. Esse recurso é muito utilizado pelos programas humorísticos.

- **Paráfrase:** recriação de um texto já existente mantendo a mesma ideia contida no texto original, entretanto, com a utilização de outras palavras. O vocábulo “paráfrase”, do grego (paraphrasis), significa a “repetição de uma sentença”.

- **Epígrafe:** recurso bastante utilizado em obras, textos científicos, desde artigos, resenhas, monografias, uma vez que consiste no acréscimo de uma frase ou parágrafo que tenha alguma relação com o que será discutido no texto. Do grego, o termo “epígrafhe” é formado pelos vocábulos “epi” (posição superior) e “graphé” (escrita). Como exemplo podemos citar um artigo sobre Patrimônio Cultural e a epígrafe do filósofo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.): “A cultura é o melhor conforto para a velhice”.
- **Citação:** Acréscimo de partes de outras obras numa produção textual, de forma que dialoga com ele; geralmente vem expressa entre aspas e itálico, já que se trata da enunciação de outro autor. Esse recurso é importante haja vista que sua apresentação sem relacionar a fonte utilizada é considerado “plágio”. Do Latim, o termo “citação” (citare) significa convocar.
- **Alusão:** Faz referência aos elementos presentes em outros textos. Do Latim, o vocábulo “alusão” (alludere) é formado por dois termos: “ad” (a, para) e “ludere” (brincar).

Outras formas de intertextualidade são o **pastiche**, o **sample**, a **tradução** e a **bricolagem**.

### Exemplos

Segue abaixo alguns exemplos de intertextualidade na literatura e na música:

#### Intertextualidade Na Literatura

Fenômeno recorrente nas produções literárias, segue alguns exemplos de intertextualidade.

O poema de Casimiro de Abreu (1839-1860), “**Meus oito anos**”, escrito no século XIX, é um dos textos que gerou inúmeros exemplos de intertextualidade, como é o caso da paródia de Oswald de Andrade “Meus oito anos”, escrito no século XX:

#### Texto Original

“Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!”

(Casimiro de Abreu, “Meus oito anos”)

#### Paródia

“Oh que saudades que eu tenho  
Da aurora de minha vida  
Das horas  
De minha infância  
Que os anos não trazem mais  
Naquele quintal de terra!  
Da rua de Santo Antônio  
Debaixo da bananeira  
Sem nenhum laranjais”

(Oswald de Andrade)

Outro exemplo é o poema de Gonçalves Dias (1823-1864) intitulado Canção do Exílio o qual já rendeu inúmeras versões. Dessa forma, segue um dos exemplos de paródia, o poema de Oswald de Andrade (1890-1954), e de paráfrase com o poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987):

**Texto Original**

“Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá,  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.”

(Gonçalves Dias, “Canção do exílio”)

**Paródia**

“Minha terra tem palmares  
onde gorjeia o mar  
os passarinhos daqui  
não cantam como os de lá.”

(Oswald de Andrade, “Canto de regresso à pátria”)

**Paráfrase**

“Meus olhos brasileiros se fecham saudosos  
Minha boca procura a ‘Canção do Exílio’.  
Como era mesmo a ‘Canção do Exílio’?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Ai terra que tem palmeiras  
Onde canta o sabiá!”

(Carlos Drummond de Andrade, “Europa, França e Bahia”)

**Intertextualidade Na Música**

Há muitos casos de intertextualidade nas produções musicais, veja alguns exemplos:

A música “**Monte Castelo**” da banda legião urbana cita os versículos bíblicos 1 e 4, encontrados no livro de Coríntios, no capítulo 13: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine” e “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece”. Além disso, nessa mesma canção, ele cita os versos do escritor português Luís Vaz de Camões (1524-1580), encontradas na obra “Sonetos” (soneto 11):

“Amor é um fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói, e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.  
É um não querer mais que bem querer;  
É um andar solitário entre a gente;  
É nunca contentar-se e contente;  
É um cuidar que ganha em se perder;  
É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata, lealdade.  
Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?”

Igualmente, a música “**GoBack**” do grupo musical Titãs, cita o poema “Farewell” do escritor chileno Pablo Neruda (1904-1973):

“Ya no se encantarán mis ojos en tus ojos,  
ya no se endulzará junto a ti mi dolor.  
Pero hacia donde vaya llevaré tu mirada  
y hacia donde camines llevarás mi dolor.”

Fui tuyo, fuiste mía. ¿Qué más? Juntos hicimos un recodo en la ruta donde el amor pasó.  
Fui tuyo, fuiste mía. Tú serás del que te ame, del que corte en tu huerto lo que he sembrado yo.  
Yo me voy. Estoy triste: pero siempre estoy triste.  
Vengo desde tus brazos. No sé hacia dónde voy.  
...Desde tu corazón me dice adiós un niño.  
Y yo le digo adiós."

### **Informação E Informatividade**

A definição de "informatividade é usualmente utilizada pela literatura, que destaca o fato de que a compreensão de um texto depende do conhecimento de outros textos" Val (1991, p.15). Na opinião de Beaugrande e Dressler (1981), a informatividade diz respeito à quantidade de prever a informação. Os conceitos de ambos os autores se complementam quando refletem que, para o indivíduo ter acesso à informatividade, precisa ter dados suficientes para entender a informação.

A comunicação é o processo pelo qual os seres humanos trocam entre si informações, e, por mais simples que pareça, necessita de elementos para o ato comunicativo entre o emissor, o receptor e a mensagem.

A escolha do que é informativo ou não na formação dos sistemas de informação não é algo simples, porque o conhecimento e a extensão das tarefas divergem quanto às circunstâncias que as juntam; alguns domínios "têm alto grau de consenso e critérios de relevância explícitos", outros "têm paradigmas diferentes, conflitantes ..." (CAPURRO e HJORLAND, 2007).

### **A Informação e o Conhecimento**

Como afirma Mañas (2002, p.47), "quando um estabelecimento apresenta problemas e procura suas causas, certamente irá encontrar falhas e problemas de comunicação e informação". A informação é um meio essencial para qualquer estabelecimento, seja rural ou urbano.

Existe uma emergencial necessidade de criação de uma nova área da administração, a de gerir informações, mas, com maior precisão, a gestão estratégica da informação. Surge também a nova classe de problemas a formular e resolver, baseados nesse recurso estratégico, que é a informação. O que dá a entender que um grande número dos responsáveis pelos estabelecimentos não está preparado para tratar especificamente a informação como instrumento em si, e menos ainda para gerenciá-la, considerando-a como ferramenta estratégica.

A informação também é empregada em muitos estabelecimentos como instrumento ou ferramenta de gestão. No entanto, a administração efetiva de uma organização necessita da precisão dos valores da informação e dos sistemas de informação.

Para permitir que a informação tenha valor, é preciso deixar claros os meios capazes de avaliá-la, o que não é uma tarefa fácil. Entre algumas maneiras, utilizamos o juízo de valor, que, apesar de não ser determinado, julga-se que o valor altera com o tempo e a perspectiva. Em certos casos, é negativo, como acontece com o exagero da quantidade na informação.

Sob essa perspectiva, segundo Moresi apud Cronin (2000), o valor da informação pode ser assim classificado:

§ valor de uso: fundamentar-se na última utilização que se fará com a informação;

§ valor de troca: quem a utiliza está consciente de que pagará, sabendo que o valor variará conforme as leis de oferta e demanda, podendo ser chamado de valor de mercado;

§ valor de propriedade, que denota o custo substitutivo de um bem;

§ valor de restrição, que ocorre no caso de informação sigilosa ou de interesse do mercado, quando o uso fica limitado apenas a alguns indivíduos.

Muitas vezes não é possível determinar o valor da informação, porém é estabelecida uma equivalência a uma soma em dinheiro. Sendo um bem abstrato e intangível, seu valor estará vinculado a um contexto. Então, os valores de uso e de troca podem ser úteis na determinação de uma provável igualdade de valor da moeda, tornando atrativa a qualidade da informação para a mensuração monetária.

Segundo Mañas (2002), para produzir informações e conhecimento, na propriedade rural, é preciso habilitar o produtor agrícola que conduzirá o processo das informações e o gerenciamento da propriedade, o que é primordial para a correta tomada de decisões; esta depende principalmente das fontes (origens) utilizadas e de como as informações fluem dentro e fora da propriedade agrícola. A adaptação da propriedade rural ao mercado consumidor é de fundamental importância para alcançar os resultados, e são várias as características de uma propriedade para se adaptar ao mercado, como a escolha das melhores culturas, diversificação agrícola e utilização de sistemas produtivos, pois são inovações que têm como objetivo maior tornarem-se competitivas para atingir os resultados em curto espaço de tempo.

Temos como fatores da propriedade rural ideal: o retorno financeiro a curto prazo e a sobrevivência a longo prazo; segmentos determinados, saber como proceder no mercado; estar preparado para se adequar à mudança de ambiente e de aprendizagem para atingir o objetivo almejado.

Para que haja o crescimento e o desenvolvimento de um estabelecimento, é necessário que a qualidade da informação seja gerada no momento certo, e transmitida de forma correta, portanto dominar a informação será determinante para a sobrevivência do estabelecimento.

Davenport (1998, p. 173) trata a gestão da informação como um processo definido por "um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como os estabelecimentos obtêm, distribuem e usam a informação e o conhecimento".

Contudo, o processo de gestão da informação em estabelecimentos, segundo Davenport (1998), deve buscar melhorias e constante aperfeiçoamento, pode também fazer uso da abordagem da qualidade voltada para o treinamento das pessoas porque são elas que vão conduzir o processo.

É pela informação que os processos de tomada de decisão contribuem para que se obtenham os resultados esperados, esses procedimentos favorecem a produção, alcançando maior desempenho pelo uso do conhecimento.

Para Davenport (1998, p.19), o "conhecimento é a informação mais valiosa (...) é valiosa precisamente porque alguém deu à informação um contexto, um significado, uma interpretação (...)". O conhecimento pode ser pensado como a informação processada pelas pessoas.

O valor associado à informação está sujeito aos conhecimentos anteriores desses indivíduos. Sendo assim, obtemos conhecimento pelo emprego da informação em nossas atividades. Contudo, o conhecimento não pode ser desvinculado das pessoas; ele tem rigorosamente relação com sua percepção, é o que reúne em códigos e os decodifica, distorce e usa a informação conforme suas características individuais, ou de acordo com seus exemplos intelectuais.

Na busca para obter informações, Davenport (1998, p. 181) fragmenta essa procura em quatro atividades, constituídas por: exploração; classificação; formatação e estruturação de informações. E, ainda, segundo ele, não existem exigências na sequência da execução dessas atividades.

Como ressalta Davenport (1998, p. 184), "o melhor ambiente de exploração, claro, é aquele no qual todos executam a coleta de dados e depois compartilham as informações obtidas".

A próxima etapa estabelecida é a coleta de informações e classificação da informação; essa fase é que determina a maneira de acesso à informação pelo usuário, trata-se de uma tarefa que implica grande utilização de mão de obra.

A formatação e a estruturação das informações é a ocasião que se destina à melhor exposição da informação, de maneira que seja mais segura, conseqüentemente, mais aceita e utilizada com maior confiabilidade. Distribuição é o processo que formata e reúne emissor e receptor da informação; a conjuntura efetiva da disposição, depende do desempenho funcional dos processos. Davenport

(1998, p. 189) considera que "definir as exigências informacionais de uma organização ajuda a aumentar a consciência de que a informação é valiosa; o formato correto torna mais fácil a distribuição". Faz-se necessária uma boa elaboração de estratégias para disseminação da informação, além da conscientização quanto às limitantes na transferência da informação; essa preocupação é resultado das restrições quanto à disseminação das informações, comprometendo, muitas vezes, a constante troca de conhecimentos. De acordo com Davenport (1998), o tratamento para a obtenção da informação, busca, como principal objetivo, adquirir o conhecimento pela informação.

Luckesi (1996) procura chegar próximo da questão: o que é conhecimento? Escolhe responder, declarando que conhecimento é a exposição ou o esclarecimento da realidade, e passa por um trabalho de pesquisa para descobrir aquelas coisas que estão ocultas, que ainda não foram entendidas. Após a compreensão de sua maneira de ser, o objeto é considerado conhecido. Obter conhecimento não é entender a realidade guardando informações, mas empregá-las utilmente para descobrir o novo e continuar, porque quanto maior for o entendimento do mundo mais importante será a influência do indivíduo que o detém.

A produção de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do ser humano elaborada por meio de suas capacidades cognitivas, ou seja, é uma mudança em seu depósito mental de saber acumulado, resultado de uma influência com a forma de informação. Na reconstrução, pode mudar o modo de conhecimento do indivíduo, ou porque cresce seu conteúdo de saber acumulado, ou por sedimentar o conhecer já guardado, porque reformula a experiência anterior armazenada.

Na opinião de Miranda (1999), a divisão do conhecimento se dá pelos seguintes aspectos:

§ conhecimento explícito é a união de informações já evidenciadas em algum apoio didático (livros, documentos, revistas), o que determina o saber acessível sobre determinado tema;

§ conhecimento tácito é a junção do saber prático sobre um assunto específico, que reúne certezas, crenças, sentimentos, emoções, opiniões e outros fatores relacionados à experiência e à individualidade de quem o detém;

§ O conhecimento estratégico é a harmonia entre o conhecimento explícito e o tácito, formado a partir das informações estratégicas e de acompanhamento, agregando-se ao conhecimento de especialistas.

Para Bio (1995), certamente, o objetivo do planejamento e o controle das informações é a tomada de decisões, porque estas necessitam de informações relevantes, cujo teor deve ser adequado e seguro, devendo haver uma reflexão, dos administradores, sobre os processos decisórios e a elaboração de um sistema de informação que levem em conta esses processos de decisão de forma integrada e precisa, não deixando as partes que compõem o todo sem a devida associação.

A informação por si só, de forma fragmentada, em apenas determinadas aplicações não terá resultados, faz-se necessária a utilização dos sistemas de informação para tornar o uso da informação completo, porque sua abrangência são todas as unidades produtivas.

## **Intencionalidade,**

### **I. Intencionalidade: Caracterização Mais Geral Possível**

Pretendo abordar o tema da intencionalidade e algumas de suas implicações, tarefa que, reconheço, não é das mais amenas em filosofia. Partirei assim da idéia-força de Franz Brentano sobre a natureza dos estados psicológicos, idéia em evidência junto à escola analítica desde a década de 60: em sua enunciação, a idéia não oferece dificuldade de compreensão: tudo aquilo que se dirige, é sobre, faz alusão, menção ou referência a alguma coisa possui a propriedade da intencionalidade.

A idéia de intencionalidade tem importância e repercussão ampla para os estudo em filosofia da mente e da linguagem, pois (a) propõe um critério para distinguirmos entre o que é mental e o que não e (b) gera implicações lógicas para a compreensão dos processos cognitivos e comunicativos.

Esta caracterização diz respeito ao que os estados mentais são, às suas condições de individuação e reconhecimento, que os distingue dos fenômenos físicos. Não se pode falar da grande maioria dos fenômenos mentais ou das representações, sejam lá de que tipo forem, intransitivamente, ou seja,

sem relacioná-los ao que se dirigem: se  $x$  representa,  $x$  representa alguma coisa; se dissermos que um indivíduo pensa, estamos dizendo implicitamente que pensa em algo; quando dizemos que alguém acredita, que acredita em algo, e assim quando vê ou ouve. Uma crença é uma crença porque concerne à propriedade de um objeto ou a uma relação entre objetos. Da mesma forma, um desejo, uma intenção, um temor, uma expectativa, etc....

A intencionalidade parece ser uma propriedade — talvez a propriedade essencial — do conjunto de todas as representações (proferimentos linguísticos, gestos, sinalizações e figuras). Daí se segue que (a) o problema teórico das representações é idêntico ao problema teórico da intencionalidade e (b) que há uma conexão necessária entre teorias sobre a linguagem e representações públicas e teorias sobre fenômenos mentais intencionais.

Disse anteriormente que a propriedade da intencionalidade é ontológica. Vou usar um exemplo simples para ilustrar esse ponto. A distinção entre Nicole Kidman e quaisquer de suas representações possíveis é inequívoca. A fotografia de Nicole Kidman é sobre um determinado indivíduo, mas Nicole Kidman não é sobre nada. Não ser sobre nada é a propriedade conversa da intencionalidade.

Esta diferença entre aquilo que é representado e aquilo que representa não se dissipa quando constatamos que uma representação pode ser sobre uma outra representação. Existem relações intencionais entre representações, digamos, relações intencionais de segunda ordem, nas quais uma representação ( $r$ ) é sobre outra representação ( $r'$ ). Nesse caso, a representação representada passa a ser um objeto. Exemplos: Um desenho feito sobre a fotografia do Papa e a nomeação (menção) de uma palavra.

O primeiro caso se compreende imediatamente; o segundo requer duas pequenas explicações, entre usar e mencionar (uso e menção) e entre representações de estados intencionais: uso a palavra cadeira para falar sobre uma cadeira, por exemplo e menciono a palavra cadeira para falar sobre a palavra que uso ou posso usar para falar sobre uma cadeira.

Por exemplo, estou mencionando a palavra “cadeira” quando digo que cadeira é uma palavra da língua portuguesa que designa um certo tipo de objeto normalmente usados como assento. Além disso, uma crença pode ser sobre uma outra crença. Por exemplo, acredito que quando era jovem, acreditava em mudar o mundo. Também aqui a crença na qual eu acreditava é o objeto de minha representação atual.

Há que considerar, nesse ponto, uma outra abordagem do assunto que, podemos dizer, agrega-se ao tema da intencionalidade. Frege dizia que quando falamos das coisas, o fazemos por meio de signos que possuem sentido e referência.

A referência é a própria coisa designada e o sentido é um tipo de objeto abstrato, que ele chamava de modo de apresentação da referência ou pensamento. De qualquer modo, para Frege, o sentido determina a referência. Assim, símbolos, segundo fregianos, são coisas que se referem a outras coisas porque possuem sentido em certos contextos de cognição e fala. Em contextos especiais, como nos chamados contextos intencionais (enunciados nos quais ocorrem verbos como acredita, deseja, etc.s) ou enunciados indiretos (disse, nega, refuta, etc...), símbolos não se referem às próprias coisas sob determinados aspectos, mas a objetos abstratos e complexos chamados por Frege de “sentidos” ou “pensamentos”.

Pensamentos não são psicológicos, na acepção de Frege; são entidades objetivas que existem do mesmo modo que a nota de um real que tenho em meu bolso. A diferença é que pensamentos são entidades relacionadas à linguagem e apenas à linguagem. Essa não é uma questão apenas ilustrativa aqui. Para o que importa entender, Frege dizia que não poderíamos ter acesso diretamente às coisas, que nosso conhecimento delas é sempre dependente de um pensamento, que as determinam, independentemente da existência ou não dessas coisas. E por quê ele dizia isto? Posso dizer que os marcianos congelados em meu quarto são gigantes e você pode dizer a mesma coisa. Logo, aquilo que dizemos expressa um mesmo pensamento, não privativo de nenhum de nós, mas comum a ambos e que pode ser verdadeiro ou falso.

Pensamentos são definidos como entidades objetivas, que podem ser verdadeiras ou falsas. Essa noção é problemática, porque Frege não deslindou suficientemente tal conceito do ponto de vista metafísico. Ele apenas constatou que compartilhamos de pensamentos idênticos e, por isso, essas enti-

dades não são psicológicas. E também constatou que podemos nos referir ao mesmo objeto de modos diferentes. Por exemplo: Nicole Kidman e a ex-mulher de Tom Cruise são a mesma pessoa, mas pensar que Nicole Kidman é a mais bela atriz de Hollywood não é o mesmo que pensar a ex-mulher de Tom Cruise é a mais bela atriz de Hollywood. Afinal, posso saber quem é Nicole Kidman sem saber que ela foi mulher de Tom Cruise.

Wittgenstein, como Russell, chamava os pensamentos de proposições, (e na linha de Frege) disse que essas são definidas pela idéia de funções de verdade. Um enunciado tem sentido porque expressa algum tipo de proposição e essa possui uma mapa que mostra as possibilidades em que pode ser verdadeira ou falsa.

Ele chamava esse mapa de tabela de verdade e pretendia que suas tabelas mostrassem precisamente todas as possibilidades em que enunciados são falsos ou verdadeiros, sem dizer se eles são falsos ou verdadeiros, porque a verdade (com exceção das proposições da própria lógica) são verdadeiras ou não em vista de sua relação com o mundo. Por isto (também) Wittgenstein disse que as proposições da lógica, por terem um mapa que mostra serem sempre verdadeiras, não possuem sentido.

Muitos teóricos definem pensamentos/proposições de formas diferentes: uns o tomam como sendo uma propriedade funcional de uma expressão (a expressão refere-se a algo porque desempenha um determinado papel em inferências com as quais se relaciona). Outros dizem que modos de apresentação não são sentidos, porque sentidos são o que duas expressões sinônimas preservam e existe uma lei da lógica que diz que se substituirmos uma expressão sinônima por outra, numa sentença, o valor de verdade da sentença não se altera.

Mas se Frege estava certo, se você não sabe que Nicole Kidman e a ex-mulher de Tom Cruise são a mesma pessoa, então, para você, a sentença na qual ocorre “Nicole Kidman” pode ser verdadeira e a sentença na qual ocorre “a ex-mulher de Tom Cruise” pode ser falsa. Na perspectiva de Brentano, teríamos dois objetos intencionais distintos. Na de Frege, dois pensamentos distintos sobre o mesmo objeto.

Do ponto de vista intencional, quando dizemos que as palavras “Nicole Kidman” representam alguém determinado, estamos fazendo uso de uma noção intencional primária, estamos nos referindo (por meio de um pensamento ou não) à pessoa mesmo e somente a partir dessa noção de referência a algo é que a noção de intencionalidade de segunda ordem pode ser compreendida.

Ou seja, quando falamos em intencionalidade, fazemos uma distinção entre coisas intrinsecamente intencionais (representações) e coisas intrinsecamente não-intencionais (objetos) que, de algum modo, mantêm relações entre si.

### **A Intencionalidade e a Aceitabilidade Textual.**

Sabemos que todos os textos são uma forma de comunicação e interação verbal, e é através dele que se dá a inter-relação entre o autor e o leitor.

Sempre que se constrói um texto o autor tem como função de entrar num processo que se chama enunciação, onde se coloca todo o seu conhecimento sobre o mundo. Desta forma o autor constrói o texto para que assim, o leitor tenha como função captar suas intenções reais.

O texto é como uma ferramenta de comunicação e assim tem como objetivo, transmitir a principal ideia do autor no seu contexto e no momento, assim havendo a intencionalidade do autor e a aceitabilidade do leitor.

É sempre no ato da leitura que se interpreta e se compreende o que o autor nos quer passar, pois desta forma, o leitor buscará em sua memória tudo que se refere naquele assunto. Assim o leitor irá construir o sentido do texto, após ter feito a leitura, e assim também irá ativar seu conhecimento discursivo.

Para que possa ocorrer a interação entre eles, o leitor tem como função ter um conhecimento básico sobre o que o autor trata no texto, através de seu conhecimento linguístico, enciclopédico, interacionais e de mundo.

De acordo com PCN de Língua Portuguesa (1998, pp.69-70)

“A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência, e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.”

### **A Intencionalidade e a Aceitabilidade**

#### **O que podemos entender como intenção?**

Podemos considerar uma intenção, como um conceito reservado, uma ideia sub - compreendida, como se fosse um propósito disfarçado.

A intencionalidade do autor é tudo aquilo que ele quer expressar através do texto. Para que o autor possa passar sua intenção sobre o texto, ele necessita de um conhecimento de tudo o que ele está escrevendo, porque na construção de um texto, é preciso que o mesmo contenha coerência e coesão, ou seja, ele deve ser um texto coerente e coeso para poder alcançar o objetivo comunicativo, pois em algumas das situações, considera-se necessário que o autor adote uma modelização da linguagem para que assim, obtenha melhor a compreensão do leitor, pois assim, o autor pode utilizar algumas “palavras chave” do mundo em que vive o leitor, dessa forma, o autor demonstra sua preocupação em assimilar-se com sua ideia principal.

Já na aceitabilidade, o leitor necessita um conhecimento prévio para avaliar o texto corretamente, dessa forma, ficando ao seu critério aceitar ou não a intenção real do autor. Pois conseqüentemente, é através de sua interpretação e interação que se pode dar o sentido a leitura, reconhecendo o que há de implícito ou explícito que contenham no texto.

De acordo com Koch, a aceitabilidade é uma contraparte da intencionalidade, pois ele nos deixa claro que para que se haja a aceitação é necessário que o autor, o texto e o leitor, estejam em constante interação.

#### **Aceitabilidade**

Segundo o autor Luiz Carlos Travaglia e Ingedore Grunfeld Kock a aceitabilidade acontece quando duas pessoas estão conversando, ou seja, há um emissor e um receptor, eles procuram compreender um ao outro por meio da ativação dos seus conhecimentos e relacionando com o que lhe foi passado, para entender o sentido do texto. Já segundo os autores Dayane da Silva e Ednéia de Cássia Antonio dos Santos na aceitabilidade há uma relação entre a pessoa que escreve e a que lê, acontecendo entre eles uma cooperação de sentidos, pois o autor explora todos os elementos possíveis para dar coerência ao texto, fazendo com o que o leitor, através deles, ative os seus conhecimentos de mundo e estabeleça uma interpretação.

Dessa forma a aceitabilidade constitui a parte oposta da intencionalidade, pois enquanto a primeira é a ação do emissor em passar para o receptor um texto de acordo com a sua intenção e objetivos. A aceitabilidade é a ação do receptor em associar ao que está sendo lidas alguma coerência e interpretá-lo da forma que achar adequada.

#### **Comunicabilidade**



Comunicabilidade acontece quando uma mensagem é transferida de forma integral, correta, rápida e economicamente. Essa transmissão integral significa que não há ruídos supressivos, deformantes ou concorrentes.

Na transmissão correta há coerência entre a mensagem mandada pelo emissor e pelo receptor. A rapidez supõe que a mensagem seja transmitida de maneira curta sem prolongação e a economia quer dizer transmitir a mensagem da forma mais objetiva possível sem retornos e sem esforços para compreender o que foi dito. Pode-se falar numa comunicabilidade de código e de discurso.

### **Situacionalidade**

A situacionalidade que tem função de adequar um texto a uma situação, ao contexto. Recebe-se que uma situação define e conduz o sentido do discurso, na produção quanto na sua interpretação, por isso que as vezes mesmo um texto com baixa coesão, e pouco claro pode funcionar melhor em uma situação do que outro que seja mas completo.

Uma característica da situacionalidade é que o texto vai ser diretamente interferido na situação, da mesma forma este terá reflexo sobre toda situação, pois o texto não é um simples reflexo do mundo real. o homem deve ser apenas um mediador, com suas próprias ideais e crenças recriando a situação, dessa forma uma situação nunca será descrita da mesma forma por duas pessoas, sempre terá diferença.



Considerado como outro fator responsável pela coerência textual a situacionalidade, pode ser encontrado em duas situações:

#### **A) Da Situação Para O Texto**

No primeiro caso ao construir um texto é importante observar o que é adequado para aquela situação, a exemplo: formalidade, variedade dialetal, ou seja, o dialeto ou linguagem daquela localidade ou região, então trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção e recepção do texto. Deve ser então restrita a comunicação para que haja o melhor entendimento do interlocutor.

#### **B) Do Texto Para A Situação**

Já no segundo caso o texto também apresenta reflexos importantes sobre a situação comunicativa; sendo que dessa vez será do texto para a situação.

Jamais o mundo real será idêntico ao mundo textual, o produtor cria o mundo de acordo com seus pontos de vistas, seus objetivos, propósitos, etc., portanto o texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas sim o mundo tal como ele é visto pelo produtor. Por isso que quando pessoas descrevem o mesmo fato nunca sai com depoimentos iguais.

**A Situacionalidade Pode Ser Considerada Em Duas Direções:**

Da situação para o texto; refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma situação comunicativa podendo ou não ser construída.

Trata-se, de determinar em que medida a situação comunicativa, tanto o contexto imediato da interação, ou seja o entorno sócio-político-cultural em que a interação está inserida na produção do texto, determinando assim os termos a serem escolhidos na construção do texto como por exemplo, grau de formalidade, regras de polidez, variedade, linguística e o tratamento a ser dado ao tema.

Do texto para a situação: o mundo textual não é idêntico ao mundo real, por isso ao construir um texto, o produtor reconstrói o mundo de acordo com suas experiências, seus objetivos e propósitos, demonstrando sua maneira de ver o mundo. O interlocutor interpreta o texto de acordo com seus propósitos e perspectivas, por isso há sempre uma intermediação entre o mundo real e o mundo intertextual.

**Comunicabilidade**

A comunicabilidade é a qualidade da comunicação otimizada, na qual a mensagem devia ser transmitida com clareza, integralidade, rapidez e economia, podendo ser oral ou escrita. A rapidez supõe que se é transmitida pela via, mas curta, a economia presume que não são necessários retornos, esforços para decifrar e compreender, clareza é a eficiência e pureza que a mensagem é transmitida, integridade supõe que não há ruídos supressivos deformantes ou concorrentes.

**Acessibilidade**

Comunicação escrita que visualiza a passagem e melhor acesso de informações, se utilizando do auxílio de medidas como:

Segmentação textual: Na segmentação textual temos como objetivo dar ordem ao texto para que dele possa ser naturalmente extraído as informações, passando melhor acessibilidade. Algumas dessas ferramentas usadas para que haja a segmentação é a pontuação, assim como a:

- Pontuação sintagmática, que inclui o ponto, dois pontos, ponto e vírgula, vírgula, buscando separar ou agrupar conteúdos de acordo com as informações contidas no texto. Essas pontuações vão organizar o texto em unidades, podendo-se também acrescentar o parágrafo como um sinal sintagmático.

- Pontuação polifônica: inclui sinais como as aspas, os travessões e os parênteses. Podem também assumir essa mesma função de construção de unidades textuais:

Se os parênteses e os travessões permitem fazer ouvir “outras vozes”, essas vozes são muitas vezes comentários ou pontos de vista do produtor do texto, textualmente organizadas como subunidades e dotadas de valores argumentativos geralmente específicos, como valores de explicação ou justificação, de exemplificação ou de particularização. Em conclusão, podemos assumir que a pontuação assume claramente uma função de organização textual.

-Unidade temática das partes:

Temática é o assunto central sobre qual é tratado o texto.

O propósito é manter o tema e torna-lo mais explícito sem que haja uma fuga da ideia.

**Audibilidade**

Como também na pronunciabilidade que é realizada por meio da elocução a audibilidade também depende da mesma orientada a audição. Este tipo de comunicabilidade é utilizada pelo rádio.

**Legibilidade**

A legibilidade é a qualidade da comunicação escrita destinada a leitura, para que a legibilidade faça sentido é necessário que a escrita esteja coreta e no caso da escrita a mão com letras legíveis, essa comunicação é comum nas editoras de jornais e revistas.

## Norma Culta

A norma culta se refere ao conjunto de padrões linguísticos usados pela camada mais escolarizada da população. A norma culta define-se, assim, como a variação linguística habitualmente utilizada por pessoas com elevado nível de escolaridade e cultura.

Na língua portuguesa existem diversas variações linguísticas, justificadas pela existência de diferentes grupos sociais, com diferentes graus de escolarização, que apresentam diferentes hábitos linguísticos, que resultam numa pluralidade de normas.

De todas essas normas, a norma culta é a mais conceituada, vista como uma linguagem culta e erudita, utilizada por um grupo de pessoas de elite, pertencentes à camada mais favorecida e escolarizada da população.

O domínio da norma culta se reflete, principalmente, na modalidade escrita da língua, revelando um elevado grau de rigor e correção gramatical, como o devido uso da pontuação, da acentuação, da colocação pronominal, da concordância e da regência, entre outros.

Saber escrever e falar de acordo com a norma culta de uma língua é uma competência bastante valorizada no mercado de trabalho, uma vez que o domínio da norma culta possibilita ao indivíduo comunicar com precisão, eficiência e desenvoltura.

## Norma Culta e Norma-Padrão

Embora esses conceitos sejam próximos, sendo inclusivamente usados muitas vezes como sinônimos, se referem a normas distintas.

A **norma-padrão** pode ser entendida como a norma gramatical, com base na gramática tradicional e normativa. Atua como um modelo idealizado que visa a padronização da língua escrita.

A **norma culta** é a variação que mais se aproxima desse padrão.

## O que caracteriza as dúvidas linguísticas da norma culta

A norma culta da língua, especialmente do português, é constantemente marcada por uma gramática rigorosa, crítica e erudita, sendo ela comumente usada por indivíduos de altas classes sociais ou níveis de escolaridade.

Atualmente, a norma culta pode ser classificada em duas diferentes modalidades:

1. Coloquial;
2. Formal.

Enquanto a modalidade coloquial está diretamente atrelada ao uso oral da língua, que exige menos do falante, a modalidade formal é utilizada na escrita, sendo ela baseada nas rigorosas normas gramaticais da língua portuguesa.

Por isso, é comum que o emprego da língua seja realizado com maior liberdade no momento de se expressar verbalmente do que na escrita, onde as normas gramaticais precisam ser levadas em consideração com muito mais cuidado.

A norma culta da língua é marcada por alguns preceitos fundamentais de análise, sendo eles:

- Uso correto de escolhas lexicais;
- Capacidade de possibilitar a compreensão do texto por meio da boa organização gramatical e coerência na exposição das ideias;
- Correto uso da pontuação.

Saber escrever e falar com base nas normas cultas da língua não são habilidades comuns a todos os falantes da língua portuguesa, motivo pelo qual são qualidades extremamente valorizadas – especialmente no meio acadêmico e corporativo. O indivíduo que conhece as normas gramaticais de nosso

idioma com precisão tem, ainda, melhor capacidade para se comunicar respeitosamente, com eficiência, facilidade e precisão – principalmente para apresentações em público, por exemplo.

### As mais populares dúvidas linguísticas da norma culta

No que se refere ao uso da norma culta formal da língua, ou seja, escrita, algumas dúvidas são mais populares, sendo elas frequentes e constantes para grande parte da população.

Vamos conferir então neste artigo quais são as mais comuns dúvidas linguísticas da norma culta formal.

- Obrigada ou Obrigado?

Muito simples para alguns e confusa para outros, essa norma linguística conta com exigências essencialmente básicas, sendo elas:

1. O indivíduo do sexo masculino, ao agradecer por algo, deve dizer obrigado;
2. O indivíduo do sexo feminino, ao agradecer por algo, deve dizer obrigada.

- Encima ou em cima?

A palavra em questão pode ser utilizada em ambos os formatos, porém, “encima”, escrita de modo junto, é um formato de verbo unicamente utilizado na linguagem formal, na 3ª pessoa do singular do indicativo ou na segunda pessoa do imperativo, com o significado de coroar ou colocar alguma coisa no alto.

Um exemplo seria:

“Uma coroa amarela encima ao cabelo daquele homem”.

Já a palavra ‘em cima’, em seu formato separado, é muito mais comum – tanto na linguagem coloquial como formal. O objetivo dela é dizer que algo está em uma posição mais alta e/ou elevada do que outra. Um exemplo:

“Coloquei suas chaves de casa em cima da escrivaninha”.

- Mau ou mal?

Outra dúvida pertinente aos falantes da língua portuguesa é na diferenciação das palavras ‘mal’ e ‘mau’.

De modo geral, “mau” é um adjetivo que significa algo contrário ao que é bom. Sendo assim, ele é comumente utilizado em frases que indicam uma pessoa com atitudes ruins ou como um sinônimo de palavras como: difícil, indelicado, indecente, incapaz.

Alguns exemplos são:

“Eu acho ele um mau aluno”.

“Tire esses maus conceitos de seus pensamentos sobre ela”.

Já a palavra ‘mal’ é caracterizada como um advérbio utilizado como um antônimo do que é de bem. Sendo assim, ele indica algo sendo feito errônea ou incorretamente.

Neste sentido, um exemplo seria:

“Ele mal sabe como lidar com essa situação”.

Além disso, a palavra ‘mal’ também pode ser utilizada – neste caso, como substantivo – para significar uma angústia, doença ou desgosto, retratando algo que aparentemente é nocivo ou perigoso. Neste sentido, um exemplo seria:

“Você precisa colocar o seu sono em dia, pois está dormindo muito mal”.

- Mas ou mais

Certamente, essa é uma das mais comuns dúvidas presentes na gramática da língua portuguesa. Mas, diferenciar o uso dessas duas palavras pode ser bem simples.

'Mas' é uma palavra que pode ser utilizada como sinônimo de *todavia* ou *porém*, transmitindo a ideia de oposto.

Alguns exemplos:

"Quería ir ao shopping, mas não tenho tempo".

"Quería comprar roupas, mas não tenho dinheiro".

Já a palavra '*mais*' é um advérbio que tem como principal objetivo o de transmitir noções de *acréscimo* ou *intensidade*, sendo também um oposto a palavra '*menos*'.

Exemplos neste sentido são:

- Ele é o *mais* bonito do bairro.
- Ela é a *mais* chata do curso.
- Oito *mais* oito são dezesseis.

### **Norma Culta x Variações Linguísticas**

Norma culta x variações linguísticas: esse é um assunto discutido pela Sociolinguística, ciência da linguagem que defende a comunicação em todos os seus níveis.

Você já deve ter observado que existe uma grande diferença entre a língua que falamos em nosso dia a dia e a língua preconizada pela gramática, não é mesmo? Por que será que esse fenômeno acontece? Por que nós, falantes, acabamos inventando um jeito menos formal de nos comunicar? É sobre esse assunto que o Mundo Educação vai falar agora com você: Norma culta x variações linguísticas.

A linguagem verbal certamente é a forma de expressão mais eficaz, aquela que conecta pessoas e permite que elas se entendam. Claro que existem outras formas de comunicação, mas a verdade é que a palavra, especialmente quando falada, tem muita força. Como é uma ferramenta democrática, afinal de contas, estamos o tempo todo interagindo com diferentes interlocutores ao longo do dia, é normal que ela não seja padronizada.

Cada indivíduo possui sua *idiosincrasia*, e são vários os fenômenos sócio-histórico-culturais que incidem no jeito de cada comunidade linguística falar. Estranho mesmo seria se falássemos todos da mesma maneira, como se fôssemos robôs.

### **Mas e a Norma Culta, Como Fica Nessa História?**

A norma culta é indispensável e tão importante quanto as variações linguísticas. A norma culta rege um idioma, aponta caminhos e deve ser estudada na escola para que assim todos tenham acesso às diferentes formas de pensar a língua.

Se, ao falarmos, escolhermos um vocabulário coloquial, menos preocupado com as regras gramaticais, ao escrevermos devemos sim optar pela linguagem padrão, pois, um texto repleto de expressões típicas pode não ser acessível para todos os tipos de leitores. Quando dizemos que a norma culta deve ser priorizada nos textos escritos, estamos nos referindo, sobretudo, aos textos não literários, que cobram maior formalidade de quem escreve.

As variações linguísticas comprovam a organicidade da língua: ela não está encerrada nos dicionários ou gramáticas; está viva, na boca do povo, seus verdadeiros donos. Na língua falada não pode existir certo ou errado, o mais importante é que as pessoas se entendam, que a comunicação seja feita de maneira eficiente.

Você já observou que mesmo quem não domina as regras gramaticais é capaz de elaborar enunciados compreensíveis? Mesmo não entendendo da sintaxe da língua, somos capazes de colocar as palavras nos seus devidos lugares, respeitando o princípio da gramaticalidade e da inteligibilidade, elementos fundamentais para que a comunicação aconteça satisfatoriamente.

Somos falantes hábeis, capazes de perceber quando e como empregar cada uma das variedades. Sabemos que há situações em que devemos preferir a variedade padrão, pois será a mais adequada, aquela que estabelecerá uma maior sintonia entre os interlocutores.

Sabemos também que há situações em que as variedades não padrão, permeadas por suas gírias e regionalismos, cumprem a contento a missão de comunicar. Não há problema algum em alternar os dois registros, o importante é observar a pertinência de cada um deles, pois um será mais adequado do que o outro, observadas as necessidades da comunicação. A linguagem foi feita para a comunicação, por isso, comunique-se mais e sem medo de errar.

### **Variação Linguística – A Língua em Movimento**

A variação linguística é um interessante aspecto da língua portuguesa. Pode ser compreendida por meio das influências históricas e regionais sobre os falares.

Você sabe o que é variação linguística?

A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances.

O português que é falado no Nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no Sul do país. Claro que um idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta.

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas. Os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros.

Quando tratamos as variações como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao status. O português falado em algumas cidades do interior do estado de São Paulo, por exemplo, pode ganhar o estigma pejorativo de incorreto ou inculto, mas, na verdade, essas diferenças enriquecem esse patrimônio cultural que é a nossa língua portuguesa. Leia a letra da música “Samba do Arnesto”, de Adoniran Barbosa, e observe como a variação linguística pode ocorrer:

#### **Samba do Arnesto**

- O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás
- Nós fumos não encontramos ninguém
- Nós voltemos com uma baita de uma reiva
- Da outra vez nós num vai mais
- Nós não semos tatu!
- No outro dia encontremo com o Arnesto
- Que pediu desculpas mais nós não aceitamos
- Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
- Mas você devia ter pnhado um recado na porta
- Um recado assim ói: "Ói, turma, num deu pra esperá
- Aduvido que isso, num faz mar, num tem importância,
- Assinado em cruz porque não sei escrever.

#### **Samba do Arnesto, Adoniran Barbosa**

Há, na letra da música, um exemplo interessante sobre a variação linguística. É importante ressaltar que o código escrito, ou seja, a língua sistematizada e convencionalizada na gramática, não deve sofrer grandes alterações, devendo ser preservado. Já imaginou se cada um de nós decidisse escrever como falamos?

Um novo idioma seria inventado, aboliríamos a gramática e todo o sistema linguístico determinado pelas regras cairia por terra. Contudo, o que o compositor Adoniran Barbosa fez pode ser chamado de licença poética, pois ele transportou para a modalidade escrita a variação linguística presente na modalidade oral.



## **Ortografia Oficial**

**Nova ortografia** – Em dezembro de 2014 o novo acordo ortográfico da língua portuguesa passou a ser obrigatório em todos os países que falam língua portuguesa, inclusive o Brasil. Saiba agora tudo sobre a nova ortografia e quais são as novas regras a serem seguidas.

### **O Acordo Ortográfico**

Há muitos anos o países de língua portuguesa vinha discutindo uma maneira de simplificar o idioma nos diferentes países, uma vez que apesar de ser o mesmo idioma o português tem variações em cada local, por exemplo algumas palavras que no português do Brasil têm significados diferentes no português de Portugal. A partir dessas discussões alguns países se reuniram com o intuito de criar o um acordo ortográfico para que algumas palavras fossem grafadas da mesma maneira em todos os países de língua portuguesa. No ano de 1990 o acordo ortográfico da língua portuguesa foi assinado por oito países, incluindo o Brasil.

Mas esse acordo só entrou em processo de implantação em 2009, mas não era obrigatório ainda, uma vez que no período de 2010 a 2012 foi para adaptação de livros didáticos e para a própria população se acostumar com a novas regras.

Assim durante esse período, provas de vestibulares, Enem, concursos e outras não cobravam o uso das novas regras na sua escrita.

O novo acordo ortográfico deveria entrar em vigor já no ano de 2013, mas a fim de acompanhar o cronograma de implantação de outros países de língua portuguesa, o Brasil estendeu esse prazo para 2016. Assim desde o dia 1º de janeiro de 2016 o novo acordo ortográfico da língua portuguesa passa a ser obrigatório em todo o território nacional e em mais oito países.

### **Aprenda Português com a nova ortografia, AGORA**

Nova Ortografia: Novas Regras Ortográficas Da Língua Portuguesa

Com as novas regras de ortografia em vigor é preciso ficar atento ao que muda na hora de escrever, uma vez que será considerado como erros gramaticais em provas, concursos, e o Enem (a principal forma de entrada em uma universidade atualmente). Confira abaixo o que muda :

#### **Alfabeto**

A primeira mudança pode ser estranha a alguns, mas só agora o alfabeto português possui 26 letras, uma vez que foram incluídas as letras K, W e Y.

Os acentos podem ser as mudanças que mais geram dúvidas: Palavras paroxítonas que tem o acento gráfico nos ditongos EI e OI não têm mais acento. Exemplo:

Estréia – Estreia

Idéia – Ideia

Paranóico – Paranoico

Assembléia – Assembleia

Geléia – Geleia

Jibóia – Jiboia

Apóio – Apoio

Platéia – Plateia

Jóia – Joia

Bóia – Boia

Coréia – Coreia

Outras palavras que perderam seu acento foram: creem, deem, leem, veem e seus derivados: descreem, desdeem, releem, reveem e as que tem acento no último o do hiato (Os hiatos são o encontro de vogais de sílabas diferentes): Voos, enjoo, abençoo.

### Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais das palavras também não são usados mais. Exemplo:

Pára (verbo) – Para

Pará-brisa – Para-brisa

Péla (substantivo) – Pela

Péla (verbo) – Pela

Pela (per+la)

Pêra – Pera

Pélo (verbo) – Pelo

Pêlo (substantivo) – Pelo

Pelo (per+lo)

Pólo (substantivo) – Polo

Polo (por+lo)

### Trema

O trema foi totalmente eliminado da língua portuguesa, seu uso não era obrigatório e agora não existe mais, com exceção às palavras estrangeiras e em nomes próprios.

### Hífen:

O hífen é usado em palavras que a segunda palavra começa com a mesma vogal que a primeira palavra. Exemplo: micro-ondas, anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-integral, micro-organismo.

Usa o hífen quando a segunda palavra começar com H: tele-homenagem, proto-história, sobre-humano, extra-humano, pré-história, anti-higiênico, semi-hospitalar.

O hífen quando o primeiro elemento acabar com vogal e o segundo começar com vogal diferente deixa de existir: socioeconômico, semiárido, autoestima, infraestrutura, ultrainterino.

Não se usa quando o primeiro elemento terminar em vogal e o segundo elemento começar com R ou S. Nesse caso, a primeira letra do segundo elemento deverá ser duplicada: antissemita, contrarregra, antirreligioso, cosseno, extrarregular, minissaia, biorritmo, microsistema, ultrassom, antissocial.

### Ortografia Oficial

Para entender a ortografia oficial primeiro é necessário entender seus casos, isso é, o contexto e a forma onde as palavras são construídas, veja abaixo:

#### Caso X / Ch

1) x / ch nas palavras provenientes do latim:

1.1) Emprego do ch:

Ao passar do latim para o português, as sequências “cl”, “pl” e “fl”, transformaram-se em “ch”:

afflare > achar

flagrare > cheirar

flamma > chama

caplu > cacho

clamare > chamar

claven > chave

masclu > macho

planus > chão

plenus > cheio

plorare > chorar

plumbum > chumbo

pluvia > chuva

1.2) Emprego do x:

a) Proveniente do xlatino:

exaguare > enxaguar

examen > exame

laxare > deixar

luxu > luxo

b) Palatização do S em grupos como ssiou sce:

miscere > mexer

passione > paixão

pisce > peixe

2) Emprega-se a letra x:

x1) Após ditongo:

ameixa

caixa

peixe

Exceções:

recauchutar (do francês recaoutchouter)

guache (do francês gouache)

caucho (espécie de árvore. Tem origem na palavra cauchu“lágrimas da árvore”, é de um idioma indígena, mas está em nossa ortografia oficial)

x2) Em palavras iniciadas por ME:

Mexerica

México

Mexilhão

Mexer

Exceção:

· mecha (de cabelos), que tem sua origem no francês *mèche*. Não confundir com a forma verbal “mecha” do verbo mexer, que deve ser grafada com x.

X3) Em palavras iniciadas por EN:

Enxada

Enxerto

Enxurrada

Exceção1:

· enchova (regionalismo de anchova, que origina-se do genovês *anciuva*);

Exceção2: Palavras formadas por prefixação de en + radical com ch:

· enchente, encher e derivados = prefixo en + radical de cheio;

· encharcar = en + radical de charco;

· enchiqueirar = en + radical de chiqueiro;

· enchapelar = en + radical de chapéu;

· enchumaçar = en + radical de chumaço

x4) Em palavras com origem Tupi. As mais conhecidas são:

Araxá – lugar alto onde primeiro se avista o sol.

Abacaxi – de *yá*, ou *ywa* (fruta), e *katy* (que recende, cheira);

Capixaba – roça, roçado, terra limpa para plantação.

Caxumba

Pataxó – tribo.

Queixada – “o que corta”.

Xará – de *xe rera*, “meu nome”.

Xavante – tribo.

Xaxim – do tupi-guarani *Xá* = cachoeira, *Xim* = pequena.

Ximaana – tribo.

Xingu – água boa, água limpa, na língua Kamayurá. Exceção:

· Chapecó – Cidade de SC. Derivação do tupi *Xapecó* (de donde se avista o caminho da roça).

x5) Em palavras com origem árabe. As mais conhecidas são:

Almoxarife

Almoxarifado

Elixir (al-Axir)

Enxaqueca (*xaqiqa*– meia cabeça)

Haxixe (hashish– maconha)

Oxalá (in sha allahou inshallah – se Deus quiser)

Xarope

Xadrez (xatranj)

Xarope (xarab– bebida, poção)

Xeque

Xeque-mate

Exceções:

Alcachofra (Alkharshof– fruto do cardo manso)

Chafariz

x6) Em palavras com origem africana. As mais conhecidas são:

Afoxé

Axé

Borocoxô

Exu

Fuxico

Maxixe

Orixá

Xendengue (magro, franzino)

Xangô (Xa– Senhor; Ag + No – Fogo Oculto; Gô = Raio, Alma)

Xaxado

Xingar

XinXim

Xodó

Exceções:

Cachimbo (kixima)

Cachaça

Cochicho

Cochilar

Chilique

3) Emprega-se ch:

ch1) Em palavras com origem francesa. As mais conhecidas são:

Avalanche (Avalónch)

Cachê (Cachet)  
Cachecol (Cacher)  
Chalé (Chalet)  
Chassi (Chânssis)  
Champanhe (Champagne)  
Champignon (Champignon)  
Chantilly (Chantilly)  
Chance (Chance)  
Chapéu (Chapeau)  
Chantagem (Chantage)  
Charme (Charme)  
Chefe (Chef)  
Chique (Chic)  
Chofer (Chauffeur)  
Clichê (Cliché)  
Creche (Crèche)  
Crochê (Crochet)  
Debochar (Débaucher)  
Fetice (Fétiche)  
Guichê (Guichet)  
Manchete (Manchette)  
Pochete (Pochette)  
Revanche (Revanche)  
Voucher (Vocher)

Caso g / j

1) Palavras provenientes do latim e do grego:

1.1) O g português representa geralmente o g latino ou grego:

a) Latim:

agere > agir

agitare > agitar

digit(i) (raiz) > digitar

gestu > gesto

gelu > gelo

liturgia > liturgia

tegella > tigela

Magia < Magia (latim) < Mageia (grego) < Magush (persa)

b) Grego:

eksegesis > exegese

gymnastics > ginástica

hégemonikós > hegemônico

logiké > lógico

synlogismos > sologismo

Exceção:

aggelos > anjo (angeolatria é com g)

1.2) Não há j no grego e no latim clássico. O j provém:

a) Da consonantização do I semiconsoante latino:

iactu > jeito

iam > já

iocus > jogo

maiestate > majestade

b) Da palatalização do S + I, ou do grupo DI + Vogal:

basiu > beijo

casiu > queijo

hodie > hoje

radiare > rajar

2) Emprega-se a letra g:

g1) Nas palavras derivadas de outras grafadas com g:

engessar (de gesso)

faringite (de faringe)

selvageria (de selvagem) Exceção:

· coragem (fr. courage) => corajoso, encorajar

g2) Nas palavras terminadas em ágio, égio, ígio, ógio, úgio:

pedágio

sacrilégio

prestígio

relógio

refúgio

g3) Os substantivos terminados em gem:

viagem

coragem

ferrugem

Exceção:

pajem

lambujem

g4) Nos verbos terminados em ger e gir:

eleger

mugir

g5) Em geral, após R:

aspergir

divergir

submergir

3) Emprega-se a letra j:

j1) Nas palavras derivadas de outras grafadas com j:

sarjeta (de sarja)

lojista (de loja)

canjica (de canja)

sarjeta (de sarja)

gorjeta (de gorja)

j2) Nos verbos terminados em jar:

viajar

encorajar

enferrujar

j3) Em palavras com origem árabe. As mais conhecidas são:

alforje (al hurj<sacola>)

azulejo (azzelij)

berinjela (badanjanah)

javali (djabali)

jaleco (jalikah)

jarra (djarrah)

laranja (narandja)

Exceções:

álgebra (al-jabr)

algema (al jamad<a pulseira>)

giz (jibs)

girafa (zarâfa(AR.) ->giraffa (IT.) -> girafa (PT.))

J4) Em palavras com origem tupi. As mais conhecidas são:

beiju

cajá

caju

canjica

carijó

guarajuba

itajuba

itajaí

jequiriti

jequitibá

jerimum

jibóia (cobra d'água).

jumana (tribo).

jurubeba (planta espinhosa e fruta tida como medicinal).

jenipapo

jururu

maracujá

marajó

mucujê

pajé

Ubirajara

Exceção: Sergipe

J5) Em palavras com origem africana. As mais conhecidas são:

acarajé

lemanjá

jabá

jagunço

jererê (cigarro de maconha)

jiló

jurema

Exceções:

bugiganga

ginga

Caso c ou ç / s ou ss

O c tem o valor de /s/ com as vogais E e I. Antes de A, O e U usa-se ç.

acetato

ácido

açafrão

aço

açúcar

Depois de consoante usa-se s. Entre vogais, usa-se ss:

manso

concurso

expulso

prossequir

girassol

pessoa

s1) Usa-se s em palavras derivadas de verbos terminados em ERGIR, CORRER, PELIR:

aspergir= aspersão

compelir= compulsório

concorrer= concurso

discorrer= discurso

expelir= expulsão, expulso

imersão

impelir= impulsão, impulso

s2) Verbos terminados em DAR – DER – DIR – TER – TIR – MIR recebem s quando há perda das letras “D – T – M” em suas derivações:

circuncidar(circumcidere) = circuncisão, circunciso

ascender(ascendere) = ascensão

suceder(succedere) = sucessão / sucesso

expandir(expandere) = expansão / expansível

iludir(illudere) = ilusão / ilusório

progredir(progredere) = progressão / progressivo / progresso

submeter(submittere) = submissão / submisso

discutir(discutere) = discussão

suprimir(supprimere) = supressão / supresso

redimir(redimere) = remissão / remisso

Observe também a origem latina:

excluir (deexcludere) = exclusão

incluir (deincludere) = inclusão...

c1) Verbos não terminados em DAR – DER – DIR – TER – TIR – MIR quando mudam o radical recebem ç:

agir = ação

exceuar = exceção

proteger = proteção

promover = promoção

c2) Verbos que mantêm o radical recebem ç em derivações:

acomodar = acomodação

consolidar = consolidação

conter = contenção

fundar = fundação

fundir = fundição

remir = remição

reter = retenção

saudar = saudação

torcer = torção

distorcer = distorção

Observe também a origem latina:

manter (manutenere) = manutenção

nadar (natere) = natação

c3) Usa-se c ou ç após ditongo quando houver som de s:

eleição

traição

foice

c4) Nos sufixos aça, aço, ação, çar, ecer, iça, iço, nça, uça, uço.

- barca = barcaça
- rico = ricaço
- cota = cotação
- aguçó = aguçar
- merece = merecer
- carne = carniça
- canil = caniço
- esperar = esperança
- cara = carapuça
- dente = dentuço

c5) Em palavras com origem árabe. As mais conhecidas são:

açafrão

açoite

açougue

açude

açúcar

açucena

alface

alvoroço

ceifa

celeste

cetim

cifra

Exceção:

arsenal

carmesim

saфра

salada

sultão

c6) Em palavras com origem tupi. As mais conhecidas são:

araçá

açaí

babaçu

cacique

caiçara  
camaçari  
cipó  
cupuaçu  
Iguaçu  
Iracema  
juçara  
maçaranduba  
maniçoba  
paçoca  
piaçava  
piraguaçu

Exceção (todas começam com som de s, menos cipó):

sabiá  
sagui  
saci  
samambaia  
sariguê  
savana  
Sergipe  
siri  
suçuarana  
sucuri  
sururu

c7) Em palavras com origem africana. As mais conhecidas são:

bagunça  
caçamba  
cachaça  
caçula  
cangaço  
jagunço  
lambança  
miçanga

Exceção (todas começam com som de s):

sapeca

samba

senzala

serelepe

songamonga

sova (pancada)

Caso z / s

1) Emprega-se a letra s:

Prestando concurso de Departamento da Polícia Federal? Veja nossas apostilas!

Prestando concurso SEE-SP? Veja nossas apostilas!

Você está prestando um concurso público? Confira aqui as melhores apostilas do mercado!

s1) Em palavras derivadas de uma primitiva grafada com s:

análise = analisar, analisado

pesquisa = pesquisar, pesquisado.  
Exceção: catequese = catequizar.

s2) Após ditongo quando houver som de z:

Creusa

coisa

maisena

s3) Na conjugação dos verbos PÔR e QUERER:

(Ele) pôs

(Ele) quis

(Nós) pusemos

(Nós) quisemos

(Se eu) puser

(Se eu) quiser

s4) Em palavras terminadas em OSO, OSA (que significa “cheio de”):

horrrosa

gostoso

Exceção: gozo

s5) Nos sufixos gregos ASE, ESE, ISE, OSE:

frase

tese

crase

crise

osmose

Exceções: deslize e gaze.

s6) Nos sufixos ÊS, ESA, ESIA e ISA, usados na formação de palavras que indicam nacionalidade, profissão, estado social, títulos honoríficos.

chinês

chinesa

camponês

poetisa

burguês

burguesa

freguesia

Luísa

Heloísa

Exceção: Juíza (por derivar do masculino juiz).

z1) As terminadas em EZ e EZA serão escritas com z quando forem substantivos abstratos provindos de adjetivos, ou seja, quando indicarem qualidade:

escasso / escassez

macio / maciez

rígido / rigidez

sensato / sensatez

surdo / surdez

avaro / avareza

certo / certeza

duro / dureza

nobre / nobreza

pobre / pobreza

rico / riqueza

z2) Grafam-se com “z” as palavras derivadas com os sufixos “zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo”. O “z”, neste caso, é uma consoante de ligação com o infixo.

pazada

cafezal

homenzarrão

açaizeiro

papelzinho

cãozito

mãezona

mãozorra

pezudo

Exceção (quando o radical das palavras de origem possuem o “s”):

asa = asinha

riso = risinho

casa = casinha

Inês= Inesita

Teresa = Teresinha

z3) Em derivações resultando em verbos terminados com som de IZAR:

útil = utilizar

terror = aterrorizar

economia = economizar

Exceção (quando o radical das palavras de origem possuem o “s”):

análise = analisar

pesquisa = pesquisar

improviso = improvisar

Exceção da Exceção: catequese = catequizar.

Caso ex / es

1) Como regra geral, as palavras que em latim se iniciavam por ex mantiveram a mesma grafia ao passarem do latim clássico para o português.

expectorare > expectorar;

expansione > expansão;

expellere > expelir;

experimentu > experimento;

expiratione > expiração;

extrinsecu > extrínseco;

extensione > extensão;

Há, contudo, exceções. Algumas palavras que se escreviam com ex em latim evoluíram para es ao passar do latim vulgar para o português.

excusare > escusar;

excavare > escavar;

exprimere > espremer;

extraneo > estranho;

extendere > estender;

O verbo “estender”, por exemplo, entrou para o léxico no século 13, originária do latim vulgar, quando o “x” antes de consoante tornava-se “s”. O vocábulo “extensão” aparece no léxico de nossa língua no século 18 e teve sua origem no latim clássico (extensione), quando a regra era manter o “x” de sua origem (extensio). Tal como “extensão”, escreve-se extenso, extensivo, extensibilidade, etc.

2) Já as palavras que se iniciavam por s em latim deram origem a derivados com es em português:

scapula > escápula;

scrotu > escroto;

spatula > espátula;

spectru > espectro;

speculare > especular;

spiral > espiral;

spontaneu > espontâneo;

spuma > espuma;

statura > estatura;

sterile > estéril

stertore > estertor;

strutura > estrutura;

Os termos médicos derivados de palavras gregas iniciadas por s também se escrevem com es em português. Ex:

escotoma

esclerótica

esfenoide

esplâncnico

estase

estenose

estroma

Um equívoco primário consiste na confusão entre estase (do gr. stásis, parada, estagnação) e êxtase (do gr. ekstásis – ek = fora de; stasis = estado, pelo latim extase). Também se deve distinguir estrato (do latim stratu), com o sentido de camada, de extrato (do latim extractu), aquilo que se extraiu de alguma coisa.

Caso sc

Utiliza-se SC em termos eruditos latinos, isto é, cuja etimologia manteve o radical latino:

abscesso (abscessus);

acrescer (accrescere);

adolescente (adolescentis);

aquiescer (acquiescere);

ascender (ascendere);

consciência (conscientia);

crescer (crescere);

descer (descendere);

disciplina (disciplina);

fascículo (fasciculus);

fascinar (fascinare);

florescer (florescere);

lascivo (lascivu);

nascer (nascere);

oscilar (oscillare);

obsceno (obscenus);

rescindir (rescindere);

víscera (viscus);

Caso c / qu e Forma Variantes

Existem palavras que podemos escrever com “c” e também com qu:

- catorze / quatorze
- cociente / quociente
- cota / quota
- cotidiano / quotidiano
- cotizar / quotizar

E existem variantes aceitas para outras palavras:

- abdome e abdômen
- açoitar e açoutar
- afeminado e efeminado
- aluguel ou aluguer
- arrebitar e rebitar
- arremedar e remedar
- assoalho e soalho
- assobiar e assoviar

assoprar e soprar

Azalea e Azaleia

bêbado e bêbedo

bilhão e bilião  
bílís e bile  
bombo e bumbo  
bravo e brabo  
caatinga e catinga  
cãibra e câimbra  
carroçaria e carroceria  
catucar e cutucar  
chipanzé e chimpanzé  
coisa e cousa  
degelar e desgelar  
dependurar e pendurar  
derrubar e derribar  
desenxavido e desenxabido  
diabete e diabetes  
embaralhar e baralhar  
enfarte e infarto  
entretenimento e entretimento  
entoação e entonação  
enumerar e numerar  
espécime e espécimen  
espuma e escuma  
estalar e estralar  
este e leste (pontos cardeais)  
flauta e fruta  
flecha e frecha  
geringonça e gerigonça  
homogeneizar e homogenizar  
húmus e humo  
impingem e impigem  
imundícia, imundície e imundice  
intrincado e intricado  
lide e lida

louro e loiro  
macaxeira e macaxera  
maltrapilho e maltrapido  
malvadeza e malvadez  
maquiagem e maquilagem  
marimbondo e maribondo  
matracar e matraquear  
mobilier e mobilhar  
neblina e nebrina  
nenê e neném  
parênteses e parêntesis  
percentagem e porcentagem  
pitoresco, pinturesco e pintoresco  
plancha e prancha  
pólen e polem  
quadrênio e quatriênio  
quadrilhão e quadrilião  
radioatividade e radiatividade  
rastro e rasto  
relampear e relampejar  
remoinho e redemoinho  
salobra e salobre  
taberna e taverna  
tesoura e tesoura  
toicinho e toucinho  
transpassar, traspassar e trespassar  
transvestir e travestir  
treinar e trenar  
tríade e triada  
trilhão e trilião  
vasculhar e basculhar  
Xérox e Xerox  
xeretar e xeretear

Caso o / u

1) Usa-se o na grafia dos seguintes vocábulos:

boteco

botequim

cortiço

engolir

goela

mochila

moela

mosquito

mágoa

moleque

nódoa

tossir

toalete

zoar

2) Usa-se u na grafia dos seguintes vocábulos:

amuleto

entupir

jabuti

mandíbula

supetão

tábua

Caso e / i

1) Os verbos terminados em –UIR e em –OER:

No Presente do Indicativo, as 2ª e 3ª pessoas do singular são grafadas com I. Exemplo (verbo possuir):

tu possuis

ele possui

tu constróis

ele constrói

tu móis

ele mói

tu róis

ele rói

2) Os verbos terminados em -UAR e em -OAR:

No Presente do Subjuntivo, todas as pessoas da conjugação serão grafadas com e. Exemplo (verbo entoar):

Que eu entoe

Que tu entoes

Que ele entoe

Que nós entoemos

Que vós entoeis

Que eles entoem

3) Todos os verbos que terminam em [-ear] (arrear, frear, alardear, amacear, passear...) fazem um ditongo [-ei-] no presente do indicativo e do subjuntivo nas formas rizotônicas (1ª, 2ª, 3ª do singular e 3ª do plural,):

Presente do indicativo	Pretérito perfeito	Futuro	Presente do subjuntivo (que...)
Eu freio	Eu freei	Eu frearei	Eu freie
Tu freias	Tu freaste	Tu frearás	Tu freies
Ele freia	Ele freou	Ele freará	Ele freie
Nós freamos	Nós freamos	Nós frearemos	Nós freemos
Vós freais	Vós freastes	Vós freareis	Vós freeis
Eles freiam	Eles frearam	Eles frearão	Eles freiem

4) Os verbos terminados em [-iar] (arriar, criar, odiar...) são regulares, exceto o (I)MARIO: (Inter)Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar, Odiar, os quais são irregulares e formam ditongo [-ei-] nas formas rizotônicas:

Observe a diferença entre Arriar (regular) e Mediar (irregular):

Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que...)	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (que...)
Eu arrio	Eu arrie	Eu medeio	Eu medeie
Tu arrias	Tu arries	Tu medeias	Tu medeies
Ele arria	Ele arrie	Ele medeia	Ele medeie
Nós arriamos	Nós arriemos	Nós mediamos	Nós mediemos
Vós arriais	Vós arrieis	Vós mediais	Vós medieis
Eles arriam	Eles arriem	Eles medeiam	Eles medeiem

### O Novo Acordo Ortográfico

Há muitos anos os países de língua portuguesa vinha discutindo uma maneira de simplificar o idioma nos diferentes países, uma vez que apesar de ser o mesmo idioma o português tem variações em cada local, por exemplo algumas palavras que no português do Brasil têm significados diferentes no português de Portugal. A partir dessas discussões alguns países se reuniram com o intuito de criar o um acordo ortográfico para que algumas palavras fossem grafadas da mesma maneira em todos os países de língua portuguesa. No ano de 1990 o acordo ortográfico da língua portuguesa foi assinado por oito países, incluindo o Brasil.

Mas esse acordo só entrou em processo de implantação em 2009, mas não era obrigatório ainda, uma vez que no período de 2010 a 2012 foi para adaptação de livros didáticos e para a própria população se acostumar com as novas regras.

Assim durante esse período, provas de vestibulares, Enem, concursos e outras não cobravam o uso das novas regras na sua escrita.

O novo acordo ortográfico deveria entrar em vigor já no ano de 2013, mas a fim de acompanhar o cronograma de implantação de outros países de língua portuguesa, o Brasil estendeu esse prazo para 2016. Assim desde o dia 1º de janeiro de 2016 o novo acordo ortográfico da língua portuguesa passa a ser obrigatório em todo o território nacional e em mais oito países.

nova ortografia: novas regras ortográficas da língua portuguesa

Com as novas regras de ortografia em vigor é preciso ficar atento ao que muda na hora de escrever, uma vez que será considerado como erros gramaticais em provas, concursos, e o Enem (a principal forma de entrada em uma universidade atualmente). Confira abaixo o que muda :

Alfabeto

A primeira mudança pode ser estranha a alguns, mas só agora o alfabeto português possui 26 letras, uma vez que foram incluídas as letras K, W e Y.

Os acentos podem ser as mudanças que mais geram dúvidas: Palavras paroxítonas que tem o acento gráfico nos ditongos EI e OI não têm mais acento. Exemplo:

Estréia – Estreia

Idéia – Ideia

Paranóico – Paranoico

Assembléia – Assembleia

Geléia – Geleia

Jibóia – Jiboia

Apóio – Apoio

Platéia – Plateia

Jóia – Joia

Bóia – Boia

Coréia – Coreia

Outras palavras que perderam seu acento foram: creem, deem, leem, veem e seus derivados: descreem, desdeem, releem, reveem e as que tem acento no último o do hiato (Os hiatos são o encontro de vogais de sílabas diferentes): Voos, enjoo, abençoo.

### **Acentos Diferenciais**

Os acentos diferenciais das palavras também não são usados mais. Exemplo:

Pára (verbo) – Para

Pará-brisa – Para-brisa

Péla (substantivo) – Pela

Péla (verbo) – Pela



### La Acentuación

"Cada língua ou idioma tem as suas particularidades no que se refere às regras de acentuação. Porém, percebemos que todas as palavras com mais de uma sílaba possui uma delas que é mais forte do que as outras, essa sílaba recebe, em português, o nome de "tônica". Entretanto, não podemos esquecer que temos palavras com apenas uma sílaba que também pode ser tônica ou átona, veremos isso mais adiante. Para que uma palavra tenha uma sílaba mais "forte ou tônica", não tem, necessariamente, que ter o "acento gráfico", como nos exemplos abaixo:"

a) Casa
b) Papel

"Nos próximos exemplos perceba que a sílaba tônica foi marcada pelo acento gráfico."

c) Café
d) Gramática

"Alguns idiomas marcam sempre a mesma sílaba como sendo a tônica, independente de quantas sílabas essa palavra tem. Já no Espanhol, e também no Português, isso não acontece. A tônica pode ser a última, penúltima ou antepenúltima sílaba. Lembra como se deve contar? Começando do final da palavra para o início dela, como no exemplo. Ex: médico"

"Ex: MÉ – DI - CO"

MÉ	Antepenúltima
DI	Penúltima
CO	Última

"m duas regras básicas na língua espanhola quanto à sílaba tônica, desde que a palavra não tenha um "acento gráfico", pois este já indica a sílaba mais forte da palavra.

→ 1ª As palavras que terminam nas vogais "a, e, i, o, u" ou nas consoantes "n" e "s" terão sempre a penúltima sílaba mais forte ou tônica (desde que não tenham acento gráfico), e recebem o nome de: GRAVES ou LLANAS. Ex: casa, zapato, camisa, examen.

→ 2ª As palavras que terminam em consoantes, que não sejam "n" e "s" terão sempre a última sílaba mais forte (desde que não tenham acento gráfico), e recebem o nome de AGUDAS. Ex: hotel, vivir, Madrid, profesor.

Assim, mesmo que você não saiba o significado ou a pronúncia da palavra em espanhol, saberá qual é a sua sílaba mais forte. Dessa forma, todas as palavras que não se encaixam nestas duas regras podem ser consideradas exceções e necessitarão do “acento gráfico” para marcar a sílaba tônica. Em espanhol existe apenas um acento gráfico e se chama “tilde” representado pelo equivalente, em português, ao acento “agudo”, ou seja, não existe “crase”, nem “circunflexo”.

Assim, diante de uma palavra, na língua espanhola, que não tenha “acento gráfico” utilize as duas primeiras regras para saber qual é a sílaba mais forte, caso ela tenha, estará incluída nas regras de acentuação a seguir.

a) Acentuam-se todas as palavras que tenham a última sílaba tônica (AGUDAS), terminadas em “vogais”, “n” ou “s”. Ex: corazón, café, cantó, bebé.

b) Acentuam-se todas as palavras que tenham a penúltima sílaba tônica (GRAVES-LLANAS), terminadas em consoantes, exceto “n” ou “s”. Ex: lápiz, móvil, revólver.

c) Acentuam-se todas as palavras que tem a antepenúltima sílaba mais forte, pois não se encaixam em nenhuma das regras básicas. Em espanhol são chamadas de ESDRÚJULAS. Ex: música, teléfono, partícula.

d) Temos, ainda, casos que não existem na língua portuguesa, as chamadas SOBRESDRÚJULAS. São aquelas que recebem o acento gráfico na sílaba anterior à antepenúltima. Essas palavras, normalmente, eram “adjetivos” que já tinham o acento e quando transformadas em “advérbios” o acento se manteve. Ex: fácil – fácilmente.

Existem, ainda, os verbos que, ao receber pronomes, aumentam o número de sílabas e a tônica passa a ser a antepenúltima. Ex: tráigamelo, escribiéndomela.

d) Temos, ainda, casos que não existem na língua portuguesa, as chamadas SOBRESDRÚJULAS. São aquelas que recebem o acento gráfico na sílaba anterior à antepenúltima. Essas palavras, normalmente, eram “adjetivos” que já tinham o acento e quando transformadas em “advérbios” o acento se manteve. Ex: fácil – fácilmente.

Existem, ainda, os verbos que, ao receber pronomes, aumentam o número de sílabas e a tônica passa a ser a antepenúltima. Ex: tráigamelo, escribiéndomela.

e) Em espanhol, todos os interrogativos e exclamativos são acentuados. São eles:

¿QUÉ?, ¿CÓMO?, ¿DÓNDE?, ¿CUÁNTO?, ¿CUÁNDO?, ¿QUIÉN(es)?, ¿POR QUÉ?, ¿CUÁL(es)?, ¿ADÓNDE?

¡QUÉ!, ¡CÓMO!, ¡DÓNDE!, ¡CUÁNTO!, ¡CUÁNDO!, ¡QUIÉN!"

"f) As palavras que têm apenas uma sílaba não são acentuadas. Com exceção dos diacríticos que veremos a seguir. Ex: gas, mes."

"Esse fenômeno acontece sempre que se quebram os ditongos e tritongos de uma palavra, ou seja, o encontro de duas ou três vogais, respectivamente, na mesma sílaba. Assim, marca-se a sílaba mais forte com o acento gráfico. No espanhol ocorre quando uma vogal “fuerte”, ou forte, e uma “débil”, ou fraca, encontram-se na mesma sílaba, porém a “débil” é pronunciada com mais intensidade. São vogais “fuertes”, “a, e, o” e são “débiles”, “i, u”. Assim, esses encontros de vogais não são chamados de ditongos, mas de hiatos, pois a vogal mais fraca torna-se forte em função do acento e passa a ficar em sílaba separada. Veja os exemplos:"

MARÍA	MA-RÍ-A
BAÚL	BA-ÚL
REÍNA	RE-Í-NA

**"EL ACENTO DIACRÍTICO**

Esse tipo de acento gráfico é utilizado para diferenciar palavras que se escrevem da mesma maneira, porém, com o significado, função ou classe gramatical diferente, também são chamadas de "homófonas". Acompanhe no quadro:"

<p><b>El</b> – artigo definido masculino.</p> <p>Ex: <b>El</b> libro es azul. <u>O</u> libro é azul.</p>	<p><b>Él</b> – pronome pessoal, 3ª pessoa.</p> <p>Ex: <b>Él</b> se llama Diego. <u>Ele</u> se chama Diego.</p>
<p><b>Tu</b> – adjetivo possessivo.</p> <p>Ex: ¿Este es <b>tu</b> coche? Esse é o <u>seu</u> carro?</p>	<p><b>Tú</b> – pronome pessoal, 2ª pessoa.</p> <p>Ex: <b>Tú</b> eres muy bonita. <u>Tu</u> es muito bonita.</p>
<p><b>Mi</b> – o nome de uma nota musical, adjetivo possessivo.</p> <p>Ex: Yo quiero <b>mi</b> bicicleta mañana. Eu quero <u>minha</u> bicicleta amanhã.</p>	<p><b>Mí</b> – pronome pessoal tônico.</p> <p>Ex: Este premio no es para <b>mí</b>. Este prêmio não é para <u>mim</u>.</p>
<p><b>Se</b> – pronome reflexivo, forma átona.</p> <p>Ex: La chica <b>se</b> ducha por la mañana. A moça <u>se</u> ducha pela manhã. A moça <u>toma</u> banho pela manhã.</p>	<p><b>Sé</b> – forma do verbo "saber" e "ser".</p> <p>Ex: Ya <b>sé</b> todo sobre él. (presente) Já <u>sei</u> tudo sobre ele.</p> <p>Ex: <b>Sé</b> amable com todos. (imperativo) <u>Seja</u> amável com todos.</p>
<p><b>De</b> – preposição.</p> <p>Ex: Las revistas son <b>de</b> mamá. As revistas são <u>da</u> mamãe.</p>	<p><b>Dé</b> – forma do verbo "dar".</p> <p>Ex: ¡<b>Dé</b> atención a su perro! (imperativo) <u>Dê</u> atenção ao seu cachorro! (imperativo)</p>
<p><b>Te</b> – pronome complemento átono.</p> <p>Ex: ¡Basta! No <b>te</b> daré más dinero. Basta! Não <u>te</u> darei mais dinheiro.</p>	<p><b>Té</b> – substantivo.</p> <p>Ex: El <b>té</b> está muy caliente. O <u>chá</u> está muito quente.</p>

<p><b>Si</b> – conjunção condicional. Nome de uma nota musical.</p> <p>Ex: <b>Si</b> tienes ganas podemos viajar. Se tens vontade podemos viajar.</p>	<p><b>Sí</b> – advérbio afirmativo. Pronome tônico.</p> <p>Ex: <b>Sí</b>, ya dije que estoy bien. <u>Sim</u>, já disse que estou bem.</p>
<p><b>Mas</b> – conjunção adversativa, ou seja, indica que uma ideia contrária será exposta. Em espanhol, mesmo que “pero”.</p> <p>Ex: Me gusta el lugar, <b>mas</b> no me puedo quedar. Eu gosto deste lugar, <u>porém</u> não posso ficar.</p>	<p><b>Más</b> – advérbio de quantidade ou intensidade.</p> <p>Ex: ¿La señora desea algo <b>más</b>? A senhora deseja algo <u>mais</u>? Daniel es <b>más</b> alto que Fernando. Daniel é <u>mais</u> alto que Fernando.</p>
<p><b>Aun</b> – Em espanhol, “también”, “incluso”, mesmo que “<u>inclusive</u>”, serve para introduzir algo novo.</p> <p>Ex: Me gustó esta casa <b>aun</b> deseo comprármela. Gostei desta casa inclusive desejo comprá-la.</p>	<p><b>Aún</b> – Em espanhol “todavía”, mesmo que “ainda”, advérbio de tempo.</p> <p>Ex: <b>Aún</b> no estamos listos. <u>Ainda</u> não estamos prontos. <b>Aún</b> estamos esperando tu respuesta. <u>Ainda</u> estamos esperando sua resposta.</p>
<p><b>Solo</b> – adjetivo. Em português, mesmo que “sozinho”.</p> <p>Ex: Voy a pasar la Navidad <b>solo</b>. Vou passar o Natal <u>sozinho</u>.</p>	<p><b>Sólo</b> – advérbio. Em espanhol “solamente”, mesmo que “só”, “samente”.</p> <p>Ex: <b>Sólo</b> necesito um minuto más. <u>Só</u> preciso um minuto a mais.</p>

---



---



---



---



---



---

**Crase**

A palavra crase é de origem grega e significa "fusão", "mistura". Na língua portuguesa, é o nome que se dá à "junção" de duas vogais idênticas. É de grande importância a crase da preposição "a" com o artigo feminino "a" (s), com o pronome demonstrativo "a" (s), com o "a" inicial dos pronomes aquele (s), aquela (s), aquilo e com o "a" do relativo a qual (as quais). Na escrita, utilizamos o acento grave ( ` ) para indicar a crase. O uso apropriado do acento grave, depende da compreensão da fusão das duas vogais. É fundamental também, para o entendimento da crase, dominar a regência dos verbos e nomes que exigem a preposição "a". Aprender a usar a crase, portanto, consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome. Observe:

Vou a a igreja.  
Vou à igreja.

No exemplo acima, temos a ocorrência da preposição "a", exigida pelo verbo ir (ir a algum lugar) e a ocorrência do artigo "a" que está determinando o substantivo feminino igreja. Quando ocorre esse encontro das duas vogais e elas se unem, a união delas é indicada pelo acento grave. Observe os outros exemplos:

Conheço a aluna.  
Refiro-me à aluna.

No primeiro exemplo, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), logo não exige preposição e a crase não pode ocorrer. No segundo exemplo, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e exige a preposição "a". Portanto, a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino "a" ou um dos pronomes já especificados.

Há duas maneiras de verificar a existência de um artigo feminino "a" (s) ou de um pronome demonstrativo "a" (s) após uma preposição "a":

1- Colocar um termo masculino no lugar do termo feminino que se está em dúvida. Se surgir a forma ao, ocorrerá crase antes do termo feminino.

Veja os exemplos:

Conheço "a" aluna. / Conheço o aluno.  
Refiro-me ao aluno. / Refiro-me à aluna.

2- Trocar o termo regente acompanhado da preposição a por outro acompanhado de uma preposição diferente (para, em, de, por, sob, sobre). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem novas formas (na (s), da (s), pela (s),...), não haverá crase.

Veja os exemplos:

- Penso na aluna.
- Apaixonei-me pela aluna.

- Começou a brigar.	- Cansou de brigar.
	- Insiste em brigar.
	- Foi punido por brigar.
	- Optou por brigar.

Atenção: lembre-se sempre de que não basta provar a existência da preposição "a" ou do artigo "a", é preciso provar que existem os dois.

Evidentemente, se o termo regido não admitir a anteposição do artigo feminino "a" (s), não haverá crase. Veja os principais casos em que a crase NÃO ocorre:

- Diante de substantivos masculinos:

Andamos a cavalo.  
Fomos a pé.

Passou a camisa a ferro.  
Fazer o exercício a lápis.  
Compramos os móveis a prazo.  
Assisitimos a espetáculos magníficos.

- Diante de verbos no infinitivo:

A criança começou a falar.  
Ela não tem nada a dizer.  
Estavam a correr pelo parque.  
Estou disposto a ajudar.  
Continuamos a observar as plantas.  
Voltamos a contemplar o céu.

Obs.: como os verbos não admitem artigos, constatamos que o "a" dos exemplos acima é apenas preposição, logo não ocorrerá crase.

- Diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas senhora, senhorita e dona:

Diga a ela que não estarei em casa amanhã.  
Entreguei a todos os documentos necessários.  
Ele fez referência a Vossa Excelência no discurso de ontem.  
Peço a Vossa Senhoria que aguarde alguns minutos.  
Mostrarei a vocês nossas propostas de trabalho.  
Quero informar a algumas pessoas o que está acontecendo.  
Isso não interessa a nenhum de nós.  
Aonde você pretende ir a esta hora?  
Agradei a ele, a quem tudo devo.

Os poucos casos em que ocorre crase diante dos pronomes podem ser identificados pelo método explicado anteriormente. Troque a palavra feminina por uma masculina, caso na nova construção surgir a forma ao, ocorrerá crase. Por exemplo:

Refiro-me à mesma pessoa. (Refiro-me ao mesmo indivíduo.)  
Informei o ocorrido à senhora. (Informei o ocorrido ao senhor.)  
Peça à própria Cláudia para sair mais cedo. (Peça ao próprio Cláudio para sair mais cedo.)

- Diante de numerais cardinais:

Chegou a duzentos o número de feridos.  
Daqui a uma semana começa o campeonato.

Casos em que a crase SEMPRE ocorre:

- Diante de palavras femininas:

Amanhã iremos à festa de aniversário de minha colega.  
Sempre vamos à praia no verão.  
Ela disse à irmã o que havia escutado pelos corredores.  
Sou grata à população.  
Fumar é prejudicial à saúde.  
Este aparelho é posterior à invenção do telefone.

- Diante da palavra "moda", com o sentido de "à moda de" (mesmo que a expressão moda de fique subentendida):

O jogador fez um gol à (moda de) Pelé.  
Usava sapatos à (moda de) Luís XV.  
O menino resolveu vestir-se à (moda de) Fidel Castro.

- Na indicação de horas:

Acordei às sete horas da manhã.  
 Elas chegaram às dez horas.  
 Foram dormir à meia-noite.  
 Ele saiu às duas horas.

Obs.: com a preposição "até", a crase será facultativa.

Por exemplo: Dormiram até as/às 14 horas.

- Em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas. Por exemplo:

à tarde	às ocultas	às pressas	à medida que
à noite	às claras	às escondidas	à força
à vontade	à beça	à larga	à escuta
às avessas	à revelia	à exceção de	à imitação de
à esquerda	às turras	às vezes	à chave
à direita	à procura	à deriva	à toa
à luz	à sombra de	à frente de	à proporção que
à semelhança de	às ordens	à beira de	

**Crase Diante de Nomes de Lugar**

Alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a". Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Por exemplo:

Vou à França. (Vim da França. Estou na França.)  
 Cheguei à Grécia. (Vim da Grécia. Estou na Grécia.)  
 Retornarei à Itália. (Vim da Itália. Estou na Itália)  
 Vou a Porto Alegre. (Vim de Porto Alegre. Estou em Porto Alegre.)  
 Cheguei a Pernambuco. (Vim de Pernambuco. Estou em Pernambuco.)  
 Retornarei a São Paulo. (Vim de São Paulo. Estou em São Paulo.)

**ATENÇÃO:** quando o nome de lugar estiver especificado, ocorrerá crase. Veja:

Retornarei à São Paulo dos bandeirantes.  
 Irei à Salvador de Jorge Amado.

**Crase diante dos Pronomes Demonstrativos Aquele (s), Aquela (s), Aquilo**

Haverá crase diante desses pronomes sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Por exemplo:

Refiro-me	a	aquele	atentado.
	Preposição	Pronome	

Refiro-me àquele atentado.

O termo regente do exemplo acima é o verbo transitivo indireto referir (referir-se a algo ou alguém) e exige preposição, portanto, ocorre a crase.

Observe este outro exemplo:

Aluguei aquela casa.

O verbo "alugar" é transitivo direto (alugar algo) e não exige preposição. Logo, a crase não ocorre nesse caso. Veja outros exemplos:

Dediquei àquela senhora todo o meu trabalho.

Quero agradecer àqueles que me socorreram.

Refiro-me àquilo que aconteceu com seu pai.

Não obedecerei àquele sujeito.

Assisti àquele filme três vezes.

Espero aquele rapaz.

Fiz aquilo que você disse.

Comprei aquela caneta.

**Crase com os Pronomes Relativos A Qual, As Quais**

A ocorrência da crase com os pronomes relativos a qual e as quais depende do verbo. Se o verbo que rege esses pronomes exigir a preposição "a", haverá crase. É possível detectar a ocorrência da crase nesses casos, utilizando a substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino. Por exemplo:

A igreja à qual me refiro fica no centro da cidade.

O monumento ao qual me refiro fica no centro da cidade.

Caso surja a forma ao com a troca do termo, ocorrerá a crase.

Veja outros exemplos:

São normas às quais todos os alunos devem obedecer.

Esta foi a conclusão à qual ele chegou.

Várias alunas às quais ele fez perguntas não souberam responder nenhuma das questões.

A sessão à qual assisti estava vazia.

**Crase com o Pronome Demonstrativo "a"**

A ocorrência da crase com o pronome demonstrativo "a" também pode ser detectada pela substituição do termo regente feminino por um termo regido masculino. Veja:

Minha revolta é ligada à do meu país.

Meu luto é ligado ao do meu país.

As orações são semelhantes às de antes.

Os exemplos são semelhantes aos de antes.

Aquela rua é transversal à que vai dar na minha casa.

Aquele beco é transversal ao que vai dar na minha casa.

Suas perguntas são superiores às dele.

Seus argumentos são superiores aos dele.

Sua blusa é idêntica à de minha colega.

Seu casaco é idêntico ao de minha colega.

**A Palavra Distância**

Se a palavra distância estiver especificada, determinada, a crase deve ocorrer. Por exemplo:

Sua casa fica à distância de 100 quilômetros daqui. (A palavra está determinada.)

Todos devem ficar à distância de 50 metros do palco. (A palavra está especificada.)

Se a palavra distância não estiver especificada, a crase não pode ocorrer. Por exemplo:

Os militares ficaram a distância.  
 Gostava de fotografar a distância.  
 Ensinou a distância.  
 Dizem que aquele médico cura a distância.  
 Reconheci o menino a distância.

Observação: por motivo de clareza, para evitar ambiguidade, pode-se usar a crase. Veja:

Gostava de fotografar à distância.  
 Ensinou à distância.  
 Dizem que aquele médico cura à distância.

Casos em que a ocorrência da crase é FACULTATIVA

- Diante de nomes próprios femininos:

Observação: é facultativo o uso da crase diante de nomes próprios femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:

Paula é muito bonita.	Laura é minha amiga.
A Paula é muito bonita.	A Laura é minha amiga.

Como podemos constatar, é facultativo o uso do artigo feminino diante de nomes próprios femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Entreguei o cartão a Paula.	Entreguei o cartão a Roberto.
Entreguei o cartão à Paula.	Entreguei o cartão ao Roberto.

Contei a Laura o que havia ocorrido na noite passada.	Contei a Pedro o que havia ocorrido na noite passada.
Contei à Laura o que havia ocorrido na noite passada.	Contei ao Pedro o que havia ocorrido na noite passada.

- Diante de pronome possessivo feminino:

Observação: é facultativo o uso da crase diante de pronomes possessivos femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:

Minha avó tem setenta anos.	Minha irmã está esperando por você.
A minha avó tem setenta anos.	A minha irmã está esperando por você.

Sendo facultativo o uso do artigo feminino diante de pronomes possessivos femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Cedi o lugar a minha avó.	Cedi o lugar a meu avô.
Cedi o lugar à minha avó.	Cedi o lugar ao meu avô.

Diga a sua irmã que estou esperando por ela.	Diga a seu irmão que estou esperando por ele.
--	---



### Estrutura E Formação Das Palavras

Estudar a estrutura é conhecer os elementos formadores das palavras. Assim, compreendemos melhor o significado de cada uma delas. Observe os exemplos abaixo:

			
art-ista	brinc-a-mos	cha-l-eira	cachorr-inh-a-s

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras podem ser divididas em unidades menores, a que damos o nome de elementos mórficos ou morfemas.

Vamos analisar a palavra "cachorrinhas":

Nessa palavra observamos facilmente a existência de quatro elementos. São eles:

cachorr - este é o elemento base da palavra, ou seja, aquele que contém o significado.

inh - indica que a palavra é um diminutivo

a - indica que a palavra é feminina

s - indica que a palavra se encontra no plural

Morfemas: unidades mínimas de caráter significativo.

Obs.: existem palavras que não comportam divisão em unidades menores, tais como: mar, sol, lua, etc.

São elementos mórficos:

- 1) Raiz, radical, tema: elementos básicos e significativos
- 2) Afixos (prefixos, sufixos), desinência, vogal temática: elementos modificadores da significação dos primeiros
- 3) Vogal de ligação, consoante de ligação: elementos de ligação ou eufônicos.

Raiz

É o elemento originário e irreduzível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. É a raiz que encerra o sentido geral, comum às palavras da mesma família etimológica. Observe o exemplo:

Raiz noc [Latim nocere = prejudicar] tem a significação geral de causar dano, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo, etc.

Obs.: uma raiz pode sofrer alterações. Veja o exemplo:

at-o

at-or

at-ivo

aç-ão

ac-ionar

Radical

Observe o seguinte grupo de palavras:

livr-	o
livr-	inho
livr-	eiro
livr-	eco

Você reparou que há um elemento comum nesse grupo?

Você reparou que o elemento livr serve de base para o significado? Esse elemento é chamado de radical (ou semantema).

Radical: elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático. É encontrado através do despojo dos elementos secundários (quando houver) da palavra.

Por Exemplo:

cert-o  
cert-eza  
in-cert-eza

Afixos

Afixos são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Sabemos que o acréscimo do morfema "-mente", por exemplo, cria uma nova palavra a partir de "certo": certamente, advérbio de modo. De maneira semelhante, o acréscimo dos morfemas "a-" e "-ar" à forma "cert-" cria o verbo acertar. Observe que a- e -ar são morfemas capazes de operar mudança de classe gramatical na palavra a que são anexados.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com "a-", os afixos recebem o nome de prefixos. Quando, como "-ar", surgem depois do radical, os afixos são chamados de sufixos. Veja os exemplos:

Prefixo	Radical	Sufixo
in	at	ivo
em	pobr	ecer
inter	nacion	al

Desinências

Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. Existem dois tipos:

Desinências Nominais: indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) dos nomes.

Exemplos:

alun-o aluno-s

alun-a aluna-s

Observação: só podemos falar em desinências nominais de gêneros e de números em palavras que admitem tais flexões, como nos exemplos acima. Em palavras como mesa, tribo, telefonema, por

exemplo, não temos desinência nominal de gênero. Já em pires, lápis, ônibus não temos desinência nominal de número.

Desinências Verbais: indicam as flexões de número e pessoa e de modo e tempo dos verbos.

Exemplos:

compr-o	compra-s	compra-mos	compra-is	compra-m
compra-va	compra-va-s			

A desinência “-o”, presente em “am-o”, é uma desinência número-pessoal, pois indica que o verbo está na primeira pessoa do singular; “-va”, de “ama-va”, é desinência modo-temporal: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

Vogal Temática

Vogal Temática é a vogal que se junta ao radical, preparando-o para receber as desinências. Nos verbos, distinguem-se três vogais temáticas:

A

Caracteriza os verbos da 1ª conjugação.

Exemplos:

buscar, buscavas, etc.

E

Caracteriza os verbos da 2ª conjugação.

Exemplos:

romper, rompemos, etc.

I

Caracteriza os verbos da 3ª conjugação.

Exemplos:

proibir, proibirá, etc.

Tema

Tema é o grupo formado pelo radical mais vogal temática. Nos verbos citados acima, os temas são:

busca-, rompe-, proibi-

Vogais e Consoantes de Ligação

As vogais e consoantes de ligação são morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a pronúncia de uma determinada palavra.

Exemplo:

parisiense (paris= radical, ense=sufixo, vogal de ligação=i)

Outros exemplos:

gas-ômetro, alv-i-negro, tecn-o-cracia, pau-l-ada, cafe-t-eira, cha-l-eira, inset-i-cida, pe-z-inho, pobre-tão, etc.

### Formação das Palavras

Existem dois processos básicos pelos quais se formam as palavras: a derivação e a composição. A diferença entre ambos consiste basicamente em que, no processo de derivação, partimos sempre de um único radical, enquanto no processo de composição sempre haverá mais de um radical.

### Derivação

Derivação é o processo pelo qual se obtém uma palavra nova, chamada derivada, a partir de outra já existente, chamada primitiva. Observe o quadro abaixo:

Primitiva	Derivada
mar	marítimo, marinheiro, marujo
terra	enterrar, terreiro, aterrar

Observamos que "mar" e "terra" não se formam de nenhuma outra palavra, mas, ao contrário, possibilitam a formação de outras, por meio do acréscimo de um sufixo ou prefixo. Logo, mar e terra são palavras primitivas, e as demais, derivadas.

### Tipos De Derivação

#### Derivação Prefixal ou Prefixação

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado. Veja os exemplos:

crer- descrever  
ler- reler  
capaz- incapaz

#### Derivação Sufixal Ou Sufixação

Resulta de acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical.

Por Exemplo:

alfabetização

No exemplo acima, o sufixo -ção transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Este, por sua vez, já é derivado do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo -izar.

A derivação sufixal pode ser:

a) Nominal, formando substantivos e adjetivos.

Por Exemplo:

papel - papelaria  
riso - risonho

b) Verbal, formando verbos.

Por Exemplo:

atual - atualizar

c) Adverbial, formando advérbios de modo.

Por Exemplo:

feliz - felizmente

### Derivação Prefixal E Sufixal

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo não simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva.

Exemplos:

Palavra Inicial	Prefixo	Radical	Sufixo	Palavra Formada
leal	des	leal	dade	deslealdade
feliz	in	feliz	mente	infelizmente

Note que a presença de apenas um desses afijos é suficiente para formar uma nova palavra, pois em nossa língua existem as palavras "desleal", "lealdade" e "infeliz", "felizmente".

### Derivação Parassintética Ou Parassíntese

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva.

Considere, por exemplo, o adjetivo "triste". Do radical "trist-" formamos o verbo entristecer pela junção simultânea do prefixo "en-" e do sufixo "-ecer". Note que a presença de apenas um desses afijos não é suficiente para formar uma nova palavra, pois em nossa língua não existem as palavras "entriste", nem "tristecer".

Exemplos:

Palavra Inicial	Prefixo	Radical	Sufixo	Palavra Formada
mudo	e	mud	ecer	emudecer
alma	des	alm	ado	desalmado

Dica: para estabelecer a diferença entre derivação prefixal e sufixal e parassintética, basta retirar o prefixo ou sufixo da palavra na qual se tem dúvida. Feito isso, observe se a palavra que sobrou existe; caso isso aconteça, será derivação prefixal e sufixal. Caso contrário, será derivação parassintética.

### Derivação Regressiva

Ocorre derivação regressiva quando uma palavra é formada não por acréscimo, mas por redução.

Exemplos:

comprar (verbo)	beijar (verbo)
compra (substantivo)	beijo (substantivo)

Saiba que:

Para descobrirmos se um substantivo deriva de um verbo ou se ocorre o contrário, podemos seguir a seguinte orientação:

- Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva.
- Se o nome denota algum objeto ou substância, verifica-se o contrário.

Vamos observar os exemplos acima: compra e beijo indicam ações, logo, são palavras derivadas. O mesmo não ocorre, porém, com a palavra âncora, que é um objeto. Neste caso, um substantivo primitivo que dá origem ao verbo ancorar.

Por derivação regressiva, formam-se basicamente substantivos a partir de verbos. Por isso, recebem o nome de substantivos deverbais. Note que na linguagem popular, são frequentes os exemplos de palavras formadas por derivação regressiva. Veja:

o portuga (de português)  
o boteco (de botequim)  
o comuna (de comunista)

Ou ainda:

agito (de agitar)  
amasso (de amassar)  
chego (de chegar)

Obs.: o processo normal é criar um verbo a partir de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo a partir do verbo.

### **Derivação Imprópria**

A derivação imprópria ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Neste processo:

#### **1) Os Adjetivos Passam A Substantivos**

Por Exemplo:

Os bons serão contemplados.

#### **2) Os Particípios Passam A Substantivos Ou Adjetivos**

Por Exemplo:

Aquele garoto alcançou um feito passando no concurso.

#### **3) Os Infinitivos Passam A Substantivos**

Por Exemplo:

O andar de Roberta era fascinante.  
O badalar dos sinos soou na cidadezinha.

#### **4) Os Substantivos Passam A Adjetivos**

Por Exemplo:

O funcionário fantasma foi despedido.  
O menino prodígio resolveu o problema.

#### **5) Os Adjetivos Passam A Advérbios**

Por Exemplo:

Falei baixo para que ninguém escutasse.

#### **6) Palavras Invariáveis Passam A Substantivos**

Por Exemplo:

Não entendo o porquê disso tudo.

#### **7) Substantivos Próprios Tornam-Se Comuns.**

Por Exemplo:

Aquele coordenador é um caxias! (chefe severo e exigente)

Observação: os processos de derivação vistos anteriormente fazem parte da Morfologia porque implicam alterações na forma das palavras. No entanto, a derivação imprópria lida basicamente com

seu significado, o que acaba caracterizando um processo semântico. Por essa razão, entendemos o motivo pelo qual é denominada "imprópria".

### Composição

Composição é o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais. Existem dois tipos:

Composição por Justaposição

Ao juntarmos duas ou mais palavras ou radicais, não ocorre alteração fonética.

Exemplos:

passatempo, quinta-feira, girassol, couve-flor

Obs.: em "girassol" houve uma alteração na grafia (acréscimo de um "s") justamente para manter inalterada a sonoridade da palavra.

### Composição por Aglutinação

Ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, ocorre supressão de um ou mais de seus elementos fonéticos.

Exemplos:

embora (em boa hora)  
fidalgo (filho de algo - referindo-se à família nobre)  
hidrelétrico (hidro + elétrico)  
planalto (plano alto)

Obs.: ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

### Redução

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Observe:

auto - por automóvel  
cine - por cinema  
micro - por microcomputador  
Zé - por José

Como exemplo de redução ou simplificação de palavras, podem ser citadas também as siglas, muito frequentes na comunicação atual. (Se desejar, veja mais sobre siglas na seção "Extras" -> Abreviaturas e Siglas)

### Hibridismo

Ocorre hibridismo na palavra em cuja formação entram elementos de línguas diferentes.

Por Exemplo:

auto (grego) + móvel (latim)

### Onomatopeia

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. As onomatopeias são vocábulos que reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

Exemplos:

miau, zum-zum, piar, tinir, urrar, chocalhar, cocoricar, etc.

## Prefixos

Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudança de classe gramatical.

Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas se originam do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, logo, como vocábulos autônomos. Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos em português. Outros, por sua vez, tiveram grande utilidade na formação de novas palavras. Veja os exemplos:

a- , contra- , des- , em- (ou en-) , es- , entre- re- , sub- , super- , anti-

## Prefixos de Origem Grega

a-, an-: Afastamento, privação, negação, insuficiência, carência. Exemplos:

anônimo, amoral, ateu, afônico

ana- : Inversão, mudança, repetição. Exemplos:

analogia, análise, anagrama, anacrônico

anfi- : Em redor, em torno, de um e outro lado, duplicidade. Exemplos:

anfiteatro, anfíbio, anfibiologia

anti- : Oposição, ação contrária. Exemplos:

antídoto, antipatia, antagonista, antítese

apo- : Afastamento, separação. Exemplos:

apoteose, apóstolo, apocalipse, apologia

arqui-, arce- : Superioridade hierárquica, primazia, excesso. Exemplos:

arquiduque,arquétipo, arcebispo, arquimilionário

cata- : Movimento de cima para baixo. Exemplos:

cataplasma, catálogo, catarata

di-: Duplicidade. Exemplos:

dissílabo, ditongo, dilema

dia- : Movimento através de, afastamento. Exemplos:

diálogo, diagonal, diafragma, diagrama

dis- : Dificuldade, privação. Exemplos :

dispneia, disenteria, dispepsia, disfasia

ec-, ex-, exo-, ecto- : Movimento para fora. Exemplos:

eclipse, êxodo, ectoderma, exorcismo

en-, em-, e-: Posição interior, movimento para dentro. Exemplos:

encéfalo, embrião, elipse, entusiasmo

endo- : Movimento para dentro. Exemplos:

endovenoso, endocampo, endosmose

epi- : Posição superior, movimento para. Exemplos:

epiderme, epílogo, epidemia, epitáfio

eu- : Excelência, perfeição, bondade. Exemplos:

eufemismo, euforia, eucaristia, eufonia

hemi- : Metade, meio. Exemplos:

hemisfério, hemistíquio, hemiplégico

hiper- : Posição superior, excesso. Exemplos:

hipertensão, hipóbole, hipertrofia

hipo- : Posição inferior, escassez. Exemplos:

hipocrisia, hipótese, hipodérmico

meta- : Mudança, sucessão. Exemplos:

metamorfose, metáfora, metacarpo

para- : Proximidade, semelhança, intensidade. Exemplos:

paralelo, parasita, paradoxo, paradigma

peri- : Movimento ou posição em torno de. Exemplos:

periferia, peripécia, período, periscópio

pro- : Posição em frente, anterioridade. Exemplos:

prólogo, prognóstico, profeta, programa

pros- : Adjunção, em adição a. Exemplos:

prosélito, prosódia

proto- : Início, começo, anterioridade. Exemplos:

proto-história, protótipo, protomártir

poli- : Multiplicidade. Exemplos:

polissílabo, polissíndeto, politeísmo

sin-, sim- : Simultaneidade, companhia. Exemplos:

síntese, sinfonia, simpatia, sinopse

tele- : Distância, afastamento. Exemplos:

televisão, telepatia, telégrafo

### Prefixos de Origem Latina

a-, ab-, abs- : Afastamento, separação. Exemplos:

aversão, abuso, abstinência, abstração

a-, ad- : Aproximação, movimento para junto. Exemplos:

adjunto, advogado, advir, aposto

ante- : Anterioridade, procedência. Exemplos:

antebraço, antessala, anteontem, antever

ambi- : Duplicidade. Exemplos:

ambidestro, ambiente, ambiguidade, ambivalente

ben(e)-, bem- : Bem, excelência de fato ou ação. Exemplos:

benefício, bendito

bis-, bi- : Repetição, duas vezes. Exemplos:

bisneto, bimestral, bisavô, biscoito

circu(m) - : Movimento em torno. Exemplos:

circunferência, circunscrito, circulação

cis- : Posição aquém. Exemplos:

cisalpino, cisplatino, cisandino

co-, con-, com- : Companhia, concomitância. Exemplos:

colégio, cooperativa, condutor

contra- : Oposição. Exemplos:

contrapeso, contrapor, contradizer

de- : Movimento de cima para baixo, separação, negação. Exemplos:

decapitar, decair, depor

de(s)-, di(s)- : Negação, ação contrária, separação. Exemplos:

desventura, discórdia, discussão

e-, es-, ex- : Movimento para fora. Exemplos:

excêntrico, evasão, exportação, expelir

en-, em-, in- : Movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, revestimento. Exemplos:

imersão, enterrar, embeber, injetar, importar

extra- : Posição exterior, excesso. Exemplos:

extradição, extraordinário, extraviar

i-, in-, im- : Sentido contrário, privação, negação. Exemplos:

ilegal, impossível, improdutivo

inter-, entre- : Posição intermediária. Exemplos:

internacional, interplanetário

intra- : Posição interior. Exemplos:

- intramuscular, intravenoso, intraverbal

intro- : Movimento para dentro. Exemplos:

introduzir, introvertido, introspectivo

justa- : Posição ao lado. Exemplos:

justapor, justalinear

ob-, o- : Posição em frente, oposição. Exemplos:

obstruir, ofuscar, ocupar, obstáculo

per- : Movimento através. Exemplos:

percorrer, perplexo, perfurar, perverter

pos- : Posterioridade. Exemplos:

pospor, posterior, pós-graduado

pre- : Anterioridade . Exemplos:

prefácio, prever, prefixo, preliminar

pro- : Movimento para frente. Exemplos:

progresso, promover, prosseguir, projeção

re- : Repetição, reciprocidade. Exemplos:

rever, reduzir, rebater, reatar

retro- : Movimento para trás. Exemplos:

retrospectiva, retrocesso, retroagir, retrógrado

so-, sob-, sub-, su- : Movimento de baixo para cima, inferioridade. Exemplos:

soterrar, sobpor, subestimar

super-, supra-, sobre- : Posição superior, excesso. Exemplos:

supercílio, supérfluo

soto-, sota- : Posição inferior. Exemplos:

soto-mestre, sota-voga, soto-pôr  
 trans-, tras-, tres-, tra- : Movimento para além, movimento através. Exemplos:  
 transatlântico, tresnoitar, tradição  
 ultra- : Posição além do limite, excesso. Exemplos:  
 ultrapassar, ultrarromantismo, ultrassom, ultraleve, ultravioleta  
 vice-, vis- : Em lugar de. Exemplos:  
 vice-presidente, visconde, vice-almirante

**Quadro de Correspondência entre Prefixos Gregos e Latinos**

PREFIXOS-GREGOS	PREFIXOS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
a, an	des, in	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	contra	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	ambi	duplicidade, de um e outro lado, em torno	anfiteatro, ambivalente
apo	ab	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	bi(s)	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	trans	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	i(n)(m)(r)	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	intra	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	e(s)(x)	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, super, hiper	supra	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	bene	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	semi	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	sub	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	ad	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	circum	em torno de	periferia, circunferência
cata	de	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	cum	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

**Sufixos**

Sufixos são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Sua principal característica é a mudança de classe gramatical que geralmente opera. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo num contexto em que se deve usar um substantivo, por exemplo.

Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de ação e os que formam nomes de agente.

Sufixos que formam nomes de ação

-ada - caminhada	-ez(a) - sensatez, beleza
-ança - mudança	-ismo - civismo
-ância - abundância	-mento - casamento
-ção - emoção	-são - compreensão
-dão - solidão	-tude - amplitude

-ença - presença	-ura - formatura
------------------	------------------

Sufixos que formam nomes de agente

-ário(a) - secretário	-or - lutador
-eiro(a) - ferreiro	-nte - feirante
-ista - manobrista	

Além dos sufixos acima, tem-se:

Sufixos que formam nomes de lugar, depósito	
-aria - churrascaria	-or - corredor
-ário - herbanário	-tério - cemitério
-eiro - açucareiro	-tório - dormitório
-il - covil	

Sufixos que formam nomes indicadores de abundância, aglomeração, coleção

>-aço - ricaço	-ário(a) - casario, infantaria
-ada - papelada	-edo - arvoredo
-agem - folhagem	-eria - correria
-al - capinzal	-io - mulherio
-ame - gentame	-ume - negrume

Sufixos que formam nomes técnicos usados na ciência

-ite	bronquite, hepatite (inflamação)
-oma	mioma, epiteloma, carcinoma (tumores)
-ato, eto, ito	sulfato, cloreto, sulfito (sais)
-ina	caféina, codeína (alcaloides, álcalis artificiais)
-ol	fenol, naftol (derivado de hidrocarboneto)
-ite	amotite (fósseis)
-ito	granito (pedra)
-ema	morfema, fonema, semema, semantema (ciência linguística)
-io - sódio, potássio, selênio (corpos simples)	

Sufixo que forma nomes de religião, doutrinas filosóficas, sistemas políticos

-ismo	budismo kantismo comunismo
-------	----------------------------------

**Sufixos Formadores De Adjetivos**

a) de substantivos

-aco - maníaco	-ento - cruento
-ado - barbado	-eo - róseo
-áceo(a) - herbáceo, liláceas	-esco - pitoresco
-aico - prosaico	-este - agreste
-al - anual	-estre - terrestre
-ar - escolar	-ício - alimentício
-ário - diário, ordinário	-ico - geométrico
-ático - problemático	-il - febril
-az - mordaz	-ino - cristalino
-engo - mulhereengo	-ivo - lucrativo
-enho - ferrenho	-onho - tristonho
-eno - terreno	-oso - bondoso
-udo - barrigudo	

b) de verbos

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-(a)(e)(i)nte	ação, qualidade, estado	semelhante, doente, seguinte
-(á)(í)vel	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	louvável, precível, punível
-io, -(t)ivo	ação referência, modo de ser	tardio, afirmativo, pensativo
-(d)ição, -(t)ício	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	movediço, quebradiço, factício
-(d)ouro, -(t)ório	ação, pertinência	casadouro, preparatório

**Sufixos Adverbiais**

Na Língua Portuguesa, existe apenas um único sufixo adverbial: É o sufixo "-mente", derivado do substantivo feminino latino mens, mentis que pode significar "a mente, o espírito, o intento". Este sufixo juntou-se a adjetivos, na forma feminina, para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

Exemplos:

altiva-mente, brava-mente, bondosa-mente, nervosa-mente, fraca-mente, pia-mente

Já os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em -ês (burgues-mente, portugues-mente, etc.) não seguem esta regra, pois esses adjetivos eram outrora uniformes.

Exemplos:

cabrito montês / cabrita montês.

**Sufixos Verbais**

Os sufixos verbais agregam-se, via de regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos.

Em geral, os verbos novos da língua formam-se pelo acréscimo da terminação -ar.

Exemplos:

esqui-ar; radiograf-ar; (a)doç-ar; nivel-ar; (a)fin-ar; telefon-ar; (a)portugues-ar.

Os verbos exprimem, entre outras ideias, a prática de ação. Veja:

- ar: cruzar, analisar, limpar
- ear: guerrear, golear
- entar: afugentar, amamentar
- ficar: dignificar, liquidificar
- izar: finalizar, organizar

Observe este quadro de sufixos verbais:

SUFIXOS	SENTIDO	EXEMPLOS
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

**Observações:**

Verbo Frequentativo: é aquele que traduz ação repetida.

Verbo Factitivo: é aquele que envolve ideia de fazer ou causar.

Verbo Diminutivo: é aquele que exprime ação pouco intensa.

**Radicais Gregos**

O conhecimento dos radicais gregos é de indiscutível importância para a exata compreensão e fácil memorização de inúmeras palavras. Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos. A primeira agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no início dos compostos, a segunda agrupa aqueles que costumam surgir na parte final.

**Radicais que atuam como primeiro elemento**

Forma	Sentido	Exemplos
Aéros-	ar	Aeronave
Ánthropos-	homem	Antropófago
Autós-	de si mesmo	Autobiografia
Bíblion-	livro	Biblioteca
Bíos-	vida	Biologia
Chróma-	cor	Cromático
Chrónos-	tempo	Cronômetro
Dáktyilos-	dedo	Dactilografia
Déka-	dez	Decassílabo
Démos-	povo	Democracia
Eléktron-	(âmbar)	Eletricidade Eletroímã
Ethnos-	raça	Etnia
Géo-	terra	Geografia
Héteros-	outro	Heterogêneo
Hexa-	seis	Hexágono
Híppos-	cavalo	Hipopótamo
Ichthýs-	peixe	Ictiografia
Ísos-	igual	Isósceles
Makrós-	grande, longo	Macróbio
Mégas-	grande	Megalomaniaco
Mikrós-	pequeno	Micróbio
Mónos-	um só	Monocultura
Nekrós-	morto	Necrotério
Néos-	novo	Neolatino
Odóntos-	dente	Odontologia
Ophthalmós-	olho	Oftalmologia
Ónoma-	nome	Onomatopeia
Orthós-	reto, justo	Ortografia
Pan-	todos, tudo	Pan-americano
Páthos-	doença	Patologia
Penta-	cinco	Pentágono
Polýs-	muito	Poliglota
Pótamos-	rio	Potamologia
Pséudos-	falso	Pseudônimo
Psiché-	mente	Psicologia
Riza-	raiz	Rizotônico
Techné-	arte	Tecnografia
Thermós-	quente	Térmico
Tetra-	quatro	Tetraedro
Týpos-	figura, marca	Tipografia
Tópos-	lugar	Topografia

Zóon-	Animal	Zoologia
-------	--------	----------

Radicais que atuam como segundo elemento:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogós	Que conduz	Pedagogo
álgos	Dor	Analgésico
-arché	Comando, governo	Monarquia
-dóxa	Que opina	Ortodoxo
-drómos	Lugar para correr	Hipódromo
-gámos	Casamento	Poligamia
-glóttá; -glóssa	Língua	Poliglota, glossário
-gonía	Ângulo	Pentágono
-grápho	Escrita	Ortografia
-grafo	Que escreve	Calígrafo
-grámma	Escrito, peso	Telegrama, quilograma
-krátos	Poder	Democracia
-lógos	Palavra, estudo	Diálogo
-mancia	Adivinhação	Cartomancia
-métron	Que mede	Quilômetro
-nómos	Que regula	Autônomo
-pólis;	Cidade	Petrópolis
-pterón	Asa	Helicóptero
-skopéo	Instrumento para ver	Microscópio
-sophós	Sabedoria	Filosofia
-théke	Lugar onde se guarda	Biblioteca

Radicais Latinos

Radicais que atuam como primeiro elemento:

Forma	Sentido	Exemplo
Agri	Campo	Agricultura
Ambi	Ambos	Ambidestro
Arbori-	Árvore	Arborícola
Bis-, bi-	Duas vezes	Bípede, bisavô
Calori-	Calor	Calorífero
Cruci-	cruz	Crucifixo
Curvi-	curvo	Curvilíneo
Equi-	igual	Equilátero, equidistante
Ferri-, ferro-	ferro	Ferrífero, ferrovia
Loco-	lugar	Locomotiva
Morti-	morte	Mortífero
Multi-	muito	Multiforme
Olei-, oleo-	Azeite, óleo	Oleígeno, oleoduto
Oni-	todo	Onipotente
Pedi-	pé	Pedilúvio
Pisci-	peixe	Piscicultor
Pluri-	Muitos, vários	Pluriforme
Quadri-, quadru-	quatro	Quadrúpede
Reti-	reto	Retilíneo
Semi-	metade	Semimorto
Tri-	Três	Tricolor

Radicais que atuam como segundo elemento:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	Que mata	Suicida, homicida



## Classes De Palavras

Bom, a língua portuguesa é um rico objeto de estudo – você certamente já percebeu isso. Por apresentar tantas especificidades, é natural que ela fosse dividida em diferentes áreas, o que facilita sua análise. Entre essas áreas, está a Morfologia, que é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. Na Morfologia, as palavras são estudadas isoladamente, desconsiderando-se a função que exercem dentro da frase ou do período, estudo realizado pela Sintaxe. Nos estudos morfológicos, as palavras estão agrupadas em dez classes, que podem ser chamadas de classes de palavras ou classes gramaticais. São elas:

**Substantivo:** palavra que dá nome aos seres em geral, podendo nomear também ações, conceitos físicos, afetivos e socioculturais, entre outros que não podem ser considerados “seres” no sentido literal da palavra;

**Artigo:** palavra que se coloca antes do substantivo para determiná-lo de modo particular (definido) ou geral (indefinido);

**Adjetivo:** palavra que tem por função expressar características, qualidades ou estados dos seres;

**Numeral:** palavra que exprime uma quantidade definida, exata de seres (pessoas, coisas etc.), ou a posição que um ser ocupa em determinada sequência;

**Pronome:** palavra que substitui ou acompanha um substantivo (nome), definindo-lhe os limites de significação;

**Verbo:** palavra que, por si só, exprime um fato (em geral, ação, estado ou fenômeno) e localiza-o no tempo;

**Advérbio:** palavra invariável que se relaciona com o verbo para indicar as circunstâncias (de tempo, de lugar, de modo etc.) em que ocorre o fato verbal;

**Preposição:** palavra invariável que liga duas outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e dependência;

**Conjunção:** palavra invariável que liga duas orações ou duas palavras de mesma função em uma oração;

**Interjeição:** palavra (ou conjunto de palavras) que, de forma intensa e instantânea, exprime sentimentos, emoções e reações psicológicas.

A classificação das palavras sofreu alterações ao longo do tempo, o que é normal, haja vista que a língua é mutável, isto é, sofre alterações e adaptações de acordo com as necessidades dos falantes. Classificar uma palavra não é tarefa fácil, porém, possível, prova disso é que na língua portuguesa todos os vocábulos estão incluídos dentro de uma das dez classes de palavras. Conhecer a gramática que rege nosso idioma é fundamental para aprimorarmos a comunicação. Foi por essa razão que o Brasil Escola preparou uma seção voltada ao estudo das classes gramaticais. Nela você encontrará diversos artigos que explicarão a morfologia da língua de maneira simples e direta por meio de textos e variados exemplos.

A primeira gramática do ocidente foi de autoria de Dionísio de Trácia, que identificava oito partes do discurso: nome, verbo, particípio, artigo, preposição, pronome, advérbio e conjunção. Atualmente, são reconhecidas dez classes gramaticais pela maioria dos gramáticos: substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, conjunção, interjeição, preposição, artigo, numeral e pronome.

Como podemos observar, houve alterações ao longo do tempo quanto às classes de palavras. Isso acontece porque a nossa língua é viva, e portanto vem sendo alterada pelos seus falantes o tempo todo, ou seja, nós somos os responsáveis por estas mudanças que já ocorreram e pelas que ainda vão ocorrer. Classificar uma palavra não é fácil, mas atualmente todas as palavras da língua portuguesa estão incluídas dentro de uma das dez classes gramaticais dependendo das suas características. A parte da gramática que estuda as classes de palavras é a MORFOLOGIA (morfo = forma, logia = estudo), ou seja, o estudo da forma.

Na morfologia, portanto, não estudamos as relações entre as palavras, o contexto em que são empregadas, ou outros fatores que podem influenciá-la, mas somente a forma da palavra.

Há discordância entre os gramáticos quanto a algumas definições ou características das classes gramaticais, mas podemos destacar as principais características de cada classe de palavras:

**SUBSTANTIVO** – é dita a classe que dá nome aos seres, mas não nomeia somente seres, como também sentimentos, estados de espírito, sensações, conceitos filosóficos ou políticos, etc.

Exemplo: Democracia, Andréia, Deus, cadeira, amor, sabor, carinho, etc.

**ARTIGO** – classe que abriga palavras que servem para determinar ou indeterminar os substantivos, antecedendo-os.

Exemplo: o, a, os, as, um, uma, uns, umas.

**ADJETIVO** – classe das características, qualidades. Os adjetivos servem para dar características aos substantivos.

Exemplo: querido, limpo, horroroso, quente, sábio, triste, amarelo, etc.

**PRONOME** – Palavra que pode acompanhar ou substituir um nome (substantivo) e que determina a pessoa do discurso.

Exemplo: eu, nossa, aquilo, esta, nós, mim, te, eles, etc.

**VERBO** – palavras que expressam ações ou estados se encontram nesta classe gramatical.

Exemplo: fazer, ser, andar, partir, impor, etc.

**ADVÉRBIO** – palavras que se associam a verbos, adjetivos ou outros advérbios, modificando-os.

Exemplo: não, muito, constantemente, sempre, etc.

**NUMERAL** – como o nome diz, expressam quantidades, frações, múltiplos, ordem.

Exemplo: primeiro, vinte, metade, triplo, etc.

**PREPOSIÇÃO** – Servem para ligar uma palavra à outra, estabelecendo relações entre elas.

Exemplo: em, de, para, por, etc.

**CONJUNÇÃO** – São palavras que ligam orações, estabelecendo entre elas relações de coordenação ou subordinação.

Exemplo: porém, e, contudo, portanto, mas, que, etc.

**INTERJEIÇÃO** – Contesta-se que esta seja uma classe gramatical como as demais, pois algumas de suas palavras podem ter valor de uma frase. Mesmo assim, podemos definir as interjeições como palavras ou expressões que evocam emoções, estados de espírito.

Exemplo: Nossa! Ave Maria! Uau! Que pena! Oh!

Segundo um estudo morfológico da língua portuguesa, as palavras podem ser analisadas e catalogadas em dez classes de palavras ou classes gramaticais distintas, sendo elas: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

### Substantivo

Substantivos são palavras que nomeiam seres, lugares, qualidades, sentimentos, noções, entre outros. Podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (diminutivo, normal, aumentativo). Exercem sempre a função de núcleo das funções sintáticas onde estão inseridos (sujeito, objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).

**Substantivos simples**

- Casa;
- Amor;
- Roupa;
- Livro;
- Felicidade.

**Substantivos compostos**

- Passatempo;
- Arco-íris;
- Beija-flor;
- Segunda-feira;
- Malmequer.

**Substantivos primitivos**

- Folha;
- Chuva;
- Algodão;
- Pedra;
- Quilo.

**Substantivos derivados**

- Território;
- Chuvada;
- Jardinagem;
- Açucareiro;
- Livraria.

**Substantivos próprios**

- Flávia;
- Brasil;
- Carnaval;
- Nilo;
- Serra da Mantiqueira.

**Substantivos comuns**

- Mãe;

- Computador;
- Papagaio;
- Uva;
- Planeta.

**Substantivos coletivos**

- Rebanho;
- Cardume;
- Pomar;
- Arquipélago;
- Constelação.

**Substantivos concretos**

- Mesa;
- Cachorro;
- Samambaia;
- Chuva;
- Felipe.

**Substantivos abstratos**

- Beleza;
- Pobreza;
- Crescimento;
- Amor;
- Calor.

**Substantivos comuns de dois gêneros**

- O estudante / a estudante;
- O jovem / a jovem;
- O artista / a artista.

**Substantivos sobrecomuns**

- A vítima;
- a pessoa;
- a criança;
- o gênio;
- o indivíduo.

**Substantivos Epicenos**

- a formiga;
- o crocodilo;
- a mosca;
- a baleia;
- o besouro.

**Substantivos De Dois Números**

- o lápis / os lápis;
- o tórax / os tórax;
- a práxis / as práxis.

**Artigo**

Artigos são palavras que antecedem os substantivos, determinando a definição ou a indefinição dos mesmos. Sendo flexionados em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), indicam também o gênero e o número dos substantivos que determinam.

**Artigos Definidos**

- o;
- a;
- os;
- as.

**Artigos Indefinidos**

- um;
- uma;
- uns;
- umas.

**Adjetivo**

Adjetivos são palavras que caracterizam um substantivo, conferindo-lhe uma qualidade, característica, aspecto ou estado. Podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (normal, comparativo, superlativo).

**Adjetivos Simples**

- vermelha;
- lindo;
- zangada;
- branco.

**Adjetivos Compostos**

- verde-escuro;
- amarelo-canário;
- franco-brasileiro;
- mal-educado.

**Adjetivo primitivo**

- feliz;
- bom;
- azul;
- triste;
- grande.

**Adjetivo Derivado**

- magrelo;
- avermelhado;
- apaixonado.

**Adjetivos Biformes**

- bonito;
- alta;
- rápido;
- amarelas;
- simpática.

**Adjetivos Uniformes**

- competente;
- fácil;
- verdes;
- veloz;
- comum.

**Adjetivos Pátrios**

- paulista;
- cearense;
- brasileiro;
- italiano;

- romeno.

**Pronome**

Pronomes são palavras que substituem o substantivo numa frase (pronomes substantivos) ou que acompanham, determinam e modificam os substantivos, atribuindo particularidades e características aos mesmos (pronomes adjetivos). Podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e pessoa (1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> pessoa do discurso).

**Pronomes Pessoais Retos**

- eu;
- tu;
- ele;
- nós;
- vós;
- eles.

**Pronomes Pessoais Oblíquos**

- me;
- mim;
- comigo;
- o;
- a;
- se;
- conosco;
- vos.

**Pronomes Pessoais De Tratamento**

- você;
- senhor;
- Vossa Excelência;
- Vossa Eminência.

**Pronomes Possessivos**

- meu;
- tua;
- seus;
- nossas;
- vosso;

- sua.

**Pronomes Demonstrativos**

- este;
- essa;
- aquilo;
- o;
- a;
- tal.

**Pronomes Interrogativos**

- que;
- quem;
- qual;
- quanto.

**Pronomes Relativos**

- que;
- quem;
- onde;
- a qual;
- cujo;
- quantas.

**Pronomes Indefinidos**

- algum;
- nenhuma;
- todos;
- muitas;
- nada;
- algo.

**Numeral**

Numerais são palavras que indicam quantidades de pessoas ou coisas, bem como a ordenação de elementos numa série. Alguns numerais podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), outros são invariáveis.

**Numerais Cardinais**

- um;

- sete;
- vinte e oito;
- cento e noventa;
- mil.

**Numerais Ordinais**

- primeiro;
- vigésimo segundo;
- nonagésimo;
- milésimo.

**Numerais Multiplicativo**

- duplo;
- triplo;
- quádruplo;
- quántuplo.

**Numerais Fracionários**

- um meio;
- um terço;
- três décimos.

**Numerais Coletivos**

- dúzia;
- cento;
- dezena;
- quinzena.

**Verbo**

Verbos são palavras que indicam, principalmente, uma ação. Podem indicar também uma ocorrência, um estado ou um fenômeno. Podem ser flexionados em número (singular e plural), pessoa (1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> pessoa do discurso), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo (passado, presente e futuro), aspecto (incoativo, cursivo e conclusivo) e voz (ativa, passiva e reflexiva).

**Verbos Regulares**

- cantar;
- amar;
- vender;
- prender;

- partir;
- abrir.

**Verbos Irregulares**

- medir;
- fazer;
- ouvir;
- haver;
- poder;
- crer.

**Verbos Anômalos**

- ser;
- ir.

**Verbos Principais**

- comer;
- dançar;
- saltar;
- escorregar;
- sorrir;
- rir.

**Verbos Auxiliares**

- ser;
- estar;
- ter;
- haver;
- ir.

**Verbos de Ligação**

- ser;
- estar;
- parecer;
- ficar;
- tornar-se;
- continuar;

- andar;
- permanecer.

**Verbos Defectivos**

- falir;
- banir;
- reaver;
- colorir;
- demolir;
- adequar.

**Verbos Impessoais**

- haver;
- fazer;
- chover;
- nevar;
- ventar;
- anoitecer;
- escurecer.

**Verbos Unipessoais**

- latir;
- miar;
- cacarejar;
- mugir;
- convir;
- custar;
- acontecer.

**Verbos Abundantes**

- aceitado / aceito;
- ganhado / ganho;
- pagado / pago.

**Verbos Pronominais Essenciais**

- arrepende-se;
- suicida-se;

- zangar-se;
- queixar-se;
- abster-se;
- dignar-se.

**Verbos Pronominais Acidentais**

- pentear / pentear-se;
- sentar / sentar-se;
- enganar / enganar-se
- debater / debater-se.

**Advérbio**

Advérbios são palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou um advérbio, indicando uma circunstância (tempo, lugar, modo, intensidade, ...). São invariáveis, não sendo flexionadas em gênero e número. Contudo, alguns advérbios podem ser flexionados em grau.

**Advérbio de lugar**

- aqui;
- ali;
- atrás;
- longe;
- perto;
- embaixo.

**Advérbio de Tempo**

- hoje;
- amanhã;
- nunca;
- cedo;
- tarde;
- antes.

**Advérbio De Modo**

- bem;
- mal;
- rapidamente;
- devagar;
- calmamente;

- pior.

**Advérbio De Afirmação**

- sim;
- certamente;
- certo;
- decididamente.

**Advérbio De Negação**

- não;
- nunca;
- jamais;
- nem;
- tampouco.

**Advérbio De Dúvida**

- talvez;
- quiçá;
- possivelmente;
- provavelmente;
- porventura.

**Advérbio de Intensidade**

- muito;
- pouco;
- tão;
- bastante;
- menos;
- quanto.

**Advérbio de Exclusão**

- salvo;
- senão;
- somente;
- só;
- unicamente;
- apenas.

**Advérbio de Inclusão**

- inclusivamente;
- também;
- mesmo;
- ainda.

**Advérbio de Ordem**

- primeiramente;
- ultimamente;
- depois.

**Preposição**

Preposições são palavras que estabelecem conexões com vários sentidos entre dois termos da oração. Através de preposições, o segundo termo (termo conseqüente) explica o sentido do primeiro termo (termo antecedente). São invariáveis, não sendo flexionadas em gênero e número.

**Preposições Simples Essenciais**

- a;
- após;
- até;
- com;
- de;
- em;
- entre;
- para;
- sobre.

**Preposições Simples Acidentais**

- como;
- conforme;
- consoante;
- durante;
- exceto;
- fora;
- mediante;
- salvo;
- segundo;

- senão.

**Preposições Compostas ou Locuções Prepositivas**

- acima de;
- a fim de;
- apesar de;
- através de;
- de acordo com;
- depois de;
- em vez de;
- graças a;
- perto de;
- por causa de.

**Conjunção**

Conjunções são palavras utilizadas como elementos de ligação entre duas orações ou entre termos de uma mesma oração, estabelecendo relações de coordenação ou de subordinação. São invariáveis, não sendo flexionadas em gênero e número.

**Conjunções Coordenativas Aditivas**

- e;
- nem;
- também;
- bem como;
- não só...mas também.

**Conjunções Coordenativas Adversativas**

- mas;
- porém;
- contudo;
- todavia;
- entretanto;
- no entanto;
- não obstante.

**Conjunções Coordenativas Alternativas**

- ou;
- ou...ou;

- já...já;
- ora...ora;
- quer...quer;
- seja...seja.

**Conjunções Coordenativas Conclusivas**

- logo;
- pois;
- portanto;
- assim;
- por isso;
- por consequência;
- por conseguinte.

**Conjunções Coordenativas Explicativas**

- que;
- porque;
- porquanto;
- pois;
- isto é.

**Conjunções Subordinativas Integrantes**

- que;
- se.

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Causais**

- porque;
- que;
- porquanto;
- visto que;
- uma vez que;
- já que;
- pois que;
- como.

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Concessivas**

- embora;

- conquanto;
- ainda que;
- mesmo que;
- se bem que;
- posto que.

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Condicionais**

- se;
- caso;
- desde;
- salvo se;
- desde que;
- exceto se;
- contando que.

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Conformativas**

- conforme;
- como;
- consoante;
- segundo.

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Finais**

- a fim de que;
- para que;
- que.

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Proporcionais**

- à proporção que;
- à medida que;
- ao passo que;
- quanto mais... mais,...

**Conjunções Subordinativas Adverbiais Temporais**

- quando;
- enquanto;
- agora que;
- logo que;

- desde que;
- assim que;
- tanto que;
- apenas.

**Conjunções subordinativas adverbiais comparativas**

- como;
- assim como;
- tal;
- qual;
- tanto como.

**Conjunções subordinativas adverbiais consecutivas**

- que;
- tanto que;
- tão que;
- tal que;
- tamanho que;
- de forma que;
- de modo que;
- de sorte que;
- de tal forma que.

**Interjeição**

Interjeições são palavras que exprimem emoções, sensações, estados de espírito. São invariáveis e seu significado fica dependente da forma como as mesmas são pronunciadas pelos interlocutores.

**Interjeições de alegria**

- Oh!;
- Ah!;
- Obal!;
- Viva!;
- Opa!.

**Interjeições de Estímulo**

- Vamos!;
- Força!;

- Coragem!;
- Ânimo!;
- Adiante!.

**Interjeições de Aprovação**

- Apoiado!;
- Boa!;
- Bravo!.

**Interjeições de desejo**

- Oh!;
- Tomara!;
- Oxalá!.

**Interjeições De Dor**

- Aii!;
- Uii!;
- Ah!;
- Oh!.

**Interjeições de Surpresa**

- Nossa!;
- Cruz!;
- Caramba!;
- Opa!;
- Virgem!;
- Vixe!.

**Interjeições de Impaciência**

- Diabol!;
- Puxa!;
- Pô!;
- Raios!;
- Ora!.

**Interjeições de Silêncio**

- Psiu!;
- Silêncio!.

**Interjeições de Alívio**

- Uf!;
- Ufa!;
- Ah!.

**Interjeições de Medo**

- Credol!;
- Cruzes!;
- Uh!;
- Ui!.

**Interjeições de Advertência**

- Cuidado!;
- Atenção!;
- Olha!;
- Alerta!;
- Sentido!.

**Interjeições de Concordância**

- Claro!;
- Tá!;
- Hã-hã!.

**Interjeições de Desaprovação**

- Credol!;
- Francamente!;
- Xil!;
- Chega!;
- Basta!;
- Ora!.

**Interjeições de Incredulidade**

- Hum!;
- Epa!;
- Ora!;
- Qual!.



**Concordância e Regência Verbal e Nominal**

O verbo deve ser flexionado ("modificado") concordando com a pessoa do sujeito (eu, tu, ele/ela, nós, vós/vocês, eles/elas) e o número (singular ou plural):

Sujeito simples: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, estando o sujeito antes ou depois do verbo.

Ex: foram embora, do nada, os meninos ("foram" concorda com "os meninos").

Sujeito composto: o verbo flexiona para o plural.

Ex: joana e carlos insistiram em vir (joana e carlos são duas pessoas, e não pode-se usar "insistiu", mas sim "insistiram").

Sujeito composto de diferentes pessoas: o verbo vai para o plural na pessoa que prevalecer.

Ex: atiramos a pedra você e eu ("atiramos" concorda com "você e eu").

Sujeito constituído de pronomes de tratamento: verbo flexiona na 3ª.

Ex: vossa excelência necessita de algo?

Sujeito constituído pelo pronome relativo que: verbo concordará em número e pessoa com o antecedente.

Ex: somos nós que precisamos de você.

Núcleos do sujeito ligados por ou: o verbo ficará no singular sempre que houver ideia de exclusão.

Ex: rosa ou azul será a cor do quarto.

Verbo com o pronome apassivador se: o verbo concorda com o sujeito.

Ex: analisou-se o plano de reforma.

Sujeito formado por expressões: um e outro – o verbo fica no plural; um ou outro – o verbo fica no singular; nem um nem outro – o verbo fica no singular.

Sujeito formado por número percentual: o verbo concordará com o numeral. Se a indicação de porcentagem se seguir uma expressão com de + substantivo, a concordância faz-se com esse substantivo.

Ex: 50% dos camundongos morreram.

Verbos impessoais (haver, fazer, chover, nevar, relampejar...): por não possuírem sujeito, ficam na 3ª pessoa do singular.

Ex: não havia flores mais belas.

Verbo ser: se um dos elementos referir-se a pessoa, o verbo concordará com ela.

Ex: minha ambição são os meus sonhos.

**Concordância Nominal**

É a concordância, em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural), entre o substantivo (nomes) e seus determinantes ("partes" que acompanham os nomes): o adjetivo, o pronome adjetivo, o artigo, o numeral.

O candidato talvez sinta dificuldade em assimilar o que sejam essas classes de palavras (adjetivo, pronome adjetivo, numeral, artigo, etc), mas não se preocupe: concentre-se em entender os exemplos, ou seja, concentre-se em entender o uso da língua.

Opções de concordância: o adjetivo concorda com o adjetivo mais próximo (eu dei de presente uma bolsa e um tênis preto) ou o adjetivo refere-se a dois substantivos de gêneros diferentes – prevalece o masculino e fica no plural (eu dei de presente uma bolsa e um tênis pretos).

As palavras bastantes, pouco, muito, caro e barato concordam com o substantivo quando têm valor de adjetivo. Quando são advérbios, são invariáveis.

Ex: estas revistas são caras (adjetivo) e as revistas custaram caro (advérbio).

Anexo, mesmo, próprio, incluso: concordam com o substantivo a que se referem.

As expressões “é proibido”, “é necessário”, “é preciso” ficam invariáveis quando acompanhadas apenas de substantivo. Porém, se o substantivo estiver determinado pelo artigo, a concordância é feita normalmente.

Lembre-se que a palavra ‘meia’ é um adjetivo, enquanto ‘meio’ é um advérbio, significando ‘um pouco’.

Obrigado/obrigada – concordam com o substantivo a que se referem.

### **Colocação Pronominal**

É o modo como se dispõem os pronomes pessoais oblíquos átonos (me, te, se, lhe(s), o(s), a(s), nos e vos) em relação ao verbo. Trata-se de um dos assuntos popularmente "espinhosos" da língua portuguesa, os quais somos "forçados" a entender na escola. Mas basicamente, basta lembrar que as posições dos pronomes pessoais oblíquos átonos em relação ao verbo ao qual se ligam denominam-se:

Ênclise (depois do verbo)

É a posposição do pronome átono ao vocábulo tônico ao que se liga. Ex: empreste-me o livro de matemática.

Próclise (antes do verbo)

É a colocação do pronome quando antes do verbo há palavras que exercem atração sobre ele, como:

- não, nunca, jamais, ninguém, nada.

Ex: não o vi hoje.

- advérbios, locuções adverbiais, pronomes interrogativos ou indefinidos. Ex: sempre te amarei.

- pronomes relativos.

Ex: há filmes que nos fazem chorar.

- orações optativas, aquelas que exprimem desejo.

Ex: deus te ouça!

- com gerúndio precedido da preposição ‘em’.

Ex: em se tratando desse tema...

Mesóclise (no meio do verbo)

É a colocação do pronome quando o verbo se encontra no futuro do presente ou no futuro do pretérito desde que não haja palavras que exerçam atração.

Ex: entregar-lhe-ei as informações. Na linguagem falada brasileira, o uso é quase inexistente.

### **Regência Verbal**

Há verbos, na língua portuguesa, que exigem a presença de outros termos na oração a que pertencem. Quando o verbo (termo regente) se relaciona com os seus complementos (termos regidos) acontece

um "fenômeno" ao qual damos o nome de regência verbal. Selecionamos a seguir alguns verbos em que há diferença de contexto na hora de se "fazer" a regência:

**Agradecer**

Alguma coisa (sem preposição): o palestrante agradeceu suas intervenções.

A alguém (preposição a): o paciente agradeceu ao médico.

**Assistir**

Dar assistência (sem preposição): o médico assistiu o doente.

Ver (preposição a): assisti a um bom filme.

Morar (preposição em): aquele homem assiste em são paulo.

Obedecer (desobedecer)

Sujeitar-se (preposição a): ele não obedeceu ao regulamento.

**Preferir**

Ter preferência por (preposição a): prefiro correr a nadar

**Visar**

Visar (preposição a): o comerciante visa ao lucro.

Assinar (sem preposição): o gerente do banco visou o cheque.

Mirar (sem preposição): o atirador visou o alvo e errou.

**Regência Nominal**

Já a regência nominal é a relação de um nome (substantivo, adjetivo) com outro termo. E a relação pode vir ou não acompanhada de preposições. Por exemplo:

Horror a

Impaciência com

Atentado contra a

Medo de

Idêntico a

Prestes a

Longe de

Benéfico a

Podemos arriscar a dizer que - apesar de todas as "pegadinhas" da língua e apesar de que na fala praticamos uma coisa e na escrita outra - de certa forma, já estamos um pouquinho acostumados a utilizar a regência correta (ou pelo menos a mais aceita). É por essa razão que determinadas pessoas - principalmente aquelas que ao longo da vida escolar demonstraram um pouco mais de "afinidade" com língua portuguesa - chegam a perceber mais facilmente se uma construção está correta ou não.

Vale lembrar, por fim, que "correto" ou "incorreto" para nós não possui a conotação de "certo" ou "errado", mas apenas a de "ser mais aceito socialmente" ou "não ser bem aceito socialmente", do ponto de vista do chamado "padrão culto da língua portuguesa", utilizado no Brasil (aquela língua defendida pelos nossos melhores gramáticos).

Dá-se o nome de regência à relação de subordinação que ocorre entre um verbo (ou um nome) e seus complementos.

Ocupa-se em estabelecer relações entre as palavras, criando frases não ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

### Regência Verbal

Termo regente: verbo

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais).

O estudo da regência verbal permite-nos ampliar nossa capacidade expressiva, pois oferece oportunidade de conhecermos as diversas significações que um verbo pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição. Observe:

A mãe agrada o filho. -> agradar significa acariciar.

A mãe agrada ao filho. -> agradar significa "causar agrado ou prazer", satisfazer.

Logo, conclui-se que "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém".

Saiba que:

O conhecimento do uso adequado das preposições é um dos aspectos fundamentais do estudo da regência verbal (e também nominal). As preposições são capazes de modificar completamente o sentido do que se está sendo dito. Veja os exemplos:

Cheguei ao metrô.

Cheguei no metrô.

No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.

A língua portuguesa é considerada um idioma complexo por causa da grande quantidade de regras existentes. Dentre essas regras, estão a regência verbal e a concordância verbal.

Regência é o ato de reger, que por sua vez significa governar, reinar, exercer a função de rei, regente, governador, chefe, administrador.

Para memorizar isto, basta que você se lembre de uma orquestra ou de um concerto, em que o maestro é quem rege (comanda todos os instrumentos musicais).

Neste mesmo sentido, podemos concluir que regência verbal é a relação de subordinação que ocorre entre um verbo e seus complementos. O verbo "governa" os seus complementos.

Em outras palavras, o verbo somente aceita as palavras que ele quer. O verbo é o chefe! Ele é o maestro que rege a orquestra.

Se um verbo não exigir complemento, então ele é chamado de verbo intransitivo.

Caso ele exija um complemento acompanhado de uma preposição, ele é chamado de verbo transitivo indireto.

Mas se esse complemento não vier acompanhado de preposição, o verbo é chamado de transitivo direto.

### Verbo Intransitivo

Vejamos um exemplo:

Mariana chorou.

Note que a frase não precisa de complementos. Podemos entender claramente o sentido dela.

A principal característica dos verbos intransitivos é que eles dispensam qualquer complemento verbal.

### **Verbo Transitivo Indireto**

Verbo transitivo indireto é aquele que exige um elo (preposição) entre ele e o seu complemento.

Observe a seguinte frase:

Maria gosta de aprender português.

Veja que o verbo da frase é gostar. Após o verbo, aparece a preposição “de”.

Quem gosta, gosta de algo ou de alguma coisa.

Por isso, podemos concluir que a regência verbal do verbo gostar exige a preposição “de”.

Vejamos agora o verbo acreditar.

Ana acredita em deus.

Quem acredita, acredita em algo ou em alguém. Então, podemos concluir que a regência do verbo acreditar exige a preposição “em”.

Em análise mais detalhada, podemos afirmar que o verbo gostar e o verbo acreditar são transitivos indiretos (pois exigem preposição). As expressões “de aprender português” e “em deus” são os objetos indiretos (complementos dos verbos transitivos indiretos: gostar e acreditar).

### **Verbo Transitivo Direto**

Verbo transitivo direto é aquele que não exige um elo (preposição) entre ele e o seu complemento. Vejamos um exemplo:

Marta comprou frutas.

Note que não há nenhuma palavra entre “comprou” e “frutas”. O verbo comprar é transitivo direto. Quem compra, compra alguma coisa.

### **Concordância Verbal**

Acabamos de ver que a regência verbal é a relação de subordinação em que o verbo é quem manda.

Agora veremos que a concordância verbal é a relação em que o verbo obedece!

Lembre-se do ditado:

Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Desta forma, o verbo deve concordar com o sujeito da oração, de acordo com a pessoa (eu, tu ele, nós, vós, eles) e/ou com o número (singular ou plural).

Por exemplo...

O aluno aprende português.

O sujeito é o aluno, que está no singular. Por isso, o verbo é conjugado na 3ª pessoa do singular - > aprende.

Agora observe...

Os alunos aprendem português.

O sujeito são os alunos (no plural). Por isso, o verbo é conjugado na 3ª pessoa do plural -> aprendem.

Resumindo...

Regência verbal -> o verbo "manda".

Concordância verbal -> o verbo "obedece".

O que é "regência"?

"regência" é a função subordinativa de um termo (regente) sobre outro (regido ou subordinado). Esta é a base fundamental de qualquer frase, pois é o que define seu sentido. A regência é estabelecida principalmente pela posição dos termos na frase ou oração, pelos conectivos (como as preposições "e", "de", "com", etc.) E pelos pronomes relativos (aquele, aquela, que, se, lhe, etc.).

São de fundamental importância as regências por preposições. O termo (regido) subordinado por uma preposição atua como complemento ou adjunto a uma palavra anterior (regente).

Exemplos:

- deu um presente ao amigo.

Neste caso, "ao" é a junção da preposição "a" com o artigo definido masculino, "o", e a palavra "amigo" tem a função de complemento de destinação, sendo, portanto, um objeto indireto.

- ele falou de você a mim.

Neste exemplo, "ti" e "maria" estão subordinados respectivamente às preposições "de" e "a". "ti" é um complemento de referência e "maria" é um complemento de destinação.

Há também os complementos de lugar:

Eu vim de vitória.

João foi à cidade.

Pedro foi à casa de maria.

O que é "concordância"?

A concordância é um princípio pelo qual certos termos determinantes ou dependentes se adaptam às categorias gramaticais de outros, determinados ou principais. Pode ser nominal ou verbal.

É uma concordância nominal quando o substantivo vem acompanhado por um adjetivo. Suponhamos que o substantivo seja, por exemplo, "carro".

À frente, acrescenta-se uma palavra complementar - por exemplo, "vermelho". Temos aí a concordância nominal "carro vermelho", na qual "carro" é um substantivo e "vermelho" é uma palavra que, em muitos casos, é um substantivo, mas neste se transforma em adjetivo e tem a função de complemento nominal.

A concordância é verbal quando a forma do verbo combina com o sujeito. Usemos como exemplo o verbo "trabalhar": "eu trabalho", "tu trabalhas", "joana trabalhou ontem", "eu trabalharei amanhã", etc.

A regência é o campo da língua portuguesa que estuda as relações de concordância entre os verbos (ou nomes) e os termos que completam seu sentido. Ou seja, estuda a relação de subordinação que ocorre entre um verbo (ou um nome) e seus complementos.

A regência é necessário visto que algumas palavras da língua portuguesa (verbo ou nome) não possuem seu sentido completo.

Observe o exemplo abaixo:

Muitas crianças têm medo. (medo de quê?)  
Muitas crianças têm medo de fantasmas.

Obs.: perceba que o nome pede complemento antecedido de preposição ("de" = preposição e "fantasmas" = complemento).

Importante: a regência estabelece uma relação entre um termo principal (termo regente) e o termo que lhe serve de complemento (termo regido) e possui dois tipos: regência nominal e regência verbal.

#### Regência Nominal

Regência nominal é quando um nome (substantivo, adjetivo) regente determina para o nome regido a necessidade do uso de uma preposição, ou seja, o vínculo entre o nome regente e o seu termo regido se estabelece por meio de uma preposição.

Dica: a relação entre um nome regente e seu termo regido se estabelece sempre por meio de uma preposição.

Exemplo:

- os trabalhadores ficaram satisfeito com o acordo, que foi favorável a eles.

Veja: "satisfeito" é o termo regente e "com o acordo" é o termo regido, "favorável" é o termo regente e "a eles" é o termo regido.

Obs.: quando um pronome relativo (que, qual, cujo, etc.) É regido por um nome, deve-se introduzir, antes do relativo, a preposição que o nome exige.

Exemplo:

- a proposta a que éramos favoráveis não foi discutida na reunião. (quem é favorável, é favorável a alguma coisa/algumém)

Regência nominal: principais casos (mais utilizados nas provas)

Como vimos, quando o termo regente é um nome, temos a regência nominal.

Então pra facilitar segue abaixo uma lista dos principais nomes que exigem preposições, existem nomes que pedem o uso de uma só preposição, mas também existem nomes que exigem os uso de mais de uma preposição. Veja:

Nomes que exigem o uso da preposição "a":

Acessível, acostumado, adaptado, adequado, afeição, agradável, alheio, alusão, análogo, anterior, apto, atento, atenção, avesso, benéfico, benefício, caro, compreensível, comum, contíguo, contrário, desacostumado desagradável, desatento, desfavorável, desrespeito, devoto, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, horror, idêntico, imune, inacessível, indiferente, inerente, inferior, insensível, junto, leal, necessário, nocivo, obediente, odioso, ódio, ojeriza, oneroso, paralelo, peculiar, pernicioso, perpendicular, posterior, preferível, preferência, prejudicial, prestes, propenso, propício, proveitoso, próximo, rebelde, rente, respeito, semelhante, sensível, simpático, superior, traidor, último, útil, visível, vizinho...

Nomes que exigem o uso da preposição "de":

Abrigado, amante, amigo ávido, capaz, certo, cheio, cheiro, comum, contemporâneo, convicto, cúmplice, descendente, desejoso, despojado, destituído, devoto, diferente, difícil, doente, dotado, duro, êmulo, escasso, fácil, feliz, fértil, forte, fraco, imbuído, impossível, incapaz, indigno, inimigo, inocente, inseparável, isento, junto, livre, longe, louco, maior, medo, menor, natural, orgulhoso, passível, piedade, possível, prodígio, próprio, querido, rico, seguro, sujo, suspeito, temeroso, vazio...

**Nomes Que Exigem a Preposição "Sobre":**

Opinião, discurso, discussão, dúvida, insistência, influência, informação, preponderante, proeminência, triunfo,

**Nomes Que Exigem a Preposição "Com":**

Acostumado, afável, amoroso, analogia, aparentado, compatível, cuidadoso, descontente, generoso, impaciente, impaciência, incompatível, ingrato, intolerante, mal, misericordioso, obsequioso, ocupado, parecido, relacionado, satisfeito, severo, solícito, triste...

**Nomes Que Exigem a Preposição "Em":**

Abundante, atento, bacharel, constante, doutor, entendido, erudito, fecundo, firme, hábil, incansável, incessante, inconstante, indeciso, infatigável, lento, morador, negligente, perito, pertinaz, prático, residente, sábio, sito, versado...

**Nomes Que Exigem a Preposição "Contra":**

Atentado, blasfêmia, combate, conspiração, declaração, luta, fúria, impotência, litígio, protesto, reclamação, representação...

Nomes que exigem a preposição "para":

Mau, próprio, odioso, útil...

**Regência Verbal**

Dizemos que regência verbal é a maneira como o verbo (termo regente) se relaciona com seus complementos (termo regido).

Nas relações de regência verbal, o vínculo entre o verbo e seu termo regido (complemento verbal) pode ser dar com ou sem a presença de preposição.

Exemplo:

- nós assistimos ao último jogo da copa.

Veja: "assistimos" é o termo regente, "ao" é a preposição e "último jogo" é o termo regido.

No entanto estudar a regência verbal requer que tenhamos conhecimentos anteriores a respeito do verbo e seus complementos, conhecer a transitividade verbal.

Basicamente precisamos saber que:

Um verbo pode ter sentido completo, sem necessitar de complementos. São os verbos intransitivos. Há verbos que não possuem sentido completo, necessitam de complemento. São os verbos transitivos.

Exemplos:

- transitivo direto: quando seu sentido se completa com o uso de um objeto direto (complemento sem preposição).

Exemplo: a avó carinhosa agrada a netinha.

"agrada" é verbo transitivo direto e "a netinha" é o objeto direto.

- Transitivo indireto: quando seu sentido se completa com o uso de um objeto indireto (complemento com preposição).

Exemplo: ninguém confia em estranhos.

"confia" é verbo transitivo indireto, "em" é a preposição e "estranhos" é o objeto indireto.

- Transitivo direto e indireto: quando seu sentido se completa com os dois objetos (direto e indireto).

Exemplo: devolvi o livro ao vendedor. "devolvi" é verbo transitivo direto e indireto, "o livro" é objeto direto e "vendedor" é objeto indireto.

A regência e o contexto (a situação de uso)

A regência de um verbo está ligada a situação de uso da língua. Determinada regência de um verbo pode ser adequada em um contexto e ser inadequada em outro.

Quando um ser humano irá a marte?

Quando um ser humano irá em marte?

Em contextos formais, deve-se empregar a frase 1, porque a variedade padrão, o verbo “ir” rege preposição a. Na linguagem coloquial (no cotidiano), é possível usar a frase 2.

Regência de alguns verbos

Para estudarmos a regência dos verbos, devemos dividi-los em dois grupos:

O primeiro, dos verbos que apresentam uma determinada regência na variedade padrão e outra regência na variedade coloquial;

2- e o segundo dos verbos que, na variedade padrão, apresentam mais de uma regência.

Primeiro grupo - verbos que apresentam uma regência na variedade padrão e outra na variedade coloquial:

### **Verbo Assistir**

- Sentido: “auxiliar”, “cabem, pertencer” e “ver, presenciar, atuar como expectador”. É nesse último sentido que ele é usado.

- Variedade padrão (exemplos): ele não assiste a filme de violência; pela tv, assistimos à premiação dos atletas olímpicos. Assistir com significado de ver, presenciar: é verbo transitivo indireto (vti), apresenta objeto indireto iniciado pela preposição a. Quem assiste, assiste a (alguma coisa).

- Variedade coloquial (exemplos): ela não assiste filmes de violência. Assistir com significado de ver, presenciar: é verbo transitivo direto (vtd); apresenta objeto direto. Assistir (alguma coisa)

### **Verbo Ir e Chegar**

- Variedade padrão (exemplos): no domingo, nós iremos a uma festa; o prefeito foi à capital falar com o governador; os funcionários chegam bem cedo ao escritório. Apresentam a preposição a iniciando o adjunto adverbial de lugar: ir a (algum lugar), chegar a (algum lugar)

- Variedade coloquial (exemplos): no domingo, nós iremos em uma festa; os funcionários chegam bem cedo no escritório. Apresentam a preposição em iniciando o adjunto adverbial de lugar: ir em (algum lugar), chegar em (algum lugar)

### **Verbo Obedecer/Desobedecer**

- Variedade padrão (exemplos): a maioria dos sócios do clube obedecem ao regulamento; quem desobedece às leis de trânsito deve ser punido. São vti; exigem objeto indireto iniciado pela preposição a. Obedecer a (alguém/alguma coisa), desobedecer a (alguém/alguma coisa)

- Variedade coloquial (exemplos): a maioria dos sócios do clube obedecem o regulamento; quem desobedece as leis de trânsito deve ser punido. São transitivos direto (vtd); apresentam objeto sem preposição inicial. Obedecer (alguém/alguma coisa), desobedecer (alguém/alguma coisa)

### **Verbo Pagar e Perdoar**

- Sentido: obs.: se o objeto for coisa (e não pessoa), ambos são transitivos direto, tanto na variedade padrão, como na coloquial. Exemplo: você não pagou o aluguel. O verbo pagar também é empregado com transitivo direto e indireto. (pagar alguma coisa para alguém) a empresa pagava excelentes salários a seus funcionários.

- Variedade padrão (exemplos): a empresa não paga aos funcionários faz dois meses; é ato de nobreza perdoar a um amigo. São vti quando o objeto é gente; exigem preposição a iniciando o objeto indireto. Pagar a (alguém), perdoar a (alguém)

- Variedade coloquial (exemplos): a empresa não paga os funcionários faz dois meses; é um ato de nobreza perdoar um amigo. São vtd, apresentam objeto sem preposição (objeto direto): pagar (alguém), perdoar (alguém)

### **Verbo Preferir**

- Variedade padrão (exemplos): os brasileiros preferem futebol ao vôlei; você preferiu trabalhar a estudar. Prefiro silêncio à agitação da cidade. É vtidi; exige dois objetos: um direto outro indireto (iniciado pela preposição a. Preferir (alguma coisa) a (outra)

- Variedade coloquial (exemplos): os brasileiros preferem mais o futebol que o vôlei; você preferiu (mais) trabalhar que estudar; prefiro (muito mais) silêncio do que a agitação da cidade. É empregado com expressões comparativas (“mais...que”, “muito mais ...que”, “do que”, etc.). Preferir (mais) (uma coisa) do que (outra).

### **Verbo Visar**

- Sentido: o emprego mais usual do verbo “visar” é no sentido de “objetivar, ter como meta”.

- Variedade padrão (exemplos): todo artista visa ao sucesso; suas pesquisas visavam à criação de novos remédios. É vti, com preposição a iniciando o objeto indireto. Visar a (alguma coisa)

- Variedade coloquial (exemplos): todo artista visa o sucesso; suas pesquisas visavam a criação de novos remédios. É vtd, apresenta objeto sem preposição (objeto direto). Visar (alguma coisa)

Segundo grupo - verbos que, na variedade padrão, apresentam mais de uma regência (dependendo do sentido/significado em que são empregados:

### **Verbo Aspirar**

- Transitividade (sentido): verbo transitivo direto (sugar/inspirar) verbo transitivo indireto (pretender)

- Exemplos: senti fortes dores quando aspirou o gás. O ex-governador aspirava ao cargo de presidente.

### **Verbo Assistir**

- Transitividade (sentido): verbo transitivo direto (ajudar); verbo transitivo indireto (ver); verbo transitivo indireto (pertencer)

- Exemplos: rapidamente os paramédicos assistiram os feridos. Você assistiu ao filme? O direito de votar assisti a todo cidadão.

### **Verbo Informar**

- Transitividade (sentido): verbo transitivo direto e indireto (passar informação)

- exemplos: algumas rádios informam as condições das estradas aos motoristas. Algumas rádios informam os motoristas das condições das estradas

### **Verbo Querer**

- Transitividade (sentido): verbo transitivo direto (desejar); verbo transitivo indireto (amar/gostar)

- Exemplos: todos queremos um brasil menos desigual. Isabela queria muito aos avós.

### **Verbo Visar**

- Transitividade (sentido): verbo transitivo direto (mirar); verbo transitivo direto (pôr visto); verbo transitivo indireto (objetivar)

- Exemplos: o atacante, ao chutar a falta, visou o ângulo do gol. Por favor, vise todas as páginas do documento. Esta fazenda visa à produção de alimentos orgânicos.

Observações:

O verbo aspirar, como outros transitivos indiretos, não admite os pronomes lhe/lhes como objeto. Devem ser substituídos por a ele (s) /a ela (s). Ex.: o diploma universitário é importante; todo jovem devem aspirar a ele.

No sentido de “ver presenciar”, o verbo assistir não admite lhe (s) como objeto, essas formas devem ser substituídas por ele (s) ela (s). Ex.: o show de abertura das olimpíadas foi muito bonito; você assistiu a ele?

No sentido de “objetivar, ter como meta”, o verbo visar (td) não admite como objeto a forma lhe/lhes, que devem ser substituídas por a ele (s) a ela (s). Ex: o título de campeão rende uma fortuna ao time vencedor, por isso todos os clubes visam a ele persistentemente.

Existem outros verbos que, na variedade padrão, apresentam a mesma regência do verbo informar. São eles: avisar, prevenir, notificar, cientificar.

Dicas gerais sobre regência verbal e nominal para fixação:

- ▶ alguns nomes ou verbos da língua portuguesa não tem sentido completo.
- ▶ na regência nominal, a relação entre um nome regente e seu termo regido se estabelece sempre por meio de uma preposição.
- ▶ na regência verbal, temos que conhecer a transitividade dos verbos, ou seja, se é direta (vtd-verbo transitivo direto), se é indireta (vti- verbo transitivo indireto) ou se é, ao mesmo tempo, direta e indireta (vtdi- verbo transitivo direto e indireto).
- ▶ observe sempre os verbos que mudam de regência ao mudar de sentido, como visar, assistir, aspirar, agradecer, implicar, proceder, querer, servir e outros.
- ▶ não se pode atribuir um mesmo complemento a verbos de regências distintas. Por exemplo: o verbo assistir no sentido de “ver”, requer a preposição a e o verbo gostar, requer a preposição de. Não podemos, segundo a gramática, construir frases como: “assistimos e gostamos do jogo. ”, temos que dar a cada verbo o complemento adequado, logo, a construção correta é “assistimos ao jogo e gostamos dele. ”
- ▶ o conhecimento das preposições e de seu uso é fator importante no estudo e emprego da regência (nominal, verbal) correta, pois elas são capazes de mudar totalmente o sentido do que for dito. Ex.: as novas medidas escolares vão de encontro aos anseios dos alunos. Os alunos da 3ª série foram ao encontro da nova turma.
- ▶ pronomes oblíquos, algumas vezes, funcionam como complemento verbal.
- ▶ pronomes relativos, algumas vezes, funcionam como complemento verbal.

Silepse

A palavra “silepse” é originária do grego sýllepsis, que significa “ação de reunir”, “ação de tomar em conjunto”, também pode ser entendida como a ação de compreender.

Ou seja, a silepse é a figura de sintaxe que consiste em uma concordância não fundamentada nas regras gramaticais da língua, e sim com uma concordância ideológica dos sentidos que as palavras expressam, ou ainda com o sentido que as relações entre elas revelam.

Conforme a concepção do termo, silepse referia-se somente à concordância de número. Contudo, como a língua configura-se como um organismo vivo, as variações linguísticas a colocam em processos de transformação, e agregaram outras formas de construção sintática com as concordâncias de gênero e pessoa. Em resumo, a silepse abarca praticamente todo o campo da concordância, tomando como princípio o aspecto ideológico da língua, e não a perspectiva gramatical.

#### Silepse de Número

A silepse de número pode ocorrer com todo substantivo singular compreendido como plural, pelo falante, e, em particular, com os coletivos dos nomes. A incidência desta silepse aumenta à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo. É mais recorrente quando o coletivo está elíptico (subentendido) na oração, assim:

A população manifestou-se contrária as mudanças políticas, foram às ruas e entoavam o hino nacional.

Após acidente de carro, a família saiu do hospital, estão bons.

Quando o sujeito de uma oração é um dos pronomes “nós” ou “vós” referindo-se a uma só pessoa, e os adjetivos ou participios a que eles estão ligados permanecem no singular, ocorre silepse de número, da seguinte forma:

Impulsionado por um cenário político de complexo entendimento, nossos esforços neste estudo voltaram-se à análise dos diferentes contextos dos estados brasileiros. Oferecemos cuidados aos graduandos em sociologia um completo manual, com o envolvimento de todos.

#### Silepse de Gênero

Os termos utilizados como forma de tratamento “vossa majestade”, “vossa excelência”, “vossa senhoria”, e similares a esses, apresentam-se sob o gênero feminino, porém são usadas com regularidade para pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino, quando deveria concordar com a forma de tratamento e não com a pessoa a quem a expressão está-se referindo:

Por exemplo, quando um juiz é um homem e usa-se a expressão “vossa excelência”, mas completa-se a oração com palavras no masculino.

Vossa excelência é muito justo, cumpre com as normas e as leis.

#### Silepse de Pessoa

Quando a pessoa do discurso se inclui num sujeito enunciado na terceira pessoa do plural, o verbo pode ir para a primeira pessoa do plural, exemplo: “esquece esse problema, que ainda havemos de ser realizados os dois, com a nossa família e trabalho”.

Quando o sujeito expresso na terceira pessoa do plural abrange a pessoa a quem o falante se dirige, é lícito usarmos a segunda pessoa do plural. Exemplo: “todos falais em me julgar e condenar”.

No português popular europeu, brasileiro e de países africanos de língua portuguesa, é comum a palavra “gente” transpor o verbo para a primeira pessoa do plural. Exemplo: “a gente necessita realizar uma tarefa bem elaborada para verem que somos grandiosos”.

Observação: para alguns gramáticos essa variação da língua se constitui como um desvio da regra, e não como uma elipse.

#### Outra aplicação do termo “silepse”

Em estudos da narrativa, também conhecido por narratologia, o termo “silepse” é usado para conceituar o processo de sintetizar o discurso, apresentando de um modo reduzido vários eventos associáveis através de um recurso qualquer de aproximação temporal, espacial, temático.

A silepse é uma figura de linguagem que está na categoria de figura de sintaxe (ou de construção). Isso porque ela está intimamente relacionada com a construção sintática das frases.

A silepse é empregada mediante a concordância da ideia e não do termo utilizado na frase. Dessa forma, ela não obedece às regras de concordância gramatical e sim por meio de uma concordância ideológica.

Além da silepse, outras figuras de sintaxe são: elipse, zeugma, hipérbato, assíndeto, polissíndeto, anáfora, anacoluto e pleonasma.

#### Classificação

Dependendo do campo gramatical que ela atua, a silepse é classificada em:

Silepse de gênero: quando há discordância entre os gêneros (feminino e masculino);

Silepse de número: quando há discordância entre o singular e o plural;

Silepse de pessoa: quando há discordância entre o sujeito, que aparece na terceira pessoa, e o verbo, que surge na primeira pessoa do plural.

#### Exemplos

Para compreender melhor, confira abaixo exemplos de silepse:

Silepse de gênero: a velha são paulo cresce a cada dia.

Silepse de número: o povo se uniu e gritavam muito alto nas ruas.

Silepse de pessoa: todos os pesquisadores estamos ansiosos com o congresso.

No primeiro exemplo, notamos a união dos gêneros masculinos (são paulo) e feminino (velha).

No segundo exemplo, o uso do singular e plural denota o uso da silepse de número: povo (singular) e gritavam (plural).

No terceiro exemplo, o verbo não concorda com o sujeito, e sim com a pessoa gramatical: pesquisadores (terceira pessoa); estamos (primeira pessoa do plural).

#### Exercícios

Indique qual tipo de silepse aparece nas frases abaixo:

- A) brasileiro, somos felizes.
- B) rio de janeiro é divertida.
- C) o público chegou e começaram a festejar.
- D) são paulo é violenta.
- E) todos preferimos o antigo prefeito.

A silepse é a concordância que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas sim com a ideia que ele representa. É uma concordância anormal, psicológica, espiritual, latente, porque se faz com um termo oculto, facilmente subentendido. Há três tipos de silepse: de gênero, número e pessoa.

#### Silepse de Gênero

Os gêneros são masculinos e femininos. Ocorre a silepse de gênero quando a concordância se faz com a ideia que o termo comporta. Exemplos:

A bonita porto velho sofreu mais uma vez com o calor intenso.

Nesse caso, o adjetivo bonita não está concordando com o termo porto velho, que gramaticalmente pertence ao gênero masculino, mas com a ideia contida no termo (a cidade de porto velho).

2) vossa excelência está preocupado.

Nesse exemplo, o adjetivo preocupado concorda com o sexo da pessoa, que nesse caso é masculino, e não com o termo vossa excelência.

**Silepse de Número**

Os números são singulares e plurais. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida. Exemplos:

A procissão saiu. Andaram por todas as ruas da cidade de Salvador.

Como vai a turma? Estão bem?

O povo corria por todos os lados e gritavam muito alto.

Note que nos exemplos acima, os verbos andaram, estão e gritavam não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, procissão, turma e povo, respectivamente), mas com a ideia de pluralidade que neles está contida. Procissão, turma e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural.

**Silepse de Pessoa**

Três são as pessoas gramaticais: a primeira, a segunda e a terceira. A silepse de pessoa ocorre quando há um desvio de concordância. O verbo, mais uma vez, não concorda com o sujeito da oração, mas sim com a pessoa que está inscrita no sujeito. Exemplos:

O que não compreendo é como os brasileiros persistamos em aceitar essa situação.

Os agricultores temos orgulho de nosso trabalho.

"dizem que os cariocas somos poucos dados aos jardins públicos." (machado de assis)

Observe que os verbos persistamos, temos e somos não concordam gramaticalmente com os seus sujeitos (brasileiros, agricultores e cariocas que estão na terceira pessoa), mas com a ideia que neles está contida (nós, os brasileiros, os agricultores e os cariocas).

**Silepse de pessoa**

A silepse de pessoa ocorre quando o verbo da frase não faz a concordância esperada com o sujeito exposto, e sim com um sujeito oculto na sentença.

Exemplo de silepse de pessoa:

"nos anos 80, os brasileiros tínhamos receio de investir no mercado".

O tínhamos está na primeira pessoa do plural, concordando com a ideia de um "nós" oculto, enquadrando o autor da frase entre "nós, os brasileiros". Enquanto que a escrita padrão seria "tinham", na terceira pessoa do plural.

**Silepse de Gênero**

A silepse de gênero ocorre quando há diferença entre o emprego do feminino e do masculino nos adjetivos relacionados ao sujeito.

Exemplo de silepse de gênero:

"ele contava os dias para chegar à sua amada belo horizonte".

Sua amada está no feminino e concorda com "a cidade de belo horizonte", enquanto poderia ser "seu amado belo horizonte", já que o termo "belo horizonte" seria masculino.

**Silepse de número**

A silepse de número acontece quando o verbo concorda com o sujeito oculto no singular ou plural, mas que é diferente do sujeito que consta na frase.

Exemplo de silepse de pessoa:

"a fome chegou ao grupo e atacaram logo o buffet".



## Produção Textual

A produção de textos é o ato de expor por meio de palavras as ideias, sendo uma ação deveras importante. Saber produzir um texto pode ser um pré-requisito para conseguir um emprego, uma vaga na faculdade, dentre outros.

Pessoas que escrevem bons textos conseguem se expressar melhor. A leitura, intimamente ligada à escrita, é um ato essencial para se produzir um bom texto.

Enquanto lemos estamos ampliando nosso vocabulário e, conseqüentemente, nosso universo interpretativo. Ou seja, com o ato da leitura estamos aumentando nossa capacidade de entender melhor tudo que nos rodeia.

Assim, é muito importante saber escrever bons textos, e sobretudo, ter o hábito da leitura.

### Tipos de Textos

Antes de mais nada, para produzir um bom texto é muito importante conhecer os diversos tipos de textos existentes, para que seja coerente com a proposta.

Assim, os principais tipos de textos são:

**Dissertação:** texto argumentativo e opinativo, por exemplo, artigos, resenhas, ensaios, monografias, etc.

**Narração:** narra fatos, acontecimentos ou ações de personagens num determinado tempo e espaço, por exemplo, crônicas, novelas, romances, lendas, etc.

**Descrição:** descreve objetos, pessoas, animais, lugares ou acontecimentos, por exemplo, diários, relatos, biografias, currículos, etc.

Para ampliar seus conhecimentos, leia também:

### Tipos de Textos

### Tipos de Redação

### Gêneros Textuais

### Como Produzir um Bom Texto?

Observe que não existe uma “fórmula mágica” para produzir um bom texto, no entanto, há estratégias interessantes para melhorar sua produção.

Cada indivíduo tem um estilo de escrita, no entanto, o que importa não é necessariamente o estilo e sim, a coesão e a coerência apresentadas no texto.

De tal modo, a coerência é uma característica textual que está relacionada com o contexto. Ou seja, ela significa a relação lógica entre as ideias expressas, de forma que não haja contradição no texto.

A coesão, por sua vez, está relacionada com as regras gramaticais e os usos corretos dos conectivos (conjunções, preposições, advérbios e pronomes).

Em suma, para que um texto seja considerado bom, o importante é conhecer o tipo e o gênero do texto. Além disso, não fugir do tema pedido e sobretudo, cumprir as regras gramaticais essenciais para sua compreensão.

Para tanto, pesquisar sobre o tema antes de escrever o texto é muito importante para dar consistência e mais propriedade à argumentação textual agregando maior valor ao texto.

Vale lembrar das novas regras gramaticais da língua portuguesa, apresentadas pelo “Novo Acordo Ortográfico”.

## Crie a Estrutura do Texto

Segue abaixo algumas etapas básicas para a produção de texto:

### Tema e Título

Observe que o tema da redação é diferente do título. Assim, o tema representa o assunto a ser abordado, enquanto o título é o nome dado ao texto.

Na maioria dos casos, o título é muito importante, sendo que algumas pessoas preferem começar por ele. Outras, escrevem o texto primeiro e a palavra ou expressão que o define é escolhida posteriormente.

### Confira também os possíveis Temas de Redação para o Enem. Apresentação

A apresentação do texto (também chamada de tese) é de suma importância pois são nos primeiros parágrafos que o leitor vai ficar interessado em ler o restante do texto.

Portanto, é o momento em que você irá instigar o leitor, sendo essencial pontuar as principais informações que serão desenvolvidas no decorrer do texto.

Claro que nem toda a informação deve estar presente na apresentação, que deverá ser breve. Porém, os principais dados e elementos que serão abordados devem surgir nesse momento do texto.

Após definir a apresentação, o segundo momento da produção do texto é o desenvolvimento (também chamado de anti-tese).

Como o próprio nome indica, nessa etapa é fundamental o desenvolvimento das ideias. Aqui o escritor irá argumentar e oferecer os dados e/ou as informações obtidas na pesquisa e fazer uma reflexão sobre o tema abordado.

Assim, fica claro que quanto melhor a sua argumentação, melhor será o texto. Leia também: Como Fazer o Desenvolvimento de uma Redação.

### Conclusão

Muitas pessoas não se preocupam com essa parte fundamental do texto, ou seja, o momento da conclusão (também chamado de nova tese). Finalizar o texto é tão importante quanto começá-lo.

Assim, não adianta fazer uma boa introdução e desenvolvimento, e deixar o texto sem conclusão. Após a argumentação faz-se necessário que o escritor chegue numa conclusão e opine (no caso dos textos dissertativos), apresentando assim um novo caminho.

Note que, quanto mais criativa for a conclusão, mais interessante ficará o texto.

### Dicas para Produzir um Bom Texto

Segue abaixo, algumas dicas para melhorar sua produção de textos:

Mantenha o hábito da leitura e da escrita;

Tenha o conhecimento das novas regras gramaticais;

Preste atenção à grafia, pontuação, parágrafos e concordâncias;

Seja criativo e espontâneo;

Não utilize palavras de baixo calão, palavrões;

Se distancie da linguagem coloquial, informal;

Tenha opinião e faça críticas próprias;

Atenção à relação lógica das ideias (coerência);

Não se afaste do tema e do tipo de texto proposto;

Faça um rascunho para evitar rasuras;

Se necessário, leia o texto em voz alta;

Cuidado com as repetições de palavras e ideias;

Não utilize palavras ou expressões que não conheça;

Se necessário, recorra ao dicionário;

Seja claro e conciso.

### Tipos de Textos

Os tipos de textos, são classificados de acordo com sua estrutura, objetivo e finalidade.

De maneira geral, a tipologia textual é dividida em: texto narrativo, descritivo, dissertativo, expositivo e injuntivo.

#### Texto Narrativo

A marca fundamental do Texto Narrativo é a existência de um enredo, do qual se desenvolvem as ações das personagens, marcadas pelo tempo e pelo espaço.

Assim, a narração possui um narrador (quem apresenta a trama), as personagens (principais e secundárias), o tempo (cronológico ou psicológico) e o espaço (local que se desenvolve a história).

Sua estrutura básica é: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho.

#### Texto Descritivo

O Texto Descritivo expõe apreciações e observações, de modo que indica aspectos, características, detalhes singulares e pormenores, seja de um objeto, lugar, pessoa ou fato.

Dessa maneira, alguns recursos linguísticos relevantes na estruturação dos textos descritivos são: a utilização de adjetivos, verbos de ligações, metáforas e comparações.

#### Texto Dissertativo

O Texto Dissertativo busca defender uma ideia e, logo, é baseado na argumentação e no desenvolvimento de um tema.

Para tanto, sua estrutura é dividida em três partes fundamentais:

tese (introdução): define o modelo básico para apresentar uma ideia, tema, assunto.

antítese (desenvolvimento): explora argumentos contra e a favor.

nova tese (conclusão): sugere uma nova tese, ou seja, uma nova ideia para concluir sua fundamentação.

Os textos dissertativos-argumentativos, além de ser um texto opinativo, buscam persuadir o leitor.

#### Texto Expositivo

O Texto Expositivo pretende apresentar um tema, a partir de recursos como a conceituação, a definição, a descrição, a comparação, a informação e enumeração.

Dessa forma, uma palestra, seminário ou entrevista são consideradas textos expositivos, cujo objetivo central do emissor é explanar, discutir, explicar sobre um assunto.

São classificados em: texto informativo-expositivo (transmissão de informações) ou texto expositivo-argumentativo (defesa de opinião sobre um tema). Outros exemplos de textos expositivos são os verbetes de dicionários e as enciclopédias.

#### Texto Injuntivo

O Texto Injuntivo ou instrucional está pautado na explicação e no método para a realização de algo. Temos como exemplos: uma receita de bolo, bula de remédio, manual de instruções e propagandas.

Dessa forma, um dos recursos linguísticos marcantes desse tipo de texto, é a utilização dos verbos no imperativo, de modo a indicar uma "ordem".

Como exemplo temos: receita de bolo "misture todos os ingredientes"; bula de remédio "tome duas cápsulas por dia"; manual de instruções "aperte a tecla amarela"; propagandas "vista essa camisa".

#### Texto Informativo

O texto informativo é um texto em que o escritor expõe brevemente um tema, fato ou circunstância ao leitor.

Trata-se de uma produção textual objetiva, normalmente em prosa, com linguagem clara e direta.

Tem como objetivo principal transmitir informação sobre algo, estando isento de duplas interpretações.

Ao contrário dos textos poéticos ou literários, que utilizam a linguagem conotativa, o texto informativo utiliza linguagem denotativa.

Além de apresentar dados e referências, não há interferência de subjetividade, ou seja, o texto é isento de sentimentos, sensações, apreciações do autor ou opiniões.

#### Características

O autor dos textos informativos é um transmissor que se preocupa em relatar informações da maneira mais objetiva e verossímil.

No caso das notícias, por exemplo, o escritor está encarregado de transmitir a informação para os receptores leitores da maneira objetiva e alheia a ele.

Escrito em prosa, o texto informativo apresenta dados que o tornam mais credível.

#### Estrutura

Tal como outros Gêneros Textuais, o texto informativo é constituído por:

**Introdução (tese):** momento de exposição das informações necessárias para informar o tema que será explorado pelo emissor (autor).

**Desenvolvimento (antítese):** parte fundamental que contém as informações completas sobre o tema, desde dados mais relevantes, ou melhor, todos os dados que se pode reunir para apresentação do tema.

**Conclusão (nova tese):** encerramento do texto com exposição da ideia central.

#### Exemplos

Veículos de informação tais como jornais, revistas e entrevistas são os exemplos mais notórios de textos informativos.

Além deles, os livros didáticos, as enciclopédias e os verbetes de dicionários são outros exemplos.

Os artigos científicos e técnicos também podem ser considerados textos informativos, embora esse gênero textual é mais identificado com os textos expositivos-argumentativos.

Confira exemplos de textos informativos:

## Notícia de Jornal

## Combate à Dengue

A picada do mosquito *Aedes Aegypti* tem demonstrado grande preocupação. Isso porque o aumento de mortes no país por motivo de dengue tem crescido de forma considerável nos últimos meses.

A melhor maneira de combater a doença é explorar a única arma: a prevenção.

Projetos de conscientização têm alertado a população para os perigos da proliferação do mosquito.

O foco está nos métodos necessários para acabar com os acúmulos de água nas casas. Isso porque são os ambientes mais propícios para a reprodução do transmissor da doença.

## Verbetes de Dicionário

## Significado de Alienação

s.f. Ação ou efeito de alienar: alienação de uma propriedade.

Jurídico. Ato de transferir para alguém uma propriedade ou um direito: alienação de um apartamento.

Resultado de algum tipo de abandono ou efeito da ausência de um direito comum: alienação da segurança.

Filosofia. Hegelianismo. Quando a consciência se torna desconhecida a si própria ou a sua própria essência.

Informal. Desinteresse por questões políticas ou sociais.

Psicologia. Estado da pessoa que, tendo sido educada em condições sociais determinadas, se submete cegamente aos valores e instituições dadas, perdendo assim a consciência de seus verdadeiros problemas.

Psicopatologia. Perda da razão, loucura: alienação mental.

Psiquiatria. No desenvolvimento de um sintoma clínico algumas pessoas ou situações comuns tornam-se estranhas ou perdem sua natureza familiar.

Alienação a título gratuito, doação. pl. alienações.

(Etm. do latim: alienatione.m)

## Texto Informativo e Texto Expositivo

Em muitos casos não existe diferença entre um texto informativo e um texto expositivo.

Isso porque a informação também é um dos seus principais recursos linguísticos de um texto expositivo. À informação se juntam, ainda, conceituação, definição, descrição, comparação e enumeração.

Apesar da semelhança entre ambos, segundo o objetivo pretendido, os textos expositivos podem ser classificados em Texto Expositivo-argumentativo e Texto Expositivo-informativo.

Importante notar que o gênero de textos informativos pode conter outros tipos de textos: descritivos, narrativos ou expositivos.

## Texto Jornalístico

Os textos jornalísticos são os textos veiculados pelos jornais, revistas, rádio e televisão, os quais possuem o intuito de comunicar e informar sobre algo.

Nos dias atuais, o texto jornalístico é provavelmente o gênero textual mais lido, uma vez que possui o maior alcance nos diversos setores da sociedade.

Uma característica importante dos textos jornalísticos é sua efemeridade, posto que favorecem o conhecimento de informações atuais de forma que possuem o propósito de difundir o que acontece de novo.

#### Estrutura do Texto Jornalístico

A composição de um texto jornalístico é dividida em:

Pauta: escolha do tema ou assunto

Apuração: recolha das informações, dados e verificação da veracidade dos fatos

Redação: transformação das informações num texto

Edição: correção e revisão dos textos Linguagem Jornalística

Importante destacar que a linguagem jornalística, em prosa, deve ser clara, simples, imparcial e objetiva de modo a expor para o emissor as informações mais relevantes sobre o tema.

Destarte, o jornalista possui a função de “traduzir” e transmitir as informações para o público em geral, de forma que utiliza um método de desenvolvimento textual baseado no critério básico ao responder as perguntas: “O quê?” (acontecimento, evento, fato ocorrido); “Quem?” (qual ou quais personagens estão envolvidos no acontecimento); “Quando?” (horário em que ocorreu o fato); “Onde?” (local que aconteceu o episódio); “Como?” (modo que ocorreu o evento); “Por quê?” (qual a causa do evento).

No tocante à sua estrutura gramatical, normalmente, o texto jornalístico apresenta frases curtas e ideias sucintas, as quais favorecem a objetividade do texto; além disso, trabalham com o recurso das repetições que auxiliam na memorização e assimilação das informações, sendo mais comum a utilização da ordem direta nas construções frasais, ou seja, sujeito + verbo + complementos e adjuntos adverbiais.

A despeito de possuir uma linguagem denotativa, ou seja, isenta de ambiguidades, na qual possui um único sentido, o jornal é um veículo portador de diferentes gêneros textuais e, portanto, pode apresentar uma linguagem conotativa (figurada), na medida em que desenvolve os diversos tipos de textos: narrativo, descritivo, dissertativo-opinativo, injuntivo e expositivo.

#### Texto Editorial

O texto editorial é um tipo de texto jornalístico que geralmente aparece no início das colunas. Diferente dos outros textos que compõem um jornal, de caráter informativo, os editoriais são textos opinativos.

Embora sejam textos de caráter subjetivo, eles podem apresentar certa objetividade. Isso porque são os editoriais que apresentam os assuntos que serão abordados em cada seção do jornal, ou seja, Política, Economia, Cultura, Esporte, Turismo, País, Cidade, Classificados, entre outros.

Os textos são organizados pelos editorialistas, que expressam as opiniões da equipe e, por isso, não recebem a assinatura do autor. No geral, eles apresentam a opinião do meio de comunicação (revista, jornal, rádio, etc.).

Tanto nos jornais como nas revistas podemos encontrar os editoriais intitulados como “Carta ao Leitor” ou “Carta do Editor”.

#### Como fazer um editorial?

Para produzir um editorial, inicialmente é necessário conhecer os assuntos que serão abordados no meio de comunicação. Feito isso, faça uma síntese de todo esse conteúdo para que ele seja apresentado para o público leitor. Embora apresente a estrutura básica do texto dissertativo, ele pode não seguir o padrão proposto.

#### Estrutura

Por ser um texto dissertativo-argumentativo, os editoriais apresentam a estrutura básica dividida em três partes principais:



## Semântica

A semântica é o estudo do significado e de fenômenos gramaticais relacionados a esse tópico. Qual é a diferença entre palavras sinônimas e antônimas ou entre conotação e denotação? O que são parônimos? Quando ocorre ambiguidade? São essas questões que o estudo da semântica ajuda a entender.

A semântica é a área da linguística que estuda o significado e a sua relação com o significante. O significado está associado ao sentido e, portanto, ao conteúdo e ao contexto; o significante está associado à forma (de palavras ou de sinais, de grafia ou de som).

Dentro da semântica, há conceitos relacionando o uso e a estrutura do significado dentro de determinados contextos, bem como alguns fenômenos gramaticais a respeito do significado na língua. Vamos aprender melhor sobre esses conceitos a seguir.

### Sinonímia X Antonímia

A sinonímia refere-se a vocabulários diferentes com carga semântica (significado) semelhante, podendo ser usados um no lugar do outro dependendo do contexto. São os sinônimos.

Sinônimo de espaço: ambiente.

Sinônimo de carinhoso: afetuoso.

Sinônimo de apoiar: sustentar.

A antonímia, por outro lado, refere-se a vocabulários diferentes com carga semântica (significado) com relação de oposição/contradição entre si. São os antônimos.

Antônimo de bonito: feio.

Antônimo de limpo: sujo.

Antônimo de bom: mau.

### Hiponímia X hiperonímia

Hiponímia e hiperonímia referem-se à relação de significado entre palavras. Hiperônimos são palavras com significado mais abrangente, que, por vezes, refere-se a uma “categoria” que engloba diversos outros termos mais específicos. Esses termos são conhecidos como hipônimos, pois têm significado mais específico dentro de outro mais abrangente.

“Minha namorada adora ver esportes na televisão: futebol, vôlei, basquete, ela não perde nenhuma transmissão!”

A palavra “esportes” é um hiperônimo por ter significado mais abrangente, englobando outros termos hipônimos, como “futebol”, “vôlei” e “basquete”.

### Paronímia

A paronímia refere-se a palavras com significados diferentes, mas significantes (estrutura) parecidos. Os parônimos muitas vezes geram confusão nos falantes, que trocam o seu uso por conta da semelhança escrita e sonora entre essas palavras. Como exemplos de parônimos, temos:

comprimento e cumprimento,

soar e suar,

mandado e mandato,

cavaleiro e cavalheiro,

absolver e absorver,

eminente e iminente.

### Polissemia Ou Homonímia

A homonímia é a relação entre diferentes palavras (ou expressões) que têm significantes iguais (forma igual na escrita, no som ou em ambos), mas significados distintos.

São (do verbo “ser”); são (santo); são (saudável).

Em cima (locução); encima (do verbo “encimar”).

Gosto (substantivo sinônimo de “sabor”); gosto (do verbo “gostar”).

A polissemia é a propriedade de um mesmo significante ter mais de um significado, que pode ser entendido pelo contexto.

Pregar (um sermão); pregar (um botão na camiseta); pregar (um prego na parede).

Manga (fruta); manga (da camiseta).

### Conotação E Denotação

As palavras e os discursos podem ter sentido conotativo ou denotativo. A denotação refere-se ao uso de palavras ou de expressões com significado literal, real e dicionarizado. Já a conotação, ao contrário, refere-se ao uso dessas palavras ou expressões no sentido figurado, podendo ser metafórico, irônico ou para passar um significado que vai além (ou que é diferente) do literal.

Uma gota fez o copo transbordar.

Com sentido denotativo, “gota” tem o significado real de gota de algum líquido. No sentido conotativo, “gota” pode representar um evento ou uma ação que desencadeou uma série de consequências.

### Ambiguidade

A ambiguidade ocorre quando um enunciado tem mais de uma interpretação possível devido à sua estrutura, muitas vezes gerando problemas de comunicação. Pode também ser usada como recurso estilístico para gerar humor ou na licença poética. Ele reencontrou a mãe em sua casa.

A casa era de quem? Do filho ou da mãe? Esse é um exemplo comum de ambiguidade. Para saber mais sobre esse fenômeno linguístico, leia o texto: ambiguidade.

A semântica é uma área da linguística voltada ao estudo do significado em diversos níveis, analisando inclusive o conteúdo e o contexto. Dessa forma, estuda-se a relação do significado com o significante, que tem a ver com a forma das palavras, seja essa forma a sua grafia, seja o seu som.

Já reparou como uma mesma palavra pode ter significados diferentes dependendo do contexto? Ou como a estrutura de um enunciado pode levar à compreensão de formas diferentes? São tópicos como esses que a semântica analisa.

### Sinonímia E Antonímia

A sinonímia refere-se a palavras diferentes com significado parecido, ou seja, palavras que são sinônimas. Palavras sinônimas costumam ter um significado muito semelhante, mas que não necessariamente é igual. Assim, palavras sinônimas podem ser substituídas uma pela outra dependendo do contexto.

Palavras sinônimas	
bonito	belo
diferente	distinto
engraçado	divertido
jovem	novo

A antonímia trata de palavras cujos significados estabelecem relação de oposição ou de contradição entre si, ou seja, palavras que são antônimas.

Palavras antônimas	
bonito	feio
diferente	igual
engraçado	chato
jovem	velho

O contexto é muito importante para entender quais vocábulos podem ser sinônimos e antônimos, já que muitas palavras têm mais de um sentido para cada situação. Veja as diferentes possibilidades para a palavra “caro”:

Vocabulário	Sinônimo	Antônimo
caro	custoso	barato
	querido	menosprezado
	difícil	fácil

### Paronímia E Homonímia

Paronímia é o fenômeno que ocorre em palavras com significados diferentes, mas significantes (estrutura) parecidos, ou seja, são palavras escritas e/ou faladas quase do mesmo jeito, mas que têm significados muito diferentes. Veja algumas palavras parônimas:

Palavras parônimas	
c <u>u</u> mprimento	co <u>m</u> primento
so <u>a</u> r	su <u>a</u> r
mu <u>r</u> o	mu <u>r</u> ro
pa <u>t</u> o	ga <u>t</u> o
ma <u>r</u> telo	ma <u>r</u> melo
cava <u>l</u> eiro	cava <u>l</u> heiro
absor <u>v</u> er	absol <u>v</u> er

Homonímia é o fenômeno que ocorre em palavras que têm significantes iguais e significados diferentes, ou seja, palavras homônimas são aquelas com mesma forma, mas significado diferente.

Homônimos perfeitos são aqueles com grafia e som exatamente iguais e significados distintos. Veja um homônimo perfeito:

Palavra homônima	Possíveis significados	Exemplo
são	conjugação do verbo ser	Eles <b>são</b> rebeldes.
	santo	Junho é o mês de <b>São</b> João.
	saudável	Estou <b>são</b> e salvo!

Quando essas palavras têm a mesma pronúncia, mas não a mesma grafia, são chamadas de palavras homófonas. Quando elas têm a mesma grafia, mas não a mesma pronúncia, são chamadas de palavras homógrafas. Veja nos exemplos:

Palavras homógrafas	Significados	Exemplo
gosto	conjugação do verbo gostar	Eu <b>gosto</b> de amendoim.
	sabor	Esse doce tem <b>gosto</b> de amendoim.
Palavras homófonas	Significados	Exemplo
acento	sinal diacrítico	Essa palavra tem <b>acento</b> ?
assento	local para se sentar	Há algum <b>assento</b> por aqui?

### Hiponímia E Hiperonímia

Algumas palavras têm relação semântica (isto é, de significado) mais ou menos abrangente em um contexto. A hiponímia está relacionada às palavras com significado mais estrito (o morfema “hipo” significa “pouco”), enquanto a hiperonímia se relaciona às palavras com significado mais abrangente (o morfema “hiper” significa “muito”). Veja o exemplo do enunciado:

Sou apaixonado por danças. Já aprendi várias: samba, tango, balé, forró, já aprendi de tudo!

O vocábulo “danças” funciona como hiperônimo porque engloba vários termos em sua categoria.

Os demais vocabulários grifados, como “samba”, “tango”, “balé”, “forró”, funcionam como hipônimos por se tratar de termos mais específicos dentro da categoria “danças”.

### Polissemia

A polissemia diz respeito à propriedade de um mesmo significante ter mais de um significado, ou seja, quando uma mesma palavra pode assumir diferentes significados dependendo do contexto. Veja:

Palavra	Possíveis significados	Exemplo
técnico	qualidade do que é específico de uma área	Esse termo é muito <b>técnico</b> .
	especialista	O <b>técnico</b> deve chegar logo para o reparo.
	treinador	Ele é o <b>técnico</b> da equipe.
legal	dentro da lei	Esta ação é <b>legal</b> e deve ser cumprida.
	bacana, divertido	Que festa <b>legal</b> !

A denotação se caracteriza pelo uso de palavras e expressões em seu sentido literal, ou seja, aquele que se refere de maneira exatamente igual ao da realidade.

A conotação se caracteriza pelo uso de palavras e expressões em seu sentido figurado, ou seja, aquele que se expressa por meio de metáforas, ironias, entre outras figuras que não expressam o sentido literal do vocabulário utilizado.

Veja a diferença de um discurso em seu sentido conotativo e denotativo:

Essa casa está pegando fogo!

Se usado no sentido denotativo, o enunciado indica que uma casa está, de fato, sendo tomada por um incêndio.

Se usado no sentido conotativo, por outro lado, o enunciado indica que uma casa está muito agitada, com acontecimentos intensos. Para saber mais sobre essas formas de expressão linguística, leia o texto: Denotação e conotação.

### Ambiguidade

Quando há ambiguidade em um enunciado, isto é, quando um enunciado é ambíguo, significa que ele pode ser interpretado de mais de uma maneira. Isso costuma acontecer devido à estrutura do enunciado, podendo ser um efeito de estilo (para gerar humor ou por licença poética) ou, ainda, um problema no enunciado, que gera ruídos na comunicação. Vejamos um exemplo:

Desisti de sair com você porque vi que estava cansado.

Quem estava cansado? Quem desistiu de sair ou quem ia ser chamado para sair? Essa é uma dúvida gerada pela ambiguidade no enunciado.

Semântica é um ramo da linguística que estuda o significado das palavras, frases e textos de uma língua. A semântica está dividida em: descritiva ou sincrônica – a que estuda o sentido atual das palavras e em histórica ou diacrônica - a que estuda as mudanças que as palavras sofreram no tempo e no espaço.

A semântica descritiva estuda o significado das palavras e também as figuras de linguagem.

O estudo do significado das palavras pode ser dividido em: sinonímia, antonímia, homonímia e paronímia:

Sinonímia – é o estudo da relação de duas ou mais palavras que possuem significados iguais ou semelhantes, ou seja, os sinônimos: Ex.: cara/rosto, quarto/dormitório, casa/lar/morada.

Antonímia – é o estudo da relação de duas ou mais palavra que possuem significados diferentes, ou seja, antônimos: Ex.: amor/ódio, dia/noite, calor/frio.

Homonímia – é o estudo da relação de duas ou mais palavras que possuem significados diferentes, porém, possuem a mesma forma e som, ou seja, os homônimos. Estas se dividem em: Homófonas – acento/assento, conserto/conserto; Homógrafas – pode/pode, olho/olho; Perfeitas – rio/rio, são/são/são.

Paronímia – é o estudo da particularidade de duas palavras que apresentam semelhança na grafia e na pronúncia, mas têm significados diferentes: eminente/iminente, absolver/absorver.

A semântica estuda também a denotação e a conotação das palavras:

Denotação – é a propriedade que possui uma palavra de limitar-se a seu próprio conceito, de trazer apenas o significado original. Ex.: As estrelas do céu. Vesti-me de vermelho. O fogo do isqueiro.

Conotação – é a propriedade que possui uma palavra de ampliar-se no seu campo semântico, dentro de um contexto, podendo causar várias interpretações. Ex.: As estrelas do cinema. O jardim vestiu-se de flores. O fogo da paixão.

A semântica também analisa as transformações de significados que acontecem nas formas linguísticas devido a fatores como o tempo. Isto é, parte de duas vertentes:

- Semântica Sincrônica é aquela que estuda o significado das palavras no momento atual. É a semântica descritiva que tem relação com a evolução da língua.
- Semântica Diacrônica é aquela que estuda o significado das palavras em um determinado espaço. É a semântica histórica que tem relação com um tempo passado.

No campo de estudo da semântica há alguns conceitos que são básicos para o entendimento dos significados das palavras. São elas:

- Denotação

- Conotação
- Sinonímia
- Antonímia
- Hiperônimo
- Hipônimo
- Homonímia
- Paronímia
- Polissemia
- Ambiguidade

Semântica: Denotação e Conotação

### **Conotação Ou Conotativo**

Conotação é quando as palavras são aplicadas em um sentido figurado. Além de depender do contexto em que estão inseridas.

### **Denotação Ou Denotativo**

Denotação é o sentido real da palavra ou frase. Exatamente o contrário da função conotativa. É o significado literal e original presente no dicionário.

Exemplos:

- Eduardo partiu o coração de Marcelo. (Conotativo)
- Marcelo partiu o pé da cadeira. (Denotativo)

Semântica: Sinonímia e Antonímia

### **Sinonímia**

No estudo semântico, sinonímia acontece quando duas palavras com significados diferentes são colocadas em um contexto em que passam a ser sinônimas. Isto quer dizer que não são palavras sinônimas, mas dentro daquela determinada oração assume significados iguais.

Cuidado! Essas expressões não são sinônimas, apenas estabelecem uma relação de sinonímia dentro de um contexto.

Exemplos:

- A paz e a tranquilidade reinavam na casa de Marcelo.
- A ponte da esquina quebrou porque era frágil e fraca.

Entenda: Os substantivos "paz", "tranquilidade", "frágil" e "fraca" quando separados do contexto não são sinônimos. Contudo, dentro do contexto de cada sentença, elas possuem o mesmo significado, ou seja, estão estabelecendo uma relação de sinonímia.

### **Antonímia**

Antonímia é a relação que ocorre quando duas ou mais palavras não são necessariamente contrárias, mas ao serem colocadas dentro de um contexto assumem sentido de antônimos.

Exemplos:

- Mônica é uma pessoa caridosa, já seu irmão Marcos é agressivo.
- Marcos é um homem mau, já Mônica é uma pessoa boa.

Entenda: “caridosa” e “agressivo” não são antônimos, mas transmitem esse sentido dentro desse contexto. Já as palavras “mau” e “boa” estão estabelecendo uma relação de antonímia, no entanto, também são palavras antônimas, pois o contrário de mau é bom e vice e versa.

### **Semântica: Hiperônimo E Hiponímia**

#### **Hiperônimo**

São palavras que tem um sentido mais abrangente, ou seja, englobam um conjunto de palavras relacionadas a ela e que estão dentro do mesmo grupo semântico.

Exemplos:

- Profissão: é um hiperônimo, pois dentro desse grupo há várias outras palavras. Como médico, jornalista, cozinheiro, entre outros.
- Inseto: hiperônimo de barata, mosquito, mosca, etc.
- Mamíferos: hiperônimo de ser humano, baleia, vaca, etc.

#### **Hipônimo**

Ao contrário do “hiper” que é algo mais amplo, “hipo” é mais restrito. Isto é, está relacionado a elementos mais específicos dentro do conjunto dos hiperônimos.

Exemplos:

- Escritor e Jornalista são hipônimos de profissão.
- Mosquito e mosca são hipônimos de inseto.
- Gato e cachorro são hipônimos de mamíferos.

Semântica: Paronímia e Homonímia

#### **Paronímia**

São palavras parônimas aquelas que têm a escrita e a pronúncia semelhantes, mas possuem diferentes significados. A relação parônima acontece quando duas ou mais expressões possuem significados distintos, mas são parecidas na sonoridade e ortografia.

Exemplos:

- Absolver (perdoar, inocentar) e absorve (aspirar, sorver).
- Recrear (divertir) e recriar (criar novamente).
- Eminência (elevado) iminência (qualidade do que está iminente).

#### **Homonímia**

É a relação presente entre duas ou mais palavras que possuem a mesma pronúncia ou escrita, mas diferentes significados.

A homônima é subdivida em:

- Palavras homógrafas: expressões com sentidos diferentes, mas a mesma escrita. Exemplo: sede (vontade de beber) e sede (matriz).

- Palavras homófonas: expressões que têm a escrita diferente, mas a pronúncia é igual. Exemplos: Sessão, secção, seção ou cessão e acerto (ato de acertar) e asserto (afirmação).
- Perfeitas: são palavras homógrafas e homófonas ao mesmo tempo, ou seja, tem a escrita e a pronúncia iguais, mas diferentes significados. Exemplo: Gosto (substantivo) e gosto (forma do verbo gostar na 1ª pessoa do sing. do tempo presente do modo indicativo).

Semântica: Polissemia e Ambiguidade

### Polissemia

A polissemia acontece quando uma mesma palavra pode ser interpretada em diversos significados, proporciona mais de um leitura.

Exemplos: palavras polissêmicas

- Cabo: pode ser cabo de vassoura, da faca ou o policial militar.
- Banco: pode ser a instituição comercial financeira ou o local de sentar.
- Manga: pode ser a fruta ou parte da roupa.
- Pé: pode ser pé de moleque (doce), parte do corpo humano ou o pé da cadeira.

Entenda: as palavras mostradas acima podem ter vários significados. Os sentidos mudam apenas no contexto em que forem inseridas.

### Ambiguidade

Ambiguidade anda ao lado da polissemia, porém a ambiguidade não está atrelada a vários significados, mas sim as possíveis interpretações em uma frase. Isto é, ambiguidade está relacionada ao duplo sentido de uma sentença ou palavra, enquanto que a polissemia caracteriza-se pelos vários significados de uma única palavra.

Então, ambiguidade é a abertura que uma palavra ou oração pode deixar para interpretações, a possibilidade de olhar por vários ângulos uma mesma coisa.

Exemplos:

- Daniela comeu um chocolate e sua irmã também. (Daniela e a irmã dela comeram um doce ou Daniela comeu o doce e a irmã?).
- O policial prendeu o suspeito em sua casa. (Na casa de quem? Do suspeito ou do policial?).
- A estudante falou para a professora que era soteropolitana. (Quem era soteropolitana? A estudante ou a professora?).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Emprego De Tempos E Modos Verbais

A língua portuguesa é composta por 3 modos (indicativo, subjuntivo e imperativo) e cada um deles é formado por um conjunto de tempos verbais.

Cada tempo verbal, por sua vez, é composto por formas verbais.

As formas verbais são as flexões que um verbo possui para cada pronome. Em “eu canto”, por exemplo, “eu” é o pronome e “canto” é a forma verbal.

### Modo indicativo

O Modo indicativo indica ações consideradas reais; que certamente se concretizam em algum momento do passado, do presente ou do futuro.

### Tempos verbais simples do modo indicativo

Os tempos verbais simples são aqueles que apenas precisam da conjugação do próprio verbo, ou seja, não precisam de um verbo auxiliar na sua estrutura de formação.

Observe a diferença:

Eu cheguei cedo. (tempo verbal simples)

Eu tinha chegado cedo. (tempo verbal composto)

O modo indicativo possui 6 tempos simples.

### Presente do indicativo

Por norma, o presente do indicativo tem como função indicar ação habitual, momento presente, situação permanente, característica de um sujeito ou verdade científica de fatos.

Exemplos:

Preciso falar com ela agora.

Vocês são muito inteligentes.

Eu estudo alemão aos sábados.

O clima do nordeste é quente.

Observe a conjugação de verbos regulares do presente do indicativo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
eu amo	eu como	eu parto
tu amas	tu comes	tu partes
ele ama	ele come	ele parte
nós amamos	nós comemos	nós partimos
vós amais	vós comeis	vós partis
eles amam	eles comem	eles partem

Exceção: é habitual o uso do presente do indicativo para fazer referência a ações futuras. Exemplo: Eu viajo amanhã.

### Pretérito perfeito

O pretérito perfeito é utilizado para indicar uma ação que ocorreu no passado e já foi concluída.

Exemplos:

Ela viajou para o México.

Meus vizinhos reformaram a casa deles.

O bebê tomou amamadeira.

Os professores chegaram atrasados.

Nós conseguimos alcançar a nossa meta.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito perfeito do indicativo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
eu amei	eu comi	eu parti
tu amaste	tu comeste	tu partiste
ele amou	ele comeu	ele partiu
nós amamos	nós comemos	nós partimos
vós amastes	vós comestes	vós partíeis
eles amaram	eles comeram	eles partiram

**Pretérito imperfeito**

O pretérito imperfeito indica uma ação passada contínua, ou seja, uma ação de duração prolongada no tempo, que pode ter sido concluída ou não.

Exemplos:

Ela gostava de fazer todo mundo rir.

As crianças brincavam de queimado com os colegas da escola.

Eu estudava de manhã e meu irmão estudava de tarde.

O senhor acordava muito cedo para ir trabalhar.

Ela fazia bolos deliciosos.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito imperfeito do indicativo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
eu amava	eu comia	eu partia
tu amavas	tu comias	tu partias
ele amava	ele comia	ele partia
nós amávamos	nós comíamos	nós partíamos
vós amáveis	vós comíeis	vós partíeis
eles amavam	eles comiam	eles partiam

**Pretérito mais-que-perfeito**

O pretérito mais-que-perfeito é um tempo verbal que indica uma ação passada que aconteceu antes de outra ação passada.

Além disso, também é usado para fazer referência a uma ação que ocorreu em um passado distante ou a uma ação passada ocorrida em um período impreciso.

Esse tempo verbal é pouquíssimo usado no cotidiano. É mais comum observar o seu uso na linguagem poética, em histórias de contos de fadas, etc.

Exemplos:

Quando cheguei ao cinema, o filme já começara.

O avião partira quando chegamos ao aeroporto.

O fogo consumira todo o apartamento quando os bombeiros chegaram.

Comprara um celular topo de gama.

A princesa acordara com o beijo do príncipe

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
eu amara	eu comera	eu partira
tu amaras	tu comeras	tu partiras
ele amara	ele comera	ele partira
nós amáramos	nós comêramos	nós partíramos
vós amáreis	vós comêreis	vós partíreis
eles amaram	eles comeram	eles partiram

Futuro do presente

O futuro do presente é o tempo verbal que expressa uma ação que acontecerá no futuro, ou seja, em um momento futuro em relação ao da fala ocorrida no presente.

Exemplos:

Visitarei meus primos na Páscoa.

Ela comemorará o aniversário com a família.

O filho dele nascerá amanhã.

No fim de semana choverá.

Eles receberão as gratificações no fim do mês.

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro do presente do indicativo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1ª conjugação)	comer (2ª conjugação)	partir (3ª conjugação)
eu amarei	eu comerei	eu partirei
tu amarás	tu comerás	tu partirás
ele amará	ele comerá	ele partirá
nós amaremos	nós comeremos	nós partiremos
vós amareis	vós comereis	vós partireis
eles amarão	eles comerão	eles partirão

#### Futuro do pretérito

Embora seja designado de “futuro”, o futuro do pretérito, na verdade, indica uma ação que poderia ter acontecido depois de uma ação ocorrida no passado.

Ele também é usado para expressar uma ação que está condicionada à outra; que é consequente dela.

Além disso, pode indicar incerteza, surpresa, indignação, e é uma forma educada de expressar desejo, pedido ou sugestão.

Exemplos:

Ela já tinha dito que não iria ao evento.

Se eu pudesse, viajaria pelo mundo.

Seria ele o menino de quem ela tinha falado?

Quem diria que logo ele faria isso conosco.

Poderia me passar o sal, por favor?

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro do pretérito do indicativo, na 1ª, 2ª e 3ª conjugações.

amar (1ª conjugação)	comer (2ª conjugação)	partir (3ª conjugação)
eu amaria	eu comeria	eu partiria
tu amarias	tu comerias	tu partirias
ele amaria	ele comeria	ele partiria
nós amaríamos	nós comeríamos	nós partiríamos
vós amaríeis	vós comeríeis	vós partiríeis
eles amariam	eles comeriam	eles partiriam

#### Tempos verbais compostos do modo indicativo

Os tempos verbais compostos são formados por um verbo auxiliar e um verbo principal flexionado no particípio passado.

Exemplo: Ela tinha estudado muito para a prova.

Observe que na frase acima, “tinha estudado” tem em sua estrutura:

um verbo auxiliar: tinha, flexão do verbo “ter”;

um verbo principal: estudado, flexão do particípio passado.

Independentemente da ideia de tempo que expressam (presente, passado e futuro), apenas a conjugação do verbo auxiliar de um tempo composto varia consoante o sujeito. O verbo principal é sempre flexionado no particípio passado. Confira:

Eu tinha estudado.

Nós teríamos estudado.

Eles terão estudado.

Veja que o verbo principal “estudado” se mantém em todas as pessoas verbais.

**Pretérito perfeito composto do indicativo**

O pretérito perfeito composto do modo indicativo é utilizado para expressar uma ação passada que ocorreu mais de uma vez, ou seja, com alguma frequência, e que se estende até o momento presente.

A estrutura de formação desse tempo verbal consiste no verbo auxiliar conjugado no presente do indicativo + verbo principal conjugado no particípio passado.

Exemplos:

Tenho visto seu irmão na escola.

Eles têm reformado o restaurante aos poucos.

Ana tem estudado inglês aos fins de semana.

As crianças têm se comportado melhor.

O bebê tem tido crises alérgicas.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito perfeito composto do indicativo, na 1º, 2º e 3º conjugações.

<b>amar (1ª conjugação)</b>	<b>comer (2ª conjugação)</b>	<b>partir (3ª conjugação)</b>
eu tenho amado	eu tenho comido	eu tenho partido
tu tens amado	tu tens comido	tu tens partido
ele tem amado	ele tem comido	ele tem partido
nós temos amado	nós temos comido	nós temos partido
vós tendes amado	vós tendes comido	vós tendes partido
eles têm amado	eles têm comido	eles têm partido

**Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo**

O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo indica uma ação do passado que ocorreu antes de outra ação do passado.

A estrutura de formação desse tempo verbal consiste no verbo auxiliar conjugado no pretérito imperfeito do indicativo + verbo principal conjugado no particípio passado.

Exemplos:

Tinha visto seu irmão na escola antes de encontrar com você.

Eles tinham reformado o restaurante aos poucos sem saber que ganhariam na loteria.

Ana tinha estudado inglês aos fins de semana antes de viajar para os EUA.

As crianças tinham se comportado melhor antes da troca de professor.

O bebê tinha tido crises alérgicas antes de começar a medicação.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, na 1º, 2º e 3º conjugações.

<b>amar (1ª conjugação)</b>	<b>comer (2ª conjugação)</b>	<b>partir (3ª conjugação)</b>
eu tinha amado	eu tinha comido	eu tinha partido
tu tinhas amado	tu tinhas comido	tu tinhas partido
ele tinha amado	ele tinha comido	ele tinha partido
nós tínhamos amado	nós tínhamos comido	nós tínhamos partido
vós tínheis amado	vós tínheis comido	vós tínheis partido
eles tinham amado	eles tinham comido	eles tinham partido

Futuro do presente composto do indicativo

O futuro do presente composto do indicativo é utilizado para indicar uma ação que acontecerá em um momento futuro, mas que já terá sido concluída antes de outra ação do futuro.

A estrutura de formação desse tempo verbal consiste no verbo auxiliar conjugado no futuro do presente do indicativo + verbo principal conjugado no particípio passado.

Exemplos:

Já terei visto seu irmão na escola quando encontrar com você.

Eles terão reformado o restaurante quando os pais se aposentarem.

Ana já terá ficado fluente em inglês quando viajar para os EUA.

As crianças terão ficado mais comportadas quando o ano letivo terminar.

O bebê terá ficado curado das crises alérgicas antes de terminar a medicação.

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro do presente composto do indicativo, na 1º, 2º e 3º conjugações.

<b>amar (1ª conjugação)</b>	<b>comer (2ª conjugação)</b>	<b>partir (3ª conjugação)</b>
eu terei amado	eu terei comido	eu terei partido
tu terás amado	tu terás comido	tu terás partido
ele terá amado	ele terá comido	ele terá partido
nós teremos amado	nós teremos comido	nós teremos partido
vós tereis amado	vós tereis comido	vós tereis partido
eles terão amado	eles terão comido	eles terão partido

Futuro do pretérito composto do indicativo

O futuro do pretérito composto do indicativo é utilizado para indicar uma ação que poderia ter acontecido depois de uma outra ação ocorrida no passado. Dessa forma, as ações expressas pelo futuro do pretérito composto do indicativo estão sempre condicionadas a essa tal ação passada.

A estrutura de formação desse tempo verbal consiste no verbo auxiliar conjugado no futuro do pretérito do indicativo + verbo principal conjugado no particípio passado.

Exemplos:

Eu teria estado presente se tivesse sido convidada.

Se ele não tivesse sido tão ignorante, teria conquistado mais amizades.

Vocês teriam tido um ótimo desempenho nas provas se tivessem estudado.

Tu terias feito muito sucesso se não tivesse tido vergonha de cantar no Karaokê.

Ela teria ficado realizada se tivesse tido um neto.

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro do pretérito composto do indicativo, na 1º, 2º e 3º conjugações.

amar (1ª conjugação)	comer (2ª conjugação)	partir (3ª conjugação)
eu teria amado	eu teria comido	eu teria partido
tu terias amado	tu terias comido	tu terias partido
ele teria amado	ele teria comido	ele teria partido
nós teríamos amado	nós teríamos comido	nós teríamos partido
vós teríeis amado	vós teríeis comido	vós teríeis partido
eles teriam amado	eles teriam comido	eles teriam partido

Modo subjuntivo

O modo subjuntivo é utilizado para indicar situações que expressam incerteza, hipótese, desejo, condição ou suposição.

Trata-se de um modo cujos tempos verbais geralmente são utilizados em orações subordinadas, pois costumam precisar de uma oração principal com outro tempo verbal para fazerem sentido.

Observe o exemplo abaixo:

- Se eu ganhasse na loteria, compraria uma casa de praia.

A oração "Se eu ganhasse na loteria", cujo verbo (ganhasse) está flexionado em um tempo verbal do modo subjuntivo, precisa de uma segunda oração para fazer sentido.

Sendo assim, ela está subordinada à oração principal "compraria uma casa de praia", pois precisa dela para fazer sentido.

O modo subjuntivo é constituído por 3 tempos verbais simples e 3 tempos verbais compostos.

Tempos verbais simples do modo subjuntivo

Assim como ocorre no modo indicativo, os tempos verbais simples do modo subjuntivo só precisam da conjugação do próprio verbo, ou seja, não precisam de um verbo auxiliar na sua estrutura de formação.

Veja a diferença:

Se eu chegasse cedo, aproveitaria melhor as aulas. (tempo verbal simples)

Se eu tivesse chegado cedo, teria aproveitado melhor as aulas. (tempo verbal composto)

Os 3 tempos verbais simples do modo subjuntivo são:

Presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito do subjuntivo.

Futuro do subjuntivo.

Presente do subjuntivo

O presente do subjuntivo é um tempo verbal utilizado para expressar ações no presente ou no futuro.

Tais ações podem expressar ideia de desejo, suposição e hipótese.

A estrutura desse tempo verbal é formada por que + pronome + verbo.

Exemplos:

Eles querem que eu seja feliz.

Tomara que tu possas viajar conosco.

Para que nós consigamos participar da palestra, precisamos reservar nossos lugares.

Não quero que ele finja algo que não sente.

Querem que eles cantem no palco principal do festival.

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro do presente do subjuntivo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
que eu ame	que eu coma	que eu parta
que tu ames	que tu comas	que tu partas
que ele ame	que ele coma	que ele parta
que nós amemos	que nós comamos	que nós partamos
que vós ameis	que vós comais	que vós partais
que eles amem	que eles comam	que eles partam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

O pretérito imperfeito do subjuntivo é um tempo verbal utilizado para expressar ideia de vontade, desejo, imaginação, sentimentos, probabilidade e condição.

As ações expressas por esse tempo verbal podem ter ocorrido ou não; trata-se de algo incerto, impossível de ser definido.

A estrutura desse tempo verbal é formada por se + pronome + verbo.

Exemplos:

Se eu ganhasse na loteria, compraria uma casa.

Ele teria tirado uma excelente nota se tivesse estudado.

Se tu pudesses visitar qualquer lugar do mundo, para onde você iria?

Nós participaríamos do evento se tivéssemos sido convidados.

Se eles quisessem saber de mim, já teriam me telefonado.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito imperfeito subjuntivo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
se eu amasse	se eu comesse	se eu partisse
se tu amasses	se tu comesses	se tu partisses
se ele amasse	se ele comesse	se ele partisse
se nós amássemos	se nós comêssemos	se nós partíssemos
se vós amásseis	se vós comêsseis	se vós partísseis
se eles amassem	se eles comessem	se eles partissem

### Futuro do subjuntivo

O futuro do subjuntivo é um tempo verbal utilizado para expressar ações que eventualmente ainda podem acontecer em um tempo futuro. A estrutura de formação que indica essa ideia é quando + pronome + verbo.

Exemplo: Quando eu visitar os meus pais, levarei um presente para cada um.

Ele também pode ser utilizado para expressar ideias condicionais. Nesse caso, a estrutura utilizada é se + pronome + verbo.

Exemplo: Se eu vencer o sorteio, ganharei um celular novo.

Confira mais alguns exemplos de frases com o futuro do subjuntivo:

Quando eu terminar a faculdade, viajarei para o Canadá.

Visitaremos os meus primos quando eles entrarem de férias

Se ela chegar ao aeroporto atrasada, perderá o voo.

Ficarei muito feliz se eles compuserem uma canção para mim.

Telefonaremos para você quando nós chegarmos em casa.

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro do subjuntivo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
quando eu amar ou se eu amar	quando eu comer ou se eu comer	quando eu partir ou se eu partir
quando tu amares ou se tu amares	quando tu comeres ou se tu comeres	quando tu partires ou se tu partires
quando ele amar ou se ele amar	quando ele comer ou se ele comer	quando ele partir ou se ele partir
quando nós amarmos ou se nós amarmos	quando nós comermos ou se nós comermos	quando nós partirmos ou se nós partirmos
quando vós amardes ou se vós amardes	quando vós comerdes ou se vós comerdes	quando vós partirdes ou se vós partirdes
quando eles amarem ou se eles amarem	quando eles comerem ou se eles comerem	quando eles partirem ou se eles partirem

### Tempos verbais compostos do modo subjuntivo

A formação dos tempos verbais compostos é feita com um verbo auxiliar e um verbo principal flexionado no particípio passado.

Exemplo: A professora não acredita que eu tenha feito o trabalho sozinha.

"Tenha feito" é um verbo composto do subjuntivo, pois tem em sua estrutura um verbo auxiliar (ter > tenha) e um verbo principal flexionado no particípio passado (fazer > feito).

Lembre-se de que nas formas verbais compostas, apenas o verbo auxiliar é flexionado; o verbo principal sempre é flexionado no particípio passado, independentemente da ideia de tempo indicada (presente, passado ou futuro).

Exemplos:

Desejo que ele tenha feito a prova com calma.

Quando você tiver feito a prova, se sentirá mais calmo

Se você tivesse feito a prova, se sentiria mais calmo.

O modo subjuntivo possui três tempos verbais compostos: pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto e futuro composto.

### Pretérito perfeito composto do subjuntivo

O pretérito perfeito composto do subjuntivo é um tempo verbal utilizado para indicar ações anteriores concluídas, que se referem a um tempo passado ou a um tempo futuro.

A estrutura de formação desse tempo verbal é composta pelo presente do subjuntivo do verbo "ter" ou do verbo "haver" (menos usado) + particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Espero que ele tenha chegado ao aeroporto a tempo.

Você não pode tirar o bolo do forno sem que a massa tenha assado por completo.

Acredito que eles tenham ido embora.

Queremos que você já tenha aprendido as preposições em inglês quando o curso acabar.

Ele prefere acreditar que ela tenha dito a verdade.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito perfeito composto do subjuntivo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
que eu tenha amado	que eu tenha comido	que eu tenha partido
que tu tenhas amado	que tu tenhas comido	que tu tenhas partido
que ele tenha amado	que ele tenha comido	que ele tenha partido
que nós tenhamos amado	que nós tenhamos comido	que nós tenhamos partido
que vós tenhais amado	que vós tenhais comido	que vós tenhais partido
que eles tenham amado	que eles tenham comido	que eles tenham partido

### Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

O pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo é um tempo verbal utilizado para expressar ações do passado que aconteceram antes de outra ação do passado.

Ele também pode ser usado para indicar situações irrealis do passado.

A estrutura de formação desse tempo verbal é composta pelo verbo "ter" flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

Se ele tivesse avisado que estava atrasado, teríamos esperado.

Eu não teria entrado nessa furada se tivesse prestado atenção aos sinais.

Se nós tivéssemos ouvido nossos pais, não teríamos tomado aquela decisão.

Se eles tivessem feito uma poupança com o dinheiro do prêmio, teriam ficado milionários.

Tenho certeza de que o futuro de Maria teria sido brilhante se ela tivesse tido oportunidade de terminar os estudos.

Observe a conjugação de verbos regulares do pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

<b>amar (1<sup>a</sup> conjugação)</b>	<b>comer (2<sup>a</sup> conjugação)</b>	<b>partir (3<sup>a</sup> conjugação)</b>
se eu tivesse amado ou que eu tivesse amado	se eu tivesse comido ou que eu tivesse comido	se eu tivesse partido ou que eu tivesse partido
se tu tivesses amado ou que tu tivesses amado	se tu tivesses comido ou que tu tivesses comido	se tu tivesses partido ou que tu tivesses partido
se ele tivesse amado ou que ele tivesse amado	se ele tivesse comido ou que ele tivesse comido	se ele tivesse partido ou que ele tivesse partido
se nós tivéssemos amado ou que nós tivéssemos amado	se nós tivéssemos comido ou que nós tivéssemos comido	se nós tivéssemos partido ou que nós tivéssemos partido
se vós tivésseis amado ou que vós tivésseis amado	se vós tivésseis comido ou que vós tivésseis comido	se vós tivésseis partido ou que vós tivésseis partido
se eles tivessem amado ou que eles tivessem amado	se eles tivessem comido ou que eles tivessem comido	se eles tivessem partido ou que eles tivessem partido

Futuro composto do subjuntivo

O futuro composto do subjuntivo é utilizado para expressar uma ação futura que terá sido concluída antes de outra ação futura.

A estrutura de formação desse tempo verbal é composta pelo futuro simples do subjuntivo + verbo principal no particípio passado.

Exemplos:

Ligarei para você quando eu tiver chegado ao seu prédio.

Quando eu tiver terminado a prova, pedirei ao meu pai para me buscar.

Se eu tiver esquecido roupa no varal, você poderá recolher para mim?

Teremos de voltar se eu tiver deixado os documentos em casa.

Quando eu tiver resolvido essa situação, te convidarei para vir me visitar por uns dias.

Observe a conjugação de verbos regulares do futuro composto do subjuntivo, na 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> conjugações.

amar (1 <sup>a</sup> conjugação)	comer (2 <sup>a</sup> conjugação)	partir (3 <sup>a</sup> conjugação)
quando eu tiver amado ou se eu tiver amado	quando eu tiver comido ou se eu tiver comido	quando eu tiver partido ou se eu tiver partido
quando tu tiveres amado ou se eu tiver tiveres amado	quando tu tiveres comido ou se eu tiver tiveres comido	quando tu tiveres partido ou se eu tiver tiveres partido
quando ele tiver amado ou se ele tiver amado	quando ele tiver comido ou se ele tiver comido	quando ele tiver partido ou se ele tiver partido
quando nós tivermos amado ou se nós tivermos amado	quando nós tivermos comido ou se nós tivermos comido	quando nós tivermos partido ou se nós tivermos partido
quando vós tiverdes amado ou se vós tiverdes amado	quando vós tiverdes comido ou se vós tiverdes comido	quando vós tiverdes partido ou se vós tiverdes partido
quando nós tivermos amado ou se nós tivermos amado	quando nós tivermos comido ou se nós tivermos comido	quando nós tivermos partido ou se nós tivermos partido

#### Modo imperativo

O modo imperativo é um modo verbal utilizado para indicar ações onde o receptor da mensagem recebe um pedido, uma ordem, uma sugestão, um conselho, um aviso, uma orientação e outros tipos de indicação.

Os tempos verbais do modo imperativo subdividem-se em dois: imperativo afirmativo e imperativo negativo.

#### Imperativo afirmativo

O imperativo afirmativo expressa uma indicação ao receptor da mensagem através de uma afirmação.

Exemplos:

Feche a porta, por favor.

Fale devagar!

Coloque um pouco mais de tempero para realçar o sabor.

Estude para se sair bem na prova.

Enviem as respostas de vocês o quanto antes.

Esse tempo verbal não é conjugado na primeira pessoa do singular pelo fato de expressar a ideia de que alguém se comunica com um outro alguém.

Observe a conjugação de verbos regulares do imperativo afirmativo, na 1º, 2º e 3º conjugações.

amar (1ª conjugação)	comer (2ª conjugação)	partir (3ª conjugação)
-	-	-
ama tu	come tu	parte tu
ame você	coma você	parta você
amemos nós	comamos nós	partamos nós
amai vós	comei vós	parti vós
amem vocês	comam vocês	partam vocês

#### Imperativo negativo

O imperativo negativo expressa uma indicação ao receptor da mensagem através de uma frase negativa.

Exemplos:

Não feche a janela, por favor.

Não fale tão devagar!

Não coloque mais sal na comida.

Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje!

Não esqueça de responder ao e-mail do chefe.

Assim como o imperativo afirmativo, o imperativo negativo não é flexionado na primeira pessoa do singular (eu).

Observe a conjugação desse tempo verbal na 1º, 2º e 3º conjugações.

amar (1ª conjugação)	comer (2ª conjugação)	partir (3ª conjugação)
-	-	-
não ames tu	não comas tu	não partas tu
não ame você	não coma você	não parta você
não amemos nós	não comamos nós	não partamos
não ameis vós	não comais vós	não partais vós
não amem vocês	não comam vocês	não partam vocês

#### Formas nominais

Embora não façam parte nem dos modos e nem dos tempos verbais, as formas nominais são de grande importância na conjugação dos verbos.

A designação de “forma nominal” dá-se pelo fato de, por vezes, elas apresentarem função de nome.

Elas subdividem-se em três grupos: infinitivo, gerúndio e particípio



## Fonética e Fonologia

A Gramática registra e descreve todos os aspectos das línguas. Como sabemos, esses aspectos são diversos e seu estudo é organizado em partes: Fonética e Fonologia, Morfologia e Sintaxe (morfossintaxe), Semântica e Estilística.

Neste texto vamos refletir a respeito da primeira parte dos estudos da Gramática Descritiva, a Fonética e Fonologia, que tratam dos aspectos fônicos, físicos e fisiológicos da nossa língua.

### Fonética

A Fonética é o estudo dos aspectos acústicos e fisiológicos dos sons efetivos (reais) dos atos de fala no que se refere à produção, articulação e variedades. Em outras palavras, a Fonética preocupa-se com os sons da fala em sua realização concreta. Quando um falante pronuncia a palavra 'dia', a Fonética interessa de que forma a consoante /d/ é pronunciada: /d/ /i/ /a/ ou /dj/ /i/ /a/.

### Fonologia

A Fonologia é o estudo dos Fonemas (os sons) de uma língua. Para a Fonologia, o fonema é uma unidade acústica que não é dotada de significado. Isso significa que os fonemas são os diferentes sons que produzimos para exprimir nossas ideias, sentimentos e emoções a partir da junção de unidades distintas. Essas unidades, juntas, formam as sílabas e as palavras.

A palavra 'Fonema' tem origem grega (fono = som + emas = unidades distintas) e representa as menores unidades sonoras que formam as palavras. As palavras são a unidade básica da interação verbal e são criadas pela junção de unidades menores: as sílabas e os sons, na fala, ou as sílabas e letras, na escrita.

Os fonemas são classificados em vogais, semivogais e consoantes. Essa classificação existe em virtude dos diferentes tipos de sons produzidos pela corrente de ar que sai dos nossos pulmões e é liberada, com ou sem obstáculos, pela boca e/ou pelo nariz.

## Fonética e Fonologia

### 1. FONOLOGIA

É a parte da Gramática que estuda o comportamento dos fonemas de uma língua, tomando-os como unidades sonoras capazes de criar diferença de significados. Outros nomes: fonêmica, fonemática.

### 2. FONÉTICA

É a parte da Gramática que estuda as particularidades dos fonemas, ou seja, as variações que podem ocorrer na realização dos fonemas.

### 3. FONEMA E LETRA

Fonema é a menor unidade sonora e distintiva de uma língua. Os fonemas dividem-se em vogais, semivogais e consoantes. Convém reforçar que o fonema é uma realidade acústica.

Letra é o sinal gráfico que, na escrita, representa o fonema. A letra é uma realidade gráfico-visual do fonema.

Observações importantes:

- a) Uma mesma letra pode representar fonemas diferentes. É o que ocorre com a letra "x" em palavras como sexo (x = ks), feixe (x = ch), exato (x = z) e próximo (x = ss).
- b) Um mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes. É o que ocorre em flecha (ch = x) e lixo (x = ch).
- c) Uma única letra pode representar dois fonemas. A esse fenômeno, chama-se dífono. Exemplo: táxi (lê-se "táksi" – x = ks).
- d) Duas letras podem representar um único fonema. A esse fenômeno, chama-se dígrafo. Exemplo: chave (lê-se "xávi" – ch = x).

#### 4. Alfabeto Fonético

Como as letras da escrita não conseguem representar fielmente os fonemas, criaram-se símbolos especiais para a representação fiel dos sons formadores dos vocábulos. Esses símbolos formam o alfabeto fonético, utilizado na transcrição fonética dos sons da linguagem.

Qual é a diferença entre fonética e fonologia?

Fonética

Estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala humana. Preocupa-se com a parte significativa do signo linguístico e não com o seu conteúdo; como os sons são produzidos pela posição e função de cada um dos órgãos do aparelho fonador (língua, lábios...)

Exemplo:

Distorção do /s/;

Diferença entre /d/ e /d^z/

Fonologia

Estuda o sistema sonoro de um idioma, do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística. A fonologia se preocupa com a maneira como eles se organizam dentro de uma língua. Estuda também a estrutura silábica, o acento e a entonação.

Exemplo:

Troca de /v/ pelo /f/ = vaca – faca

Classificação dos Fonemas e Dígrafos

Os fonemas da Língua Portuguesa classificam-se em vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são fonemas pronunciados sem obstáculo à passagem de ar, chegando livremente ao exterior. Exemplos: pato, bota.

Semivogais: são os fonemas que se juntam a uma vogal, formando com esta uma só sílaba. Exemplos: couro, baile.

Observe que só os fonemas /i/ e /u/ átonos funcionam como semivogais. Para que não sejam confundidos com as vogais i e u serão representados por [y] e [w] e chamados, respectivamente, de iode e vau.

Consoantes: são fonemas produzidos mediante a resistência que os órgãos bucais (língua, dentes, lábios) opõem à passagem de ar. Exemplos: caderno, lâmpada.

Dicas:

Em nossa língua, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação da sílaba. Você encontrará sílabas constituídas só de vogais, mas nunca formadas somente com consoantes. Exemplos: viúva, abelha.

Dígrafos

É a união de duas letras representando um só fonema. Observe que no caso dos dígrafos não há correspondência direta entre o número de letras e o número de fonemas.

Dígrafos que desempenham a função de consoantes: ch (chuva), lh (molho), nh (unha), rr (carro) e outros.

Dígrafos que desempenham a função de vogais nasais: am (campo), en (bento), om (tombo) e outros.

### Classificação dos Fonemas

Há quatro os critérios de classificação para as vogais:

#### Zona de articulação

média ou central: a

anteriores ou palatais: é, ê, i

posteriores ou velares: ó, ô, u

#### Intensidade

tônicas: mais intensidade

átonas: intensidade fraca

a vogal átona pode ser: pretônica, postônica ou subtônica / facilmente = a (subton.), i (preton.), último e (post).

#### Timbre

abertas – a, é, ó (em sílaba tônica ou subtônica)

fechadas – ê, ô, i, u (em sílabas tônicas, subtônicas ou átonas)

reduzidas – vogais átonas finais, proferidas fracamente

#### Papel das cavidades bucal e nasal

orais – a, é, ê, i, ó, ô, u – ressonância apenas da boca

nasais – todas as vogais nasalizadas – ressonância em parte da cavidade nasal. Índices de nasalidade: ~ e m ou n em fim de sílaba.

#### Observação

As vogais nasais são sempre fechadas.

As consoantes também apresentam quatro critérios de classificação

#### Modo de articulação

oclusivas – corrente de ar encontra na boca obstáculo total – p, b, t, d, c(=k) e q, g (=guê)

constritivas – corrente de ar encontra obstáculo parcial na boca – f, v, s, z, x, j, l, lh, r, rr. Elas subdividem-se em: fricativas – f, v, s, z, x, j / laterais – l, lh / vibrantes – r, rr

#### Observação

As consoantes nasais (m, n, nh) são ponto de divergência entre gramáticos, no tocante a agrupá-las como oclusivas ou constritivas. Isso se deve ao fato de a oclusão ser apenas bucal, chegando o ar às fossas nasais onde ressoa. Para Faraco e Moura, são oclusivas. Hildebrando não as coloca em nenhum dos dois grupos.

#### Ponto de articulação

bilabiais – p, b, m

labiodentais – f, v

linguodentais – t, d, n

alveolares – s, z, l, r

palatais – x, j, lh, nh

velares – c(=k), qu, g (=guê), rr

#### Papel das cordas vocais

surdas – sem vibração – p, t, c(=k), qu, f, s, x

sonoras – com vibração – b, d, g, v, z, j, l, lh, m, n, nh, r (fraca), rr (forte)

Papel das cavidades bucal e nasal

nasais – m, n, nh

orais – todas as outras

Classificação dos Fonemas – Tipos

Existem três tipos de fonemas em português:

Vogal

Semivogal

Consoante

Vogal

É o fonema produzido livremente, sem que o ar encontre, na cavidade bucal, qualquer obstáculo à sua passagem.

As vogais podem ser:

a) Oraís: Quando o ar sai apenas pela boca: /a/, /e/, /i/, /u/.

b) Nasais: Quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais: /ã/.

c) Átonas: Pronunciadas com menor intensidade.

d) Tônicas: Pronunciadas com maior intensidade.

Semivogais

São os fonemas /i/ e /u/, quando formam sílaba com uma vogal:

Pai

são

Consoantes

São os fonemas produzidos quando a corrente de ar encontra, na cavidade bucal, obstáculos à sua passagem.

Exemplos: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/.

Fonemas

1 – Vogal

Fonema que sai livremente pela boca, não encontrando nenhum obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador.

Exemplos: /a/ /ê/ /i/ /ô/ /u/ /ã/ /e/ /i/ /o/ /u/ /é/ /ó/

2 – Semivogal

Nome dado aos sons /i/ e /u/ quando são pronunciados juntamente com uma outra vogal, numa só emissão de voz.

Observação: Os fonemas /i/ e /u/ podem aparecer representados na escrita por e, o ou m.

Exemplos: – mãe – a letra e tem o som de um i átono, sendo pronunciada juntamente com o a = /m/ã/i/.  
– mão – a letra o tem o som de um u átono, sendo pronunciada juntamente com o u = /m/ã/u/. – também  
– a sílaba final é pronunciada com um i: "tambeim".

### 3 – Consoante

Fonema produzido graças aos obstáculos que impedem a passagem livre do ar. Exemplos: /b/, /d/, /g/ etc...

Classificação dos Fonemas – Cordas Vocais

Vogais

São fonemas que fazem vibrar as cordas vocais, em cuja produção a corrente de ar vinda dos pulmões não encontra obstáculos.

São doze, e não cinco como muitos imaginam.

São silábicos, isto é, constituem a base da sílaba.

/ a // â // é // ê // i // í // ó // ô // õ // u //

Semivogais

São os fonemas /i/ e /u/ quando formam sílabas com uma vogal.

can-tai	a = vogal i = semivogal
le-vou	a = vogal i = semivogal

Observação

As letras e e o também podem representar semivogal:

põe = [põĩ]	mão = [mãũ]
-------------	-------------

Consoantes

São fonemas resultantes de obstáculos encontrados pela corrente de ar vinda dos pulmões. São assilábicos porque não podem formar sílaba sem auxílio de uma vogal.

bo-ca, ca-sa, da-do, fa-ca

#### a) VOGAIS

Não são simplesmente as letras a, e, i, o, u. Em quilo, a letra u nem é fonema.

A vogal é fonema básico de toda sílaba. Não há sílaba sem vogal e não pode haver mais de uma vogal numa sílaba. Por outra, o número de vogais de um vocábulo é igual ao número de sílabas; inversamente, o número de sílabas é igual ao número de vogais.

#### b) CONSOANTES

Como o próprio nome sugere (com + soante = soar com), consoantes são os fonemas que, para serem emitidos, necessitam do amparo de outros fonemas, ou seja, das vogais.

Cabe lembrar que, para haver consoante, é necessário o fonema (ruído) e não a letra (escrita). Assim, em “hipótese”, não há a consoante “h”, mas apenas essa letra; em “ilha”, a consoante única é o fonema representado pelas letras “lh”; em “manga”, o “n” não é consoante, porque não constitui fonema, mas apenas indica a nasalização do “a”.

#### c) SEMIVOGAIS

Constituem os fonemas intermediários entre as vogais e as consoantes: não têm a fraqueza destas nem a autonomia daquelas.

São, na prática, o “i” e o “u”, quando, ao lado de uma vogal autêntica, soam levemente, sem a força de vogal. O “e” e o “o”, sempre que, na mesma circunstância, forem pronunciados, respectivamente, como “i” e “u”, também serão semivogais.

Comparem-se as diferenças de intensidades dos fonemas grifados, nas palavras que seguem:

Semivogais	Vogais
Pais	país
Mau	baú
Mágoa	peessoa
Vídeo	Leo
Mário	Maria

Observações:

- 1ª) O a é sempre vogal, aberto ou fechado, oral ou nasal.
- 2ª) Qualquer uma das letras a, e, i, o, u, isolada ou entre duas consoantes, será vogal.
- 3ª) O fonema que receber o acento tônico será obviamente vogal.
- 4ª) Pode haver duas vogais juntas, mas jamais se juntarão duas semivogais.

### Representação de Fonemas

A ortografia brasileira não é biunívoca, ou seja, na maioria dos casos não temos relação um para um bi direcional entre grafemas e fonemas. Em função disso, vamos analisar os casos em que nossa ortografia apresenta peculiaridades na representação dos fonemas.

#### Grafemas biunívocos

São biunívocos os grafemas b, d, f, p, t e v que usamos para representar os fonemas /b/, /d/, /f/, /p/, /t/ e /v/ respectivamente.

#### Representação de vogais nasais

As vogais nasais são representadas de duas formas distintas: pelo uso de grafemas com o diacrítico til ou por dígrafos formados por grafema vocálico seguido de n ou m. Veja exemplos na tabela a seguir:

Vogal nasal	Grafema com til	Dígrafos
/ã/	Irmã, cãibra, mãe, mão.	Ambos, âmbito, antes, ânfora.
/ê/		Empuxo, êmbolo, ensino, ênclise.
/ĩ/		Impróprio, ímpio, interno, índio.
/õ/	Compõe, anões.	Ombro, cômputo, ontem, cônsul.
/ü/		Umbigo, plúmbeo, unção, anúncio.

Observando a tabela, vemos que o til só é usado na representação das vogais nasais /ã/ e /õ/. Nos demais casos, nossa ortografia recorre aos dígrafos. Além disso, a vogal /õ/ só é representada por õ quando ocorre na sequência /õy/ como em /prôpõy/, /sifrõys/, /furácõys/ e /pêõys/.

Os dígrafos que representam vogais nasais em nossa ortografia terminam em n ou m. Há uma regra que define quando se usa um ou outro grafema. Quando a vogal nasal antecede /p/ ou /b/, o dígrafo será finalizado com m. Quando a vogal nasal antecede qualquer outra consoante, o dígrafo terminará em n.

Quando a vogal nasal ocorre no final de palavra, podemos ter representação com til (somente para a vogal /ã/), com dígrafo finalizado em m ou, mais raramente, com dígrafo terminado em n. Veja exemplos:

Órfã, irmã, cidadã, cupim, cupom, urucum, lúmen, próton.

Outra peculiaridade na representação de vogais nasais ocorre em palavras como também, convém, compraram e fariam que correspondem a /tãbẽy/, /cõvẽy/, /cõprãw/ e /fãriãw/ respectivamente. Nesses casos, a vogal nasal está associada a uma semivogal não representada na escrita.

#### Representação de vogais orais

A representação de vogais orais não apresenta dificuldades exceto pelos casos em que os grafemas apresentam diacríticos, mas deixaremos para estudar as representações de vogais orais com diacríticos na área referente à acentuação. Aqui nos limitaremos a tratar da representação das vogais por meio de grafemas sem diacríticos. Vemos isso na tabela a seguir.

Vogal oral	Grafema	Exemplo
/á/	a	aberto
/â/	a	mama
/é/	e	era
/ê/	e	espaço
/i/	i	idade
/ó/	o	obra
/ô/	o	ostra
/u/	u	uva

Observe que usamos o grafema a para representar os fonemas /á/ e /â/. Do mesmo modo, usamos e para representar /é/ e /ê/ e o grafema o para representar /ó/ e /ô/. Nosso alfabeto, herdado da escrita romana, não tem grafemas suficientes para uma representação biunívoca das vogais sem recorrer a diacríticos.

#### Representação de semivogais

Não temos grafemas dedicados à representação de /y/ e /w/, as duas semivogais da nossa língua. Essas semivogais são representadas por e, i, o, ue l, conforme vemos nos exemplos a seguir.

Mãe, Boi, canção, mau, normal.

As regras para representação de semivogais podem ser resumidas assim:

Quando /y/ está adjacente a uma vogal oral, será representado por i. Ex.: Foi, sabia.

Quando /w/ está adjacente a uma vogal oral, será representado por u ou l. Ex.: Pau, mal.

Quando /y/ está adjacente a uma vogal nasal, será representado por e. Ex.: Mãe, porões.

Quando /w/ está adjacente a uma vogal nasal, será representado por o. Ex.: Cidadão.

Uma exceção à regra: cãibra.

É comum o uso do l para representar /w/ no final de muitas palavras do nosso idioma. Na variante regional gaúcha, porém, tais palavras são pronunciadas com /l/ em vez de /w/. Por exemplo: A palavra normal é pronunciada /nôrmáw/ na variante culta e /nôrmál/ na variante gaúcha.

Temos um caso particular de representação de semivogal em palavras como: compõem e propõem. São flexões de verbo da terceira pessoa plural, grafadas com um m extra no final da palavra para distinguir da flexão da terceira pessoa singular de mesma pronúncia: (compõe, propõe). Obviamente, essa distinção só ocorre no discurso escrito, não tendo correspondência no discurso oral.

As palavras mau e mal têm a mesma pronúncia na variante culta: /máw/. No entanto, são grafadas de forma distinta.

Representação de /g/ e /j/

O fonema /g/ pode ser representado por g como em garra, golpe e guri, ou então, por gu como em guerra e guincho.

Já o fonema /j/ se representa por j como em jarro, jeito, jirau, joçaou jumento, ou então, por g como em gelo e gíbi.

Veja na tabela um resumo dos usos do grafemag.

Quando a sílaba contém	Os fonemas representados são	Exemplos
ga	/gá/	garra
	/gâ/	gamo
gá	/gá/	gávea
gâ	/gâ/	poligâmico
g + vogal /ã/	/gã/	gânglio
ge	/jê/	gelo
	/jé/	germe
gé	/jé/	gélido
gê	/jê/	gênero
g + vogal /ẽ/	/jẽ/	gente
gi	/ji/	gíbi
gí	/jí/	gíria
g + vogal /ĩ/	/jĩ/	ginga
go	/gó/	gosma
	/go/	governo
gó	/gó/	gótico
gô	/gô/	gônada

gu	/gu/	guri
gú	/gu/	augúrio
g + vogal /ũ/	/gũ/	algum
g + consoante	/g/ + consoante	gleba grotesco gnomo
gu + vogal /é/, /ê/, /ẽ/, /i/ ou /ĩ/	/g/ + vogal	guerra gueto alguém guichê guincho
gu + vogal /á/	/gw/ + vogal	água
gu + vogal /é/, /ê/, /ẽ/ ou /i/	/gw/ + vogal	unguento sagui

O fonema /j/ pode ser representado tanto por g como por j.

Não há uma regularidade que nos ajude a selecionar g ou j para representar /j/. O que sabemos é que o grafema g apresenta algumas limitações para representar /j/. Por outro lado, o grafema j, representa /j/ nos mais variados contextos. De resto, somente o convívio com o idioma para nos orientar a grafia correta. Veja os exemplos:

Jarra, jambo, jegue, jeito, jirau, jóia, jornal, juro, jejum.

Germe, geração, gente, gibão, gíria, gim.

Representação de /k/

O fonema /k/ pode ser representado pelos grafemas c, k e q ou pelo dígrafo qu.

O grafema c representa tanto o fonema /k/ como o grafema /s/. A regra para saber qual o valor fonológico desse grafema pode ser resumida assim:

Quando o grafema c é seguido pelas vogais /á/, /â/, /ã/, /ó/, /ô/, /õ/, /u/, /ü/ ou por consoante terá valor fonológico de /k/. Exemplos: casa, campo, cópia, covarde, comprado, cura, cúmplice, cnidário, cancro.

Quando c é sucedido pelas vogais /é/, /ê/, /ẽ/, /i/ ou /ĩ/ representará o fonema /s/. Exemplos: cebola, céptico, centro, cínico, cinta.

O uso do grafema k na representação de /k/ é pouco comum em nosso idioma. São exemplos: kaiser, kilobyte e know-how. Em função de um esforço pela eliminação do k da nossa ortografia, sua utilização ficou restrita a casos em que a palavra se escreve com k também em outros idiomas como na representação de unidades internacionais de medida (km, kg, etc.) ou palavras derivadas de nomes próprios (kantiano, kafkiano, trotskista, etc.).

O uso do grafema q na representação de /k/ é bastante comum em nossa ortografia. Exemplos: quando, quase, quociente, quotidiano, frequente.

O dígrafo qu também representa /k/ em nossa ortografia. Exemplos: queijo, arqueiro, querela, quiabo.

Em nossa ortografia, o grafema q sempre ocorre seguido de u ou u. Nesse caso, o grafema u, ora é mudo, ora não. A regra para saber se o grafema u é mudo ou não é a seguinte:

Se após qu vier /á/, /â/, /ã/, /ó/, /ô/ ou /õ/, o grafema u não é mudo. Exemplos: quadra, quântico, quota, quociente.

Se após *qu* vier /é/, /ê/, /ê/, /i/ ou /ĩ/ o grafema *u* será mudo. Exemplos: quero, queijo, quente, quiabo.

Em nossa língua há uma tendência para suprimir a semivogal /w/ em palavras como cotidiano, quota ou quociente. São palavras que apresentam as sequências /kwô/ ou /kwó/. Tanto que os dicionários já registram duas possibilidades de pronúncia e grafia para esses casos.

Quotidiano, /kwôtidiânô/, cotidiano, /kôtidiânô/

Quota, /kwótá/, cota, /kótá/.

Quociente, /kwôsiêtê/, cociente, /kôciêtê/.

Representação de /ʎ/ e /ɲ/

Os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ são representados de forma biunívoca pelos dígrafos *lh* e *nh*, respectivamente. Exemplos: lhama, telha, molhado, enfado, aranha, manha.

Representação de /r/ e /R/

O fonema /r/, em nossa ortografia, é representado pelo grafema *r*. Por exemplo: caroço, arara, barato. Já o fonema /R/ pode ser representado tanto por *r* como pelo dígrafo *rr*. A regra para representar /R/ corretamente é simples. Quando /R/ estiver no início da palavra, usamos *r*, e nos demais casos usamos o dígrafo *rr*. Exemplos:

Raiz, rato, repolho.

Carroça, derrapagem.

Representação de /s/ e /z/

O fonema /s/ é o que apresenta mais possibilidades de representação na nossa escrita. Podemos representá-lo de oito formas diferentes, como se vê nesses exemplos: seta, cebola, espesso, excesso, açúcar, desça, auxílio, escata. Podemos representar /s/ com *s*, *c*, *ss*, *xc*, *ç*, *sç*, *x* e *sc*. Infelizmente não há uma regularidade que nos ajude a selecionar o grafema correto para representar este fonema. Somente o convívio com o idioma escrito nos dá a fluência necessária na escolha.

O fonema /z/ é representado pelos grafemas *z* ou *s*, como vemos nesses exemplos: azeite, zênite, casa e asilo. Igualmente, não temos regras para selecionar um ou outro grafema na representação de /z/.

Representação de /x/

O fonema /x/ pode ser representado pelo grafema *x*, ou pelo dígrafo *ch*. Veja os exemplos:

Xícara, xarope, xereta.

Chuva, chumbo, chave.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Encontros Vocálicos

Encontros vocálicos são encontros de vogais ou semivogais, sem consoantes intermediárias.

Eles acontecem na mesma ou em outra sílaba e são classificados em: ditongo, tritongo e hiato.

Isso quer dizer que quando vogais ou semivogais (sons vocálicos ditos com menos força) aparecem umas ao lado das outras numa palavra, acontece um encontro vocálico. Se uma consoante aparecer entre as vogais ou semivogais, elas deixam de estar juntas e não ocorre o encontro vocálico.

Exemplos: lua, madeira, Uruguai.

Nos hiatos, ocorre apenas o encontro de vogais (nunca de semivogais), e quando fazemos a separação das suas sílabas, cada vogal fica numa sílaba diferente. Exemplos: álcool (ál-co-ol), navio (na-vi-o), saída (sa-í-da).

Nos ditongos, ocorre o encontro de uma vogal com uma semivogal, e quando fazemos a separação das suas sílabas, as duas ficam na mesma sílaba. Exemplos: papai (pa-pai), oi (a palavra "oi" não se separa), sabão (sa-bão).

Nos tritongos, ocorre o encontro semivogal, vogal e semivogal (sempre nessa ordem), e quando fazemos a separação das suas sílabas, as três ficam na mesma sílaba. Exemplos: iguais (i-guais), sa-guão (sa-guão), uruguaio (u-ru-guai-o).

Ditongo	Tritongo	Hiato
Encontro de uma vogal com uma semivogal na mesma sílaba.	Encontro semivogal, vogal e semivogal (sempre nessa ordem) na mesma sílaba.	Encontro de duas vogais (nunca de semivogais) em sílabas diferentes.
papai (pa-pai) oi (a palavra "oi" não se separa) sabão (sa-bão)	iguais (i-guais) saguão (sa-guão) uruguaio (u-ru-guai-o).	álcool (ál-co-ol) navio (na-vi-o) saída (sa-í-da)

### Ditongo

Ditongo é o encontro vocálico em que uma vogal e uma semivogal ficam juntas, mesmo quando se faz a separação de sílabas. Exemplos: céu (céu), tranquilo (tran-qui-lo), boi (boi).

De acordo com a posição da vogal e da semivogal, os ditongos podem ser: crescentes ou decrescentes.

Ditongos crescentes são aqueles em que a semivogal vem antes da vogal (sv + v). Exemplos: igual (i-gual), quota (quo-ta), pátria (pá-tria).

Ditongos decrescentes são aqueles em que a vogal vem antes da semivogal (v + sv). Exemplos: meu (meu), herói (he-rói), cai (cai).

De acordo com a pronúncia, os ditongos podem ser orais ou nasais.

Ditongos orais são os pronunciados apenas pela boca. É o caso de ai, ia, iu, ui, eu, éu, ue, ei, éi, ie, oi, ói, io, au, ua, ao, oa, ou, uo, oe, eo, ea. Exemplos: mau (mau), sei (sei), viu (viu).

Ditongos nasais são os pronunciados pela boca e pelo nariz. É o caso de ão, ãe, õe, am, an, em, en, ãi, ui (ocorre apenas na palavra "muito"). Exemplos: mãe (mãe), levem (le-vem), muito (mui-to).

### Palavras com ditongo

automóvel (au-to-mó-vel)

boi (boi)

cai (cai)

céu (céu)  
deus (deus)  
eu (eu)  
frequente (fre-quen-te)  
gratuito (gra-tui-to)  
herói (he-rói)  
igual (i-gual)  
jeito (jeito)  
levem (le-vem)  
madeira (ma-dei-ra)  
mãe (mãe)  
mau (mau)  
meu (meu)  
muito (mui-to)  
noite (noi-te)  
oi (oi)  
outro (ou-tro)  
papai (pa-pai)  
pátria (pá-tria)  
quota (quo-ta)  
respeito (res-pei-to)  
sabão (sa-bão)  
sei (sei)  
tranquilo (tran-qui-lo)  
viu (viu)  
Tritongo

Tritongo é o encontro vocálico em que semivogal + vogal + semivogal ficam juntas, mesmo quando se faz a separação de sílabas. Exemplos: Uruguai (U-ru-guai), saguão (sa-guão), enxaguam (en-xa-guam).

Os tritongos podem ser orais ou nasais.

Tritongos orais são os pronunciados apenas pela boca. Exemplos: Paraguai (Pa-ra-guai), enxaguei (en-xa-guei), iguais (i-guais).

Tritongos nasais são os pronunciados pela boca e pelo nariz. As consoantes "m" e "n" podem acompanhar os tritongos. Quando isso acontecer, os tritongos são classificados como tritongos nasais. Exemplos: quão (quão), saguões (sa-guões), enxaguem (en-xa-guem).

Palavras com tritongo

apaziguou (a-pa-zi-guou)

desaguou (de-sa-guou)

enxaguam (en-xa-guam)

enxaguei (en-xa-guei)

enxaguem (en-xa-guem)

iguais (i-guais)

minguem (min-guem)

Paraguai (Pa-ra-guai)

paraguaio (pa-ra-guai-o)

quais (quais)

quão (quão)

saguão (sa-guão)

saguões (sa-guões)

Uruguai (U-ru-guai)

uruguaio (u-ru-guai-o)

uruguaiano (u-ru-guai-a-no)

Hiato

Hiato é o encontro vocálico em que duas vogais aparecem juntas numa palavra, mas ficam em sílabas diferentes quando se faz a separação de sílabas. Exemplos: raiz (ra-iz), Saara (Sa-a-ra), país (pa-ís).

Palavras com hiato

afiado (a-fi-a-do)

águia (á-gui-a)

álcool (ál-co-ol)

baú (ba-ú)

coelho (co-e-lho)

dia (di-a)

elogio (e-lo-gi-o)

faísca (fa-ís-ca)

gênio (gê-ni-o)

hiato (hi-a-to)

iate (i-a-te)

juiz (ju-iz)

karaokê (ka-ra-o-kê)

leão (le-ão)

lua (lu-a)

moeda (mo-e-da)

navio (na-vi-o)

oceano (o-ce-a-no)

país (pa-ís)

quieto (qui-e-to)

raiz (ra-iz)

Saara (Sa-a-ra)

saída (sa-í-da)

tio (ti-o)

unicórnio (u-ni-cór-ni-o)

voo (vo-o)

zoológico (zo-o-ló-gi-co)

Encontros vocálicos e consonantais

Os encontros vocálicos são o encontro de vogais ou semivogais, sem consoantes entre elas. Exemplos: mãe, poeta, piada.

Os encontros vocálicos são classificados em ditongo, tritongo e hiato.

Os encontros consonantais são a sequência de duas ou mais consoantes, sem a presença de vogais entre elas. Exemplos: Brasil, cacto, flor, objetivo, psicologia.

Os encontros consonantais podem ser separáveis ou inseparáveis.

Encontros consonantais separáveis: quando a palavra é separada, as consoantes ficam em sílabas diferentes. Exemplos: advogado (ad-vo-ga-do), sorte (sor-te), torta (tor-ta).

Encontros consonantais inseparáveis: quando a palavra é separada, as consoantes ficam na mesma sílaba. Exemplos: blusa (blu-sa), livro (li-vro), trem (trem).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Divisão Silábica

Você sabe como separar as sílabas corretamente? Para fazer isso é preciso saber algumas regras da língua portuguesa. Confira!

Imagine que você está escrevendo uma redação na escola ou em algum processo avaliativo. Entre tantas palavras, uma delas não coube inteiramente na linha que você escrevia. Então, o que se deve fazer? Bom, nesses casos é indicado separar o vocábulo em duas partes, colocando um hífen (-) entre elas.

E logo vem a dúvida: onde colocar? Não se deve separá-las de qualquer maneira. É preciso, portanto, saber as regras de divisão silábica e assim conseguir escrever dentro da norma culta da língua portuguesa. Veja a seguir essas normas e aplique-as em seu cotidiano.

### Dividindo As Sílabas

Para realizar uma divisão correta, é preciso ter em mente, a princípio, que em todas as sílabas deve haver pelo menos uma vogal, sem exceções. Por essa razão, essa norma se torna geral. Conheça agora as regras práticas.

Não se separam

### Ditongos E Tritongos

Palavras que possuem, respectivamente, duas e três vogais juntas. Na separação silábica elas pertencem a uma mesma sílaba.

**Exemplos:** cau-le, ân-sia, di-nhei-ro, trei-no, des-mai-a-do, U-ru-guai, sa-guão, Pa-ra-guai, a-ve-ri-guou, quais-quer, etc.

### Dígrafos

São encontros consonantais, isto é, duas consoantes juntas, que possuem um mesmo som. Alguns devem ser separados, mas outros não. Esse é o caso do: **ch, lh, nh, gu e qu.**

**Exemplos:** chu-va, fa-cha-da, es-ta-nho, fro-nha, a-que-la, co-lhei-ta, fi-lha, ni-nho, quei-jo, etc.

### Encontros Consonantais Com L E R

Quando duas consoantes estão juntas na palavra e a segunda é **l** ou **r**, não há a separação delas. Observe:

**Exemplos:** fla-gran-te, gló-ria, pla-no, cla-va, a-pre-sen-tar, a-brir, re-tra-to, re-gra, a-bran-dar, dra-gão, tra-ve, etc.

Nessa regra há uma exceção, lembrem-se dela: **ab-rup-to.**

### Encontros Consonantais Iniciais

Se a palavra tiver duas sílabas juntas no início, elas não são separáveis. Entenda.

**Exemplos:** gnós-ti-co, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co, gno-mo, psi-có-lo-go, pneu-mo-ni-a, etc.

### Palavra Terminada Em Consoante

Em nenhuma hipótese uma palavra que termine com consoante terá uma divisão silábica em que a consoante fique isolada no final. Nesse sentido, a última letra se une à anterior.

**Exemplos:** sub-lin-gual, su-ben-ten-der, en-xá-guam, a-guen-tar, etc.

Separam-se

### Ditongo Decrescente + Vogal

São palavras formadas por três vogais, mas não é a mesma coisa que o tritongo. Nessas palavras, a formação é feita com uma vogal (a, e, o) + semivogal (i,u) + uma outra vogal (a,e,o). Preste atenção!

**Exemplos:** prai-a, tei-a, joi-a, sa-bo-rei-e, es-tei-o, ar-roi-o, etc.

**OBS:** A formação do tritongo é diferente, sendo semivogal + vogal + semivogal: Paraguai (“u” e “i” são semi e “a” é vogal).

### Hiatos

Quando há um encontro de duas vogais. Diferem-se do ditongo pela forma que são pronunciadas.

**Exemplos:** sa-ú-de, Sa-a-ra, ca-o-olho, du-e-lo, etc.

### Outros Dígrafos

Como já dito, dígrafo ocorre quando duas consoantes juntas forma um único som. Nos casos de: rr, ss, sc, sç, xs, e xc eles devem ser separados.

**Exemplos:** bar-ro, as-sun-to, guer-ra, sos-se-go, des-çam, cres-ço, etc.

### Encontros Consonantais

Com exceção dos casos já citados, onde a segunda consoante é L ou R, nos outros casos a separação ocorre.

**Exemplos:** de-cep-ção, ab-do-me, sub-ma-ri-no, ap-ti-dão, con-vic-ção, as-tu-to, ap-to, cír-cu-lo, rit-mo, etc.

### Vogais Idênticas

aa, ee, ii, oo, uu e os grupos consonantais cc, cç, também são separados.

**Exemplos:** Sa-a-ra, com-pre-en-do, xi-i-ta, vo-o, pa-ra-cu-u-ba; oc-ci-pi-tal, in-fec-ção, etc.

### Divisão Silábica

Como sabemos, as **sílabas** são fonemas pronunciados por meio de uma **única emissão de voz** e também que a **base** das **sílabas** da língua portuguesa são as vogais: a - e - i - o - u. Assim, todo **fonema** pronunciado em uma única emissão de voz tem, pelo menos, uma **vogal**.

É importante ressaltarmos que, em algumas palavras, os **fonemas** /i/ e /u/ **não são vogais**, já que aparecem apoiados a outra(s) vogal(is), formando uma só emissão de voz (uma sílaba). Essas vogais que apoiam as outras são chamadas de **semivogais**. O que diferencia as **vogais** das **semivogais** é o fato de que as últimas **não** desempenham o papel de **núcleo silábico**. A palavra “papai”, por exemplo, é formada por **duas sílabas (dissílaba)**, sendo a segunda formada por uma **vogal** (a) e por uma **semivogal** (i).

A par dessas informações, podemos afirmar que, para saber o **número de sílabas** que compõem as palavras, basta identificar **quantas vogais** há nessa palavra.

### Vejamos Os Exemplos:

- pipoca – pi – po – ca (emissão de três fonemas sequenciais que estão ligados a vogais);
- aparelho – a – pa – re – lho (emissão de quatro fonemas sequenciais que estão ligados a vogais);
- pernambucana – per – nam – bu – ca - na (emissão de cinco fonemas sequenciais que estão ligados a vogais).

### Classificação Das Palavras Quanto Ao Número De Sílabas

- Monossílabas: palavras que possuem apenas uma sílaba: pé, flor, mão.

- Dissílabas: palavras que possuem duas sílabas: balão (ba-lão); suco (su-co); santo (san-to).
- Trissílabas: palavras que possuem três sílabas: hóspede (hós-pe-de); lareira (la-rei-ra); sapato (sa-pa-to).
- Polissílabas: palavras que possuem quatro ou mais sílabas: literatura (li-te-ra-tu-ra); amaciante (a-ma-ci-an-te); sambódromo (sam-bó-dro-mo).

**Divisão Silábica**

→ Os dígrafos “ch”, “lh”, “nh”, “gu” e “qu” devem pertencer a uma **única sílaba**:

chu – va

o – lho

fe - char

que – ri – do

vo - zi – nho

→ Os **dígrafos** “rr”, “ss”, “sc”, “sç”, “xs” e “xc” devem ser separados em **sílabas diferentes**.

car – ro - ça

as – sas – si – no

cres – cer

nas – ceu

ex – ce – ção

→ **Ditongos e tritongos** devem permanecer na **mesma sílaba**.

U – ru – guai

ba – lai – o

→ Os **hiatos** devem ser separados em **duas sílabas** distintas.

di – a

ca – de – a – do

ba – ú

→ Os encontros consonantais devem ser separados, exceto aqueles cuja segunda **consoante** é “l” ou “r”.

bru – to

blu – sa

cla - ro

tra - go

→ Os **encontros consonantais** que **iniciam palavras** são mantidos **juntos** na **divisão silábica**.

pneu – má – ti – co

gno – mo

**Regras Para Divisão Silábica**

Na modalidade escrita, indicamos a divisão silábica com o hífen. Essa separação obedece às regras de silabação.

**Não se separam:**

**a) as letras com que representamos os dígrafos ch, lh e nh.**

**Exemplos:**

- ca-cha-ça
- pa-lho-ça
- ama-nhe-cer

**b) os encontros consonantais que iniciam sílaba.**

**Exemplos:**

- a-blu-ção
- a-cla-rar
- re-gra-do
- a-bran-dar
- sa-la-man-dra
- ca-tra-ca

**c) a consoante inicial seguida de outra consoante.**

**Exemplos:**

- gno-mo
- mne-mô-ni-co
- psi-có-ti-co

**d) as letras com que representamos os tritongos.**

**Exemplos:**

- a-guen-tar
- sa-guão
- Pa-ra-guai
- ar-guiu
- en-xa-guam

**Separam-se:**

**a) as letras com que representamos os dígrafos rr, ss, sc, sç e xc.**

**Exemplos:**

- car-ro
- pás-sa-ro
- des-ci-da
- cres-ça
- ex-ce-len-te

**b) as letras com que representamos os hiatos.****Exemplos:**

- sa-ú-de
- cru-el
- gra-ú-na
- re-cu-o
- vo-o

**c) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes.****Exemplos:**

- ab-di-car
- cis-mar
- ab-dó-men
- bis-ca-te
- sub-lo-car
- as-pec-to

**Observações**

a) Não separamos as vogais dos ditongos decrescentes.

**Exemplos:** or-dei-ro, ju-deu, mau.

b) As vogais dos ditongos crescentes aceitam dupla partição.

**Exemplos:** cá-rie/cá-ri-e, sá-bio/sá-bi-o.

A **separação silábica** representa um dos requisitos relacionados à linguagem escrita e, como tal, compõe uma das tantas competências que precisamos dispor, em se tratando de tal circunstância comunicativa. Assim dizendo, esse fato está submetido a regras predefinidas, e, portanto, precisa ser incorporado o quanto antes ao nosso conhecimento.

Ocupemo-nos em verificar algumas particularidades inerentes a esse fato da língua. Constatemos, pois, as elucidações dispostas a seguir:

\* As letras que formam os dígrafos “rr”, “ss”, “sc”, “sç”, “xs”, e “xc” devem permanecer em sílabas diferentes. Verifiquemos alguns casos:

**ex – ce – ção**

**des – cer**

**ter – ra**

**pás – sa – ro...**

\* Os dígrafos “ch”, “nh”, “lh”, “gu” e “qu” pertencem a uma única sílaba. Vejamos:

**guer – ra**

**ni – nho**

**chu – va**

**quei – jo...**

\* Os hiatos não devem permanecer na mesma sílaba. São exemplos:

**ca – de – a – do**

**ju – í – za**

**La – ís...**

\* Os ditongos e tritongos devem pertencer a uma única sílaba. Constatemos:

**Pa – ra – guai**

**a – ve – ri – guei**

**cai – xa**

**fei – xe**

\* Os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas não devem permanecer juntos, a não ser aqueles em que a segunda consoante é “l” ou “r”. Vejamos alguns exemplos:

flau – ta (permaneceram juntos, pois a segunda letra é representada pelo “l”)

pra – to (o mesmo ocorre com esse exemplo)

ap – to

ab – dô – men

cír – cu – lo...

Observações passíveis de nota:

Alguns grupos consonantais iniciam palavras, por isso não devem ser separados. Observemos alguns casos:

pneu – mo – ni – a

pneu – má – ti – co

psi – có – lo – go...

### **Sílaba E Divisão Silábica**

De forma geral, uma sílaba é um conjunto de fonemas (menores unidades sonoras que constroem uma palavra) formados por vogais e consoantes que são pronunciados num só impulso de voz. Podemos classificar uma palavra e sua sílaba de acordo com: sua **tonicidade** (se uma palavra possui sílaba tônica ou átona) ou o **número de sílabas** (quantidade de sílabas que uma palavra possui).

### **Classificação Quanto À Tonicidade**

Em uma palavra, uma sílaba sempre será pronunciada com mais força do que as outras. Essas sílabas são chamadas de **tônicas**, enquanto todas as outras de menor intensidade são chamadas



## Classes Gramaticais

Entre as classes de palavras, existem dois tipos:

**Palavras variáveis:** são aquelas que mudam de acordo com o gênero (masculino ou feminino), o número (singular ou plural), o grau (aumentativo ou diminutivo) ou o tempo (passado, presente ou futuro).

**Palavras invariáveis:** permanecem sempre iguais, independentemente do gênero, do número, do grau ou do tempo.

As classes de palavras, também chamadas de classes gramaticais, consistem em uma categorização que leva em conta as funções morfológicas dos vocábulos.

### Substantivo

Os substantivos são palavras utilizadas para nomear seres, objetos, sentimentos, cores, entre outras coisas. Costumam ser variáveis e são subdivididos em algumas categorias:

**Comum:** é o nome genérico que se dá a uma mesma categoria de seres ou de coisas. É escrito em letra minúscula:

“O meu gato dorme muito.”

**Próprio:** é o nome específico que se dá a um indivíduo particular de uma categoria de seres ou de coisas. É escrito em letra maiúscula:

“O meu gato Tomás dorme muito.”

**Concreto:** é aquele cuja existência independe do pensamento de outro ser. Pode ser real ou imaginário, no entanto apresenta existência própria.

“O portão é azul.”

“Imagino um dragão azul.”

**Abstrato:** é aquele cuja existência depende de outro ser concreto, sem o qual não é possível produzir o substantivo abstrato.

“Qual será a verdade?”

“O amor desses dois é lindo.”

**Simplex:** possui apenas um radical, ou seja, é formado por apenas um elemento.

“Parece que teremos chuva.”

“A planta precisa de Sol.”

**Composto:** possui mais de um radical, formando uma única palavra a partir da junção de mais de uma palavra.

“É melhor levar um guarda-chuva.”

“Você tem um girassol?”

**Primitivo:** é o substantivo cujo nome não se origina de outro nome, ou seja, é sua própria origem.

“Não ponha muito açúcar.”

“Ele toca piano muito bem.”

**Derivado:** é o nome que tem origem (deriva) em outro substantivo, estando normalmente relacionado a ele.

“Traga-me o açucareiro, por favor.”

“Ele é um ótimo pianista.”

Coletivo: são nomes dados para um grupo muito grande de seres ou de objetos de uma mesma categoria.

“Ele viu um enxame se aproximando de nós.”

Artigo

O artigo é a palavra que costuma anteceder o substantivo, sendo adjunto adnominal. Varia em gênero e número de acordo com o substantivo a que se refere. Pode ser classificado em:

Artigo definido: usado para indicar um ser ou coisa já conhecido ou específico.

“O homem veio aqui.”

“As garças estão imóveis.”

Artigo indefinido: usado para indicar um ser ou coisa não específico e não mencionado anteriormente.

“Um homem veio aqui.”

“Umas garças estão imóveis.”

Adjetivo

O adjetivo é usado para caracterizar o substantivo, atribuindo qualidades a ele. É uma palavra variável que concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Pode ainda variar em grau.

“O meu filho é bonitinho.”

“As minhas filhas são bonitonas.”

Adjetivos pátrios: estão relacionados à origem geográfica.

“Eu sou paulista e ela é goiana. Nós somos brasileiros.”

Adjetivos primitivos: não se originam de substantivos.

“Ela tem um espírito livre.”

Adjetivos compostos: possuem mais de uma raiz.

“Meu boné é verde-escuro.”

Locução adjetiva: ocorre quando há junção de uma preposição e um substantivo (ou equivalente) com valor de adjetivo.

“Eu sou uma mulher de fibra.” (ou seja, uma mulher forte)

Numeral

O numeral é a classe de palavras utilizada para quantificar algo, definindo valor numérico.

Cardinal: indica a quantidade de seres ou coisas.

“Eu preciso de sete tomates.”

“Este prédio tem mais de vinte andares.”

Ordinal: indica a ordenação, hierarquia, entre seres ou coisas em uma série.

“Pegue o terceiro livro da estante.”

“Fui a primeira colocada.”

Multiplicativo: exprime a multiplicidade dos seres ou coisas. Os mais comuns são “dobro”, “duplo” e “triplo”.

“Tinha o dobro da idade e o triplo da disposição.”

Fracionário: indica a fração de seres ou coisas. Os mais comuns são “meio”, “metade” e “terço”.

“Pedi metade do valor adiantado.”

Coletivo: é o substantivo que indica um número exato de seres ou coisas de determinada categoria.

“Eu gostaria de uma dúzia de ovos, por favor.”

“Havia algumas centenas de pessoas no evento.”

Pronome

Pronome é a classe de palavra que representa ou acompanha um substantivo. Pode ser classificado em:

Pessoal: refere-se às pessoas do discurso, podendo ser do caso reto, do caso oblíquo tônico ou átono, ou de tratamento.

“Ele era um grande amigo.”

“Não se fez de rogada.”

Possessivo: indica posse ou relação de afeto, estando associado ao pronome pessoal.

“Meu caro amigo, me perdoe por favor.” (Chico Buarque)

“Todas as nossas meias estão espalhadas pela casa.”

Demonstrativo: indica algo ou alguém que se aproxima ou se distancia no tempo e no espaço.

“Lia coisas incríveis para aquele lugar e aquele tempo.” (Augusto dos Anjos)

Indefinido: aplica-se especificamente à 3ª pessoa quando há efeito vago ou indeterminado.

“Ninguém me viu entrando.”

“Há algo a ser feito?”

“Está ciente de tudo.”

Interrogativo: é usado para fazer uma pergunta de maneira direta ou indireta.

“Quantos anos você tem?”

“Quem vem lá?”

Relativo: refere-se ao antecedente, ou seja, ao termo anterior no enunciado. Pode ser variável ou invariável.

“Fui eu que escrevi essa história.”

“Passeias onde não ando.” (Fernando Pessoa)

Verbo

O verbo expressa uma ação, um estado, um desejo, um acontecimento ou um fenômeno natural. Ele é dividido em modo e tempo, isto é, os modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo) e os tempos verbais (passado, presente ou futuro em relação ao momento da fala).

**Indicativo:** verbos no modo indicativo correspondem a ações tidas como reais ou certas de se acontecer ou de terem acontecido. Podem ser conjugados no presente, no passado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito) e no futuro (futuro do presente e futuro do pretérito).

**Subjuntivo:** verbos no modo subjuntivo são aqueles cuja ação verbal não é tida como certa, isto é, não temos certeza se a ação ocorreu ou ocorrerá. Podem ser conjugados no presente, no passado (pretérito imperfeito) e no futuro.

**Imperativo:** verbos no modo imperativo são usados para expressar ordem ou conselho, tanto no afirmativo como no negativo.

Os verbos são classificados de acordo com a conjugação, podendo ser regulares, irregulares, anômalos, defectivos ou abundantes.

**Regular:** apresenta conjugação que segue o mesmo padrão que a maioria dos outros verbos.

Eu	estudo
Tu	estudas
Ele	estuda
Nós	estudamos
Vós	estudais
Eles estudam	

**Irregular:** apresenta conjugação irregular, ou seja, que não segue o padrão mais frequente dos outros verbos.

Eu venho  
Tu vens  
Ele vem  
Nós vimos  
Vós vindes  
Eles vêm

**Anômalo:** apresenta conjugação que modifica profundamente o verbo, inclusive no próprio radical.

Eu vou  
Tu vais  
Ele vai  
Nós vamos  
Vós ides  
Eles vão

**Defectivo:** não pode ser conjugado em todas as formas existentes para a maioria dos outros verbos; portanto, não é regular e nem irregular. O verbo falir, por exemplo, só apresenta conjugação nas pessoas a seguir:

Nós falimos  
Vós falis

**Abundante:** algumas de suas conjugações apresentam mais de uma forma aceita na norma-padrão da língua portuguesa. É o caso do particípio passado do verbo imprimir: imprimido ou impresso (as duas formas existem).

**Advérbio**

Os advérbios são palavras que complementam o sentido de verbos, adjetivos e de advérbios.

**Lugar:** serve para complementar o sentido de lugar ao qual o verbo se refere.

“Eu venho de longe.”

Tempo: complementa o sentido de tempo ou de período referido pelo verbo.

“Nós nos veremos amanhã.”

Intensidade: serve para tornar a ação do verbo mais ou menos intensa.

“Eles falam demais.”

Modo: ajuda a transmitir o modo ou a maneira como a ação do verbo ocorreu.

“Elas se arrumaram rapidamente.”

Afirmação: complementa ou reforça o sentido de afirmação do verbo.

“Certamente tentou de tudo”

Negação: complementa ou reforça o sentido de negação do verbo.

“Não quis nenhum.”

Dúvida: complementa ou reforça o sentido de dúvida do verbo.

“Talvez eu volte.”

Preposição

Palavra invariável, a preposição serve para relacionar dois termos em um enunciado, gerando sentido entre eles. São elas:

a – ante – após – até – com – contra – de – desde – em – entre – para – per – perante – por – sem – sob – sobre – trás

“Voltei para casa cedo.”

“Estive em algumas praias.”

Locução prepositiva: ocorre quando há junção de duas ou mais preposições.

“Passou por trás de uma igreja.”

Conjunção

Conjunções são palavras invariáveis que reúnem dois ou mais elementos ou orações no mesmo enunciado, estabelecendo sentido.

Quando os elementos conectados criam relação de dependência, ou seja, precisam estar juntos para o discurso fazer sentido, dizemos que há subordinação entre eles.

Nesse caso, as conjunções que ligam esses elementos são chamadas de conjunções subordinativas e podem ser classificadas como:

Causal: inicia uma oração subordinada dando sentido de causa.

“Ele não sabia o conteúdo, porque faltou naquela aula.”

Concessiva: inicia uma oração subordinada dando sentido de oposição à ação principal (sendo, porém, incapaz de impedi-la).

“Eles não se davam bem, embora fossem da mesma família.”

Condicional: inicia uma oração subordinada que é condição ou hipótese para a realização da ação da oração principal.

“Nós iremos se for perto daqui.”

Final: inicia uma oração subordinada indicando finalidade.

“Arrumou-se por horas para ser o destaque da festa.”

Temporal: inicia uma oração subordinada que indica circunstância de tempo.

“Parava de fazer qualquer coisa quando ficava cansado.”

Consecutiva: inicia uma oração subordinada estabelecendo relação de consequência.

“A fila demorou tanto que eu desisti de comer.”

Comparativa: estabelece comparação entre dois elementos.

“O projeto delas foi mais premiado do que fora previsto.”

Integrante: inicia uma oração que tem função de sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto da oração principal.

“Eu pensei que nós iríamos sair logo.”

Caso os elementos conectados sejam independentes, ou seja, o discurso continua compreensível mesmo que os elementos apareçam isoladamente, as conjunções que os conectam são chamadas de conjunções coordenadas e podem ser classificadas como:

Aditivas: estabelecem sentido de adição, soma entre elementos ou orações.

“Era uma companhia agradável e divertida.”

Alternativas: estabelecem sentido de alternância entre elementos ou orações.

“Podia ser uma companhia agradável ou divertida.”

Adversativas: estabelecem sentido de oposição entre elementos ou orações.

“Era uma companhia agradável, mas não divertida.”

Conclusivas: estabelecem sentido de conclusão e/ou consequência entre orações.

“Podia ser uma companhia divertida e, portanto, agradável.”

Explicativas: ligam uma oração que explica ou justifica outra.

“Era uma companhia agradável, porque era muito divertida.”

Interjeição

Interjeições são expressões autônomas que, por si só, tendem a ser consideradas enunciados completos, muitas vezes exclamativos.

Traduzem estados emocionais ou desejos, podendo ser apenas sons vocálicos espontâneos, palavras isoladas ou locuções interjetivas:

“Ai! Está doendo muito!”

“Psiu! Silêncio!”

“Viva! Que maravilha essa notícia!”

“Ai de mim!”

## Figuras de Linguagem

As figuras de linguagem são recursos linguísticos a que os autores recorrem para tornar a linguagem mais rica e expressiva. Esses recursos revelam a sensibilidade de quem os utiliza, traduzindo particularidades estilísticas do emissor da linguagem.

As figuras de linguagem exprimem também o pensamento de modo original e criativo, exploram o sentido não literal das palavras, realçam sonoridade de vocábulos e frases e até mesmo, organizam orações, afastando-a, de algum modo, de uma estrutura gramatical padrão, a fim de dar destaque a algum de seus elementos. As figuras de linguagem costumam ser classificadas em figuras de som, figuras de construção e figuras de palavras ou semânticas.

### Figuras de Linguagem

As figuras de linguagem são recursos estilísticos da linguagem utilizados para dar maior ênfase às palavras ou expressões da língua, sendo classificadas de acordo com as características que querem expressar, a saber:

**Figuras de Pensamento:** estas figuras de linguagem estão relacionadas ao significado (campo semântico) das palavras, por exemplo: ironia, antítese, paradoxo, eufemismo, litote, hipérbole, gradação, prosopopeia e apóstrofe.

**Figuras de Palavras:** semelhantes às figuras de pensamento, elas também alteram o nível semântico (significado das palavras), por exemplo: metáfora, metonímia, comparação, catacrese, sinestesia e antonomásia.

**Figuras de Som:** nesse caso, as figuras estão intimamente relacionada com a sonoridade, por exemplo: aliteração, assonância, onomatopeia e paranomásia.

**Figuras de Sintaxe:** também chamadas de “Figuras de construção”, estão relacionadas com a estrutura gramatical da frase, as quais modificam o período, por exemplo: elipse, zeugma, hipérbato, anacoluto, anáfora, elipse, silepse, pleonasma, assíndeto e polissíndeto.

Figuras de Linguagem são recursos estilísticos usados para dar maior ênfase à comunicação e torná-la mais bonita.

Elas são classificadas em

Figuras de palavras ou semânticas

Figuras de pensamento

Figuras de sintaxe ou construção

Figuras de som ou harmonia

Figuras de Palavras

Metáfora

Comparação de palavras com significados diferentes e cujo termo comparativo fica subentendido na frase.

Exemplo: A vida é uma nuvem que voa. (A vida é como uma nuvem que voa.)

Na semântica, a metáfora representa uma das figuras de linguagem, ou seja, recursos linguísticos-semânticos utilizados em diversos contextos a fim de dar mais ênfase aos enunciados.

Assim, a metáfora, considerada uma figura de palavra, utiliza os termos no sentido denotativo e os transforma no modo figurado (conotativo), a fim de estabelecer uma analogia (comparação metafórica), tendo em vista a relação de semelhança entre eles.

Do grego, a palavra “metáfora” (metáfora) é formada pelos termos “metá” (entre), e “pherō” (carregar) que significa transporte, transferência, mudança.

Da língua latina a palavra metáfora, representa a união dos termos “meta” (algo) e “phora” (sem sentido), no sentido literal é “algo sem sentido”.

De acordo com estudos linguísticos, a metáfora é uma das figuras de linguagem mais utilizadas cotidianamente.

#### Comparação

Comparação explícita. Ao contrário da metáfora, neste caso são utilizados conectivos de comparação (como, assim, tal qual).

Exemplo: Seus olhos são como jabuticabas.

A comparação (ou símile) é uma figura de linguagem que está na categoria de figuras de palavras.

Ela é determinada por meio da relação de similaridade, ou seja, pela comparação de dois termos ou ideias num enunciado.

Geralmente, é acompanhada de elementos comparativos (conectivos): com, como, tal qual, tal como, assim, tão, quanto, parece, etc.

É muito comum o emprego da comparação na linguagem informal (coloquial) e nos textos artísticos, por exemplo, na música, na literatura e no teatro.

Além da comparação, temos as figuras de palavras:

metáfora, metonímia, catacrese, perífrase (ou antonomásia) e sinestesia.

#### Exemplos

Para compreender melhor a figura de linguagem comparação, confira abaixo alguns exemplos na literatura e na música:

“É que teu riso penetra n'alma/Como a harmonia de uma orquestra santa.” (Castro Alves)

“Meu amor me ensinou a ser simples como um largo de igreja.” (Oswald de Andrade)

“Meu coração tombou na vida/tal qual uma estrela ferida/pela flecha de um caçador”. (Cecília Meireles)

“Eu faço versos como quem chora/De desalento... de desencanto...” (Manuel Bandeira)

“A vida vem em ondas,/como um mar/Num indo e vindo/infinito.” (Música “Como uma onda” de Lulu Santos)

“Avião parece passarinho/Que não sabe bater asa/Passarinho voando longe/Pareceborboleta que fugiu de casa.” (Música “Sonho de uma flauta” de Teatro Mágico)

#### Comparação e Metáfora

É muito comum haver confusão entre as figuras de palavras: comparação e metáfora. Apesar de ambas utilizarem uma analogia entre termos, elas são diferentes.

Enquanto na metáfora ocorre uma comparação entre dois termos de forma implícita, na comparação ela acontece de maneira explícita.

Importante ressaltar que a metáfora não utiliza um elemento comparativo, o qual surge na comparação.

#### Exemplos:

Nossa vida tem sido um mar de rosas. (metáfora ou comparação implícita)

Nossa vida tem sido como um mar de rosas. (comparação ou comparação explícita)

### Metonímia

Transposição de significados considerando parte pelo todo, autor pela obra.

Exemplo: Costumava ler Shakespeare. (Costumava ler as obras de Shakespeare.)

Na semântica, a metonímia é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de palavra, as quais são largamente utilizadas para dar ênfase aos discursos.

Dessa maneira, a metonímia é um recurso linguístico-semântico que substitui outro termo segundo a relação de contiguidade e/ou afinidade estabelecida entre duas palavras, conceitos, ideias, por exemplo:

Aquele homem é um sem-teto (nesse caso, a expressão “sem-teto”, representa a substituição de um conceito referente às pessoas que não possuem casa.

Do grego, a palavra "metonímia" (metonymía) é constituída pelos termos “meta” (mudança) e “onoma” (nome) que literalmente significa “mudança de nome”.

### Exemplos de Metonímia

A metonímia pode ocorrer de inúmeras maneiras sendo as mais comuns os casos abaixo:

Parte pelo todo: Ele possuía inúmeras cabeças de gado. (bois)

Causa pelo efeito: Consegui comprar a televisão com meu suor. (trabalho)

Autor pela obra: Li muitas vezes Camões. (obra literária do autor)

Inventor pelo invento: Meu pai me presenteou com um Ford. (inventor da marca Ford: Henri Ford)

Marca pelo produto: Meu pai adora tomar Nescau com leite. (chocolate em pó)

Matéria pelo objeto: Passou a vida atrás do vil metal. (dinheiro)

Singular pelo plural: O cidadão foi às ruas lutar pelos seus direitos. (vários cidadãos)

Concreto pelo abstrato: Natália, a melhor aluna da classe, tem ótima cabeça. (inteligência)

Conteúdo pelo conteúdo: Quero um copo d'água. (copo com água)

Gênero pela espécie: Os homens cometeram barbaridades. (humanidade)

### Catacrese

Emprego impróprio de uma palavra por não existir outra mais específica.

Exemplo: Embarcou há pouco no avião.

Embarcar é colocar-se a bordo de um barco, mas como não há um termo específico para o avião, embarcar é o utilizado.

A catacrese é uma figura de linguagem que representa um tipo de metáfora de uso comum que, com o passar do tempo, foi desgastada e se cristalizou.

Isso porque ao utilizarmos tanto determinada palavra, não notamos mais o sentido figurado expresso nela. Por exemplo: O pé da cadeira está quebrado.

O exemplo acima nos leva a pensar no sentido denotativo e conotativo das palavras. Ou seja, a cadeira não possui um “pé”, que no sentido denotativo é uma extremidade do membro inferior encontrada nos animais terrestres.

Lembre-se que o sentido denotativo é aquele encontrado nos dicionários, o qual representa o conceito “real” da palavra. No exemplo acima, o pé da cadeira está no sentido conotativo (ou figurado) da palavra.

Sendo assim, a catacrese é um tipo especial de metáfora que já foi incorporada por todos os falantes da língua.

Mas, por ser uma expressão muito utilizada e, portanto, desgastada, estereotipada, viciada e pouco original, ela é considerada uma catacrese.

Nesse sentido, utilizamos essa figura de linguagem por meio da aproximação ou semelhança da forma de tal objeto.

Assim, a catacrese faz uma comparação e usa um determinado termo por não ter outro que designe algo específico. De tal modo, a palavra perde seu sentido original.

Entenda mais sobre os conceitos de:

Conotação e Denotação

Metáfora

A catacrese está na categoria de figuras de palavras, ao lado da metáfora, metonímia, comparação, antonomásia e sinestesia.

Exemplos de Catacrese

A catacrese é muito utilizada na linguagem coloquial (informal) e também em textos poéticos e músicas. Pode ser considerada uma gíria, uma vez que facilita o processo comunicativo pelo uso de outras palavras.

Confira abaixo alguns exemplos muito comuns de catacrese:

Árvore genealógica

Fio de óleo

Céu da boca

Boca do túnel

Boca da garrafa

Pele do tomate

Braço do sofá

Braço da cadeira

Braço de rio

Corpo do texto

Pé da página

Pé da cama

Pé da montanha

Pé de limão

Perna da mesa

Maçã do rosto

Coroa do abacaxi

Asa da xícara

Asa do avião

Dentes do serrote

Dentes de alho

Cabeça do alho

Cabeça do prego

Cabeça do alfinete

Batata da perna

Exemplo de Catacrese na Literatura

“Dobrando o cotovelo da estrada, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns anos.” (Graciliano Ramos em *Vidas Secas*.)

A expressão “cotovelo da estrada” é um tipo de catacrese, utilizada nos textos poéticos para oferecer maior expressividade ao texto.

Exemplo de Catacrese na Música

“Usei a cara da lua/As asas do vento/Os braços do mar/O pé da montanha” (MPB-4 em “Composição Estranha”)

As expressões “os braços do mar” e “o pé da montanha” são exemplos de catacrese.

Já as expressões “cara da lua” e “asas do vento” são exemplos de metáfora que ocorrem por meio de uma relação de similaridade.

Curiosidades sobre Catacrese

Segundo a origem etimológica, a palavra catacrese vem do latim “catachresis” e do grego “katakhresis” e significa “mau uso”.

Originalmente, o termo “embarcar” era utilizado para expressar a entrada num barco. Mas de tanto que foi utilizada pelos falantes para entrar em outros meios de transporte, hoje a utilizamos sem notar seu sentido original. Assim, a palavra “embarcar” trata-se de uma catacrese.

Da mesma forma, a palavra “azulejo” era utilizada para determinar ladrilhos azuis. Atualmente, a utilizamos para determinar qualquer cor de ladrilho. E, portanto, também se trata de uma catacrese.

Ainda temos a palavra “encaixar” que no sentido original significava “colocar em caixas”. O termo foi tão utilizado pelos falantes da língua que hoje determina a colocação de algo num local que cabe perfeitamente.

### **Sinestesia**

Associação de sensações por órgãos de sentidos diferentes.

Exemplo: Com aquele olhos frios, disse que não gostava mais da namorada.

A frieza está associada ao tato e não à visão.

A sinestesia é uma figura de linguagem que faz parte das figuras de palavras. Ela está associada com a mistura de sensações relacionadas aos sentidos: tato, audição, olfato, paladar e visão.

Sendo assim, essa figura de linguagem estabelece uma relação entre planos sensoriais diferentes.

Ela é muito utilizada como recurso estilístico e, portanto, surge em diversos textos poéticos e musicais. No movimento simbolista, a sinestesia foi muito empregada pelos escritores.

Além da sinestesia, outras figuras de palavras são: a metáfora, a metonímia, a comparação, a catacrese e a perífrase (ou antonomásia).

#### Exemplos

Confira abaixo alguns exemplos de sinestesia na literatura:

“E um doce vento, que se erguera, punha nas folhas alagadas e lustrosas um frêmito alegre e doce.” (Eça De Queiros)

“Por uma única janela envidraçada, (...) entravam claridades cinzentas e surdas, sem sombras.” (Clarice Lispector)

“Insônia roxa. A luz a virgular-se em medo. / O aroma endoideceu, upou-se em cor, quebrou / Gritam-me sons de cor e de perfumes.” (Mário de Sá-Carneiro)

“As falas sentidas, que os olhos falavam/ Não quero, não posso, não devo contar.” (Casimiro de Abreu)

“Esta chuvinha de água viva esperneando luz e ainda com gosto de mato longe, meio baunilha, meio manacá, meio alfazema.” (Mário de Andrade)

“O céu ia envolvendo-a até comunicar-lhe a sensação do azul, acariciando-a como um esposo, deixando-lhe o odor e a delícia da tarde.” (Gabriel Miró)

“Que tristeza de odor a jasmim!” (Juan Ramón Jiménez)

#### Sinestesia na Medicina

A sinestesia é um termo utilizado também na área da medicina. Trata-se de uma condição neurológica (não é considerada doença), geralmente de causa genética (hereditária).

Ela faz com que um estímulo neurológico cognitivo ou sensorial provoque uma resposta numa outra via cognitiva ou sensorial. Trata-se, portanto, de uma confusão mental.

Assim, um estímulo num determinado sentido provoca reações em outro, criando uma combinação entre visão, audição, olfato, paladar e tato.

Pessoas que tem essa condição neurológica, por exemplo, ouvem cores e sentem sons.

#### Curiosidades

Do grego, o termo “synaesthesia” é formado pelos vocábulos “syn” (união) e “esthesia” (sensação). Assim, a palavra está relacionada com a união de sensações.

O termo “cinestesia” (com c) está relacionado com a percepção corporal por meio da ação dos músculos e da sustentação do corpo.

#### Perífrase

Substituição de uma ou mais palavras por outra que a identifique.

Exemplo: O rugido do rei das selvas é ouvido a uma distância de 8 quilômetros. (O rugido do leão é ouvido a uma distância de 8 quilômetros.)

A perífrase é uma figura de linguagem que está relacionada com as palavras. Por esse motivo, ela está na categoria de figuras de palavras.

A perífrase ocorre pela substituição de uma ou mais palavras por outra expressão. Essa substituição é feita mediante uma característica ou atributo marcante sobre determinado termo (ser, objeto ou lugar).

Além de ser usada na linguagem coloquial (informal), é comum a utilização da perífrase como recurso estilístico em textos poéticos e musicais.

Ainda que a perífrase e a antonomásia sejam consideradas a mesma figura de linguagem, a antonomásia trata-se de um tipo de perífrase. Assim, a antonomásia é quando se refere a uma pessoa (nomes próprios).

Note que a perífrase é também chamada de circunlóquio uma vez que apresenta um pensamento de modo indireto, com rodeios. Do grego, a palavra “períphrasis” significa o ato de falar em círculos.

Outras figuras de palavras são: metáfora, metonímia, comparação, catacrese e sinestesia.

Para saber mais sobre essa figura de linguagem, confira abaixo alguns exemplos.

#### Exemplos de Perífrase

A cidade luz foi atingida por terroristas nessa tarde. (Paris)

A terra da garoa está cada vez mais perigosa. (São Paulo)

Sampa é o grande centro financeiro do país. (São Paulo)

O país do futebol conquistou mais uma medalha nas olimpíadas. (Brasil)

O país do carnaval celebrou mais uma conquista política. (Brasil)

A cidade maravilhosa foi palco das olimpíadas 2016. (Rio de Janeiro)

O Timão venceu mais um campeonato. (Corinthians)

Mais ouro negro foi descoberto no Brasil. (Petróleo)

O Velho Chico vem sofrendo com problemas ambientais. (Rio São Francisco)

O pulmão do mundo está sofrendo com o desmatamento desenfreado. (Amazônia)

#### Exemplos de Antonomásia

O poeta dos escravos escreveu diversos poemas abolicionistas. (Castro Alves)

O rei do reggae recebeu em 1976 o prêmio de "Banda do Ano". (Bob Marley)

A dama do teatro brasileiro foi indicada ao Oscar de melhor atriz. (Fernanda Montenegro)

O divino mestre partilhou diversos ensinamentos. (Jesus)

O pai da aviação foi um grande inventor brasileiro. (Santos Dumont)

O poeta da vila é considerado um dos mais importantes músicos do Brasil. (Noel Rosa)

O show do Rei estava lotado. (Roberto Carlos)

O rei do pop faleceu em Los Angeles no ano de 2009. (Michael Jackson)

A rainha dos baixinhos nasceu na cidade de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. (Xuxa)

O rei do futebol é considerado um dos maiores futebolistas da história mundial. (Pelé)

#### Perífrase Verbal

No âmbito da gramática, a perífrase verbal é uma locução verbal que substitui um verbo simples, por exemplo:

Ele deve trabalhar essa noite. (verbo auxiliar e verbo principal)

### Hipérbole

Exagero intencional na expressão.

Exemplo: Quase morri de estudar.

Na língua portuguesa, a Hipérbole ou Auxese é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de pensamento, a qual indica o exagero intencional do enunciador.

Em outras palavras, a hipérbole é um recurso muito utilizado, inclusive na linguagem do dia-a-dia, a qual expressa uma ideia exagerada ou intensificada de algo ou alguém, por exemplo: "Estou morrendo de sede".

Note que o "contrário" da hipérbole, é a figura de pensamento denominada eufemismo, posto que ele suaviza ou ameniza as expressões, enquanto a hipérbole as intensifica.

### Figuras de Pensamento

#### Hipérbole

Exagero intencional na expressão.

Exemplo: Quase morri de estudar.

Na língua portuguesa, a Hipérbole ou Auxese é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de pensamento, a qual indica o exagero intencional do enunciador.

Em outras palavras, a hipérbole é um recurso muito utilizado, inclusive na linguagem do dia-a-dia, a qual expressa uma ideia exagerada ou intensificada de algo ou alguém, por exemplo: "Estou morrendo de sede".

Note que o "contrário" da hipérbole, é a figura de pensamento denominada eufemismo, posto que ele suaviza ou ameniza as expressões, enquanto a hipérbole as intensifica.

#### Eufemismo

Forma de suavizar o discurso.

Exemplo: Entregou a alma a Deus.

Acima, a frase informa a morte de alguém.

O Eufemismo é uma figura de pensamento, que corresponde a um dos subgrupos das figuras de linguagem, a qual está intimamente relacionada ao significado das palavras. Do grego, a palavra "euphémēin" é formada pelo termo "pheme" (palavra) e o prefixo "eu-" (bom, agradável), que significa "pronunciar palavras agradáveis".

Sendo assim, o eufemismo é um recurso estilístico muito utilizado na linguagem coloquial bem como nos textos literários com o intuito de atenuar ou suavizar o sentido das palavras, substituindo assim, os termos contidos no discurso, embora o sentido essencial permaneça, por exemplo: Ele deixou esse mundo. (nesse caso, a expressão "deixou esse mundo", ameniza o discurso real: ele morreu.)

Dessa forma, esse recurso é utilizado muitas vezes pelo emissor do discurso, para que o receptor não se ofenda com a mensagem triste ou desagradável que será enunciada. No entanto, há expressões em que notamos a presença do eufemismo, com um tom irônico, por exemplo: Ela vestiu o paletó de madeira, frase indicando a morte da pessoa, de forma que a expressão "paletó de madeira" faz referência ao objeto "caixão, ataúde, urna funerária".

Note que o eufemismo se opõe a figura de pensamento denominada hipérbole, visto que ela é baseada no exagero intencional do enunciador do discurso. Em outras palavras, enquanto o eufemismo suaviza as expressões, a principal função da hipérbole é intensificar ou aumentar o sentido das palavras.

#### Litote

Forma de suavizar uma ideia. Neste sentido, assemelha-se ao eufemismo, bem como é a oposição da hipérbole.

Exemplo: — Não é que sejam más companhias... — disse o filho à mãe.

Pelo discurso, percebemos que apesar de as suas companhias não serem más, também não são boas.

Litote é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de pensamento. Ele é usado para abrandar uma expressão por meio da negação do contrário. Ele permite afirmar algo por meio da negação, por exemplo:

Eu não estou feliz com a notícia da prefeitura. Nesse exemplo, a expressão “não estou feliz” atenua a ideia de “ficar triste”.

Lembre-se que essas palavras de significados opostos são chamadas de antônimos, por exemplo: bom e mau, feliz e triste, caro e barato, bonito e feio, rico e pobre, etc.

O litote é muito utilizado na linguagem coloquial (informal) e geralmente o locutor tem o intuito de não dizer diretamente o que se pretende. Além disso, ele é empregado nos textos literários.

Isso porque algumas vezes a expressão pode soar desagradável ou mesmo ter um tom agressivo para o ouvinte.

Exemplos

Joana pode não ser das melhores alunas da classe. (é ruim, ou seja, não é boa)

Luíza não é das mais bonitas. (é feia, ou seja, não é bonita)

Essa camisa não é cara. (é barata, ou seja, não é cara)

Seus conselhos não são maus. (são bons, ou seja, não são maus)

Rafael não está certo sobre o crime. (está errado, ou seja, não está certo)

Essa bebida não está quente. (está fria, ou seja, não está quente)

Sofia não é nada boba. (é esperta, ou seja, não é boba)

Samuel não é pobre pois tem uma grande casa na praia. (é rico, ou seja, não é pobre)

Manuela não dançou bem na apresentação da escola. (dançou mal, ou seja, não dançou bem)

O supervisor Marcos não está limpo. (está sujo, ou seja, não está limpo)

Litote e Eufemismo

O litote e o eufemismo são duas figuras de pensamento que podem causar confusão. Isso porque o eufemismo também é usado para atenuar uma ideia, por exemplo: Salvador não está mais entre nós (ele morreu).

Da mesma maneira, o litote suaviza um enunciado, mas lembre-se que ele ocorre mediante a negação do contrário.

Sendo assim, o litote se opõe à figura de pensamento chamada hipérbole, uma vez que ela marca um exagero intencional do enunciador.

Ironia

Representação do contrário daquilo que se afirma.

Exemplo: É tão inteligente que não acerta nada.

Sarcasmo e Ironia

O sarcasmo e a ironia são recursos estilísticos empregados pelos emissores dos textos (sejam os textos orais ou escritos) com o intuito de oferecer maior expressividade ao discurso enunciado.

Em outras palavras, o sarcasmo e a ironia são utilizadas quando o autor do texto pretende oferecer uma maior dramaticidade ao discurso, utilizando, dessa maneira, as palavras em seu sentido conotativo (figurado), em detrimento de seu sentido real, chamado de denotativo.

#### Diferença entre Sarcasmo e Ironia

Embora sejam termos que se aproximem e muitas vezes são empregados como sinônimos, o sarcasmo e a ironia possuem suas peculiaridades. Destarte, o sarcasmo é um recurso expressivo utilizado sobretudo, com um sentido provocativo, malicioso e de crítica, enquanto a ironia é a uma figura de linguagem que expressa o oposto do que o autor pretende afirmar.

#### Sarcasmo e Ironia

O sarcasmo e a ironia são recursos estilísticos empregados pelos emissores dos textos (sejam os textos orais ou escritos) com o intuito de oferecer maior expressividade ao discurso enunciado.

Em outras palavras, o sarcasmo e a ironia são utilizadas quando o autor do texto pretende oferecer uma maior dramaticidade ao discurso, utilizando, dessa maneira, as palavras em seu sentido conotativo (figurado), em detrimento de seu sentido real, chamado de denotativo.

#### Diferença entre Sarcasmo e Ironia

Embora sejam termos que se aproximem e muitas vezes são empregados como sinônimos, o sarcasmo e a ironia possuem suas peculiaridades. Destarte, o sarcasmo é um recurso expressivo utilizado sobretudo, com um sentido provocativo, malicioso e de crítica, enquanto a ironia é a uma figura de linguagem que expressa o oposto do que o autor pretende afirmar.

Em resumo, o sarcasmo e a ironia estão intimamente ligados, entretanto, diferem na intenção estabelecida pelo escritor, ou seja, o sarcasmo sempre apresenta um tom provocador, mordaz e de zombaria, que apela ao humor ou ao riso, todavia, a ironia apresenta um tom menos áspero, de forma que se trata de uma contradição do sentido literal das palavras, sendo utilizada de forma mais amena, sutil.

Não obstante, para alguns estudiosos do tema, o sarcasmo corresponde a um tipo de ironia com um teor provocativo, e por sua vez, a ironia pode ser classificada de três maneiras, a saber: a ironia oral, que expressa a diferença entre o discurso e a intenção; a ironia dramática ou satírica, diferença entre a expressão e a compreensão; e a ironia de situação que corresponde a diferença existente entre a intenção e o resultado da ação.

Ambos termos são provenientes da língua grega: a palavra sarcasmo (sarkasmós) significa zombaria, escárnio, enquanto a palavra ironia (euroneia) significa dissimular, fingir. Para o escritor contemporâneo brasileiro Gabito Nunes: “Quando uso o humor como escudo, é ironia. Quando uso o humor como arma, é sarcasmo”.

#### Exemplos

Para estabelecer melhor essa distinção entre o sarcasmo e a ironia, vejamos os exemplos abaixo:

Ela é tão inteligente que errou todas as questões da prova. (Ironia)

Sua maquiagem está linda, mas seu rosto é bem mais. (Sarcasmo)

#### Personificação

Atribuição de qualidades e sentimentos humanos a seres irracionais.

Exemplo: O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

Na língua portuguesa, a personificação (também chamada de prosopopeia ou animismo) é uma figura de linguagem, mais precisamente, uma figura de pensamento muito utilizada nos textos literários.

Ela está diretamente relacionada com o significado (campo semântico) das palavras e corresponde ao efeito de “personificar”, ou seja, dar vida aos seres inanimados.

Desse modo, a personificação é utilizada para atribuir sensações, sentimentos, comportamentos, características e/ou qualidades essencialmente humanas (seres animados) aos objetos inanimados ou seres irracionais, por exemplo: O dia acordou feliz.

Segundo o exemplo, a característica de “acordar feliz” é uma característica humana, que, nesse caso, está atribuída ao dia (substantivo inanimado).

Note que a personificação pode também atribuir qualidades de seres animados a outros seres animados, por exemplo, os animais: A cachorro sorriu para o dono.

A palavra personificação, derivada do verbo personificar, possui origem latina, sendo formada pelos termos “persona” (pessoa, face, máscara) e o sufixo “-ção”, que denota ação, ou seja, significa, ao pé da letra, uma pessoa mascarada.

Da mesma maneira, a palavra prosopopeia, derivada do grego, é formada pelos termos “prosopon” (pessoa, face, máscara) e “poeio” (finjo), ou seja, significa pessoa que finge.

### Figuras de Linguagem

As figuras de linguagem são recursos estilísticos muito utilizadas nos textos literários, de modo que o enunciador (emissor, autor) pretende dar mais ênfase ao seu discurso. Assim, ele emprega as palavras no sentido conotativo, ou seja, no sentido figurado, em detrimento do sentido real atribuído à palavra, o sentido denotativo.

As figuras de linguagem são classificadas em:

Figuras de Palavras: metáfora, metonímia, comparação, catacrese, sinestesia e antonomásia.

Figuras de Pensamento: ironia, antítese, paradoxo, eufemismo, litote, hipérbole, gradação, personificação e apóstrofe.

Figuras de Sintaxe: elipse, zeugma, silepse, assíndeto, polissíndeto, anáfora, pleonasma, anacoluto e hipérbato.

Figuras de Som: aliteração, assonância, onomatopeia e paranomásia.

### Exemplos de Personificação

Segue abaixo alguns exemplos em que a personificação é empregada:

O dia acordou feliz e o sol sorria para mim.

O vento assobiava esta manhã em que o céu chorava.

Naquela noite, a lua beijava o céu.

Após a erupção do vulcão, o fogo dançava por entre as casas.

Nos exemplos acima, nota-se a utilização da personificação, na medida em que características de seres animados (que possuem alma, vida) são atribuídas aos seres inanimados (sem vida).

Note que os verbos ligados aos substantivos inanimados (dia, sol, vento, fogo e lua) são características dos seres humanos: acordar, sorrir, assobiar, chorar e beijar.

### Antítese

Uso de termos que têm sentidos opostos.

Exemplo: Toda guerra finaliza por onde devia ter começado: a paz.

A Antítese representa uma figura de pensamento, pertencente a um dos subgrupos que compõem as figuras de linguagem, que por sua vez, são recursos estilísticos que buscam proporcionar maior ênfase, destaque ou expressividade ao discurso proferido.

De tal modo, a antítese corresponde a aproximação de palavras com sentidos opostos, por exemplo: o ódio e a amor andam de mãos dadas. (nesse caso, o termo "ódio" está posicionada ao lado de seu termo contrário, o "amor")

Na história literatura, a linguagem do período barroco (1580-1756), escola literária baseada nos contrastes, conflitos, dualidades e excessos, utilizou a antítese como um dos principais recursos estilísticos. Do grego, a palavra "antithesis" é formada pelos termos "anti" (contra) e thésis (ideia), que significa literalmente ideia contra.

Diferença entre Antítese e Paradoxo

Muito comum haver confusão entre as figuras de pensamento denominadas antítese e paradoxo, uma vez que ambas estão pautadas na oposição.

No entanto, a antítese apresenta palavras ou expressões que contenham significados contrários, enquanto o paradoxo (também chamado de oximoro) emprega ideias opostas e absurdas entre o mesmo referente no discurso.

Para entender melhor essa diferença, observe os exemplos abaixo:

Durante a vida, acreditamos em muitas verdades e mentiras (antítese)

Para mim, a melhor companhia é a solidão. (paradoxo)

Ambos exemplos estão pautados na oposição, no entanto, o primeiro buscou expor palavras contrárias, ou seja, "verdade" e "mentira", enquanto no segundo, a oposição ocorre no mesmo referente, por meio da ideia absurda de que a solidão é boa companhia, o que contraria o conceito ruim associado à condição da solidão: não ter amigos ou companheiros, ser um dos principais motivos da depressão, suicídios, dentre outros.

Exemplos de Antítese

Segue abaixo alguns exemplos em que a antítese é empregada. Note que os termos em destaque apontam para seus opostos:

A relação deles era de amor e ódio.

O dia está frio e meu corpo está quente.

A vida e a morte: duas figuras de uma mesma moeda.

A tristeza e a felicidade fazem parte da vida.

Bonito para alguns, feio para outros.

Vivemos num paraíso ou num inferno?

Faça sol ou faça chuva, estarei no teatro.

O céu e a terra se fundem tal qual uma pintura.

A luz e a escuridão estavam presentes em sua obra.

Não sei dizer qual verdade reside na mentira.

**Paradoxo**

Uso de ideias que têm sentidos opostos, não apenas de termos (tal como no caso da antítese).

Exemplo: Estou cego de amor e vejo o quanto isso é bom.

Como é possível alguém estar cego e ver?

Na literatura, o paradoxo (também chamado de oximoro) é uma figura de pensamento baseada na contradição.

Muitas vezes pode apresentar uma expressão absurda e aparentemente sem nexo, entretanto, expõem uma ideia fundamentada na verdade.

Esse conceito é também utilizado em outras áreas do conhecimento, tal qual a filosofia, psicologia, retórica, matemática e física.

Do latim, o termo paradoxo (paradoxum) é formado pelo prefixo “para” (contrário ou oposto) e o sufixo “doxa” (opinião), que literalmente significa opinião contrária.

Exemplo de Paradoxo

Para entender melhor o conceito de paradoxo, vejamos a seguir, o soneto do português Luís Vaz de Camões (1524-1580).

O escritor utiliza o paradoxo como principal figura de linguagem, ao unir ideais contraditórias que, por sua vez, apresentam uma coerência:

Amor é fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

### Gradação

Apresentação de ideias que progridem de forma crescente (clímax) ou decrescente (anticlímax).

Exemplo: Inicialmente calma, depois apenas controlada, até o ponto de total nervosismo.

No exemplo acima acompanhamos a progressão da tranquilidade até o nervosismo.

A gradação (ou clímax) é uma figura de linguagem que está na categoria de figura de pensamento. Ela ocorre mediante uma hierarquia dos termos que compõem a frase.

A gradação é empregada por meio da enumeração de elementos frasais. Tem o intuito de enfatizar as ideias numa sentença de ritmo crescente, até atingir o clímax (grau máximo).

Ou seja, ela oferece maior expressividade ao texto utilizando uma sequência de palavras que intensificam uma ideia de maneira gradativa, e por isso recebe esse nome.

Essa figura de estilo é utilizada na linguagem artística, seja em textos poéticos ou musicais.

Classificação

Na gradação, essa hierarquia pode ocorrer na forma crescente ou decrescente. Quando ela ocorre de maneira crescente é chamada de clímax ou gradação ascendente.

Por sua vez, se ocorre de maneira decrescente é chamada de anticlímax ou gradação descendente. Para compreender melhor, confira abaixo os exemplos:

No restaurante, sentei, pedi, comi, paguei. (clímax)

Ana estava pelo mundo e chegou no país, no estado, na cidade, no bairro. (anticlímax)

Exemplos de Gradação

Veja abaixo exemplos de gradação na literatura e na música:

“Por mais que me procure, antes de tudo ser feito,/eu era amor. Só isso encontro./Caminho, navego, voo,/ - sempre amor.” (Cecília Meireles)

“Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilhão, uns cingidos de luz, outros ensangüentados (...).” (Machado de Assis)

“Em cada porta um freqüentado olheiro,/que a vida do vizinho, e da vizinha/pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,/para a levar à Praça, e ao Terreiro.” (Gregório de Matos)

“Oh, não aguardes, que a madura idade/Te converta em flor, essa beleza/Em terra, em cinza, em pó, em sobra, em nada.” (Gregório de Matos)

“O trigo... nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se.” (Padre Antônio Vieira)

“Ninguém deve aproximar-se da jaula, o felino poderá enfurecer-se, quebrar as grades, despedaçar meio mundo.” (Murilo Mendes)

“Eu era pobre. Era subalterno. Era nada.” (Monteiro Lobato)

“Carregando flores/E a se desmanchar/E foram virando peixes/Virando conchas/Virando seixos/Virando areia.” (Música “Mar e Lua” de Chico Buarque)

“E o meu jardim da vida/Ressecou, morreu/Do pé que brotou Maria/Nem margarida nasceu.” (Música “Flor de Lis de Djavan)

### **Apóstrofe**

Interpelação feita com ênfase.

Exemplo: Ó céus, é preciso chover mais?

Apóstrofe é uma figura de linguagem que está na categoria de figuras de pensamento.

É caracterizada pelas expressões que envolvem invocações, chamamentos e interpelações de um interlocutor (seres reais ou não).

Por esse motivo, a apóstrofe exerce a função sintática de vocativo, sendo, portanto, uma característica dos discursos diretos.

De tal maneira, ela interrompe a narração com o intuito de invocar alguém ou algo que esteja presente ou ausente no momento da fala.

A apóstrofe é um recurso estilístico muito utilizado na linguagem informal (cotidiana), nos textos religiosos, políticos e poéticos.

Além da apóstrofe, as figuras de pensamento são: gradação (ou clímax), personificação(ou prosopopeia), eufemismo, hipérbole (ou auxese), litote, antítese, paradoxo (ou oxímoro) e ironia.

Exemplos

Ó Deus! Ó Céus! Porque não me ligou?

Senhor, tende piedade de nós.

Padre, posso me confessar?

Povo de São Paulo! Vamos vencer juntos.

Liberdade, Liberdade! É isso que pretendemos nessa luta.

Nossa! Como você conseguiu?

Minha Filha! Que linda você está!

Exemplos na Literatura

“Ó mar salgado, quanto do teu sal/São lágrimas de Portugal.” (Fernando Pessoa)

“Olha Marília, as flautas dos pastores,/Que bem que soam, como são cadentes!” (Bocage)

“Criança! não verás país nenhum como este:/Imita na grandeza a terra em que nasceste!” (Olavo Bilac)

“Tende piedade de mim, Senhor, de todas as mulheres.” (Vinícius de Moraes)

“Deus, ó Deus! Onde estás, que não me respondes?” (Castro Alves).

“Supremo Senhor e Governador do universo, que às sagradas quinas de Portugal, e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas listas de Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus?...” (Padre Antônio Vieira)

Atenção!

Não confunda apóstrofe com apóstrofo. Enquanto o primeiro é uma figura de pensamento, o segundo é um sinal gráfico (') que indica a supressão de letras e sons, por exemplo: copo d'água.

A apóstrofe e o apóstrofo são palavras parônimas. Ou seja, termos que se assemelham na grafia e na pronúncia, mas diferem no sentido.

Figuras de Sintaxe

Elipse

Omissão de uma palavra que se identifica de forma fácil.

Exemplo: Tomara você me entenda (Tomara que você me entenda).

A elipse é uma figura de linguagem que está na categoria de figuras de sintaxe (ou de construção). Isso porque ela está relacionada com a construção sintática dos enunciados.

Ela é utilizada para omitir termos numa sentença que não forem mencionados anteriormente. No entanto, esses termos são facilmente identificáveis pelo interlocutor.

Exemplo: Comi no restaurante da minha avó na semana passada.

No exemplo acima, sabemos que pela conjugação do verbo (primeira pessoa do singular), o termo omitido foi o pronome pessoal (eu). Esse caso é chamado de “elipse de sujeito”. Além da omissão do sujeito, a elipse pode ocorrer com outros termos da frase: verbos, advérbios e conjunções.

Utilizamos essa figura de linguagem (ou estilo) cotidianamente nos discursos informais (linguagem oral).

Ela é também muito empregada nos textos de modo a oferecer maior fluidez textual, evitando, por exemplo, a repetição de alguns termos nas frases. Importante notar que a ausência desses termos não interfere na compreensão textual. Além da elipse, outras figuras de sintaxe são:

Zeugma, hipérbato, silepse, assíndeto, polissíndeto, anáfora, anacoluto e pleonasma.

Exemplos

Confira abaixo alguns exemplos de elipse na música e na literatura:

“Na sala, apenas quatro ou cinco convidados.” (Machado de Assis) – omissão do verbo “haver”. (Na sala havia apenas quatro ou cinco convidados)

“A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos.” (Carlos Drummond de Andrade) – omissão da conjunção “se”. (A tarde talvez fosse azul se não houvesse tantos desejos)

“Onde se esconde a minha bem-amada?/Onde a minha namorada...” (música “Canto triste” Edu Lobo) – omissão do verbo “está”. (Onde está a minha namorada...)

“Quando olhaste bem nos olhos meus/E o teu olhar era de adeus, juro que não acreditei.” (música “Atrás da porta”) – omissão dos pronomes “tu” e “eu” (Quando tu olhaste bem nos olhos meus/E o teu olhar era de adeus, eu juro que não acreditei)

### Elipse e Zeugma

A zeugma, tal qual a elipse, é figura de sintaxe. Ela é considerada um tipo de elipse.

A diferença entre elas consiste na identificação do termo na frase. Ou seja, na elipse, o termo pode ser identificado pelo contexto, ou mesmo, pela gramática. Mas, na elipse esses termos não foram mencionados anteriormente.

Já na zeugma, os termos que foram omitidos já foram mencionados. Para compreender melhor, veja abaixo os exemplos:

Elipse: Andei por todo o parque. (Eu)

Zeugma: Anne comprou banana, eu, maçã. (Comprei)

Atenção!

Quando a zeugma é empregada, o uso da vírgula, do ponto e vírgula ou do ponto final é obrigatório.

Exemplos:

Na casa de Alfredo tinha jacuzzi; na minha, uma piscina. (omissão de “tinha”)

Na casa de Maria havia laranjeira. Na minha, limoeiro. (omissão de “havia”)

Mariana prefere artes plásticas, eu, cinema. (omissão de “prefiro”)

Curiosidades

Do grego, o termo “élleipsis” significa “omissão” ou “falta”.

Na matemática, o termo elipse define um tipo de forma ou de gráfico.

Na astronomia, as elipses designam órbitas planetárias.

### Zeugma

Omissão de uma palavra pelo fato de ela já ter sido usada antes.

Exemplo: Fiz a introdução, ele a conclusão. (Fiz a introdução, ele fez a conclusão.)

A Zeugma é uma figura de linguagem que está na categoria de figuras de sintaxe ou de construção. Isso porque ela interfere na construção sintática das frases.

Ela é usada para omitir termos na oração com o intuito de evitar a repetição desnecessária de alguns termos, como o verbo ou o substantivo.

Sendo assim, ela torna a linguagem do texto mais fluida. Quando é utilizada, o uso da vírgula torna-se necessário.

A zeugma é utilizada na linguagem informal, e também é empregada em diversos textos poéticos e musicais.

Exemplos

Confira exemplos de frases literárias e musicais em que a zeugma foi utilizada:

“O colégio compareceu fardado; a diretoria, de casaca.” (Raul Pompeia)

“Um deles queria saber dos meus estudos; outro, se trazia coleção de selos.” (José Lins do Rego).

“A vida é um grande jogo e o destino, um parceiro temível.” (Érico Veríssimo)

“Pensaremos em cada menina/que vivia naquela janela;/uma que se chamava Arabela,/outra que se chamou Carolina.” (Cecília Meireles)

“O meu pai era paulista/Meu avô, pernambucano/O meu bisavô, mineiro/Meu tataravô, baiano.” (Chico Buarque)

Zeugma e Elipse: Diferenças

É muito comum haver confusão entre as duas figuras de sintaxe: zeugma e elipse. No entanto, elas apresentam diferenças.

Para muito estudiosos do tema, a zeugma é considerada um tipo de elipse, visto que também é empregada por meio da omissão de um ou mais termos na oração.

A elipse é a omissão de um ou mais termos do discurso que não foram expressos anteriormente. Mas estes são facilmente identificáveis pelo interlocutor (receptor). Já na zeugma, os termos já foram mencionados antes no discurso.

Confira abaixo os exemplos:

Ficamos ansiosos com o resultado. (pelo conjugação verbal podemos identificar a omissão do pronome “nós”.) – elipse

Joaquim comprou duas calças, eu uma. (omissão do verbo no segundo período: comprei). – zeugma

Curiosidade

Do grego, o termo “zeygma” significa “ligação”.

Hipérbato

Alteração da ordem direta da oração.

Exemplo: São como uns anjos os seus alunos. (Os seus alunos são como uns anjos.)

O hipérbato ou inversão é uma figura de sintaxe que faz parte das figuras de linguagem. Ele é caracterizado pela inversão brusca da ordem direta dos termos de uma oração ou período.

Na construção usual da língua, a ordem natural dos termos da oração vem posicionada dessa maneira: sujeito + predicado + complemento.

Sendo assim, o hipérbato interfere na estrutura gramatical, invertendo a ordem natural dos termos da frase. Por exemplo: Feliz ele estava. Na ordem direta a frase ficaria: Ele estava feliz.

Note que o uso do hipérbato pode comprometer muitas vezes o entendimento, ou mesmo gerar ambiguidade.

Anástrofe e Síquise

Outras figuras de sintaxe que invertem os termos da frase são: a anástrofe e a síquise.

A anástrofe é uma inversão suave dos termos frasais. Já a sínquise é uma inversão mais acentuada e que pode prejudicar o entendimento do período.

Por esse motivo, a anástrofe e a sínquise são consideradas por diversos estudiosos como tipos de hipérbato.

Hipérbato e Anacoluto

Muitas vezes o hipérbato é confundido com o anacoluto, no entanto eles são diferentes. O anacoluto apresenta uma irregularidade gramatical na estrutura gramatical do período, mudando de maneira repentina a estrutura da frase.

Exemplo: Ele, parece que está passando mal.

Dessa maneira, temos a impressão de que o pronome “ele” não exerce sua função sintática corretamente visto a pausa do período. E de fato, ele não possui relação sintática com os outros termos da frase.

O anacoluto altera, portanto, a sequência lógica do plano sintático dos termos da frase, o que não ocorre no hipérbato.

Já o hipérbato não é marcado por uma pausa, e sim pela inversão sintática dos termos da frase.

Exemplos de Hipérbato

Tanto na literatura, como na música, o hipérbato é usado muitas vezes para auxiliar na rima e sonoridade dos versos.

Mas lembre-se que também utilizamos essa figura de linguagem no cotidiano, por exemplo:

Está pronta a comida. (na ordem direta: a comida está pronta)

Morreu meu vizinho (na ordem direta: meu vizinho morreu)

### **Hipérbato na Música**

O hino nacional brasileiro é um exemplo notório em que o hipérbato foi utilizado muitas vezes. Analise abaixo os trechos:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante”

“E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, /Brilhou no céu da Pátria nesse instante.”

Ordem direta do primeiro trecho: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Ordem direta do segundo trecho: O sol da Liberdade brilhou em raios fúlgidos no céu da Pátria nesse instante.

### **Hipérbato na Literatura**

O hipérbato é utilizado com fins estilísticos para dar maior ênfase ou expressividade à linguagem literária.

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada/E triste, e triste e fatigado eu vinha. /Tinhas a alma de sonhos povoada, /E alma de sonhos povoada eu tinha...” (Olavo Bilac)

Na ordem direta, o poema de Olavo Bilac ficaria: E eu vinha triste, e triste e fatigado/ Tinhas a alma povoada de sonhos/ E eu tinha a alma povoada de sonhos.

“Aquele triste e leda madrugada, /cheia toda de mágoa e de piedade, /enquanto houver no mundo saudade, /quero que seja sempre celebrada.” (Luís de Camões)

Na ordem direta o primeiro verso do soneto de Camões ficaria: aquela madrugada triste e leda.

### Polissíndeto

Uso repetido de conectivos.

Exemplo: As crianças falavam e cantavam e riam felizes.

O polissíndeto é uma figura de linguagem que está na categoria de figuras de sintaxe.

Ele é caracterizado pelo uso de síndetos, ou seja, de elementos conectivos (conjunções) nos períodos compostos.

o polissíndeto forma as orações coordenadas sindéticas sendo que os elementos mais utilizados são: e, ou, nem.

Essa figura de sintaxe é muito utilizada como recurso estilístico, sobretudo nos textos poéticos e musicais.

Esse uso repetitivo das conjunções dá uma ideia de acréscimo, sucessão e continuidade, oferecendo mais expressividade ao texto.

### Exemplos

Confira abaixo alguns exemplos de frases com polissíndeto na música e na poesia:

“As ondas vão e vem/ E vão e são como o tempo.” (Música “Sereia” de Lulu Santos)

“Enquanto os homens exercem seus podres poderes/ índios e padres e bichas, negros e mulheres/E adolescentes fazem o carnaval.” (Música “Podre Poderes” de Caetano veloso)

“Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,/Porque o presente é todo o passado e todo o futuro.” (Ode Triunfal de Fernando Pessoa)

“Do claustro, na paciência e no sossego,/Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!” (“A um poeta” de Olavo Bilac)

### Polissíndeto e Anáfora

A anáfora é uma figura de sintaxe que também está relacionada com a repetição.

O que a difere do polissíndeto é que essa repetição pode ser de palavras ou expressões, e não somente de elementos conectivos. Geralmente, a anáfora aparece no início das frases.

Para compreender melhor, veja abaixo um exemplo de anáfora e polissíndeto:

"E o olhar estaria ansioso esperando  
E a cabeça ao sabor da mágoa balançando  
E o coração fugindo e o coração voltando  
E os minutos passando e os minutos passando..."

("O olhar para trás", Vinícius de Moraes)

Acima, temos um exemplo em que as duas figuras de linguagem estão presentes por meio da repetição da conjunção "e".

Curiosidade: Você Sabia?

Do grego, o termo “polysýndeton” é formado pelo vocábulo “polýs” (muitos) e pelo verbo “syndéo” (unir, ligar). Sendo assim, a palavra polissíndeto significa “muitas ligações”.

### Assíndeto

Omissão de conectivos. É o contrário do polissíndeto.

Exemplo: Não sopra o vento; não gemem as vagas; não murmuram os rios.

O assíndeto é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de sintaxe. Ela é caracterizada pela ausência de síndeto.

O síndeto, nesse caso, é uma conjunção coordenativa utilizada para unir termos nas orações coordenadas.

Logo, o assíndeto corresponde a uma figura de sintaxe marcada pela omissão de conjunções (conectivos) nos períodos compostos.

Geralmente, no lugar dos conectivos são colocados vírgula ou ponto e vírgula, criando assim orações coordenadas assindéticas.

Além de ser utilizada na linguagem oral, o assíndeto é empregado como recurso estilístico nos textos poéticos e musicais com o intuito de aumentar a expressividade, bem como enfatizar alguns termos da oração.

#### Exemplos de Assíndeto

“Tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado, se quiser voar. Pra lua, a taxa é alta. Pro sol: identidade.” (música “Carimbador Maluco” de Raul Seixas)

“Por você eu largo tudo. Vou mendigar, roubar, matar./ Que por você eu largo tudo. Carreira, dinheiro, canudo.” (música “Exagerado” de Cazuza)

“Nascendo, rompendo, rasgando, E tomando meu corpo e então...Eu... chorando, sofrendo, gostando, adorando.” (música “Não Dá Mais Pra Segurar (Explode Coração)” de Gonzaguinha)

“A tua raça de aventura quis ter a terra, o céu, o mar/A tua raça quer partir, guerrear, sofrer, vencer, voltar.” (“Epigrama nº 7” de Cecília Meireles)

“Tive ouro, tive gado, tive fazendas.” (“Confidência do Itabirano” de Carlos Drummond de Andrade)

“Era impossível saber onde se fixava o olho de padre Inácio, duro, de vidro, imóvel na órbita escura. Ninguém me viu. Fiquei num canto, roendo as unhas, olhando os pés do finado, compridos, chatos, amarelos.” (“Angústia” de Graciliano Ramos)

#### Assíndeto e Polissíndeto: Diferenças

Enquanto o assíndeto é determinado pela omissão de uma conjunção (síndeto), o polissíndeto é marcado pela repetição da conjunção coordenativa (conectivo).

#### Exemplos:

Maria correu, pegou o ônibus, foi para o trabalho. (Assíndeto)

Maria correu e pegou o ônibus e foi para o trabalho. (Polissíndeto)

Saiba mais sobre os Conectivos.

#### Curiosidade: Você sabia?

Do grego, o vocábulo “asíndetos” é composto pelo “a”, que indica uma negação, e pelo verbo “syn-déo”, que significa “unir”, “ligar”. Portanto, o termo assíndeto significa a ausência de ligação.

#### Anacoluto

Mudança repentina na estrutura da frase.

Exemplo: Eu, parece que estou ficando zozzo. (Parece que eu estou ficando zozzo.)

O anacoluto é uma figura de linguagem que está relacionada com a sintaxe das frases. Por esse motivo, é chamada de figura de sintaxe.

Ele é caracterizado por alterar a sequência lógica da estrutura da frase por meio de uma pausa no discurso. Assim, o anacoluto realiza uma “interrupção” na estrutura sintática da frase.

Note que as figuras de linguagem são muito utilizadas nos textos poéticos. Isso porque elas oferecem maior expressividade ao texto.

No caso do anacoluto, na maioria das vezes, ele enfatiza uma ideia ou mesmo uma pessoa do discurso.

Normalmente, o termo inicial fica “solto” na frase sem apresentar uma relação sintática com os outros termos. Por exemplo: Meu vizinho, soube que ele está no hospital.

A expressão "meu vizinho" parece ser o sujeito da oração, mas quando terminamos a frase podemos constatar que ele não possui essa função sintática estabelecida.

Além de ser usado na linguagem literária e musical, o anacoluto é utilizado na linguagem coloquial (informal). Na linguagem cotidiana ele é empregado pela espontaneidade típica desses tipos de discursos.

Para compreender melhor essa figura de sintaxe, veja abaixo alguns exemplos:

Exemplos

Anacoluto na Linguagem Oral

Eu, acho que estou passando mal.

Nora, lembro dela sempre que chego aqui.

A vida, não sei como será sem ele.

Crianças, como são difíceis de lidar.

Lúcia, ouvi dizer que está viajando.

Portugal, quantas lembranças tenho.

### **Anacoluto na Literatura**

“Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura.” (Manuel Bandeira)

“Eu, porque sou mole, você fica abusando.” (Rubem Braga)

“O relógio da parede eu estou acostumado com ele, mas você precisa mais de relógio do que eu”. (Rubem Braga)

“Umas carabinas que guardavam atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis.” (José Lins do Rego)

“A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha.” (Camilo Castelo Branco)

“E o desgraçado tremiam-lhe as pernas, sufocando-o a tosse.” (Almeida Garret)

Figuras de Sintaxe

Além do anacoluto, outras figuras de sintaxe (ou de construção) que interferem na estrutura gramatical das frases são:

Elipse

Zeugma

Hipérbato

Silepse

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Pleonasmo

### **Pleonasmo**

Repetição da palavra ou da ideia contida nela para intensificar o significado.

Exemplo: A mim me parece que isso está errado. (Parece-me que isto está errado.)

O pleonasmo é uma figura ou um vício de linguagem que acrescenta uma informação desnecessária ao discurso, seja de maneira intencional ou não.

Do Latim, o termo “pleonasmo” significa superabundância.

Classificação

O pleonasmo é classificado de duas maneiras segundo a intenção do enunciador do discurso:

Pleonasmo Vicioso

Também chamado de redundância, o pleonasmo vicioso é utilizado como vício de linguagem.

Nesse caso, ele é um erro sintático não intencional que a pessoa comete por desconhecimento das normas gramaticais.

Trata-se de um desvio gramatical que passa despercebido pelos falantes da língua. Note que ele é muito utilizado no cotidiano e na linguagem coloquial.

Exemplos:

subir para cima: o verbo “subir” já indica ir para cima, elevar-se.

descer para baixo: o verbo “descer” já denota mover de cima para baixo, declinar.

entrar para dentro: o verbo “entrar” já indica passar para dentro.

sair para fora: o verbo “sair” é sempre passar de dentro para fora, afastar-se.

encarar de frente: o verbo “encarar” significa olhar de frente, de cara. Ou seja, quando encaramos, já estamos posicionados de frente.

ver com os olhos: o verbo “ver” (perceber pela vista) está intimamente relacionado com os olhos, uma vez que enxergamos com esse órgão

hemorragia de sangue: a “hemorragia” é um termo que indica derramamento de sangue. Quando utilizamos essa palavra, não é necessário utilizar o vocábulo sangue.

multidão de pessoas: a palavra “multidão” já determina um grande agrupamento de pessoas.

surpresa inesperada: a palavra “surpresa” já indica algo inesperado.

outra alternativa: a palavra “alternativa” denota outra escolha dentre duas ou mais opções.

### **Pleonasmo Literário**

Já o pleonasmo literário (ou intencional) é usado com intenção poética de oferecer maior expressividade ao texto. Assim, nesse caso ele é considerado uma figura de linguagem.

Em outras palavras, o pleonasmo literário é utilizado intencionalmente como recurso estilístico e semântico para reforçar o discurso de seu enunciador. Observe que nesse viés, o escritor tem 'licença poética' para fazer essa ligação.

Exemplos:

“E rir meu riso e derramar meu pranto” (Vinicius de Moraes)

“E ali dançaram tanta dança” (Chico Buarque e Vinicius de Moraes)

“Me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã” (Chico Buarque)

“Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal” (Fernando Pessoa)

“Morrerás morte vil na mão de um forte” (Gonçalves Dias)

“Quando com os olhos eu quis ver de perto” (Alberto de Oliveira)

“Chovia uma triste chuva de resignação” (Manuel Bandeira)

Vícios de Linguagem

Os Vícios de Linguagem são desvios das normas gramaticais que podem ocorrer por descuido do falante ou por desconhecimento das regras da língua.

Tratam-se de irregularidades que ocorrem no dia-a-dia, das quais se destacam: pleonasmo, barbarismo, ambiguidade, solecismo, estrangeirismo, plebeísmo, cacofonia, hiato, eco e colisão.

### **Silepse**

Concordância com o que se entende e não com o que está implícito. Há silepse de gênero, de número e de pessoa.

Exemplos:

Vivemos na bonita e agitada São Paulo. (silepse de gênero: Vivemos na bonita e agitada cidade de São Paulo.)

A maioria dos clientes ficaram insatisfeitas com o produto. (silepse de número: A maiorizados clientes ficou insatisfeita com o produto.)

Todos terminamos os exercícios. (silepse de pessoa: neste caso concordância com nós, em vez de eles: Todos terminaram os exercícios)

A silepse é uma figura de linguagem que está na categoria de figura de sintaxe (ou de construção). Isso porque ela está intimamente relacionada com a construção sintática das frases.

A silepse é empregada mediante a concordância da ideia e não do termo utilizado na frase. Dessa forma, ela não obedece às regras de concordância gramatical e sim por meio de uma concordância ideológica.

Classificação

Dependendo do campo gramatical que ela atua, a silepse é classificada em:

Silepse de Gênero: quando há discordância entre os gêneros (feminino e masculino);

Silepse de Número: quando há discordância entre o singular e o plural;

Silepse de Pessoa: quando há discordância entre o sujeito, que aparece na terceira pessoa, e o verbo, que surge na primeira pessoa do plural.

Exemplos

Para compreender melhor, confira abaixo exemplos de silepse:

Silepse de Gênero: A velha São Paulo cresce a cada dia.

Silepse de Número: O povo se uniu e gritavam muito alto nas ruas.

Silepse de Pessoa: Todos os pesquisadores estamos ansiosos com o congresso.

No primeiro exemplo, notamos a união dos gêneros masculino (São Paulo) e feminino (velha).

No segundo exemplo, o uso do singular e plural denota o uso da silepse de número: povo (singular) e gritavam (plural).

No terceiro exemplo, o verbo não concorda com o sujeito, e sim com a pessoa gramatical: pesquisadores (terceira pessoa); estamos (primeira pessoa do plural)..

### **Anáfora**

Repetição de uma ou mais palavras de forma regular.

Exemplo: Se você sair, se você ficar, se você quiser esperar. Se você “qualquer coisa”, eu estarei aqui sempre para você.

A anáfora é uma figura de linguagem que está intimamente relacionada com a construção sintática do texto. Por esse motivo, ela é chamada de figura de sintaxe.

A anáfora ocorre por meio da repetição de termos no começo das frases (ou dos versos). É um recurso estilístico muito utilizado pelos escritores na construção dos versos com o intuito de intensificar uma expressão.

Exemplos

A anáfora é muito utilizada na poesia, na música e nas propagandas publicitárias. Veja abaixo alguns exemplos:

Anáfora na Música

"É o pau, é a pedra, é o fim do caminho  
É um resto de toco, é um pouco sozinho  
É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol  
É peroba no campo, é o nó da madeira"

(Trecho da música “Águas de Março” de Tom Jobim)

Anáfora na Literatura

"É preciso casar João,  
é preciso suportar, Antônio,  
é preciso odiar Melquíades  
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,  
é preciso crer em Deus,  
é preciso pagar as dívidas,  
é preciso comprar um rádio,  
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,  
é preciso estar sempre bêbado,  
é preciso ler Baudelaire,  
é preciso colher as flores  
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens  
é preciso não assassiná-los,  
é preciso ter mãos pálidas  
e anunciar O FIM DO MUNDO."

("Poema da Necessidade" de Carlos Drummond de Andrade)

Anáfora na Publicidade

"Tá na moda. Tá na mão, tá na C&A." (Publicidade da C&A - loja de vestuário)

Anáfora e Catáfora: Diferenças

Além da figura de linguagem anáfora, temos também a anáfora como mecanismo de coesão textual.

Nesse caso, ela retoma um componente textual, ou seja, faz referência a uma informação que já fora mencionada no texto. Ela pode ser chamada de elemento anafórico.

Por sua vez, a catáfora antecipa um componente textual, sendo chamada de elemento catafórico.

Figuras de Som

Aliteração

Repetição de sons consonantais.

Exemplo: O rato roeu a roupa do rei de Roma.

A aliteração é uma figura de linguagem, mais precisamente uma figura de som (ou de harmonia).

É definida pela repetição de fonemas consonantais num enunciado. Isso significa que esses sons podem ser parecidos ou iguais e, geralmente, estão localizados no início ou no meio da palavra.

A aliteração produz um efeito sonoro interessante, marcando o ritmo e sugerindo alguns sons semelhantes às palavras que compõem o texto.

Sendo assim, a aliteração é um recurso linguístico muito utilizado nos textos poéticos para enfatizar determinado som oferecendo maior expressividade ao texto.

Exemplos de Aliteração

Confira abaixo alguns trechos que utilizam a aliteração.

"Vozes veladas, veludas vozes,/Volúpias dos violões, vozes veladas/Vagam nos velhos vórtices velozes/Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas." (Cruz e Souza) – repetição da consoante "v".

"Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita." (Luís de Camões) – repetição da consoante "v".

"O rato roeu a roupa do rei de Roma." (provérbio popular) – repetição da consoante "r".

"Quem com ferro fere com ferro será ferido." (provérbio popular) – repetição da consoante "f".

"O sabiá não sabia que o sábio sabia que o sabiá não sabia assobiar." (provérbio popular) – repetição da consoante "s".

Paronomásia

Repetição de palavras cujos sons são parecidos.

Exemplo: O cavaleiro, muito cavalheiro, conquistou a donzela. (cavaleiro = homem que anda a cavalo, cavalheiro = homem gentil)

A paronomásia é uma figura de linguagem que está definida na categoria de figuras de som.

Isso porque ela está relacionada com a sonoridade das palavras. Dessa forma, ela utiliza os parônimos para enfatizar uma ideia e por isso recebe esse nome.

Lembre-se que as palavras parônimas apresentam sonoridade e são escritas de forma semelhante. Mas o significado delas é muito diferente.

Geralmente a paronomásia é utilizada em textos literários, mas também pode ser usada na linguagem oral e popular.

#### Palavras Parônimas

As palavras parônimas se assemelham no som e escrita. Mas fique atento, pois um erro pode causar grande confusão. Veja abaixo algumas palavras parônimas:

Absolver (perdoar) e absorver (aspirar)

Apóstrofe (figura de linguagem) e apóstrofo (sinal gráfico)

Aprender (tomar conhecimento) e apreender (capturar)

Cavaleiro (que cavalga) e cavalheiro (homem gentil)

Delatar (denunciar) e dilatar (alargar)

Docente (relativo a professores) e discente (relativo a alunos)

Peão (aquele que anda a pé, domador de cavalos) e pião (brinquedo)

#### Exemplos de Frases com Paronomásia

Eu vou te delatar se você não dilatar a pupila.

Apreendeu nas aulas por meio da apreensão dos conhecimentos.

José é um cavaleiro da fazenda muito cavalheiro.

O docente aplicou a prova essa tarde para os discentes.

Durante seu descanso o peão jogava pião com seus colegas.

Obs: O trava-línguas é um tipo de parlenda que faz parte da literatura popular. Um dos recursos estilístico utilizado para dificultar o falante na recitação da frase é a paronomásia, por exemplo: "Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio".

Nesse caso, além da aproximação de palavras semelhantes, temos também a repetição da consoante "f" e da vogal "o". Portanto, o uso das figuras de som: aliteração e assonância.

#### Assonância

Repetição de sons vocálicos.

Exemplo:

"O que o vago e incógnito desejo  
de ser eu mesmo de meu ser me deu." (Fernando Pessoa)

A assonância é um tipo de figura de linguagem, chamada de figura de som ou harmonia. Ela é caracterizada pela repetição harmônica de sons vocálicos (vogais) numa frase.

É um recurso estilístico muito utilizado na literatura, na música e nos provérbios populares. Ela oferece maior expressividade ao texto por meio da intensificação da musicalidade e do ritmo.

Além da assonância, as figuras de som mais importantes são: aliteração, paronomásia, onomatopeia.

### Exemplos

Confira abaixo dois exemplos de assonância na música:

“Juro que não acreditei, eu te estranhei/Me debrucei sobre teu corpo e duvidei/E me arrastei e te arranhei/E me agarrei nos teus cabelos” (Atrás da Porta – Chico Buarque) – repetição das vogais “ei”.

“Meu amor/O que você faria/Se só te restasse esse dia?/Se o mundo fosse acabar/Me diz o que você faria” (O que você faria – Lenine) – repetição das vogais “ia”.

### Aliteração e Assonância

Quanto às figuras de som, há duas que geram maior confusão. São elas a aliteração e a assonância.

Enquanto a assonância é a repetição de vogais, a aliteração é a repetição de consoantes. Para clarificar melhor, veja abaixo os exemplos:

Aliteração: “O pato pateta pintou o caneco” (Vinícius de Moraes) – repetição das consoantes “p” e “t”.

Assonância: “Minha foz do Iguazu/Pólo sul, meu azul/Luz do sentimento nu(Djavan) – repetição da vogal “u”.

Há muitos casos em que elas são utilizadas num mesmo verso ou frase, por exemplo:

“Na messe, que enlourece, estremece a quermesse.../O sol, celestial girassol, esmorece.../E as cantilenas de serenos sons amenos/Fogem fluidas, fluindo a fina flor dos fenos...” (Eugênio de Castro)

No exemplo acima notamos o uso de ambas figuras de som. A aliteração dos fonemas “ss” e “c”, além da repetição das consoantes “f”. Já a assonância é marcada pela repetição das vogais tônicas “e”.

### Onomatopeia

Inserção de palavras que imitam sons.

Exemplo: Não aguento o tic-tac desse relógio.

A Onomatopeia é uma figura de linguagem que reproduz fonemas ou palavras que imitam os sons naturais, quer sejam de objetos, de pessoas ou de animais.

Esse recurso aumenta a expressividade do discurso, motivo pelo qual é muito utilizado na literatura e nas histórias em quadrinhos.

Exemplo de onomatopeia nos quadrinhos

Também é muito empregada nos textos enviados pela internet. São exemplos os fonemas que expressam, por exemplo, o som do riso: “hahahaha, kkkkkk, rrsrrs”.

Do grego o termo “onomatopeia” (onomatopoiía) é formado pelos vocábulo “onoma” (nome) e “poiein” (fazer) o qual significa “criar ou fazer um nome”.

### Exemplos

Segue abaixo lista das principais onomatopeias:

Ratibum: som de instrumentos musicais (Ra = caixa, tim = pratos, bum = bombo)

Tic-tac: som do relógio

Toc-toc: som de bater na porta

Sniff sniff: som de pessoa triste, chorando

Buááá: ruído de choro

Atchim: barulho de espirro

Uhuuu: grito de felicidade ou adrenalina

Aaai: grito de dor

Cof-cof: som de tosse

Urgh: referente ao nojo

Nhac: ruído de mordida

Aff: som que expressa tédio e raiva

Grrr: som de raiva

Zzzz: som de homem ou animal dormindo

Tchibum: som de mergulho

Tum-tum: batidas do coração

Plaft: som de queda

Bum: ruído de explosão

Crash: som de batida

Smack: som de beijo

Au Au: som do cachorro

Miau: som do gato

Cocóricó: som do galo cantando

Piu-piu: som do passarinho

Vrum-vrum: som de motor (moto, carro, etc.)

Bang-bang: som de tiro

Bi-bi: som de buzina

Din-don: som da campainha

Blém-blém: badalar dos sinos

Trrrim-trrrim: ruído de telefone tocando

Confira na tabela abaixo o que diferencia cada uma das figuras de linguagem, bem como cada um dos seus tipos.

Figuras de Palavras ou semânticas	Figuras de Pensamento	Figuras de Sintaxe ou construção	Figuras de Som ou harmonia
Produzem maior expressividade à comunicação através das palavras.	Produzem maior expressividade à comunicação através da combinação de ideias e pensamentos.	Produzem maior expressividade à comunicação através da inversão, repetição ou omissão dos termos na construção das frases.	Produzem maior expressividade à comunicação através da sonoridade.
metáfora comparação metonímia catacrese	hipérbole eufemismo litote ironia	elipse pleonasma zeugma hipérbato	aliteração paronomásia assonância onomatopeia



**Reescrita e Retextualização: Implicações para o Ensino da Escrita**

A Linguística de Texto surgiu nos anos 1960 do século XX quando só se preocupava com a produção escrita. Hoje, ela se preocupa tanto com os textos orais quanto com os escritos. A retextualização também ocorre com textos escritos ou orais (MARCUSCHI, 2007).

De acordo com Marcuschi (2012, p. 33), a Linguística de Texto é “o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”.

Não temos uma definição única para texto, porém precisamos tomar alguns conceitos como parâmetros para que nossa análise tenha uma definição de texto que lhe seja adequada e conveniente. Marcuschi (2008) apresenta a definição de Roland Harweg, que considera o texto como “uma sucessão de unidades linguísticas constituídas por uma cadeia pronominal ininterrupta” (HARWEG, 1968, p. 148). Já H. Weinrich (1976, p. 186-7) conceitua texto como “uma sequência ordenada de signos linguísticos entre duas interrupções comunicativas importantes”.

No primeiro conceito, o foco do autor é a cadeia pronominal, isto é, para ele, no texto, como unidade linguística, precisa conter estruturas linguísticas substituíveis por pronomes. O segundo autor tem mais preocupação com a ordenação dos signos e as pausas intermediárias.

Costa Val (2004, p. 3) define texto ou discurso como a “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”. Para a autora, o texto se concretiza como tal se se observarem três aspectos:

- a) O pragmático, que se refere à funcionalidade comunicativa;
- b) O semântico-conceitual, que constitui a própria coerência;
- c) O formal, que é a própria construção da coesão textual.

Para o enunciado linguístico-oral ou escrito ser considerado texto, é necessário observar sua textualidade. Costa Val (2004, p. 5) assim a define: textualidade é o “conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases”. Beaugrande e Dressler (1981), nos quais Costa Val se apoia, identificam sete componentes da textualidade:

a) coerência é a condição básica de uma unidade linguística, porque garante o sentido do texto tanto para o produtor quanto para o receptor. Se não houver compartilhamento das informações lógico-semânticas e cognitivas, não haverá coerência textual;

b) coesão é “a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual” (Costa Val, 2004, p. 06). Com o uso de mecanismos gramaticais e lexicais, o produtor de textos faz a coesão ocorrer. Esses mecanismos podem ser os pronomes catafóricos e anafóricos, as conjunções, os advérbios etc.

Há ainda mais cinco componentes – agora pragmáticos – do texto, identificados por Beaugrande e Dressler (op. cit.):

- c) intencionalidade, que se relaciona à dedicação de quem escreve ou fala para elaborar um texto adequado, a fim de atingir o objetivo almejado;
- d) aceitabilidade, que se relaciona à capacidade de interpretar as informações presentes no texto de tal modo que compreenda o que está posto;
- e) situacionalidade, que é a conformação do texto à ocorrência sociocomunicativa;
- f) informatividade, que se trata da previsibilidade das informações do texto, isto é, quanto menos previsível for o texto, mais informativo será;
- g) intertextualidade, que é a relação entre textos, isto é, o texto precisa dialogar com outro(s) texto(s) para significar mais.

Nosso objeto de estudo é a materialidade do texto. Segundo Rojo (2005), nesse caso, é preferível utilizar a expressão gêneros textuais, a qual tomamos neste estudo, uma vez que não focaremos aspectos sócio-históricos do texto em si. Essa expressão é utilizada por Marcuschi (2007), Antunes (2005) e Bronckart (2006). Assim, evitamos usar gêneros textuais como sinônimo de gêneros discursivos.

Qualquer produção de texto requer que o produtor planeje a atividade, efetive o processo de escrita em si e, por fim, complete a revisão. A atividade de escrita é tão complexa quanto qualquer outra, isto é, há que ser feita por etapas e cada uma exige dedicação e planejamento.

Para Antunes (2005), os quatro elementos indispensáveis ao texto são a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade. Vejamos cada um:

Antunes (2005, p. 47) define a coesão como “essa propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Ou seja, para ela, haver coesão no texto significa “criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados” (ANTUNES, 2009, p. 78). Fávero (2009), por sua vez, analisa a coesão como as concatenações frásicas lineares, que acontecem por meio de procedimentos, como a referência, substituição, elipse, conjunção e léxico. Ou seja, há entendimento entre esses conceitos que a coesão é a ligação por palavras ou sentido.

Já a coerência se refere à não-contradição no texto, conforme Antunes (2009, 2005), Costa Val (2004), etc.. A informatividade, por sua vez, refere-se “ao grau de novidade, de imprevisibilidade que a compreensão de um texto comporta.” Antunes (2009) que, em todo texto informativo, na medida em que o autor espera, haja algo de novo, é informativo. Antunes (2005) elenca os cinco mecanismos para análise do grau de informatividade. Pormenorizamos cada um abaixo:

- a) a organização textual dada pelo aluno com base no mundo real, aceito pela comunidade em que vive;
- b) a estruturação lexical elaborada no texto;
- c) a distribuição dos conteúdos, novos ou não, como se estruturam nas sentenças do texto;
- d) a tipologia e o gênero textual em discussão;
- e) o contexto em que o texto se insere.

A intertextualidade é um recurso utilizado para produzir um texto novo; cada texto é um novo texto, mas com trechos ou partes de um velho texto ou discurso de outrem. Um texto novo é elaborado por vários mecanismos intertextuais. Pode ser uma citação direta ou indireta, uma paráfrase, uma paródia etc. Portanto, a intertextualidade serve para legitimar tanto a produção como a recepção do texto, as informações postas ali pelo estudante em sua atividade comunicativa. Por alguma razão, não é fácil para o alunado lidar com a intertextualidade na produção de textos escolares significativos.

### **Gêneros Textuais Segundo Marcuschi**

A abordagem cognitivista se firmou, com mais vigor, no ano de 1958, quando houve preocupação com os estudos behavioristas, cujos enfoques são os estímulos observáveis, sem quaisquer delimitações para os campos mentais. Ou seja, “A mente e seus estados eram vistos como uma 'caixa preta', algo inacessível para o método científico” (KOCH E CUNHA-LIMA, 2005, p. 252). A hipótese do relativismo linguístico de Sapir-Whorf diz que “a mente do falante de uma língua é moldada por essa língua”. Isso é mais um ponto de partida teórico e filosófico do que uma hipótese empiricamente comprovável. As autoras consideram o gerativismo como uma descrição cognitivista clássica.

Entendemos que a linguagem se desenvolve nas relações sociais, por isso ela é o resultado da atividade humana e está calcada na comunicação social vista como interação. Bakhtin (1997) afirma que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, que constitui a realidade fundamental da língua.

Para ele, o diálogo compreende tanto o sistema linguístico concreto quanto os aspectos contextuais da situação de interação, logo determinado locutor mobiliza seu discurso de acordo com as especificidades do gênero discursivo de que precisa em determinada situação social.

Tanto Bakhtin (1997) quanto Bronckart (2006) e também Marcuschi (2007) demonstram que a população se comunica diariamente por intermédio de gêneros. Ou seja, não há como uma pessoa interagir com outras a não ser, por exemplo, por cartas, telefonemas, torpedos, resumo, lista de compras, formulário, ficha de inscrição, edital de concurso, etc. Nesse sentido, a língua não é vista como um instrumento, tampouco como um sistema formal, mas como elemento de interação. Assim, não há preocupação, por parte do falante, quanto aos aspectos formais do sistema linguístico, porém ele se preocupa com aspectos sociais, históricos e cognitivos.

Tanto Bakhtin (1997) quanto Bronckart (2006) ressaltam que:

- a) os gêneros textuais, orais ou escritos, são produtos histórico-sociais heterogêneos, que têm sua funcionalidade focada nas formações discursivas sociais;
- b) o surgimento de qualquer gênero se deve: a novas necessidades sociais – a videoconferência e o correio eletrônico existem por causa da invenção do computador; a situações inexistentes – por exemplo, o blog, o twitter etc.; e a suportes novos – os banners, por exemplo, devido à rede mundial de computadores;
- c) os gêneros textuais se atualizam constantemente para suprir as necessidades sociais;
- d) não há limites entre os gêneros, porém, como são resultados históricos e sociais de outros gêneros já existentes, cada gênero se particulariza. Por exemplo, o artigo de opinião é diferente do artigo científico que, por sua vez, é distinto da carta da qual se derivou.

Ao se propor um estudo sobre a linguagem e sobre o gênero textual, é conveniente terem-se claras as concepções desses termos, pois, nos estudos linguísticos, são diversas as concepções de linguagem/língua e muitos são os autores que pesquisam gêneros. Alguns pesquisadores os chamam de gêneros discursivos e outros de gêneros textuais, escolha que vai ao encontro do objetivo da perspectiva teórica da investigação linguística. Assim sendo, apresentaremos, em primeiro lugar, a concepção de linguagem/língua pensada para uma apresentação geral acerca dos gêneros textuais.

### **Letramento**

Neste tópico, abordamos a origem do termo letramento, suas definições, conforme vários autores, sua importância e principais contribuições para o ensino de leitura e escrita na escola.

A leitura e a escrita tornaram-se necessidades para as pessoas em qualquer local, independentemente da idade, sexo ou atividade profissional, pois essas práticas estão tão arraigadas no cotidiano social que não se consegue fazer algo sem se desenvolver uma ou outra ou até mesmo com as duas habilidades. Sobre isso, Mortatti (2004) afirma que o exercício pleno da cidadania e o nível sociocultural são conquistados por meio da leitura e da escrita. Porém, é fundamental esclarecer como isso foi acontecendo no dia a dia das pessoas até o surgimento do vocábulo letramento para cobrir as necessidades contemporâneas da leitura e da escrita.

Seguindo as definições anteriores, consideramos que, para ser letrado, não basta reconhecer as letras do alfabeto ou assinar o próprio nome ou algo similar. É necessário que a leitura e a escrita façam parte do dia-a-dia das pessoas, como nos atos de escrever cartas, relatórios, listas de compras, mensagens eletrônicas, relação de compromissos, artigos, ensaios, teses, dissertações; ler o cartão de vacinação, a conta de água, de energia, de telefone, da fatura etc. Essas práticas sociais possibilitam maior participação das pessoas nos contextos culturais e históricos.

Para Mortatti (2004), o letramento traz, como resultado das atividades de leitura e escrita, consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o indivíduo, quer para o grupo em que os atos de ler e escrever estão inseridos.

Rajo (2009, p. 10) usa o termo letramentos como sendo "um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas, que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos". O uso do vocábulo letramentos, no plural, por essa autora, corrobora a visão de Street (2012), que faz uso de outro termo relacionado ao tema estudado aqui, também, no plural: multiletramentos. Já Bortoni-Ricardo (2012) emprega letramento ou culturas de letramento para se referir ao conhecimento cultural adquirido por meio da escrita.

Diante das dificuldades que as pessoas alfabetizadas encontravam nas suas práticas sociais com a leitura e a escrita, dois modelos de letramento foram propostos por Street (1984):

a) Modelo autônomo de letramento – de acordo com esse modelo, a escrita não necessita do contexto para sua interpretação; é um fim em si mesma. Por isso, a escrita e a oralidade são dicotômicas. Conforme Macedo (2005, p. 22), a escrita nesse modelo, é “objeto abstrato e neutro, descontextualizado, menos conectado com as particularidades do tempo e do espaço que a linguagem oral”. Reforçando essa ideia, Gnerre (1998, p. 45) diz que “a capacidade de ler e escrever é considerada intrinsecamente boa” e como se apresentasse “vantagens óbvias sobre a pobreza da oralidade”. O modelo autônomo tem como base a atribuição do insucesso na escola ao indivíduo com pertencimento aos grupos excluídos culturalmente nas sociedades tecnologicizadas. Street (op. cit.) introduz esse modelo de letramento, que se pauta em práticas de utilização da escrita na escola. Para Kleiman, essa forma é equivocada e incompleta, embora seu uso seja preponderante socialmente, e se relacione com as consequências para a mobilidade social e o progresso.

A crítica a esse modelo de letramento é que ele não sofre atualização, isto é, só se repete anos após anos na sociedade. Os progressos advindos com a evolução dos recursos sociais não são levados em consideração por esse modelo. O modelo autônomo de letramento de Street tem as seguintes características: (i) o letramento se restringe ao texto escrito; (ii) o desenvolvimento do letramento se associa ao progresso, a mais tecnologia e a mais liberdade individual; (iii) o letramento é causa para o desenvolvimento econômico e de habilidades cognitivas, que são suas consequências;

a) Modelo de letramento ideológico – diferentemente do modelo técnico ou neutro, esse modelo leva em consideração as atividades contextualizadas que envolvem a leitura e a escrita. O modelo ideológico, proposto por Street (1984), apresenta as práticas de letramento configuradas cultural e socialmente e os usos específicos da escrita, em cada grupo social, se associam aos contextos e às instituições. Conforme essa proposta, a oralidade e a escrita não são dois blocos estanques, há interfaces entre as atividades letradas. Para Street (1984), o modelo ideológico destaca claramente que as práticas de letramento têm a ver com os aspectos estruturais e sociais de uma população.

Para Kleiman (2008), eventos de letramento são situações em que a escrita representa parte fundamental em relação aos interactantes e aos mecanismos de interpretação. Outra definição da autora diz que eventos de letramento são as atividades ou práticas sociais, cujos objetivos vão trazer benefícios quanto aos impactos sociais que a leitura e a escrita causarão às pessoas. Ou seja, o contar histórias ao dormir; o faz de conta de comprador e vendedor que as crianças fazem; as brincadeiras de médico e de professor que elas realizam etc.

Outro conceito importante de Kleiman (op. cit.) se refere às agências de letramento que fazem referência à escola como o lugar privilegiado, em que mais se viabilizam as práticas sociais voltadas ao letramento. Mas há também o sindicato, o clube, a igreja, a associação de classe, os centros comerciais, as galerias, o teatro, os museus, as praças etc., como já observado.

### **Retextualização: Uma Breve Introdução**

A primeira vez que foi utilizado o termo retextualização no Brasil foi em 1993, por Neuza Gonçalves Travaglia, em sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo. Dessa tese, há o livro Tradução e retextualização: a tradução numa perspectiva textual, publicado pela editora da Universidade Federal de Uberlândia, em 2003.

Cavalcanti (2010, p. 193) conceitua a retextualização como “a passagem de um gênero para outro, atividade que contribui para desenvolver habilidades de escrita (e também de leitura)”. Para ela, leitura é construção de sentidos. E, dessa forma, não se deve ver a língua como código, pois, se assim o for, não há espaço para construir significados conforme a abordagem interacionista de Bakhtin (1997), Vygotsky (1991) e outros. Dentro dessa perspectiva de língua, os significados já estão preestabelecidos; o leitor é passivo: um mero decodificador de mensagens, como observa Cagliari (2010). Já numa concepção dialógica da linguagem, como preveem Bakhtin (op. cit.) e Vygotsky (op. cit.), o leitor se torna ativo, porque, ao ler, interage com o texto e com o autor a fim de elaborar os sentidos pertinentes ao texto ou à sequência linguística.

Para Dell’Isola (2007, p. 36), retextualização:

é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita, escrita-oralidade. Retextualização é a refação ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem.

Marcuschi (2007, p. 46), igualmente, afirma que a retextualização é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita.

Segundo ele, as atividades de retextualização podem ocorrer da fala para a escrita; da fala para a fala; da escrita para a fala; e da escrita para a escrita. Para que essas atividades sejam bem sucedidas em sala de aula, é importante considerar algumas variáveis intervenientes nesse processo de transformação de um texto em outro. Essas variáveis podem ser o objetivo da retextualização, a aproximação ou o distanciamento entre o produtor do texto e o autor e a tipologia entre o gênero textual original e o novo texto retextualizado.

Marcuschi (op. cit.) considera importante que o professor, ao trabalhar retextualização com seus alunos, observe os processos de formulação, porque formas linguísticas são eliminadas, transformadas, introduzidas, substituídas ou reordenadas. Para esse fim, ele delimita cinco estratégias que serão fundamentais para nossa pesquisa. Ou seja, trabalharemos com elas para categorizar as análises das retextualizações realizadas por nossos colaboradores. Todas as estratégias foram adaptadas de Marcuschi (2007). Resumidamente, este é o quadro básico das estratégias de retextualização, segundo Marcuschi (2007):

Percebemos, assim, que para trabalhar a retextualização em sala de aula devem-se exigir vários procedimentos linguísticos e metodológicos, de tal forma que evidenciem a ideia primária abordada pelo texto. Antes de qualquer transformação textual, deve ocorrer uma atividade cognitiva que é a compreensão, a partir da qual, podemos alterar a modalidade (fala-escrita), o gênero (conversa espontânea - telefonema) etc. O ato de compreender o texto é essencial para que não haja problemas de coerência durante os processos de retextualização. Talvez, esse momento seja o mais importante da retextualização, porque, a partir dele, decorrem os outros mecanismos que encerram a elaboração do outro texto, tendo como suporte o texto-fonte, consoante Marcuschi (2007). São exemplos de retextualização:

- 1) um relatório redigido pela secretária com as anotações feitas das ordens do chefe;
- 2) o ato de contar a outrem o que terminou de ouvir na televisão ou no rádio ;
- 3) o comentário de um jovem ao colega sobre o que leu em jornal ou revista;

Uma carta que relata o que alguém viu no dia anterior; as anotações do estudante relativas às informações dadas pelo professor durante a aula.

Ainda para o autor, a atividade de retextualização é como se fosse uma tradução endolíngua, que requer enorme conhecimento da língua em que se encontra o texto. Segundo ele, o problema se avoluma quando há mudança de um gênero para outro. Ou seja, é necessário não somente conhecer as operações linguístico-discursivas de um gênero textual, mas também saber do outro, no qual o texto-fonte é retextualizado. Além dessas operações cognitivas e metacognitivas, a compreensão do texto em si é imprescindível para o processo de textualidade.

Conforme Dell'Isola (2007), para a tarefa de retextualização ocorrer corretamente, alguns procedimentos devem ser seguidos, a saber:

- a) Leitura dos textos;
- b) Compreensão textual, observação e caracterização do texto lido;
- c) Identificação do gênero;
- d) Retextualização: escrita de outro texto, transformando-se um gênero em outro gênero;

- e) Conferência: verificar as condições de produção do texto: o novo gênero deverá manter partes das informações lidas no texto-fonte;
- f) Identificação, no texto recriado, das características do gênero-produto da retextualização;
- g) reescrita: fazem-se os ajustes imprescindíveis à versão final do texto retextualizado.

Como se percebe, há algumas tarefas de leitura e interpretação para que a retextualização se materialize. Os dois linguistas, a seu modo, procuram fornecer pistas do campo cognitivo para o aluno não se atrapalhar no decorrer do processo da elaboração de uma produção escrita retextualizada.

### **Gênero Textual: Artigo De Opinião**

#### **“Ler é perceber o mundo**

A leitura é importante, pois ler é um exercício mental. Principalmente no dia-a-dia que é repleto de comerciais, “outdoors”, propagandas, isto é, tanto linguagem verbal como visual.

Podemos viajar para vários lugares como nos livros de literatura, ou seja, ver o mundo através da leitura. Cantar, dançar apenas lendo uma música.

Com tanta informação e entretenimentos eletronicamente, além de algumas crianças terem dificuldade para ler, muitas são lentas para pegar um livro e precisam de um incentivo como: pais leitores que lêem tanto para si quanto para os filhos, professores leitores que além disso, devem estimular a leitura em sala de aula para que se estenda à casa dos alunos.

Recentemente, têm surgido campanhas para estimular a leitura nas escolas, aproveitar o ambiente tanto para alfabetizá-las quanto para o hábito de ler.

Dentro dessas iniciativas, a leitura se torna mais atrativa, porque as crianças têm a oportunidade de participar de concursos, ganhar prêmios e reconhecimento.

Sendo assim, tais campanhas proporcionam um futuro melhor para essas crianças, visto que terão como construir opinião, se tornarem boas escritoras e cidadãos críticos, expressando assim sua visão de mundo.

Ler é uma forma de compreender o mundo e tudo que está a nossa volta. Mas também é diversão, ler é diversão, ler é prevenir doenças degenerativas como mal de Parkinson, Alzheimer em que portadores dessas doenças ao se tornarem leitores reverterem o caso. Ler é saúde.”

Na análise linguística e textual, vamos observar que a escola brasileira tem como proporcionar mais qualidade ao ensino de leitura e escrita, pois os erros presentes nessa produção, como em outras, demonstram que não falta tanto assim. No entanto, é preciso sistematizar as aulas de Língua Portuguesa, além de manter uma organicidade para que os estudantes entendam adequadamente as estruturas de nosso idioma. Observemos nossos comentários.

<b>ANÁLISE DOS ASPECTOS LINGÜÍSTICOS</b>	
<b>Texto do Aluno</b>	Padrão Culto da Língua
<b>“Dia-a-dia”</b>	“Dia a dia”
<b>“Através”</b>	“Por meio de”
<b>“Com tanta informação e entretenimentos eletronicamente,”</b>	“Com tanta informação e entretenimentos eletrônicos,”
<b>“mal de Parkinson”</b>	“Mal de Parkinson”
<b>“se tornarem boas escritoras...”</b>	“tornarem-se boas escritoras,...”

<p>“mal de Parkinson, Alzheimer em que portadores...”</p>	<p>“Mal de Parkinson e Alzheimer, cujos portadores...”</p>
<p><b>ANÁLISE TEXTUAL</b></p>	
<p><b>“Ler é uma forma de compreender o mundo e tudo que está a nossa volta. Mas também é diversão, ler é diversão, ler é prevenir doenças degenerativas como mal de Parkinson, Alzheimer em que portadores dessas doenças ao se tornarem leitores revertem o caso. Ler é saúde.”</b></p>	<p>Temos um exemplo de uso indevido do conector “em que” no lugar de “cujo”. É frequente essa permuta para muitos produtores de textos, porém melhor fica se o trecho tiver essa provável correção: “Ler é uma forma de compreender o mundo e tudo que está a nossa volta. Mas também é diversão; ler é diversão, ler é prevenir doenças degenerativas como Mal de Parkinson e Mal de Alzheimer, cujos portadores, quando se tornam leitores, revertem o caso. Ler é saúde.”</p>

Por meio da estratégia da estruturação argumentativa, nosso colaborador define a leitura e discorre acerca de vários aspectos dela. Esses subtemas não estão, diretamente, apresentados no texto-fonte, porém fazem ligação com o assunto geral – a leitura -, que é o tema da campanha pernambucana. O aluno conclui sua retextualização, focando a leitura em duas vertentes: diversão e prevenção.

O grau médio de previsibilidade em relação à informatividade se faz, porque discorre, sem novidades, sobre a leitura, mas o texto acrescenta a relação leitura-saúde mental, como forma de prevenir doenças degenerativas.

O ensino escolar da produção de textos mudou muito no decorrer do século XX e início deste século. Inicialmente, produzir textos na escola era entendido como saber utilizar uma escrita correta, seguir as regras da gramática normativa e da ortografia, daí a insistência, nas aulas de Língua Portuguesa, nas análises morfológica e sintática de palavras e de frases isoladas. Os textos eram compreendidos como um agrupamento de palavras e frases, e para escrevê-los bastava que os alunos aprendessem a escrever e, depois de alfabetizados, aprendessem a juntar frases gramaticalmente corretas.

Em publicação recente, Beth Marcuschi (2010)<sup>3</sup> nos fornece uma visão clara das diferentes abordagens de didatização da escrita. No século passado, ela distingue três períodos distintos.

Até os anos 50, enfatizava-se a apreciação de modelos clássicos das antologias escolares e a produção era solicitada na forma de “composição livre”, “composição à vista de gravura”, “trechos narrativos”, “composição de lavra própria”, por meio de vagas informações para os alunos que geralmente compreendiam um título e breves orientações de cunho organizacional e temático. O aluno era convidado a escrever um texto que atendesse às regularidades gramaticais, a “usar a imaginação” e a desenvolver seu texto de “modo original”. Como se pode notar, essa perspectiva não tomava a escrita como um processo de interlocução, pois as indicações sobre o que escrever não apareciam de modo contextualizado, não eram estabelecidos o objetivo da atividade, o leitor presumido, o espaço em que o texto iria circular; em resumo, a escrita não era entendida como construção de sentido.

Nos anos 60 e 70, com a ampliação do acesso à escola e a mudança do perfil do alunado, que passou a abranger as classes menos favorecidas, a convivência e intimidade com textos clássicos não podiam mais ser pressupostas; por outro lado, a explosão da comunicação de massa e a conseqüente valorização da capacidade de se comunicar “de modo claro” conduziram a uma concepção de língua como código que, se utilizado adequadamente pelo “emissor”, garantiria uma “mensagem sem ruídos” ao “receptor”.

Isso favoreceu a ideia de que seria possível ensinar por meio de uma “técnica de redação” que se aplicaria aos mais variados tipos de textos, sendo que estes se organizavam basicamente em três “padrões”: narração, descrição, dissertação. Segui-los à risca garantiria a uniformidade e a clareza da

mensagem e, com isso, a decodificação pelo receptor. Os textos eram vistos, portanto, como mensagens padronizadas, dirigidas para qualquer “receptor” (e, ao mesmo tempo, para ninguém em particular).

Nos anos 80, a “redação escolar” começa de fato a ser entendida como “texto”, com características interlocutivas semelhantes às dos textos que circulam fora da sala de aula. A concepção de língua como um sistema que sofre a ação histórica dos seus usuários, é sensível ao contexto, ganha força. As propostas para escrever começam a colocar em evidência o “ato” de escrever, privilegiando a expressão “produção de texto”. Mesmo assim, os achados da Linguística Textual jogam ênfase nos aspectos formais dos textos como maneira de garantir a estruturação e a hierarquização textual interna. Uma fórmula da época é a insistência na sequenciação “começo, meio e fim” do texto, vista como uma das propriedades inegociáveis de uma boa redação, ainda entendida ou como narração, ou dissertação ou descrição. Apesar dos avanços da época, predominava a idéia de que o objetivo da escrita se esgotava em si, pois os aspectos formais eram mais priorizados, ainda que já se falasse de “contextualização” da escrita.

Na segunda metade anos 90, os gêneros textuais ganham espaço expressivo no contexto da sala de aula. Inicialmente, predominou o interesse pela nomeação e pela classificação dos gêneros, tratados como fixos, e pela caracterização de seus aspectos formais. A preocupação maior era o “ensino dos gêneros textuais” em si e por si, à revelia do processo sociointeracional que supõe a produção de qualquer texto. Foi com a difusão das reflexões de Bakhtin (1895-1975) e com as pesquisas e propostas da chamada “escola de Genebra” que os gêneros passaram a ser concebidos em sua relação com as práticas sociais, ou seja, passou-se a considerar que os textos não funcionam de forma independente nem autônoma na produção de significação. Não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta íntima ou de reclamação; não falamos da mesma forma quando fazemos uma exposição diante de um auditório ou quando conversamos com amigos. Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes.

Ao avaliar o que significou o surgimento desta perspectiva para o ensino da escrita, Beth Marcuschi aponta que aprender um gênero passou a ser visto não mais como aprender “um padrão de formas”, mas aprender a eleger adequadamente os fins que desejamos alcançar ao escrever ou falar: elogiar, apresentar desculpas, interagir, expressar desejos, contar histórias, construir e socializar conhecimento, influenciar pessoas, criticar, fazer um pedido, julgar um procedimento, recomendar alguém, dar instruções, mentir, ironizar etc.

O objetivo principal da produção de textos na escola passou a ser a participação ativa e crítica do estudante na sociedade, daí importância de a escola propor situações de produção que se reportassem a práticas sociais e a gêneros textuais que existem de fato, que circulam socialmente e sejam passíveis de serem reconstituídos, ainda que parcialmente, em sala de aula. Escrever na escola passou a ser visto como um “ensaio” ou mesmo uma “prévia convincente” do que será requerido dos jovens aprendizes no espaço social. Daí ser necessário contemplar os gêneros que circulam nas diferentes esferas da atividade humana: literária, jornalística, midiática, científica, do lazer etc., o que permitiu privilegiar as diferentes práticas letradas da vida contemporânea, buscando-se (re)produzi-las na escola. Mais recentemente, inclusive, a ensinar produção de texto na escola significa também trabalhar com o uso de outras linguagens que não só a verbal, para privilegiar letramentos múltiplos, práticas plurais, culturalmente sensíveis e significativas à formação de cidadãos críticos e protagonistas.

E como se caracterizam as propostas de produção de textos desta perspectiva? Chama-se especial atenção para a necessidade de explicitar claramente o contexto de produção dos textos a serem produzidos e que compreendem:

- o objetivo pretendido (qual a razão da escrita/fala?)
- o espaço de circulação (em que âmbito o texto será divulgado?),
- o leitor/ouvinte presumido (quem o locutor tem em mente, ao produzir seu texto?),
- o suporte pressuposto (em que suporte o texto será disponibilizado?),
- o tom que será assumido (formal ou informal, irônico ou amigável, próximo ou distante?)

- o gênero textual a ser produzido (crônica, reportagem, notícia, artigo de opinião, anúncio publicitário, panfleto, artigo científico, email, pôster, resenha, tirinha, seminário?)

Cada gênero a ser ensinado requer um percurso pedagógico distinto, pois não se trata apenas de compreender os seus aspectos formais, mas de refletir sobre as práticas sociais em que os gêneros se inserem, os discursos e temas que neles circulam. Surgem assim as chamadas sequências didáticas que propõem várias atividades para cada etapa do processo de produção, tais como:

- Mobilização de conhecimentos prévios sobre o gênero em questão;
- Diferenciação de gêneros semelhantes ou próximos;
- Análise das principais características do gênero no que diz respeito ao conteúdo temático, forma composicional e estilo;
- Consideração das condições de produção específicas do texto a ser produzido no gênero em questão;
- Alimentação temática e orientações para os alunos buscarem informações novas em diferentes materiais e suportes;
- Planejamento global do texto;
- Reflexão sobre as estratégias e recursos lingüísticos relevantes para a escritura do gênero e do texto em questão
- Atividades de avaliação, revisão e reformulação.

Se realizarmos um balanço das contribuições desta última abordagem, é inegável concluir, ainda com Beth Marcuschi (2010), que o estudo dos gêneros forneceu respostas satisfatórias a vários desafios postos pela didatização do eixo da produção escrita no ensino de língua. Destaquemos apenas duas importantes contribuições.

Em primeiro lugar, esta perspectiva de trabalho tornou possível integrar os diferentes eixos didáticos no ensino de Língua Portuguesa, já que as atividades de produção de texto passaram a englobar também o trabalho com a leitura e as capacidades leitoras, com os diversos tipos de conhecimentos lingüísticos (semânticos, sintáticos, morfológicos, pragmáticos e discursivos) necessários à produção de textos e com a oralidade. Em relação a este último ponto especificamente, cabe lembrar o lugar injustamente periférico que se conferia à linguagem oral na escola. Hoje, o estudo dos gêneros orais, em suas diferentes funções sociais, tem sido contemplado, assim como o estudo das diferenças e semelhanças entre escrita e oralidade e do português falado no Brasil.

Além disso, pelo fato de o trabalho se dar em torno dos gêneros que circulam nas diferentes esferas de atividade humana, o ensino da escrita favoreceu grandemente a ampliação das práticas de letramento. Trata-se de um aspecto que perpassa todo o processo de escolarização e funciona como “pedra de toque” pela articulação entre os processos de alfabetização/ensino de língua e processos de letramento. De fato, o baixo desempenho em leitura e produção de textos que caracteriza boa parte dos estudantes brasileiros em avaliações institucionais revela que o problema não deve ser entendido como referente a “métodos de alfabetização” ou a “abordagens de ensino” utilizados, mas sim à capacidade de a escola planejar e promover eventos de letramento significativos, capazes de desenvolver nos alunos as competências e habilidades de leitura e escrita que a vida contemporânea exige.

Lançando um olhar para as tendências que se colocam daqui em diante para o trabalho com a produção de textos na escola, assim como para os desafios a serem ainda superados, cabem algumas considerações.

Em primeiro lugar, há o perigo de se tomar o trabalho com os gêneros como uma “camisa de força”. Não é incomum observarmos que, para alguns, esta é considerada como a única concepção a ser aceita, como a única possibilidade de se ensinar a escrever, o que não é necessariamente verdadeiro. Além disso, como acontece com toda abordagem que tende a ser entendida como exclusiva, ou tomada como um “modismo”, corre-se o risco de se exagerar na dose e levar, por exemplo, o aluno a realizar

sequências didáticas excessivamente longas, de tal forma que, ao final do processo, alunos e professores não aguentam mais ouvir falar do gênero que está sendo ensinado. Corre-se também o risco de os professores pensarem que basta ensinar gênero textuais para que todas as dificuldades que os alunos enfrentam para escrever na escola estarão milagrosamente resolvidas.

A esse respeito, é significativo notar que Dolz e outros autores da própria escola de Genebra, parecem, em publicação recente<sup>4</sup>, dar ao gênero um lugar bem menos central no ensino da produção de textos na escola. Ao tratar das fontes de dificuldade que alunos enfrentam para escrever, o autor insiste na necessidade de que o professor realize a “análise didática dos erros” cometidos pelos alunos para tentar compreendê-los e organizar a sua ação em torno deles. É o que ele faz de forma muito esclarecedora nesta publicação, a partir de alguns textos produzidos por alunos brasileiros. Dentre as principais fontes de dificuldades mencionadas, o autor elenca as seguintes:

- **Motivacionais:** que exigem a adequada canalização das necessidades e do desejo do aprendiz para escrever ou falar, assim como com a gestão pelo professor do dilema que geralmente o estudante vive quando se depara com a intensidade do esforço que realiza para produzir um texto em comparação ao resultado muitas vezes insatisfatório que obtém;
- **Enunciativas:** que dizem respeito à “entrada” do sujeito no texto, o modo como o produtor do texto leva em conta e implica o outro; a gestão dialógica (a quem responde o texto?) e polifônica do texto (que vozes são citadas e como?);
- **Procedimentais:** que se referem aos procedimentos e estratégias convocadas para produzir o texto, a gestão “on line” dos processos de planificação, textualização, ajuste na releitura, revisão e reescrita do texto;
- **Textuais:** relativas ao conhecimento do aluno em relação ao gênero a ser produzido; tais dificuldades seriam diferentes para os “4 grandes tipos de discurso”, cada um deles compreendendo variados gêneros cujo funcionamento discursivo exige operações lingüísticas específicas para serem textualizados;
- **Linguísticas:** que compreendem o uso das unidades lexicais e a construção das frases (problemas morfológicos, sintáticos etc.);
- **Ortográficas:** relativas à base alfabética da escrita e às as regras ortográficas;
- **Sensório-motoras:** que se relacionam ao domínio da coordenação manovisual, à precisão e rapidez no gesto gráfico.

Como se vê, são de diferentes naturezas as fontes de dificuldade para se produzir um texto e todas elas devem ser contempladas na ação pedagógica do professor. Note-se que o conhecimento relativo ao gênero fica praticamente restrito a um dos aspectos acima, quando costumava ocupar grande parte do trabalho que caracterizava as tradicionais sequências didáticas.

Talvez isso possa ser visto como uma tendência no ensino da produção de textos, que não se opõe às reflexões e propostas anteriores da escola de Genebra, mas antes as aprofundam e realizam um certo deslocamento ao lançar os olhos para outros aspectos que ação pedagógica deve focalizar sistematicamente. Neste sentido, parece-nos particularmente feliz a idéia dos autores de que haveria o que eles chamam de “dimensões transversais à produção escrita”, que estariam presentes na produção de qualquer gênero. Não é possível aprofundarmos aqui este ponto, mas a leitura desta publicação – carinhosamente dedicada a todos os professores participantes das Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro – será bastante útil para tanto.

Finalmente, para apontar outro aspecto no ensino da produção de textos que se configura também como um desafio a ser ainda enfrentado - e que sempre foi um “calcanhar de Aquiles” na abordagem dos gêneros textuais - cabe lembrar a questão do discurso poético, presente na prosa literária e nos poemas. Em primeiro lugar, seria preciso definir até que ponto os textos literários e poéticos são mesmo “gêneros”, tal como estes são concebidos na abordagem de Genebra. Trata-se de uma longa discussão. Em seguida, caberia perguntar: é possível de fato ensinar a lê-los (e a escrevê-los?) pela observação de traços e usos que lhes sejam comuns, quando o que caracteriza o discurso poético é exatamente a sua singularidade? Como padronizar ou “generalizar” o ensino dos gêneros/textos/discursos

